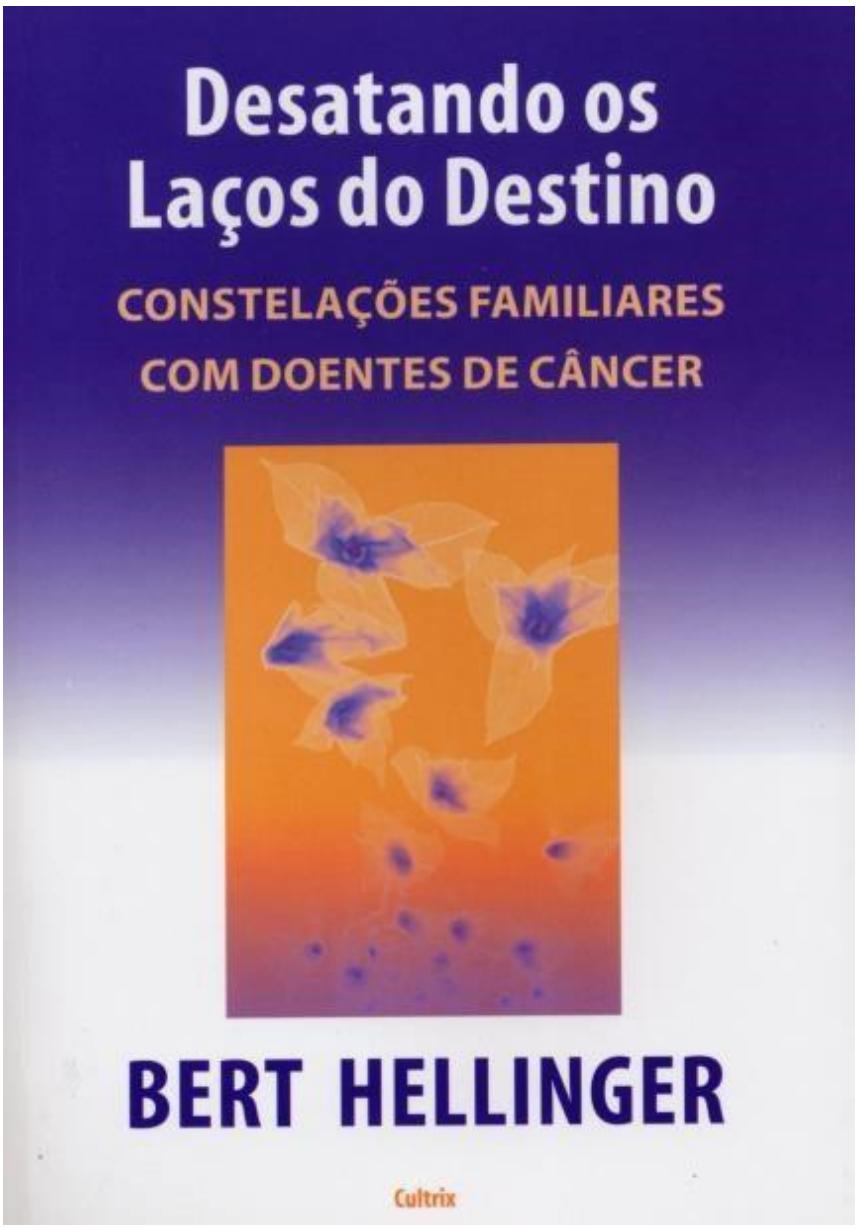
Desatando os Laços do Destino

CONSTELAÇÕES FAMILIARES COM DOENTES DE CÂNCER

BERT HELLINGER

Cultrix



Bert Hellinger

DESATANDO OS

LAÇOS DO DESTINO

Constelações Familiares com Doentes de Câncer

Tradução

NEWTON DE ARAÚJO QUEIROZ

EDITORA CULTRIX

São Paulo

Copyright © 2004 Bert Hellinger.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada

de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias,

gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito,

exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Pensamento-Cultrix Ltda. não se responsabiliza por eventuais mudanças

ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro,

SP, Brasil)

Hellinger, Bert

Desatando os laços do destino : constelações familiares com doentes de câncer / Bert

Hellinger ; tradução Newton de Araújo Queiroz. — São Paulo :

Cultrix, 2006.

Titulo original: Schicksalsbindungen bei Krebs.

ISBN 85-316-0936-4

1. Câncer - Doentes - Relações familiares 2. Psicoterapia de família 1. Título.

&''

NLM-WM 420

índices para catálogo sistemático:

1. Doentes de câncer : Terapia de família : Ciências médicas 616.89156

O primeiro número à esquerda indica a edição, ou reedição, desta obra. A primeira dezena

à direita indica o ano em que esta edição, ou reedição, foi publicada.

Edição _____

_____ Ano

- - - - - - - - -

- - -

- - - -

Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela

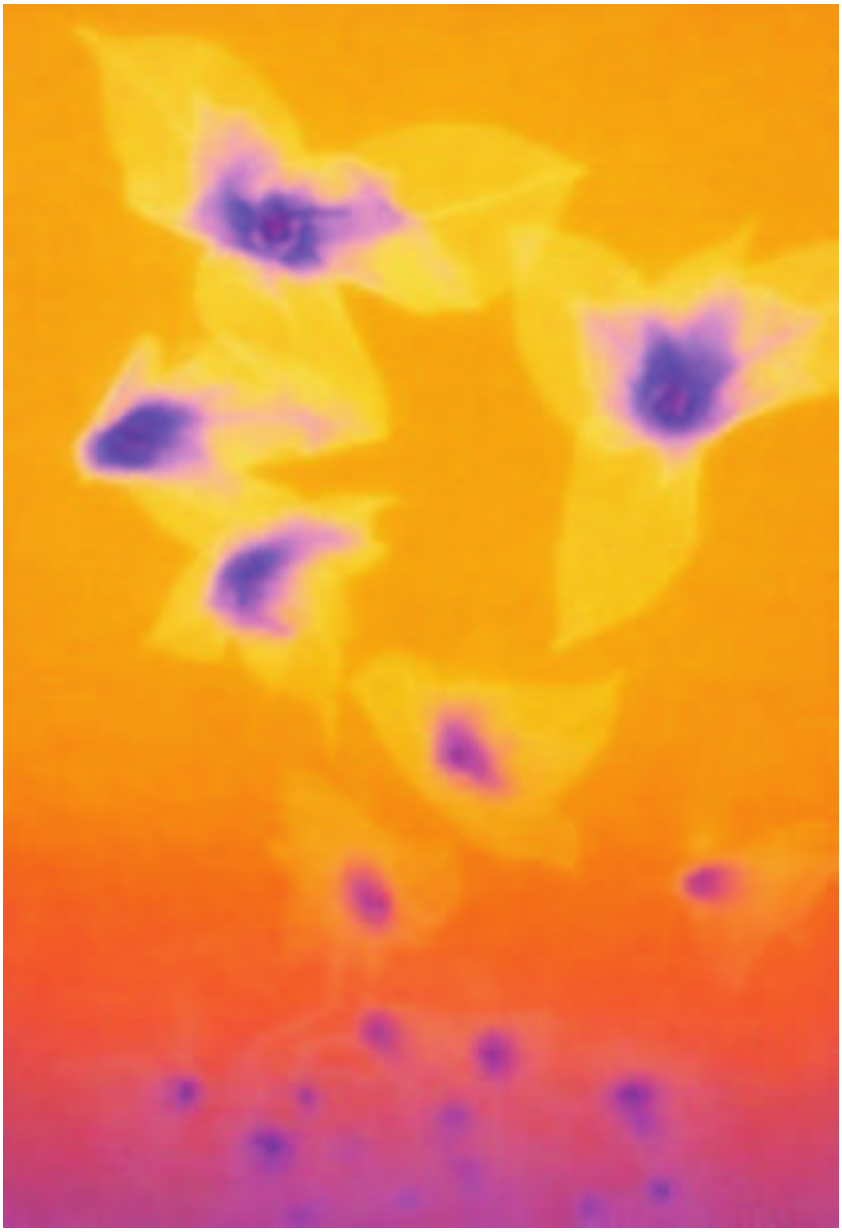
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP Fone: 6166-9000 — Fax: 6166-

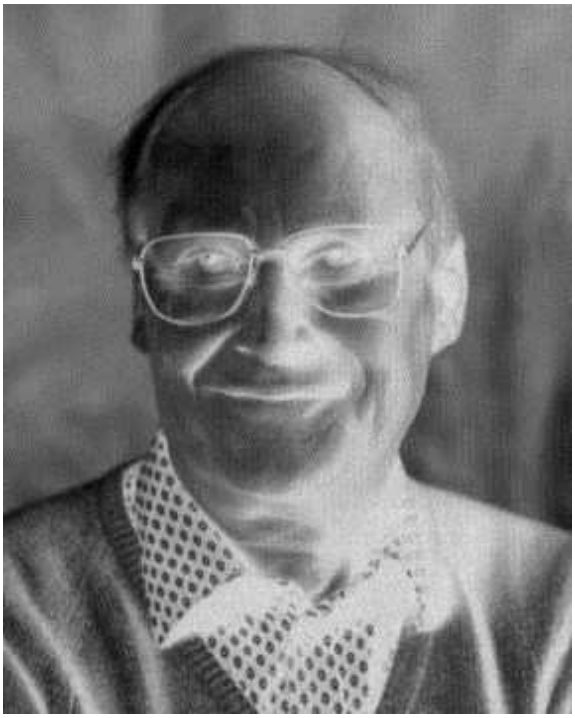
9008 E-mail: pensamento@cultrix.com.br http://www.pensamento-cultrix.com.br que se

reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso em nossas oficinas gráficas.



Bill Willis



A conscientização desse amor cego, que se manifesta na constelação familiar, permite sua reorientação, de

maneira a preservar o vínculo familiar, mas libertando o cliente do destino funesto a que se ligou. Trata-se

basicamente de um processo de cura da alma que afeta também o corpo e pode favorecer a cura física.

No decurso do trabalho são esclarecidos pontos importantes sobre saúde e doença, expiação e libertação,

psicoterapia e religião. Além disso, Hellinger enriqueceu esta obra com um enquadramento didático,

apresentando brevemente cada caso e finalizando com um resumo sobre o procedimento adotado para a

sua solução.

"Esta documentação toca em extremos. Ela leva aos limites do destino, do amor e da culpa. Quem seguir o

caminho até esses limites poderá perceber o que, às vezes, consegue mudar destinos funestos. Poderá

sentir como o amor que adoece se resolve no amor que cura, e como a culpa, que conduz ao esgotamento

quando negada e expiada, pode se transformar em força quando é reconhecida". – Bert Hellinger

BERT HELLINGER, nascido na Alemanha em 1925, formou-se em Filosofia, Teologia e Pedagogia. Como

sacerdote católico, viveu e trabalhou durante 16 anos como missionário na África do Sul.

Após deixar a ordem religiosa, dedicou-se a uma formação terapêutica diversificada, que abrange desde a

psicanálise até a terapia familiar, incluindo a terapia primal, a terapia da Gestalt, a análise transacional e a

hipnoterapia. Sua contribuição mais original é o seu modelo de constelações familiares - baseado numa

visão integral e profunda da realidade humana que o tornou mundialmente conhecido e que tem sido

levado pessoalmente por ele a todos os continentes.

Sumário

DESATANDO OS 2

LAÇOS DO DESTINO 2

Sumário 5

Apresentação 6

Agradecimentos 7

Introdução 7

Considerações preliminares 9

A constelação familiar 9

URSEL: "EU FICO"— O GRITO LIBERADOR 11

Resumo 20

O nível mais elevado 20

BASTIAN (I): "SINTO MUITO" 22

Resumo 28

HELEN: "EU TAMBÉM VOU" 31

Resumo 38

GERTI (1) —A SERIEDADE 39

CHRISTEL: "VOCÊ ME FEZ MUITA FALTA" 40

Parceiros anteriores precisam ser honrados 45

Como nasce um vínculo..... 46

DORIS: "PAPAI, EU VENHO COM AMOR" — A DOENÇA COMO PESSOA 47

FRANZ: "MEU QUERIDO FILHO, EU ESPERO" 52

Resumo 53

Viver na presença da morte 53

A vida e o ser 53

EVA (1): "ESTOU PRONTA" 54

INGRID: "MAMÃE, EU DEIXO QUE VOCÊ SE VÁ" 55

1

Primeira filha (=Ingrid)..... 57

Resumo 62

***A* consciência do clã familiar** 62

JUTTA: "EU TAMBÉM PERTENÇO À FAMÍLIA" 64

A reverência à mãe 75

A plenitude 76

GERTI (2) — "EU LEVO VOCÊ EM MINHA VIDA" 77

GERTI (3) — EFEITOS..... 89

MANUELA (1): "EU LHE PRESTO HOMENAGEM" 90

MANUELA (2): "MESMO QUE VOCÊ VÁ, EU FICO" 98

OTTO: "EU FICO COM MEU PAI" 103

EVA (2): "MAMÃE, PROTEJA-ME, POR FAVOR!" 110

SENTA — A MORTE COMO AMIGA 116

LOTTE (1): "TOTALMENTE CURADA" 120

PETRA: "MAMÃE, NÓS MULHERES" 123

E M M A (1) — O DIREITO DE PERTENCER 134

E M M A (2): "NENHUM LUGAR" 138

LOTTE (2): "VOCÊ E EU" 142

BASTIAN (2): "EU FICO, EM SUA MEMÓRIA" 144

Figura 5 147

WALTRAUD: "EU FICO COM VOCÊ" 149

WANDA: "MAMAE, VOCE É A GRANDE" 152

Apresentação

Apesar dos progressos reais ou pretensos da medicina, o câncer ainda é o maior flagelo da

humanidade. Nesse campo, o enfoque sintomático da medicina baseada nas ciências naturais vem

se revelando particularmente limitado. A consciência desse fato se reflete na mudança de atitude

de muitos médicos que antes defendiam uma abordagem puramente corporal e hoje advogam a

inclusão do lado psíquico, embora ainda não tenhamos comprovações científicas definitivas.

O pressuposto básico de que o câncer também depende de leis psicossomáticas foi uma das teses

que presidiram a fundação da Sociedade Austríaca de Psicooncologia. A nosso ver, a terapia do

câncer, para ser eficiente e humana, precisa cobrir simultaneamente os domínios do corpo e da

alma. O que dificulta a satisfação dessa exigência é que a abordagem psicoterápica com pacientes

de câncer surgiu apenas há alguns decênios e ainda não dispomos de conclusões sobre os

procedimentos mais indicados. Por isso nos esforçamos, nos últimos anos, para desenvolver novos

conceitos psicoterápicos e para testar instrumentos para sua utilização.

Dentro desse objetivo, solicitamos a Bert Hellinger que nos apresentasse o seu modelo de terapia

fenomenológica e a sua técnica de constelações familiares. O presente livro documenta, de forma

concisa, um seminário de três dias, realizado em Viena, em janeiro de 1996.

Com seu enfoque sobre a psicossomática do câncer, Hellinger abriu inquestionavelmente uma

nova dimensão. Tem-se realmente a impressão de que os dramas familiares, frequentemente

carregados através de gerações, são corresponsáveis pelo aparecimento de doenças graves. E é

emocionante presenciar como se desfaz esse “feitiço” que pode afetar uma pessoa sem o seu

conhecimento. Em que pese o intenso envolvimento emocional dos clientes e dos observadores,

somente a experiência de longo prazo poderá atestar a real eficácia desse procedimento, como

acontece, aliás, com todos os desenvolvimentos mais recentes. No nosso caso, é preciso responder

à difícil questão de saber em que medida uma abordagem terapêutica desse tipo pode influenciar o

processo físico.

Com isso, entramos num domínio que tem sido objeto de acesas discussões no contexto da

psicoterapia: até que ponto uma psicoterapia é eficaz e como pode ser medido o seu efeito? O que

dificulta a resposta a essa questão é que a eficácia de uma psicoterapia não se deixa medir apenas

por percentuais de cura e curvas de sobrevivência. A cura e a saúde do corpo estão intimamente

associadas e dificilmente podem ser aferidas por métodos analíticos de medição, enquanto a “cura

da alma” não está necessariamente ligada à cura do corpo.

Hoje é possível dizer que a abordagem pontual de Hellinger não substitui uma terapia continuada

(convencional) do câncer. Ela simplesmente aponta para uma outra dimensão, o laço do destino,

do qual o paciente deve desprender-se por meio do trabalho da alma. De qualquer maneira, a

pessoa afetada se conscientiza de sua vinculação ao grupo familiar e dos motivos inconscientes

que afetam suas decisões de vida. Essas decisões frequentemente envolvem consequências

funestas e não são facilmente explicáveis do ponto de vista da psicologia profunda.

Com toda a nossa reserva, julgamos que Bert Hellinger realizou nesse campo uma importante

descoberta, e o afirmamos baseados na autenticidade com que os protagonistas das constelações

expressaram os seus sentimentos. Uma percepção autêntica, tanto do exterior quanto do interior, é,

sem dúvida, o fulcro do trabalho terapêutico e um pressuposto básico para mudanças construtivas

de vida. Esse saber nos leva a uma justificada esperança de que o método de Hellinger virá a

assumir futuramente um importante lugar no modelo geral de tratamento psíquico para doentes

de câncer.

Dr. Hans Peter Bilek

Presidente da Sociedade Austríaca de Psicooncologia

Dr. Günther Linemayr

Vice-presidente da Sociedade Austríaca de Psicooncologia

Viena, agosto de 1996

Agradecimentos

O curso aqui registrado foi organizado pelos Drs. Günther Linemayr e Hans Peter Bilek, diretores

da Sociedade Austríaca de Psicooncologia. A eles, em primeiro lugar, meu cordial agradecimento.

Foi o Dr. Linemayr que me incentivou, em primeiro lugar, a investigar as conexões entre a doença

dos pacientes de câncer e seus destinos familiares. Este livro é fruto de sua antevisão.

Hans-Joachim Reinecke criou um programa especial de informática que me permitiu fazer os

desenhos e incluí-los no texto. Ele e Anja Burkhard resolveram para mim diversos problemas

técnicos, poupando-me muito trabalho e esforço.

Os Drs. Hunter Beaumont, Hans Peter Bilek, Otto Brink, Norbert Linz, Günther Linemayr,

Albrecht Mahr e Gunthard Weber, bem como Johannes Neuhausen, Irmgard Thurmaier, Jakob e

Sieglinde Schneider leram o manuscrito e me deram importantes sugestões. Meus sinceros agra-

decimentos a todos.

Agradeço ainda a Markus Fischer, Wolfgang Lehner, Peter Röhsler e seus assistentes, que

integraram a equipe de filmagem sob a direção de Johannes Neuhausen. Assumindo este curso

com espírito profissional, eles possibilitaram a presente documentação.

De maneira especial agradeço aos pacientes que participaram. Diante de um público numeroso,

eles configuraram suas famílias e concordaram com a divulgação desse trabalho em livro. Com

isso, abriram a outros enfermos uma via de acesso que pode servir-lhes de encorajamento e ajuda.

Introdução

Este livro reproduz um curso de três dias para vinte e cinco pessoas doentes de câncer, realizado

em Viena em 1996. Mais de duzentos médicos, terapeutas e familiares acompanharam a terapia

como observadores e fizeram perguntas sobre o tema. Sob a direção de Johannes Neuhausen, uma

equipe de filmagem familiarizada com meu trabalho gravou o curso em dois vídeos, num total de

sete horas e meia, editados simultaneamente com o original alemão deste livro.

O procedimento escolhido foi a constelação familiar. Nele, o cliente escolhe, entre os participantes,

representantes para si e para membros de sua família e, devidamente concentrado, posiciona-os no

recinto, de acordo com suas relações mútuas. Esse método permite que se tome consciência dos

laços inconscientes do destino, que fazem com que filhos desejem assumir doenças em lugar de

seus pais ou irmãos, ou a partilhá-las com eles. Esses laços podem igualmente fazer com que filhos

queiram seguir, na morte, pais prematuramente falecidos. Ou podem levar um filho, ao perceber

que o pai ou a mãe deseja ir embora ou morrer, a dizer-lhe interiormente: “Antes vá eu do que

você”.

Os vínculos do destino são vínculos de amor. Entretanto, ao tornar-se consciente, o mesmo amor

que leva à doença pode também desfazer os laços que nos prendem a destinos funestos. Neste

livro se registra, com muitos exemplos, como é possível conscientizar-se dos laços do destino para

colocá-los em ordem e solucioná-los com um objetivo curativo. Nesse trabalho o terapeuta traz de

novo à luz os membros esquecidos ou excluídos da família e permite identificar, pelas reações

manifestadas pelos representantes, as pessoas da família enredadas em destinos funestos. Por

intermédio dos representantes o terapeuta busca, então, por meio de vários passos, chegar a uma

ordem que libere o doente de seu envolvimento nesses destinos, ligando-o à sua família de uma

maneira curativa.

Neste livro as constelações familiares são reproduzidas graficamente em cada um de seus passos,

de uma forma completa e espacialmente precisa. Talvez o leitor necessite de algum tempo até

compreender os movimentos descritos pelas figuras. Isso ficará mais fácil se tentar percebê-las não

de cima, mas de frente, do mesmo modo que um espectador contempla os atores num palco.

Assim as figuras se animarão e as pessoas ganharão vida diante de seus olhos.

Este livro fornecerá explicações sobre temas como “culpa”, “os vivos e os mortos”, “vir e ir” e

“deixar morrer, com amor”.

Nesta documentação, os vínculos de destino dos enfermos não são apenas narrados, mas

dramaticamente apresentados. Assim, o leitor poderá sintonizar-se com esses destinos como se

estivesse pessoalmente envolvido, e sentir em si mesmo, como se fosse um participante

sintonizado, os laços do destino, sua ordem e sua solução.

Esta documentação se dirige, em primeiro lugar, às pessoas afetadas. Poderá ajudá-las a

reconhecer e a colocar em ordem, de maneira curativa, os vínculos dos próprios destinos. Também

poderá ajudar os familiares dos enfermos e seus psicoterapeutas e médicos a encarar a doença e os

doentes sob uma nova luz, apoiando a necessária ação médica e o cuidado com as pessoas

enfermas.

Para facilitar a orientação aos leitores, cada constelação é precedida por uma breve introdução e

seguida de um curto resumo.

Esta documentação toca os extremos, e leva aos limites do destino, do amor e da culpa. Quem

seguir o caminho até esses limites poderá perceber aquilo que, às vezes, pode mudar destinos

funestos. Poderá sentir como o amor que adoece se resolve no amor que cura, e como a culpa, que

conduz ao esgotamento quando negada e expiada, pode transformar-se em força quando é

reconhecida.

Desejo que vocês, ao lerem este livro, confiem no Ultimo. Mesmo quando nos faz medo, Ele nos

carrega. E leva à plenitude.

Considerações preliminares

Vínculo e doença

HELLINGER: De início, quero dizer algo sobre a dinâmica familiar numa doença grave. É preciso

observar que uma doença se origina em diversos níveis, e deve ser considerada tanto pelo lado

físico quanto pelo lado da dinâmica interior da alma e do ambiente do enfermo.

Se olhamos principalmente para o ambiente, o ambiente familiar, observamos que a criança se liga

à sua família com um amor muito profundo, com um amor arcaico. Esse amor é tão grande que a

leva a querer partilhar o destino de seus pais e irmãos, simplesmente pela vontade de pertencer à

família. Assim, acontece de alguém ficar doente para seguir uma pessoa que adoeceu antes, para

partilhar o seu destino. A doença surge nesse caso como uma consequência dessa ligação.

Esse amor do vínculo familiar é cego na criança, pois ela não vê a outra pessoa, seja o pai ou a mãe.

Ela não percebe que o pai, a mãe, os irmãos ou antepassados são pessoas que também amam, que a

amam da mesma maneira que são amadas por ela.

Quando a criança percebe o amor que a leva a seguir, na morte ou na doença, sua mãe que morreu

prematuramente, e diz à mãe: “Eu também quero morrer”, ela está exprimindo claramente o que

sucede com a doença grave. Se, porém, ela encarar a mãe ao dizer isso, já não poderá dizê-lo,

porque percebe que a mãe também a ama e que, para amar realmente a mãe, ela deveria dizer:

“Mamãe, para alegrá-la continuarei viva”. Pois esse amor seria maior do que o amor que deseja

seguir a mãe em seu destino.

É isso o que fazemos aqui. Trazemos à luz o amor escondido que faz adoecer, e levamos o doente a

encarar a pessoa que ele deseja seguir. Então, quando o amor cego que faz adoecer vem à tona, ele

se transforma numa força que ajuda a permanecer em vida. Quando abre os olhos, o mesmo amor

que conduzia cegamente à morte passa a levar à cura. Esta é a dinâmica básica.

A constelação familiar

Por meio das constelações familiares pode-se verificar se há uma dinâmica atuando por trás de

uma doença grave, e qual é essa dinâmica. Procede-se da seguinte maneira: o paciente que deseja

configurar a sua família de origem escolhe entre os participantes aqueles que representarão os

diversos membros de sua família: seu pai, sua mãe, seus irmãos, etc. Estando centrado, ele

simplesmente os posiciona no recinto, de acordo com suas relações mútuas, sem dizer coisa

alguma. Os representantes também nada dizem e permanecem interiormente centrados.

Quando o paciente faz isso com recolhimento interior, vem à luz a imagem da família que ele

inconscientemente leva no coração. Nessa imagem podemos ler a dinâmica que se oculta por trás

de sua doença. Podemos ver, por exemplo, se alguém deseja seguir alguém, ou se alguém se

interpõe no caminho para impedir que alguém vá embora.

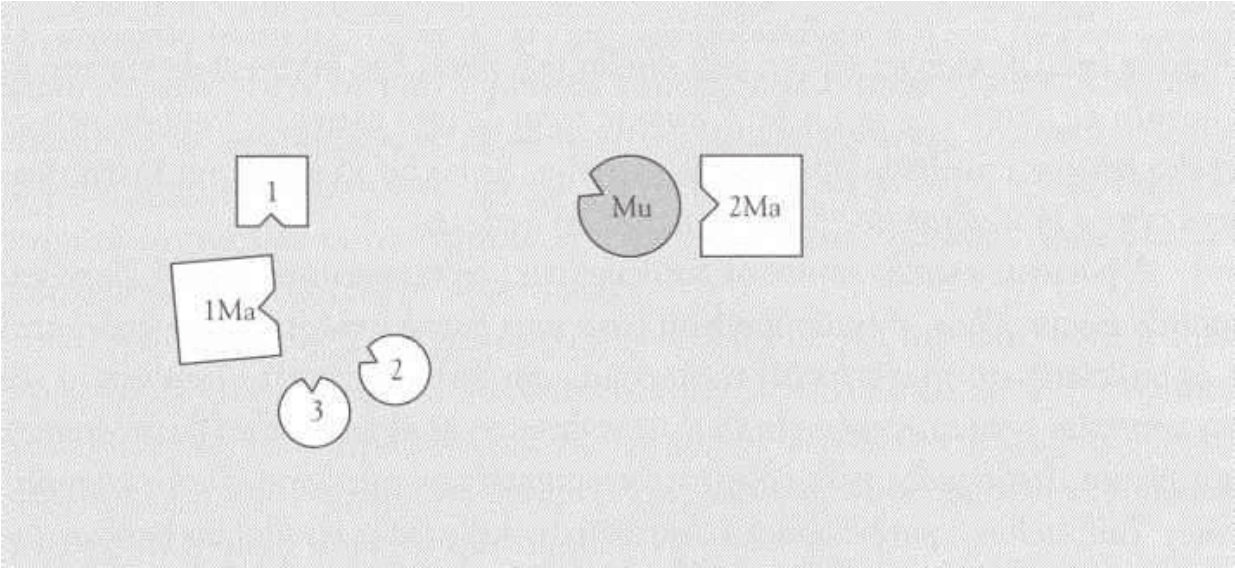
Quando isso vem à luz, podemos reconstruir a imagem familiar, de maneira que a dinâmica que

traz infelicidade deixe de atuar ou atue menos fortemente. Essa solução pode ser simultaneamente

mostrada na imagem e colocada em movimento. É este o tipo de trabalho que fazemos aqui. Na

esperança de ter deixado isso claro, começarei a demonstrá-lo, deixando que as particularidades

do trabalho sejam conhecidas à medida que formos trabalhando com as pessoas enfermas.



URSEL: "EU FICO"— O GRITO LIBERADOR

Aqui se trata de vida ou morte, e de ajudar três filhas a se livrarem de um envolvimento no destino de sua

mãe. Como se trata de algo extremo, também se *exige das pessoas envolvidas que vão ao extremo. Se no início*

os leitores se assustarem com o procedimento, fiquem atentos ao desfecho.

A paciente escolhe, entre os participantes, representantes para si, para seu marido e seus filhos, e então

também para seus pais e irmãos. Ela se concentra e os posiciona em suas relações recíprocas, sem lhes dizer

nada. Também os representantes permanecem centrados, sem dizer coisa alguma. Eles ficam atentos aos

efeitos despertados pela posição que ocupam, e posteriormente os comunicam. Tais efeitos, que podem ser

dramáticos, refletem o estado das pessoas representadas, embora não sejam conhecidas dos representantes.

HELLINGER *(para Ursel):* O que você tem?

URSEL: Câncer.

HELLINGER: De que tipo?

URSEL: De mama.

HELLINGER: Você é casada?

URSEL: Sim.

HELLINGER: Quantos filhos tem?

URSEL: Três.

HELLINGER: De que idades?

URSEL: De dezessete, quinze e doze anos.

HELLINGER: Você ou seu marido foram casados anteriormente?

URSEL: Sou casada pela segunda vez. Meus filhos são do meu primeiro marido.

HELLINGER: O que aconteceu com ele?

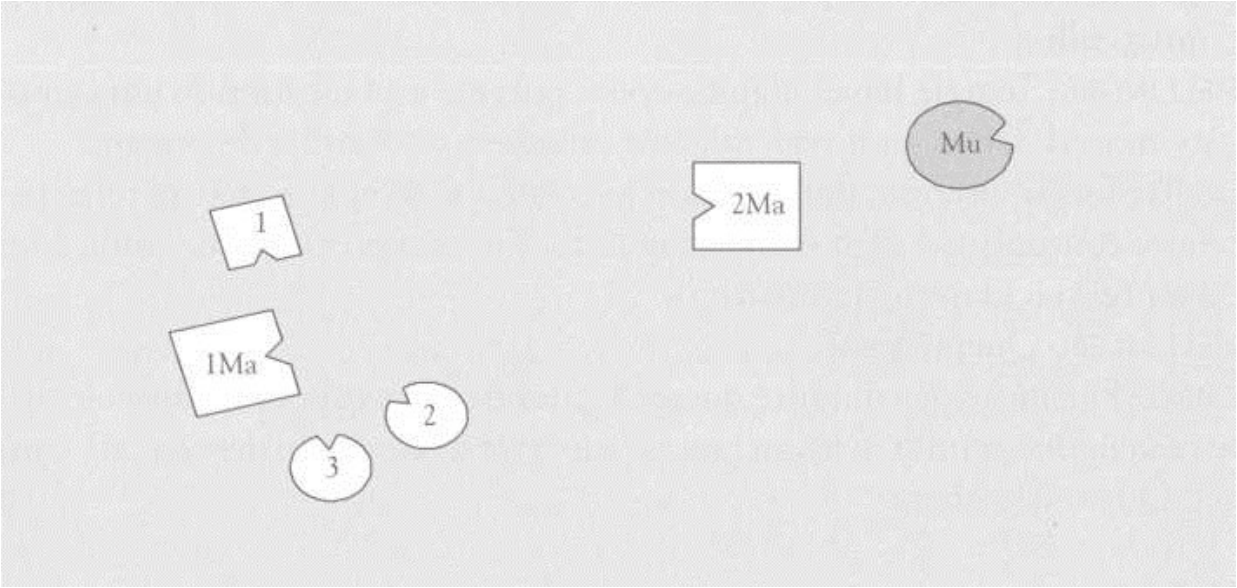
URSEL: Nós nos separamos porque me envolvi com o segundo.

HELLINGER: Vou configurar o seu sistema atual. — Com quem ficaram os filhos?

URSEL: Comigo.

HELLINGER: Está bem, coloque as pessoas.

Figura 1



Mu Mulher (=Ursel)

1Ma

Primeiro marido, pai de 1 a 3

1

Primeiro filho

2

Segunda filha

3

Terceira filha

2Ma

Segundo marido

Enquanto Ursel coloca a família, o representante do seu primeiro marido não se contém e chora em

voz alta.

HELLINGER: O que sente a mulher?

MULHER: Sinto uma angústia enorme. No meu lado direito sinto muito calor que vem de

trás, do segundo marido. Em relação ao primeiro marido, sinto angústia e compaixão.

Vontade de protegê-lo. Quanto aos filhos, quase não os estou percebendo.

HELLINGER: Vire-se.

Hellinger a vira de costas e a afasta de seu segundo marido.

Figura 2

HELLINGER: Que tal assim?

MULHER: Está um pouco mais leve. Já posso respirar, mas atrás de mim está muito

intranquilo. Gostaria de ver o que se passa ali.

HELLINGER *(para o primeiro marido*): O que há com você?

PRIMEIRO MARIDO: *(chorando):* Estou muito triste.

HELLINGER *(para o filho):* O que você está sentindo?

PRIMEIRO FILHO: No início, senti-me muito fraco. Agora sinto que preciso apoiar o meu

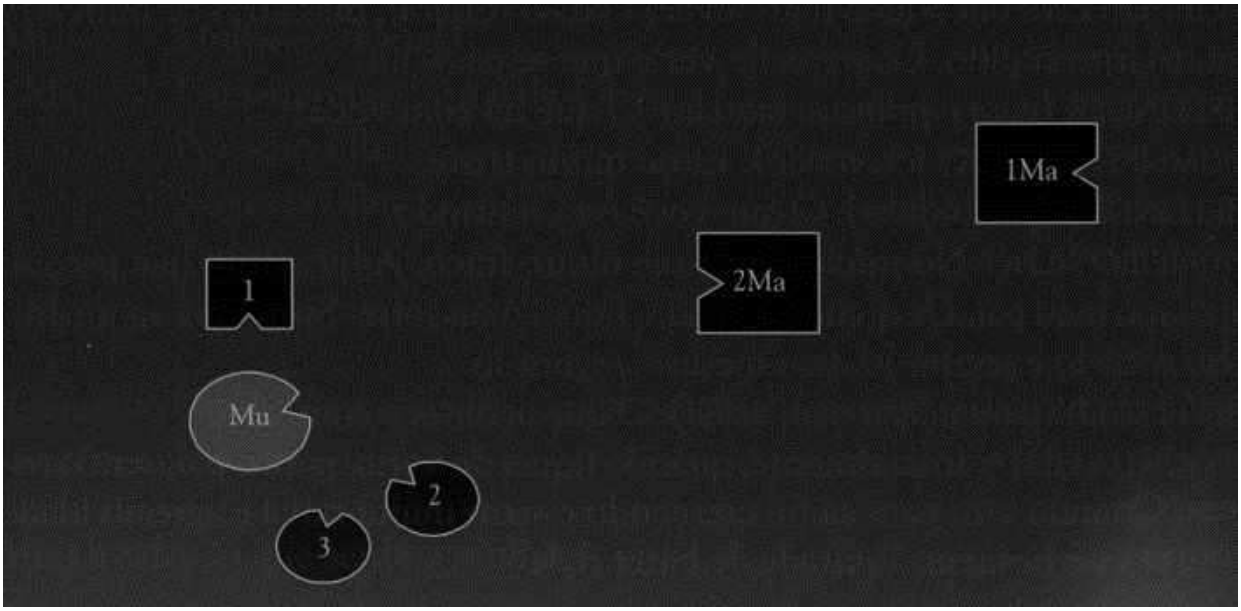
pai. De qualquer modo, fiquei mais forte. Sinto que agora preciso tocá-lo e segurá-lo. Isso

mesmo, segurá-lo.

HELLINGER *(para a filha mais velha): O* que acontece com você?

SEGUNDA FILHA: Inicialmente, quando fiquei de frente para o pai, senti tristeza.

Quando vim para cá fui crescendo e senti muita raiva e agressividade contra esse homem.



Vontade de bater nele.

HELLINGER (*para a filha mais nova):* E você?

TERCEIRA FILHA: Estou trêmula por dentro e só vejo meu pai. Não estou me

entendendo.

HELLINGER *{para o segundo marido):* Como está você?

SEGUNDO MARIDO: No início, quando a mulher ficou diante de mim, senti uma raiva

impotente contra ela. Não tomei conhecimento das outras pessoas, somente da raiva que

sentia da mulher. Agora ela se afastou e eu me sinto livre. Meus joelhos estão tremendo,

mas melhorou.

HELLINGER (*para Ursel): O* que houve na família de origem de seu marido?

URSEL: Ele nasceu de uma família muito pacífica e tranquila, na qual nada se passou de

especial. O pai dele morreu há três anos e a mãe ainda vive. E o único filho.

HELLINGER: Tem de haver alguma coisa, pois ele está mostrando uma emoção infantil.

Deve ter havido alguma coisa em sua família de origem.

URSEL: Estou surpresa, porque é um homem que sempre se sentiu feliz, pacífico, contente

consigo e com o mundo. Ele não precisava de mim. Mas eu tentei suicidar-me muitas

vezes.

HELLINGER: Quem? Você?

URSEL: Fui anoréxica durante quatorze anos e não queria viver. Isso ele não teve mais de

suportar. E agora precisa suportar de novo. Eu desejei este câncer. Quero ir embora.

Hellinger pede à mulher e ao primeiro marido que troquem suas posições

Figura 3

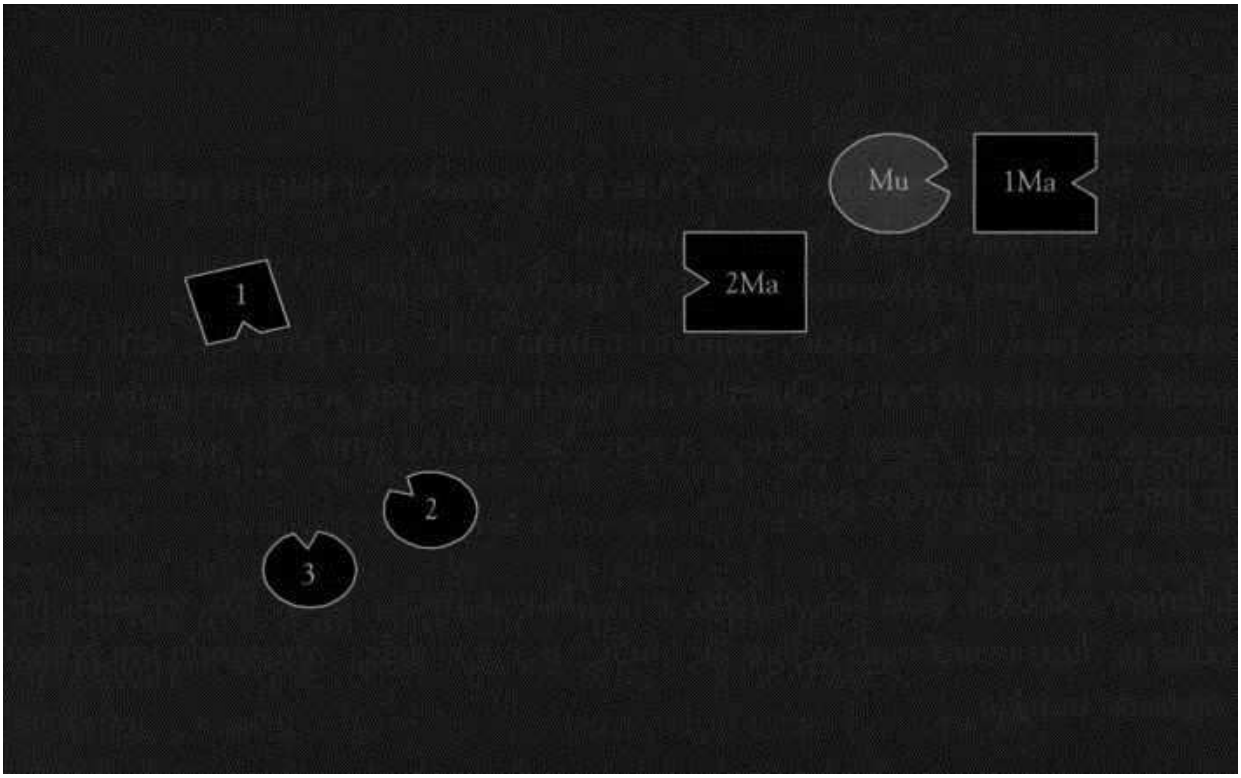
HELLINGER: Que tal assim?

MULHER: Diminuiu a angústia e também a tensão nas costas. Agora posso olhar minhas filhas. Meu

olhar vai para o meu primeiro marido.

HELLINGER: O que há com ele?

MULHER: Não posso deixá-lo ir embora tão facilmente. Gostaria de olhar e de controlar o que está



acontecendo, e pôr a mão em seu ombro.

HELLINGER (*para o primeiro marido): O* que está sentindo agora?

PRIMEIRO MARIDO (com *voz tranquila e clara):* Sinto o peito livre, mas os joelhos muito fracos. É

muito estranho.

HELLINGER *(para a mulher):* Siga o impulso de ir até lá e pôr a mão no ombro dele.

Figura 4

HELLINGER: Como sente isso?

MULHER: Ficou mais fácil quando comecei a andar. Gostei de seguir o meu impulso. Sinto que

estamos unidos na angústia.

HELLINGER (*para o primeiro marido):* E você?

PRIMEIRO MARIDO: Sinto-me mais leve e os joelhos pararam de tremer. Sinto-me leve, livre.

HELLINGER (*para Ursel):* Houve uma dupla tentativa de suicídio?

URSEL: Não. Eu sempre tentei ir embora, até que ele se foi. Aí eu adoeci.

HELLINGER: Até o quê?

URSEL: Até que meu primeiro marido foi embora.

HELLINGER: Ele foi embora?

URSEL: Sim. E Janosch, meu filho mais velho, está em perigo de se drogar. Sinto medo por ele se eu

sair agora.

HELLINGER: O que aconteceu em sua família de origem?

URSEL: Minha irmã, que é quatorze anos mais velha, foi mandada para os Estados Unidos quando

eu nasci, pois minha mãe não queria ficar com três filhas. A mim tentaram abortar. *(Chora).* Apesar

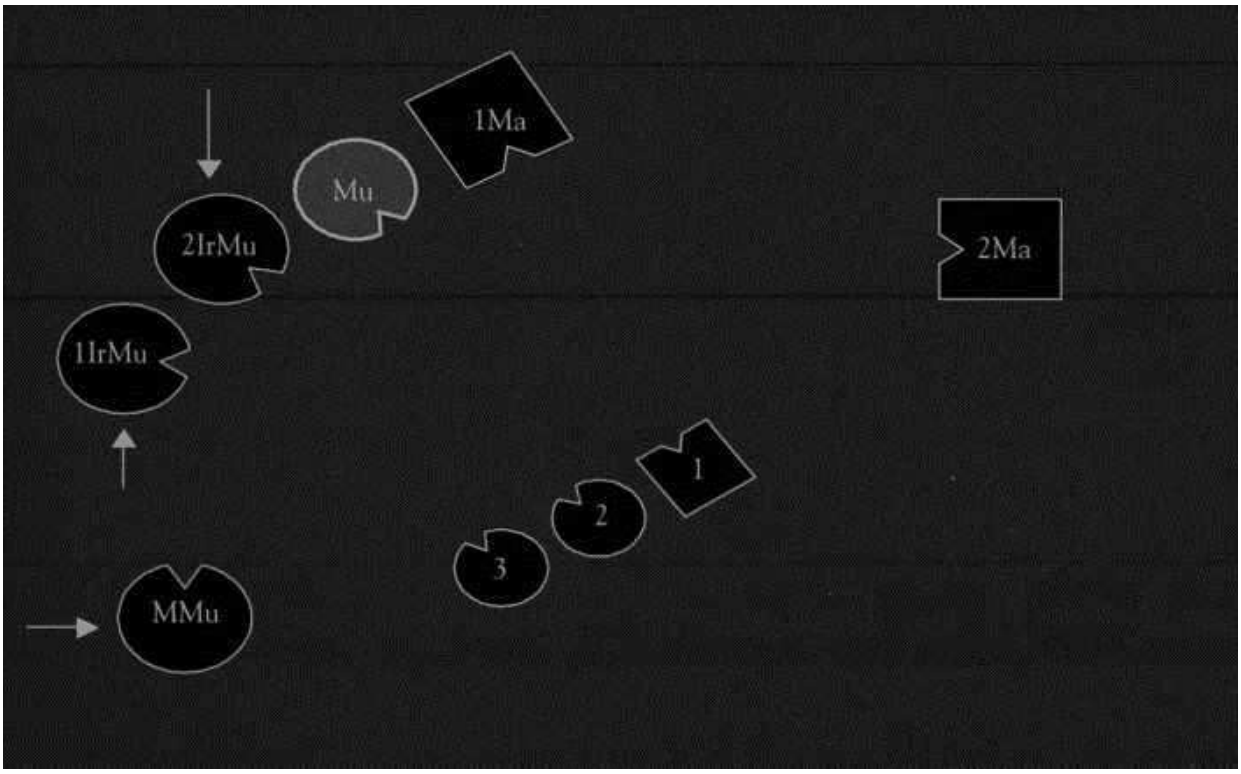
de tudo, nasci. E aos quatorze anos, quando minha irmã nos visitou, fiquei anoréxica também.

Somos ambas anoréxicas. Agora ela está morrendo nos Estados Unidos, com câncer na pele, nos

ossos e no pulmão. Minha segunda irmã também vive nos Estados Unidos. As que não entravam

no figurino eram mandadas embora.

HELLINGER: O que há com o seu pai?



URSEL: Ele não tem nada a dizer. Nunca foi amado por minha mãe. Minha avó também morreu de

câncer de mama.

HELLINGER *(para a filha mais nova):* O que você sente?

TERCEIRA FILHA: No início, quando minha mãe veio para cá, senti uma pressão enorme no peito.

Quando ela seguiu meu pai, senti-me mais leve e a pressão acabou. Agora começo a perceber

minha irmã. Só gostaria de ficar mais perto de meus pais.

Hellinger coloca os pais lado a lado, e as filhas defronte deles. Em seguida, introduz as duas irmãs mais

velhas da mulher e a mãe delas, afastando um pouco o segundo marido.

Figura 5

MMu Mãe da mulher

llrMu Primeira irmã da mulher

2IrMu Segunda irmã da mulher

HELLINGER: O que está acontecendo?

MULHER: Minha sensação mais forte é ainda em relação ao meu primeiro marido, como se alguma

coisa estivesse derretendo. Estamos estreitamente unidos. Foi lindo quando veio minha irmã mais

velha. Queria abraçá-la e tê-la perto de mim. Sinto meus filhos muito longe.

HELLINGER: O que você sente em relação à sua mãe?

MULHER: Quando olho para ela sinto palpitações no coração.

HELLINGER (*para a mãe da mulher):* Como está você?

MÃE DA MULHER: Não me ligo a nada do que está aqui. Antes de ser colocada aqui, eu estava

assentada lá embaixo, cheia de simpatia. E agora, neste papel, estou completamente isolada. Sinto-

me sem vida, não faço parte disso.

Hellinger introduz o pai da mulher e o coloca ao lado da mãe.

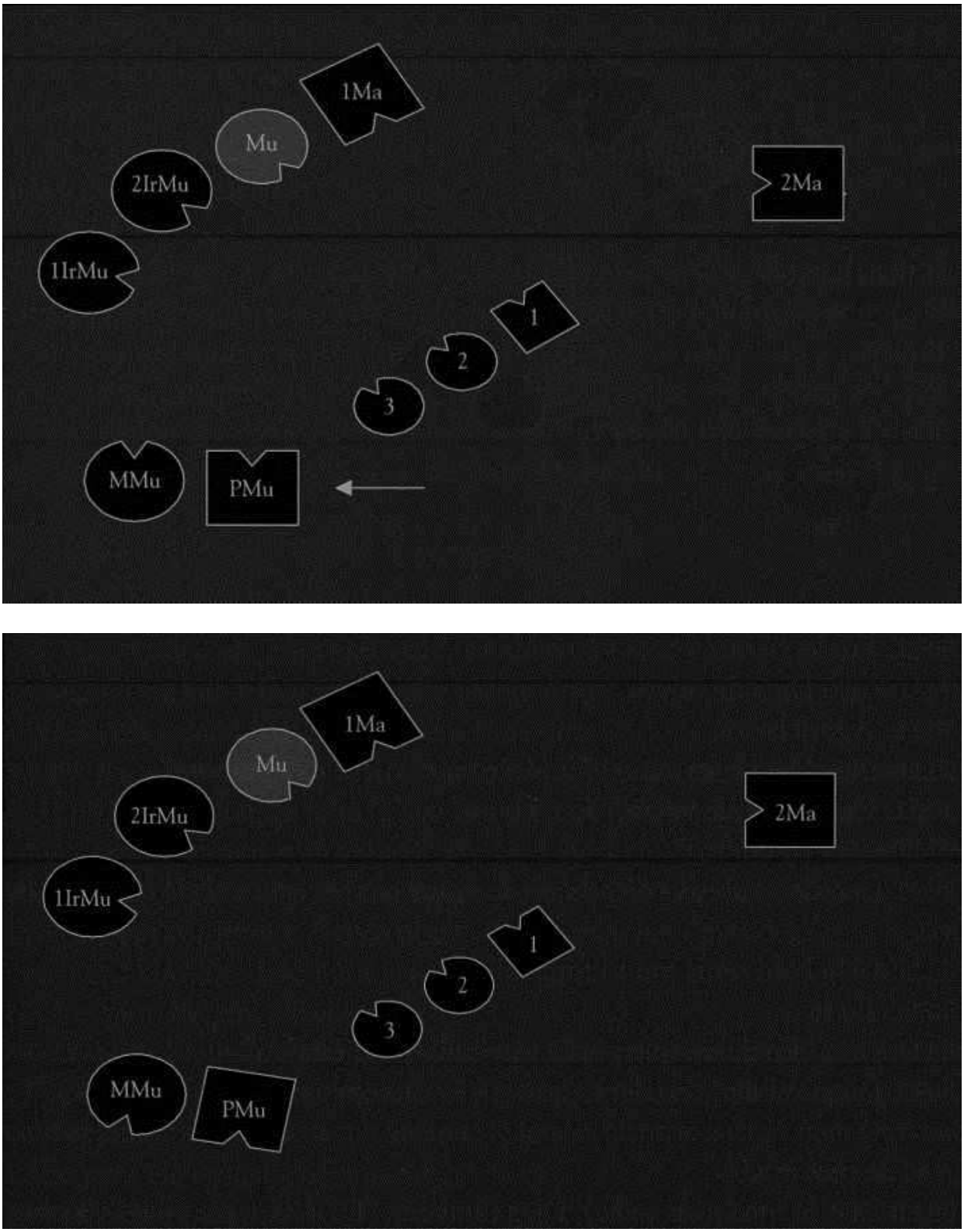

1Ma
Mu
2IrMu
2Ma
1IrMu
1
2
3
MMu
PMu
1Ma
Mu
2IrMu
2Ma
1IrMu
1
2
3
MMu
PMu

Figura 6

PMu Pai da mulher

HELLINGER (*para a mulher): O* que está ocorrendo?

MULHER: Isso traz um alívio agradável, uma orientação, um sentimento de firmeza e de força. Aí

está alguém que é importante, que sustenta e dá força.

HELLINGER *(para Ursel):* Ocupe agora o seu lugar.

Hellinger vira de costas os pais da mulher e os afasta alguns passos, aproximando da mulher suas irmãs.

Figura 7

HELLINGER *(para Ursel):* Como ficou agora?

URSEL: Melhorou. Minha mãe sempre ameaçou cometer suicídio. Até hoje, todo dia, sempre que me

telefona.

Hellinger coloca de novo à vista os pais da mulher.

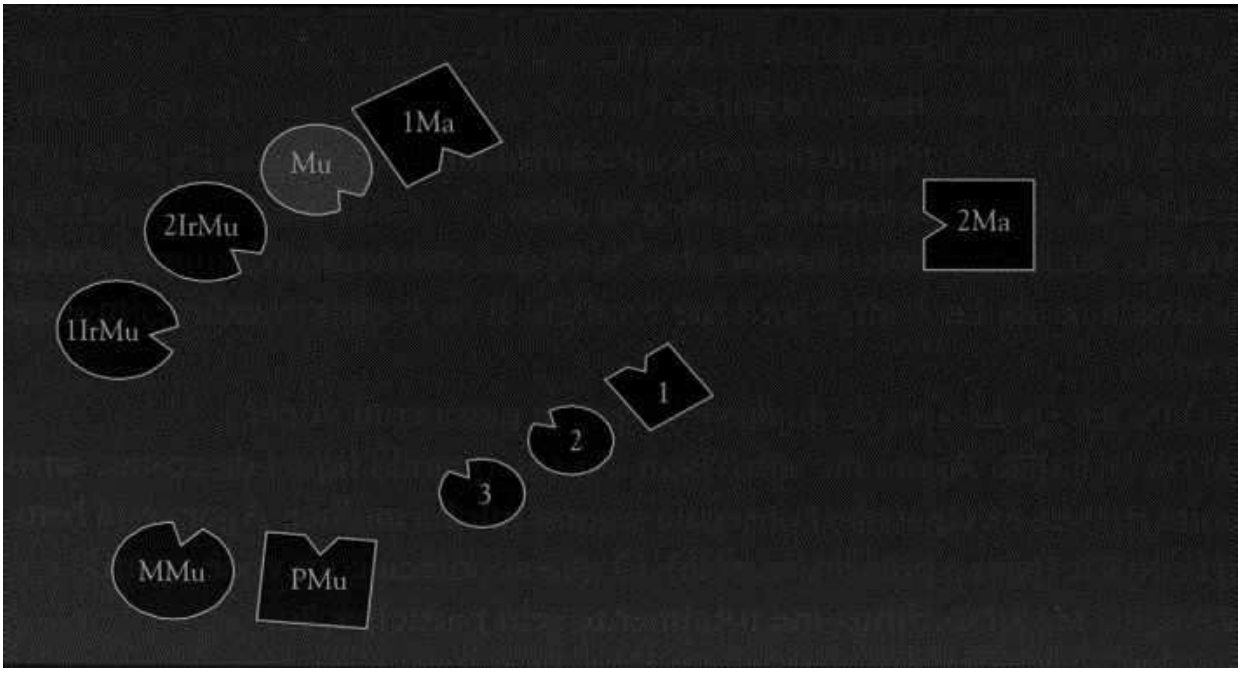


Figura 8

HELLINGER (*para Ursel):* Diga aos seus pais: “Eu deixo que vocês vão embora”.

URSEL: Eu deixo que vocês vão embora. Sim. Basta.

HELLINGER: Diga de novo.

URSEL: Agora basta.

HELLINGER: Diga com amor: “Eu deixo que vocês vão embora”.

URSEL: Eu deixo que vocês vão embora.

HELLINGER: “E eu fico”.

URSEL (*sacode a cabeça e diz, depois de algum tempo, em voz bem baixa):* E eu fico.

HELLINGER: Não senti muita força aí.

URSEL: Eu fico.

HELLINGER: “Eu deixo que vocês vão embora. E eu fico”.

URSEL (*sussurrando):* Eu deixo que vocês vão embora. E eu fico. *Chora.*

Sua irmã mais nova a acaricia espontaneamente nas costas. *Hellinger aproxima Ursel de suas irmãs.*

HELLINGER *(à irmã mais velha):* Diga também: “Eu deixo que vocês vão embora. E eu fico”.

PRIMEIRA IRMÃ DA MULHER: Eu deixo que vocês vão embora. E eu fico.

SEGUNDA IRMÃ DA MULHER: Eu deixo que vocês vão embora. E eu fico.

HELLINGER (*para Ursel):* Três irmãs.

URSEL: Sim.

HELLINGER: Existe força aí.

URSEL: Eu nunca percebi isso, pois elas estavam longe. Por minha causa, por minha causa.

A *irmã mais nova a enlaça com o braço.*

HELLINGER: Abracem-se vocês três.

As *três irmãs se abraçam ternamente, por longo tempo.*

HELLINGER: Como se sentiu a mãe com isso?

MÃE DA MULHER: Sinto-me tocada. Noto que existe aí agora uma grande distância, e ela faz bem.

Sinto-me também livre e em conexão com essas pessoas.

HELLINGER (*para o pai da mulher): O* que se passa com você?

PAI DA MULHER: Agora me sinto bem. Antes, quando fiquei de costas, senti muita tristeza e vi que

não conseguia segurar minha mulher. Agora está bem.

HELLINGER *(para o primeiro marido): O* que acontece com você agora?

PRIMEIRO MARIDO: Sinto-me totalmente sem participação.

HELLINGER: É isso mesmo. O que acontece aqui é algo muito diferente, que não tem nada a ver com

você.

PRIMEIRO MARIDO: Isso se percebe claramente.

HELLINGER *(para Ursel):* Como se sente agora?

URSEL (*sussurrando*): Não estou bem. Sinto falta do meu primeiro marido.

HELLINGER: Ele lhe faz falta? Diga isso a ele. Vá ao encontro dele.

URSEL *(vai ao encontro do primeiro marido e lhe diz):* Você me faz muita falta.

HELLINGER: Diga a ele: “Agora honro você como meu marido”.

URSEL (com *voz firme):* Agora honro você como meu marido.

PRIMEIRO MARIDO: Isso me toca.

URSEL: Sim. *Respira aliviada.*

HELLINGER: Fique ao lado de seu marido. Seu pai disse há pouco que não pôde segurar sua mãe. O

mesmo se passa aqui. Ele não pôde segurar você. *Ambos balançam a cabeça e o homem a abraça.*

Olhe para ele e diga: “Segure-me...”

URSEL: Segure-me...

HELLINGER: “...para que eu fique”.

URSEL: ...para que eu fique.

HELLINGER: Você precisa olhar para ele quando diz isso.

URSEL *(olhando para ele):* Segure-me para que eu fique.

HELLINGER: Como estão os filhos agora?

PRIMEIRO FILHO: Muito bem, mesmo. Antes os sentimentos eram inconstantes, mas agora ficou

bem. Não estou certo do que sucede comigo, mas no fundo me sinto muito bem. Não sei se é isso

mesmo. *Ri.*

HELLINGER: Vou lhe mostrar o lugar seguro.

HELLINGER (coloca-o *ao lado de seu pai):* O lugar seguro é esse aí.

PRIMEIRO FILHO: Sim, também sinto isso.

HELLINGER *(para as filhas):* E vocês, venham para a frente. Precisam ficar na esfera do pai. O que

acontece na família da mãe é muito pesado. Vocês precisam ficar longe disso.

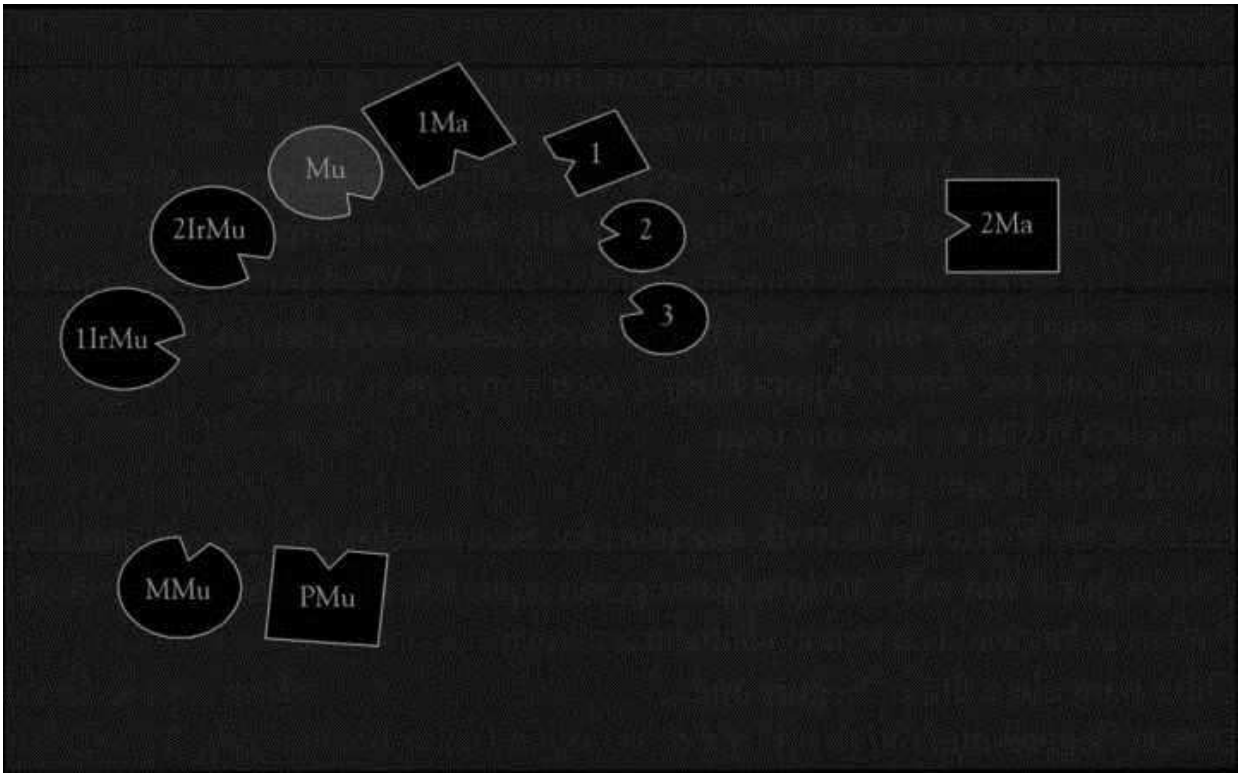


Figura 9

HELLINGER *(para a filha mais velha):* Como se sente agora?

SEGUNDA FILHA: Foi exatamente como o senhor disse. Em todos os lugares onde fiquei sentia um

peso nos ombros. Tinha a sensação de que vergava para o chão. Agora estou bem. O peso acabou.

TERCEIRA FILHA: No princípio eu só percebia o pai e sentia falta da mãe. Agora, pela primeira vez,

tenho a sensação de ter pais.

HELLINGER *(para Ursel):* Olhe para seus filhos e diga: “Eu fico”.

Ursel reprime um grito, sacode a cabeça e se lança chorando nos braços de seu primeiro marido, que a abraça

firmemente. Então sai do peito de Ursel um grito alto e profundo, e ela aos poucos se acalma.

HELLINGER *(para Ursel):* Respire profundamente, inspirando e expirando pela boca.

(Depois de algum tempo, quando Ursel se solta): Essa é uma dor profunda. *Ursel assente com a cabeça.*

HELLINGER: Fique algum tempo assim.

Ela apóia a cabeça no peito de seu marido.

Depois de algum tempo: Agora olhe mais uma vez para os filhos e diga a eles: “Eu fico”.

URSEL: Eu fico. *(Ri e balança a cabeça).* Eu fico. Fico, sim!

O *público ri com alívio.*

HELLINGER: Terminamos, penso eu.

HELLINGER *(para o segundo marido):* Ainda quero perguntar-lhe como foi isso para você.

SEGUNDO MARIDO: Eu senti como se não fizesse parte disso e me perguntava: Sou realmente o

bobo? O que estou fazendo aqui?

HELLINGER: Sim, as coisas correram de outra maneira. Mas agradeço pela sua participação.

Risos entre o público.

HELLINGER *(para o público):* Agora a tensão se descarregou. Esse riso não tem nada a ver com ele. É a

descarga da tensão, depois de uma vivência tão intensa.

HELLINGER *(para o grupo):* Gostaria de acrescentar algo sobre a anorexia. Ursel disse que foi

anoréxica por quatorze anos.

(Para Ursel): Você sabe o que significa anorexia?

URSEL: É o inferno.

HELLINGER: Ela significa: “Antes desapareça eu do que você”. No seu caso: “Antes eu do que você,

querida mamãe”.

URSEL: Sim.

HELLINGER: Isso quer dizer aqui: “Antes eu do que você, querida mamãe”.

URSEL: Mas minha irmã também é anoréxica.

HELLINGER: As três irmãs dizem isso. E qual foi a frase liberadora?

URSEL: Eu fico.

HELLINGER: “Eu deixo você ir e fico”.

URSEL: Mamãe, eu deixo você ir e fico.

HELLINGER: “Mesmo que você vá, eu fico”.

Essa é a frase liberadora na anorexia. Na maioria das vezes essa frase se refere ao pai. Aqui foi

muito claramente à mãe.

Resumo

O *laço do destino:* *Ursel tem três filhos de seu primeiro casamento. O filho mais velho está em perigo de se*

drogar. Após o nascimento de Ursel, sua irmã mais velha foi mandada para os Estados Unidos. Ela se tomou

anoréxica e também sofre *de câncer. Também a segunda irmã foi mandada para os Estados Unidos. A mãe de*

Ursel quer morrer e está sempre ameaçando suicidar-se. Ursel foi anoréxica durante quatorze anos e fez

várias tentativas de suicídio. Por isso seu primeiro marido também se separou dela. Ela desejou o câncer e

quer morrer.

A ordem: *Ursel diz a seus pais “Eu deixo vocês partirem. Eu fico”. Também suas duas irmãs dizem aos pais:*

“Eu deixo vocês partirem. Eu fico”. Então as três irmãs se abraçam.

Ursel diz a seu primeiro marido: “Você me faz falta. Eu o honro agora como meu primeiro marido. Segure-

me para que eu possa ficar".

Então ela diz aos filhos: “Eu fico”. No entanto, só consegue realmente dizer isso quando solta sua dor

profunda com um alto grito.

O nível mais elevado

HELLINGER: A dinâmica em doenças fatais, por exemplo, no câncer, se prende ao fato de que a

pessoa se sente responsável por outras. Por exemplo, as crianças se sentem responsáveis pelos seus

pais. Sentem-se responsáveis por carregar sofrimentos de seus pais, de uma avó, uma tia ou de ou-

tra pessoa da família. Elas sentem uma ligação muito profunda. É como uma comunhão dos

santos. Todos são mártires. Sim, puros mártires.

Algumas religiões pregam isso. Não porque foi revelado por Deus, mas porque é uma experiência.

E porque existe a ideia mágica de que se pode, com o próprio sofrimento, resgatar outra pessoa de

seu sofrimento. Isso atua muito profundamente na alma humana.

A solução consiste em superar isso e colocar-se num nível mais elevado. Isso implica desenvolver-

se para algo superior, com um caráter totalmente distinto. Quando uma pessoa se desprende das

concepções mágicas — e isso se consegue, muitas vezes, em constelações familiares — ela começa a

sentir-se muito leve e então alcança esse nível mais elevado. E, curiosamente, embora nesse nível

tudo seja bem mais fácil, a pessoa se sente muito mais forte. Inversamente, quando ela se mantém

no nível arcaico e mágico, no qual tudo é tão pesado, ela se sente muito fraca e, por conseguinte,

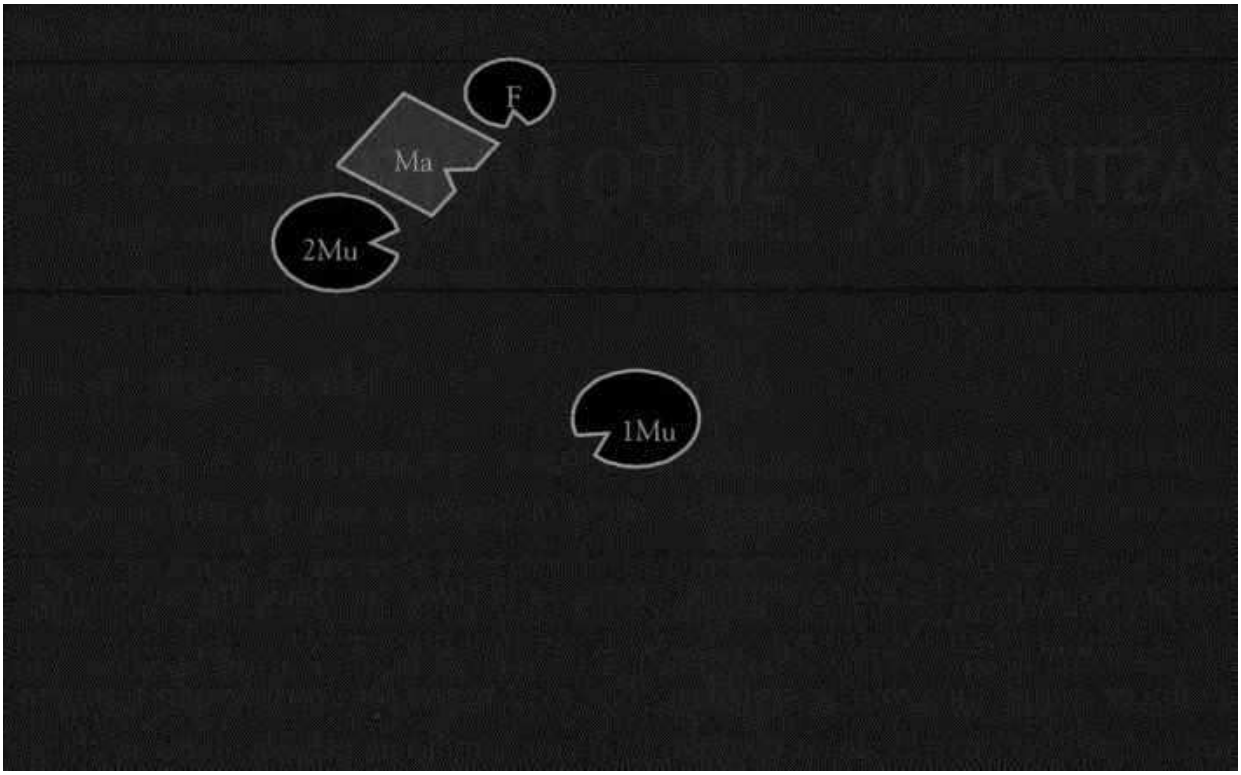
também age pouco.

Se aplicássemos a regra simples da Bíblia, que uma árvore se conhece pelos seus frutos, e que a

verdadeira fé e a verdadeira religiosidade se conhecem pelos seus frutos, deveríamos encontrar o

bom e o verdadeiro de preferência nesse nível. O estranho, porém, é que o pesado, que oprime, foi

associado ao céu, enquanto o leve, o que libera, foi associado à terra.



BASTIAN (I): "SINTO MUITO"

Para trazer à luz a ligação com uma criança abortada foi inicialmente configurada a família atual. M *ais tarde*

o paciente revelou que ambos os pais morreram de câncer e que sua irmã se *suicidou. Por essa razão foi*

considerada também, numa segunda constelação, a vinculação à sua família de origem, para se chegar a uma

ordem liberadora.

HELLINGER *(para Bastian):* De que você está sofrendo?

BASTIAN: Há um ano foi diagnosticado em mim um câncer linfático. Fiz um ano de quimioterapia,

que terminou no início de dezembro.

HELLINGER: Você é casado?

BASTIAN: Sim, e tenho uma filha de dez anos.

HELLINGER: Você ou sua mulher tiveram antes outro vínculo estável?

BASTIAN: Eu tive um vínculo estável, sem casamento.

HELLINGER: Há filhos desse relacionamento?

BASTIAN: Não. Isto é, logo no início houve um aborto intencional.

HELLINGER: Quando algo não está resolvido na família atual começo por ela, mesmo que isso não

tenha relação com a doença. Eu colocaria, portanto, você, sua mulher, sua filha e essa mulher

anterior.

Figura 1

Ma

Marido (=Bastian)

2Mu Segunda mulher

F

Filha

1Mu Primeira mulher

HELLINGER *(para o grupo):* As pessoas que já estiverem familiarizadas com constelações podem ver

de imediato onde existe aqui uma identificação. Quem é que a filha representa? — A primeira

mulher. Vou testar isso. *(Para as representantes da primeira mulher e da filha):* Troquem de posição.

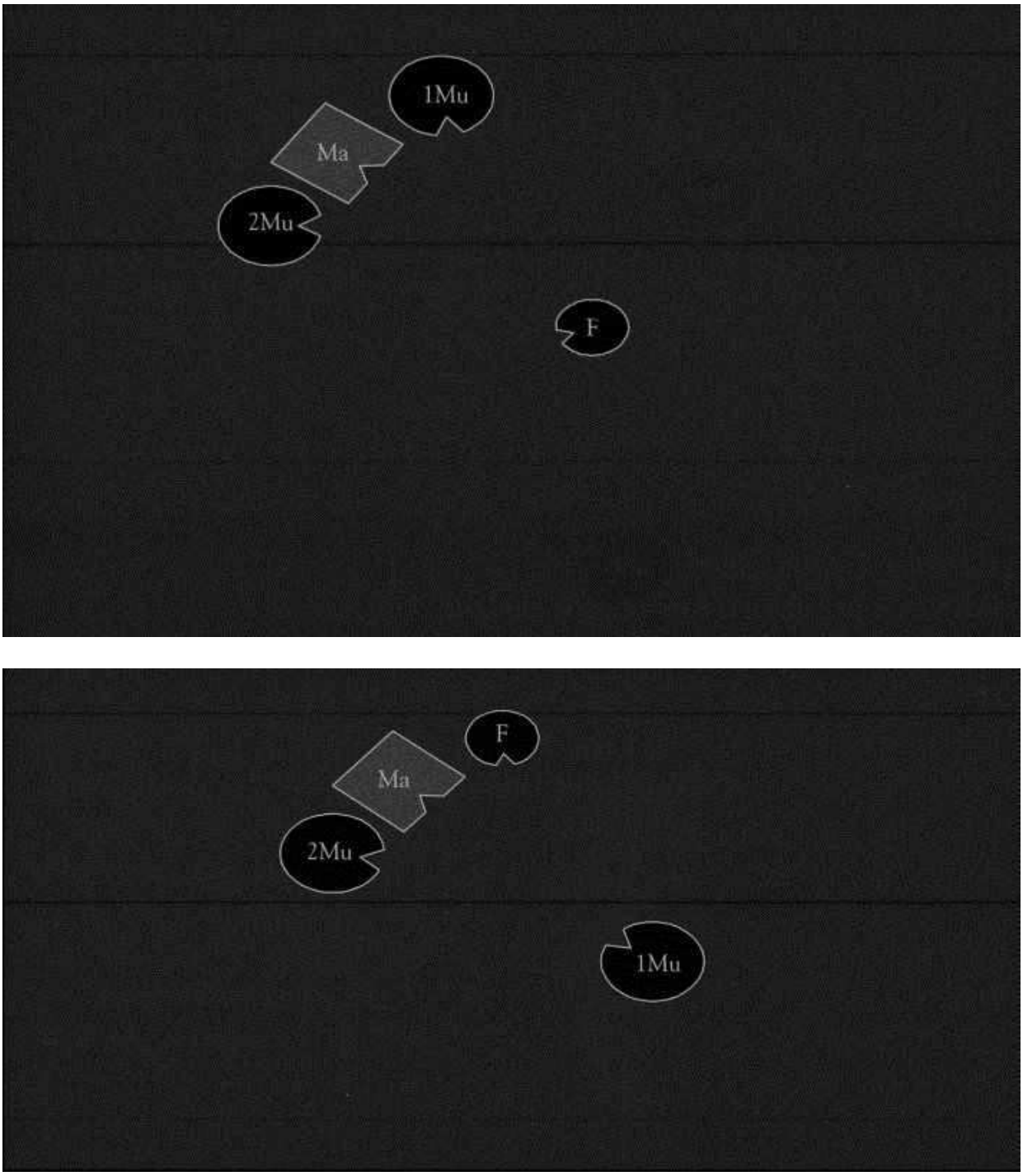


Figura 2

HELLINGER: Que tal assim?

MARIDO: Isso me alivia. Antes me sentia oprimido, agora me sinto mais solto.

HELLINGER: Como se sente a esposa?

SEGUNDA MULHER: Estou olhando para o vazio. Assim (*depois que a filha e a primeira mulher trocaram*

de lugar) fica um pouco mais leve. Sinto-me interessada naquela direção (*apontando para a filha).*

HELLINGER *(para a primeira mulher):* Como se sente você?

PRIMEIRA MULHER: Sinto-me bem melhor agora. Antes eu estava completamente rígida. E agora me

sinto muito bem. *Olha para o homem e sorri para ele.*

HELLINGER: Como se sente a filha?

FILHA: Sinto uma liberação. Eu me sentia jogada contra o pai. Era terrível. Eu estava totalmente

sobrecarregada.

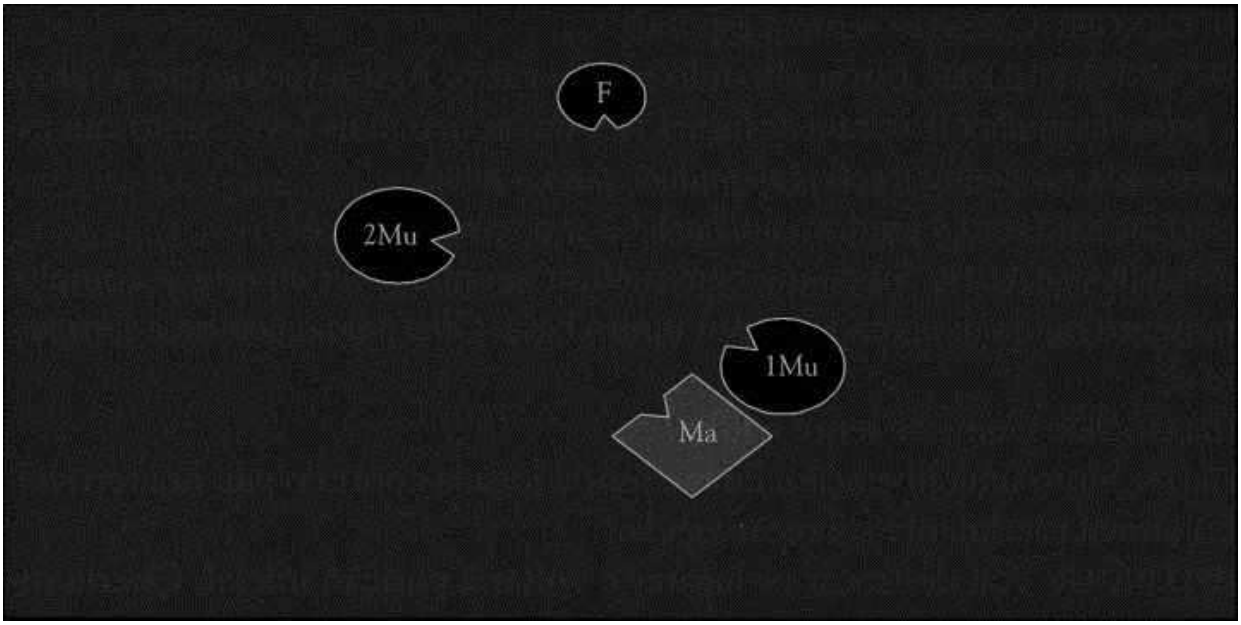
HELLINGER: Vou destroçar os lugares e voltar ã posição inicial. Queria somente testar.

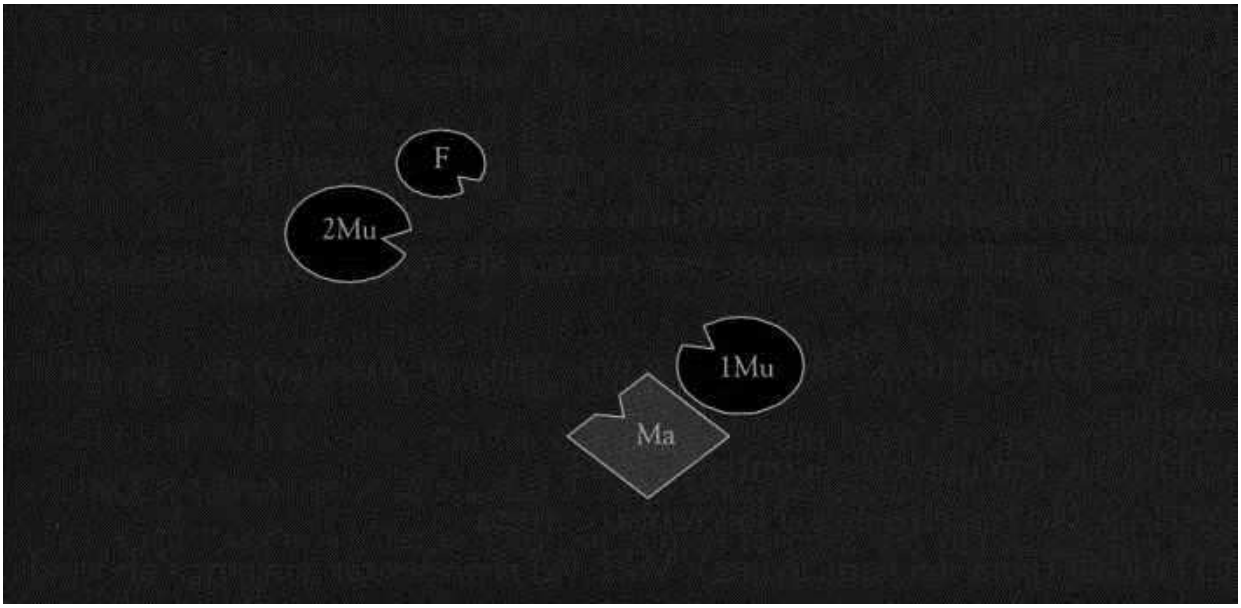
(Para o grupo): Um parceiro anterior é representado por algum filho. Dessa dinâmica ainda não vi

exceções.

Hellinger restaura a posição inicial e então vira a primeira mulher de frente para a família.

Figura 3





HELLINGER: Como é isso?

MARIDO: Continuo a sentir pressão do lado da filha.

HELLINGER: Vou colocá-lo junto de sua primeira mulher.

Figura 4

HELLINGER: Como está agora?

PRIMEIRA MULHER: Está melhor. Antes eu estava só. Perto dele, simplesmente me sinto melhor.

MARIDO: Eu também me sinto melhor. Já não sinto palpitações.

HELLINGER: Como se sente agora a esposa?

SEGUNDA MULHER: Agora me sinto totalmente perdida.

HELLINGER: Não, não.

Hellinger a vira na direção do marido e coloca a filha perto dela, ao seu lado.

Figura 5

HELLINGER: Como se sente agora?

FILHA: Só tomei conhecimento de minha mãe quando meu pai foi embora. Agora me sinto bastante

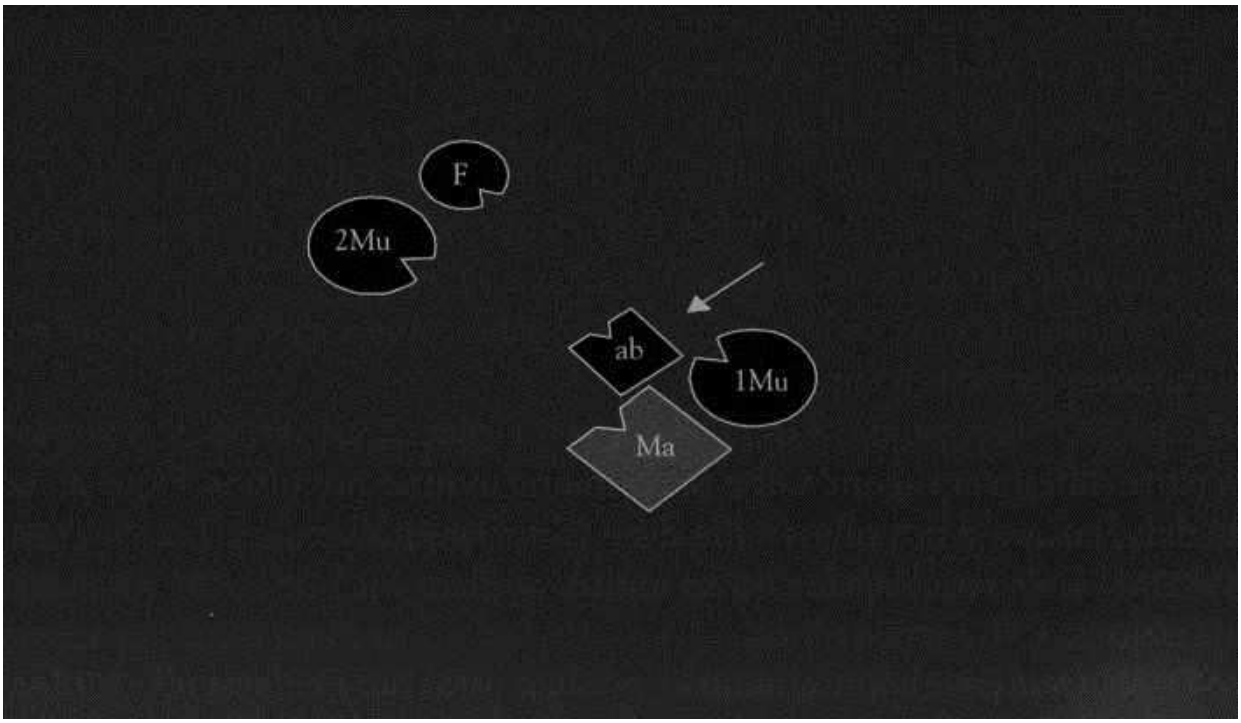
forte para encará-lo. Sinto-me bem.

HELLINGER: Como está a mãe agora?

SEGUNDA MULHER: Confortável.

HELLINGER: Esta seria uma ordem em que todos se sentem bem.

(Para Bastian): Ocupe o seu lugar. Primeiro se concentre, e depois se coloque junto de sua primeira



mulher. — Como se sente?

BASTI AN: Existe uma ordem, mas experimento uma espécie de ciúme por não pertencer mais à

família.

HELLINGER: Não, espere. Ainda não temos a solução. Só arrumei o exterior. A parte difícil vem

agora. Olhe sua primeira mulher nos olhos. Fique ao lado dela, encare-a nos olhos e lhe diga:

“Sinto muito”.

BASTIAN *(com voz abafada):* Sinto muito.

HELLINGER: Olhe-a nos olhos.

BASTIAN *(resistente):* Sinto muito.

HELLINGER: Diga isso com amor.

BASTIAN (com *voz abafada):* Sinto muito, Ingeborg.

HELLINGER: Enlace-a, olhe em seus olhos e diga: “Sinto muito”.

BASTIAN *(sussurrando):* Sinto muito. (Com *a voz embargada):* Sinto muito.

HELLINGER: Isso mesmo, deixe que a emoção flua. Respire profundamente, para que ela possa fluir.

Mantenha a boca aberta, respire pela boca, profundamente.

(Depois de algum tempo): Como se sente agora?

BASTIAN: Mais leve.

HELLINGER: Exato. E como está a esposa?

SEGUNDA MULHER: Isso me dói muito, mas consigo aceitá-lo.

HELLINGER: Agora vou fazer mais uma coisa.

(Para Bastian): Em sua imagem, essa criança abortada é um menino ou uma menina?

BASTIAN: Um menino. Não é apenas uma imagem, disseram-me que era um menino.

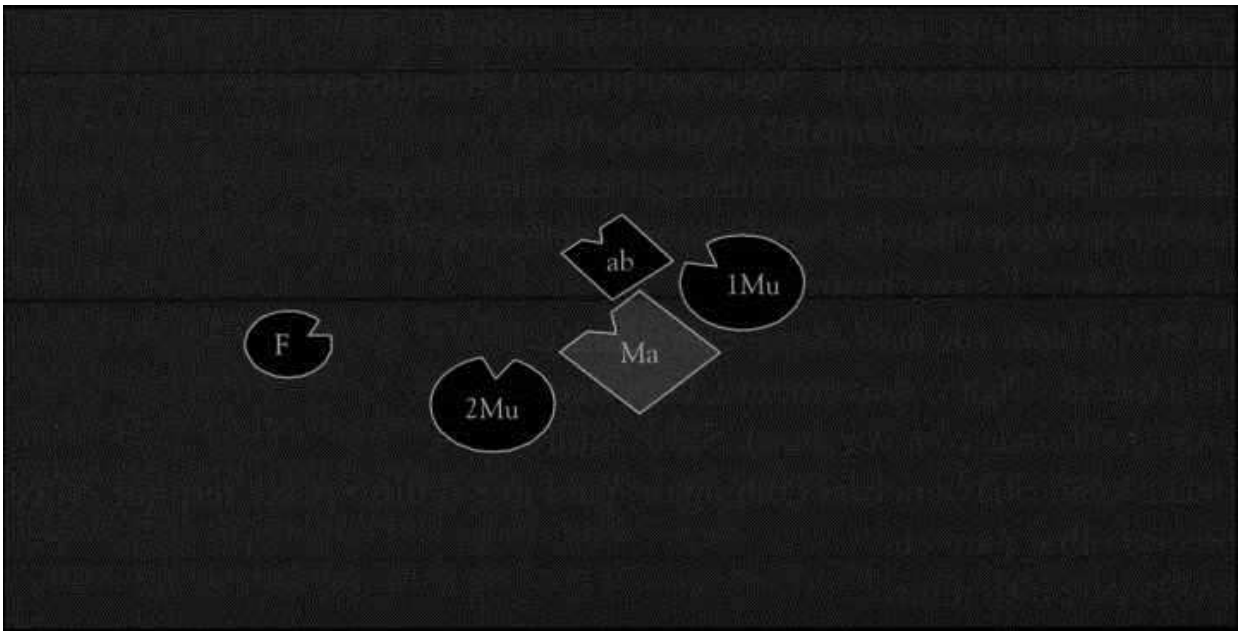
HELLINGER: Em que mês aconteceu isso?

BASTIAN: No terceiro mês. Não tenho certeza.

HELLINGER *(para um participante):* Você vai representar a criança abortada. Sente-se diante dos pais

e apoie-se neles.

Figura 6



HELLINGER (*para os pais):* Vocês dois coloquem uma das mãos sobre a cabeça do filho. Muito

suavemente. E olhem para ele.

(*Para Bastiam):* Diga a ele: “Querido filho”. Olhando para ele.

BASTIAN (*muito emocionado*): Querido filho.

HELLINGER: “Agora lhe dou um lugar em meu coração”.

BASTIAN: Agora lhe dou um lugar em meu coração.

HELLINGER: “E sinto muito”.

BASTIAN (com *voz mais dura):* Sinto muito.

HELLINGER: Diga-o suavemente, bem suavemente.

BASTIAN *(ainda com voz dura):* Sinto muito.

HELLINGER: Suavemente, com amor, para que o filho possa respirar. Você precisa olhar para ele.

BASTIAN: Sinto muito.

HELLINGER *(para a primeira mulher):* Você também diga ao filho: “Sinto muito, e dou a você um lugar

em meu coração”.

PRIMEIRA MULHER: Sinto muito, e dou a você um lugar em meu coração.

HELLINGER (*para o filho abortado):* Como você se sente?

FILHO ABORTADO: Aguardei isso por muito tempo. Do pai ainda me vem um pouco distante.

HELLINGER *(para Bastian)-.* Diga a ele: “Eu o recebo como meu filho e lhe dou um lugar em meu

coração”. E olhe-o enquanto fala. Deixe que a dor venha à tona.

BASTIAN *(muito emocionado):* Eu o recebo como meu filho e lhe dou um lugar em meu coração.

HELLINGER *(quando Bastian está muito emocionado):* Não diga nada agora, apenas respire

profundamente.

HELLINGER: Como está agora a esposa?

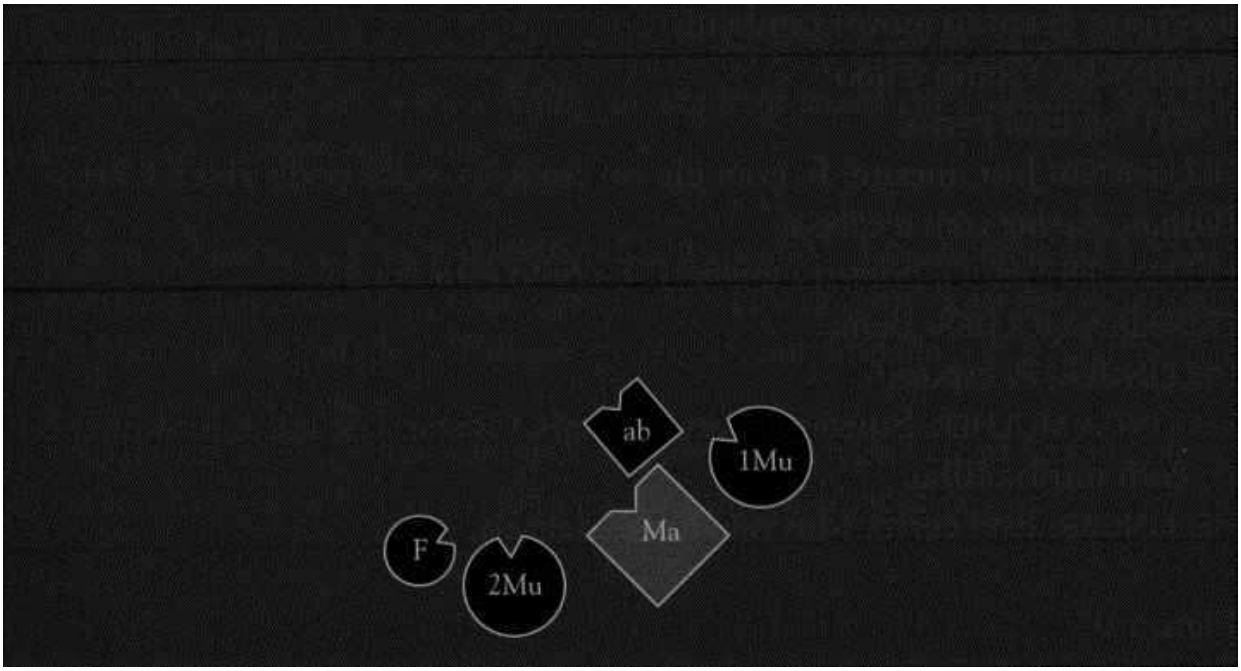
SEGUNDA MULHER: Posso olhar isso bem. Sinto-me bem com o que ocorre ali.

FILHA: Sinto minhas mãos frias e muitos calafrios nas costas. Ainda não estou bem.

Hellinger coloca a esposa ao lado do marido, e a filha do lado esquerdo dela, um pouco afastada.

Figura 7

HELLINGER: Como se sente agora?



FILHA: Muito mal. *Chora, com a respiração acelerada.*

HELLINGER: Mantenha os olhos abertos e olhe para o seu pai. Respire bem calmamente.

Hellinger coloca a mão no ombro dela e depois entre as omoplatas.

FILHA: Não consigo vê-lo direito.

HELLINGER *(para o grupo):* Ela está assumindo o sentimento do pai. Como ele não consegue

expressar totalmente a dor, a filha faz isso por ele. Por isso também não consegue vê-lo.

(Para a filha): Você precisa encará-lo. E devolva ao pai essa dor.

Ela respira e chora fortemente.

HELLINGER: Respire com muita tranquilidade. Vou colocá-la junto de sua mãe. Ali você tem mais

força.

(Para a mãe): Abrace-a.

Figura 8

HELLINGER (*para Bastian):* Diga a ela: “Eu carrego isso”.

BASTIAN: Eu carrego isso.

HELLINGER: “Essa dor é minha”.

BASTIAN: Essa dor é minha.

HELLINGER (*para afilha):* Como é isso?

FILHA (*ainda respirando muito fortemente):* Preciso de mais tempo.

HELLINGER: Diga a ele: “Eu sou apenas a criança”.

FILHA: Eu sou apenas a criança.

HELLINGER: Diga isso com amor.

FILHA (com *voz normal e tranquila):* Eu sou apenas a criança.

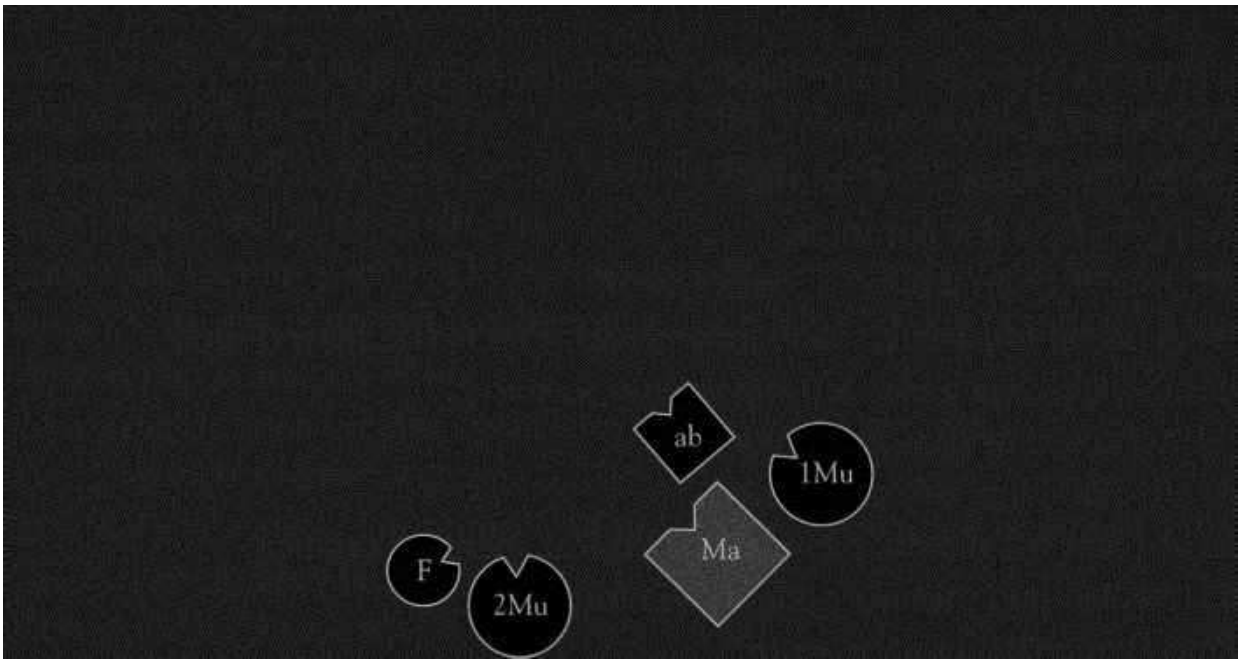
HELLINGER: Isso mesmo, agora havia força.

(Para Bastian): Como se sente?

BASTIAN: Agora me sinto melhor.

HELLINGER *(para a criança abortada):* E você?

FILHO ABORTADO: Já antes, quando olhei para minha irmã, senti amor e uma ligação. Agora



melhorou.

HELLINGER *(para Bastian):* Agora olhe para essa criança e lhe diga: “Meu querido filho”.

BASTIAN: Meu querido filho.

HELLINGER: “Eu fico mais um pouco”.

BASTIAN: Eu fico mais um pouco.

HELLINGER: e então morro também”.

BASTIAN: E então morro também.

HELLINGER: Como é isso?

BASTIAN: Está certo.

HELLINGER: Justamente. E, com ele no coração, você pode viver. Certo? *Bastian assente com a cabeça.*

HELLINGER (*para a primeira mulher*): E como está você?

PRIMEIRA MULHER: Bem.

HELLINGER: A esposa?

SEGUNDA MULHER: Sinto-me perto demais. Gostaria de me afastar um pouco com minha filha.

HELLINGER: Está certo. Mas não longe demais.

Figura 9

HELLINGER: Como está a filha?

FILHA: Melhor.

HELLINGER (*para Bastian e os representantes):* Está bem, paramos por aqui.

Resumo

O ***laço do destino:*** *Uma mulher anterior e um filho comum abortado não tinham sido honrados até então. A*

filha do segundo casamento assumiu pelo pai a dor que ele estava reprimindo.

A ***ordem:*** *O pai diz à primeira mulher: “Sinto muito”. Em seguida, diz à criança abortada: “Querido filho,*

sinto muito. Agora lhe dou um lugar em meu coração”. Depois diz à sua filha: “Eu carrego isso. A dor é

minha". E a filha lhe diz: “Eu sou apenas a criança”.

O pai diz ainda ao filho abortado: “Querido filho, eu fico ainda um pouco, depois morro também”. Com o

filho no coração, ele já pode viver.

Culpa e expiação

HELLINGER: Uma doença grave, como o câncer, também é, algumas vezes, expiação por uma culpa,

uma culpa pessoal; por exemplo, por um aborto. A necessidade de expiação atua em profundidade

na alma, independentemente do que a cabeça afirme em contrário. A necessidade de expiação ces-

sa quando olhamos nos olhos da pessoa que pagou: no nosso exemplo, quando o pai e a mãe

olham nos olhos a criança abortada e lhe dão um lugar em seus corações. Então a culpa é percebida

e a expiação cessa. Quando o homem dá à criança um lugar em seu coração — como vimos na

emoção do pai — ele sente que a criança está de acordo se ele continua vivo. Essa é, comparada à

expiação, a melhor solução para todos.

PARTICIPANTE: Pelo que você disse, eu entendi que, quando dou a alguém um lugar em meu

coração, a expiação cessa, mas a culpa permanece.

HELLINGER: Isso mesmo.

PARTICIPANTE: O que acontece então com a culpa?

HELLINGER: A culpa num aborto é irreparável, mesmo que seja reconhecida. O que se pode fazer

agora? Portanto, a culpa permanece. A culpa não reconhecida leva à expiação, que é uma tentativa

de eliminá-la. Mas quando reconheço que a culpa permanece e, como neste exemplo, reconheço a

criança abortada, a culpa se toma uma força que serve à vida. Então já não tenho o sentimento da

culpa, mas a sinto como uma força. Essa é a diferença. A culpa reconhecida leva a boas ações, em

vez de levar à expiação. Ela dá força para boas ações; e, naturalmente, para a vida, para

permanecermos nela.

OUTRA PARTICIPANTE: Quando se tenta abortar uma criança, mas depois se decide não fazê-lo, há

também uma culpa que leva à expiação?

HELLINGER: Aqui existem dois processos distintos. Primeiramente, há a ideia de fazer isso. E

depois, a decisão em contrário. Agora pergunto: o que é que conta?

A PARTICIPANTE: O contrário? A culpa? Não sei.

HELLINGER: Vou esclarecer com um exemplo. Um homem contou que sua mãe subiu a uma sacada

com ele nos braços, para se atirar. Então chorou e voltou para o quarto. Ele se lembra de que a mãe

queria pular. E o que conta?

A PARTICIPANTE: Que ela não pulou.

HELLINGER: Justamente. O mesmo ocorre aqui.

A culpa também precisa passar

PARTICIPANTE: No caso de uma criança abortada, faz diferença se digo agora que sinto muito e lhe

dou um lugar em meu coração, ou se o digo um ano ou trinta anos depois? Faz diferença em

relação à minha doença?

HELLINGER: Na alma não faz nenhuma diferença. E algo que se pode resgatar. Nesse particular, é

preciso levar em conta um princípio muito importante. Depois de algum tempo, a culpa precisa ter

o direito de passar. Quando os pais abortam um filho e depois o recebem em seu coração, é uma

bela imagem imaginarem que, durante um ano, mostram a essa criança as coisas belas do mundo.

Em seguida devem deixar que ela esteja morta. Então ela pode ter sua paz, e a culpa pode se

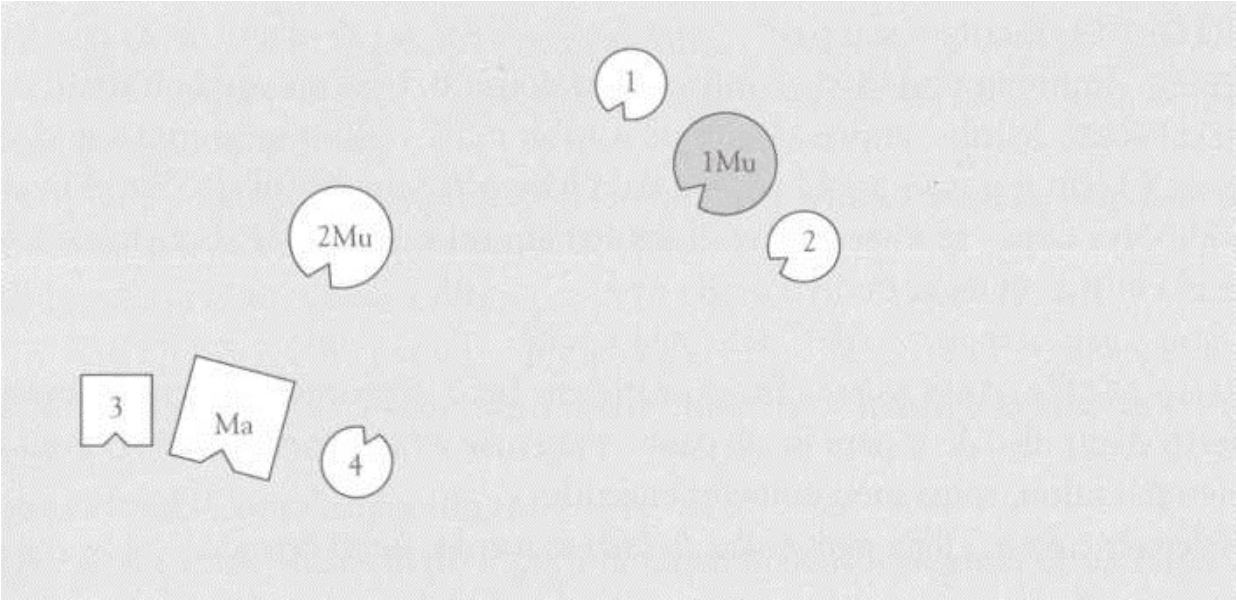
considerar passada. Levar a sério a impermanência é uma condição importante para a paz. Por

isso, a culpa e as consequências da culpa têm realmente o direito de passar, depois de algum

tempo. Podemos imaginar que, se a criança morta percebe que os pais não se desprendem da culpa

a seu respeito, isso seria muito mau para ela. Também a criança precisa ter sua paz, depois de

algum tempo.



HELEN: "EU TAMBÉM VOU"

Este é mais um exemplo de como a culpa reprimida é inconscientemente expiada, quando uma mulher diz

interiormente a uma criança abortada: “Eu também vou". Quando esta frase vem à luz, fica patente que ela é

muito má para a criança, porque seu amor não é respeitado.

A *constelação mostra que o terapeuta deve, às vezes, retirar-se quando o vínculo vem à luz- Pois ele confia*

mais na força da realidade que se manifesta do que em sua atuação como terapeuta.

HELLINGER *(para Helen):* O que você tem?

HELEN: Câncer de mama.

HELLINGER: Desde quando?

HELEN: Fui operada no verão passado.

HELLINGER: E como está agora?

HELEN: Ainda faço quimioterapia; portanto, ainda estou em tratamento.

HELLINGER: Você é casada?

HELEN: Não.

HELLINGER: Que idade tem?

HELEN: Trinta e sete anos.

HELLINGER: Tem filhos?

HELEN: Sim, duas filhas. Gêmeas.

HELLINGER: O que há com o pai das crianças?

HELEN: Ele criou uma família. Tem dois filhos pequenos com a mulher atual.

HELLINGER: Você está zangada com ele?

HELEN: Sim, mas não por causa disso.

HELLINGER: E sim...?

HELEN: Ele não quis as crianças. Queria que fossem abortadas.

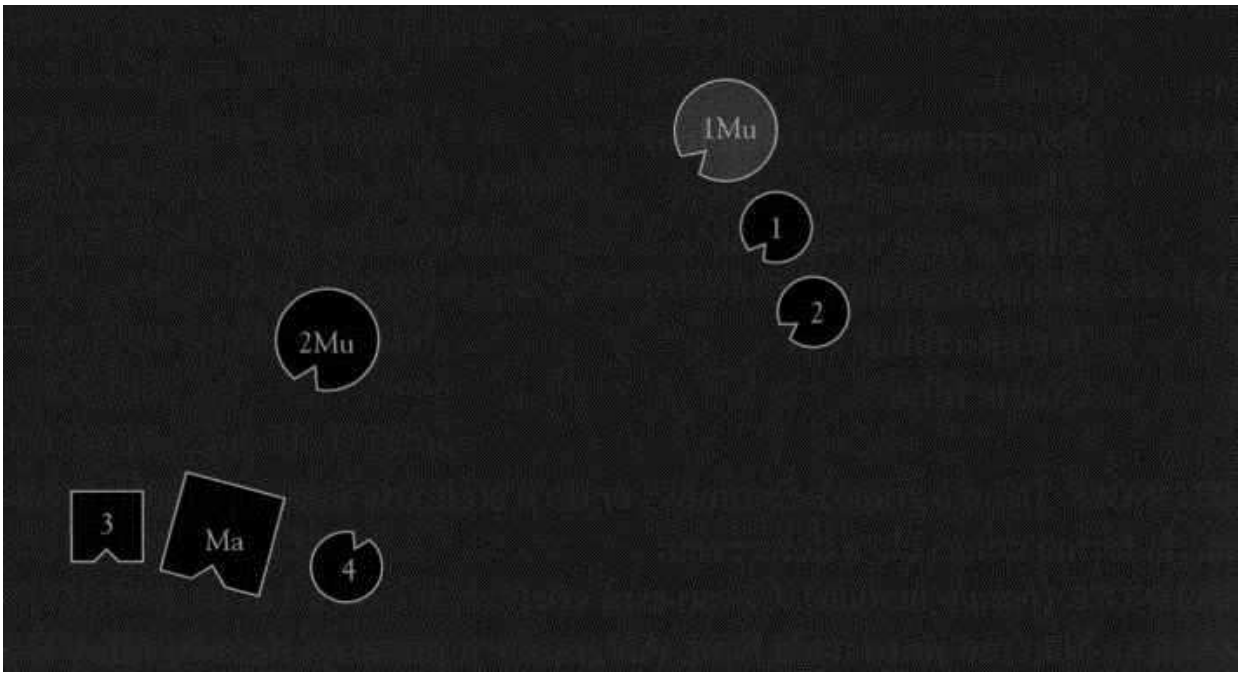
HELLINGER: Vou colocar a família atual: você, as gêmeas, esse homem, sua segunda mulher e os

outros filhos.

Figura 1

Ma

Marido



1Mu

Primeira mulher (=Helen)

1

Filha gêmea mais velha

2

Filha gêmea mais nova

2Mu

Segunda mulher

3

Terceiro filho

4

Quarta filha

HELLINGER: *(para o grupo):* Estamos vendo o efeito de uma separação leviana, da forma como ela a

descreveu.

HELLINGER *(para o marido):* Como está você?

MARIDO: Não me sinto nada bem. Alegra-me a presença de meu filho. É a única pessoa que consigo

ver. Tudo o mais foge da minha vista. Sinto um peso nas costas.

HELLINGER *(para a representante de Helen)-.* Como está você?

PRIMEIRA MULHER: Eu amo minhas duas filhas. Os outros não me importam. Mas noto que ele

também não é tão bom com a segunda mulher. Ela está numa posição errada em relação a ele.

HELLINGER (*para a gêmea mais velha):* Como está você?

FILHA GÊMEA MAIS VELHA: Estou bem. Sinto-me responsável.

HELLINGER (*para Helen):* O que há com sua mãe?

HELEN: Ainda está viva.

HELLINGER: E com o seu pai?

HELEN: Também está vivo. Ainda temos contato. Eles me ajudam muito.

HELLINGER: Minha impressão é que a filha mais velha representa um dos avós. Quem é a mãe aqui?

(*Apontando para a filha mais velha).* Ela. Ela se comporta como se fosse a mãe, o adulto em relação a

você. Isso acontece se ela entra no lugar do avô ou da avó.

(Para a gêmea mais nova): Como está você?

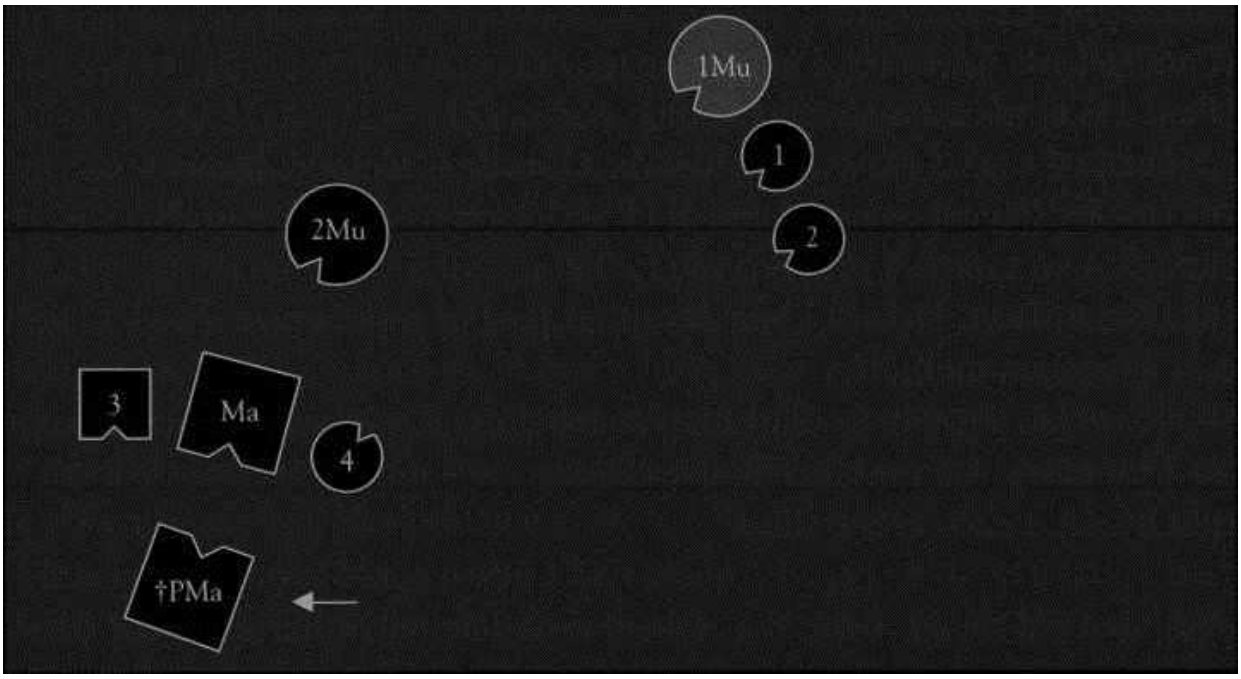
FILHA GÊMEA MAIS NOVA: Eu gostaria de ficar com minha irmã gêmea. Senti o impulso de ir para lá,

de passar pela mãe e ficar com a irmã. Quando meu pai falou, senti meu coração batendo.

Hellinger coloca a filha mais velha do lado esquerdo, junto da mãe.

Figura 2

HELLINGER: Como se sente agora?



FILHA GÊMEA MAIS VELHA: Menor.

HELLINGER: Exatamente.

(Para Helen): Agora ela é uma criança.

(Para a mais nova das gêmeas): Como está você?

FILHA GÊMEA MAIS NOVA: Equilibrada. Com duas metades iguais.

HELLINGER *(para a representante de Helen):* Como se sente agora?

PRIMEIRA MULHER: A pequena me faz falta.

HELLINGER *(para Helen):* Uma das filhas precisa representar a avó. Como está a segunda mulher?

SEGUNDA MULHER: Isso me irrita. Não me sinto absolutamente numa família. Mas não posso me

considerar excluída.

HELLINGER: Como está o filho?

TERCEIRO FILHO: Não percebo quase nada. Sinto como se estivesse sozinho com meu pai. Isso é

bom, mas é bem difícil acompanhar qualquer outra coisa.

HELLINGER: Como está a filha?

QUARTA FILHA: Gostaria de ir para lá *(apontando a representante de Helen),* sinto um impulso nessa

direção.

HELLINGER *(para o grupo):* Ela representa a primeira mulher. Isso está bem claro.

(Para Helen): O que aconteceu na família de origem do marido?

HELEN: O pai dele foi para os Estados Unidos. Separou-se da família e lá se matou, por amor a uma

mulher que não cedeu a seus apelos.

HELLINGER: É ele que o filho está representando.

(Para o grupo): Comparando o que ela disse sobre a família do marido com o que falou sobre sua

relação com ele, vejo que o marido está repetindo a conduta do próprio pai. Ele deixou a família.

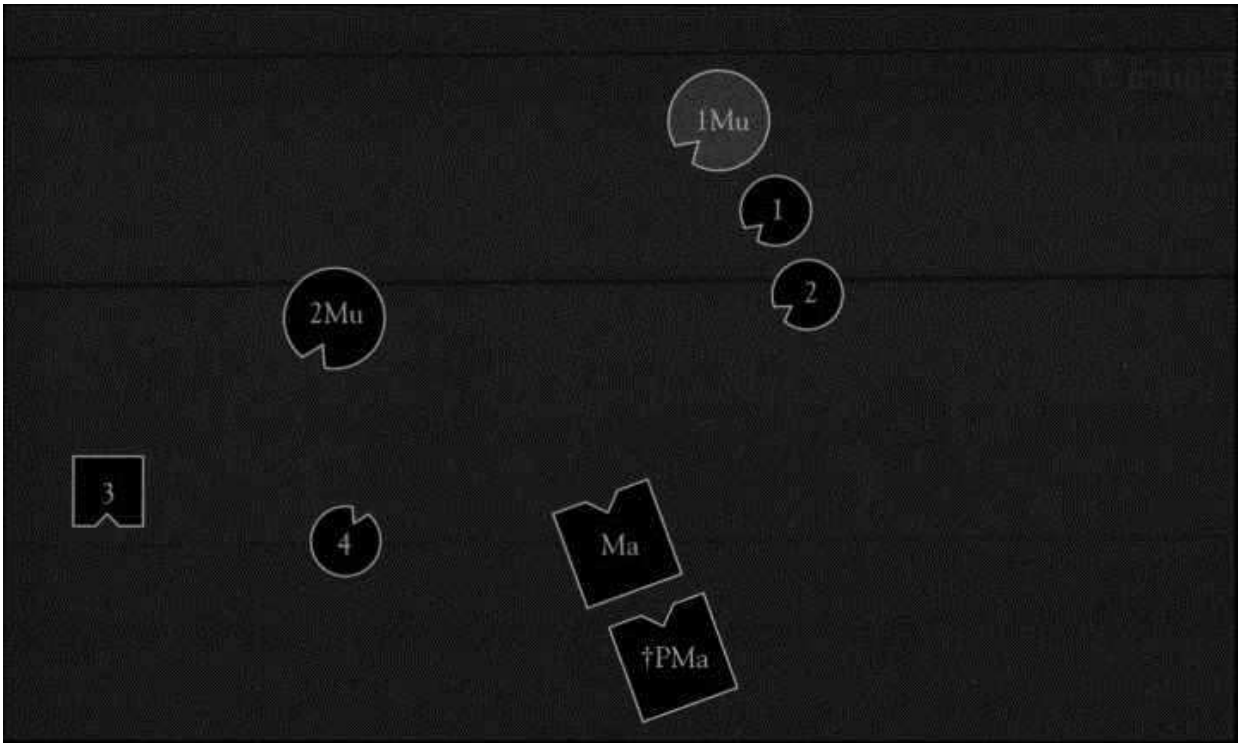
Da maneira em que está aí, está em risco de suicídio.

(Para o homem): Está percebendo isso?

MARIDO: Sim

Hellinger introduz o pai suicida e o coloca diante do seu filho, o marido.

Figura 3



†PMa Pai do marido

HELLINGER: Como ficou agora?

MARIDO: Melhorou.

HELLINGER (*para o filho):* Agora você largou o peso.

TERCEIRO FILHO: Realmente, está ótimo. Fiquei muito contente.

HELLINGER (*para o grupo):* O que ela disse do marido é muito ruim. Ele é realmente um mau-caráter.

Mas, olhando os envolvimentos, percebemos que ele não tinha outra opção. Que não existem

pessoas más, apenas pessoas enredadas.

(Para Helen): Vamos ver agora se encontramos uma boa solução para todos. Devo procurá-la?

HELEN: Sim.

Hellinger põe o marido num lugar de onde ele pode ver a todos, e coloca atrás dele o seu pai.

Figura 4

HELLINGER: Como ficou para você?

MARIDO: Agora posso me virar para onde quiser.

HELLINGER *(para a representante de Helen): Como* você se sente agora?

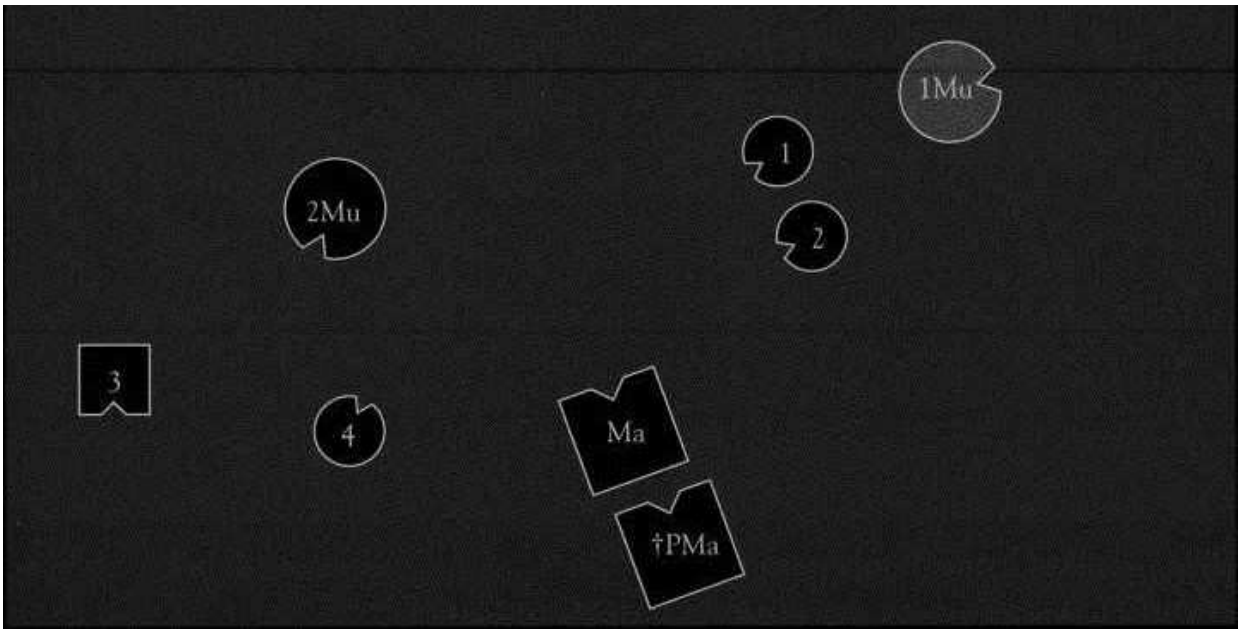
PRIMEIRA MULHER: Ele pode se virar, mas nós não o temos. Ele nos abandonou. Nós três

deveríamos aguentar isso juntas. Mas tenho a impressão de que minhas filhas se afastam de mim.

Estou só e as duas são independentes. Isso me dói muito, pois queria ficar com elas. Não

precisamos do pai.

Hellinger a vira e dá alguns passos com ela para longe da família.



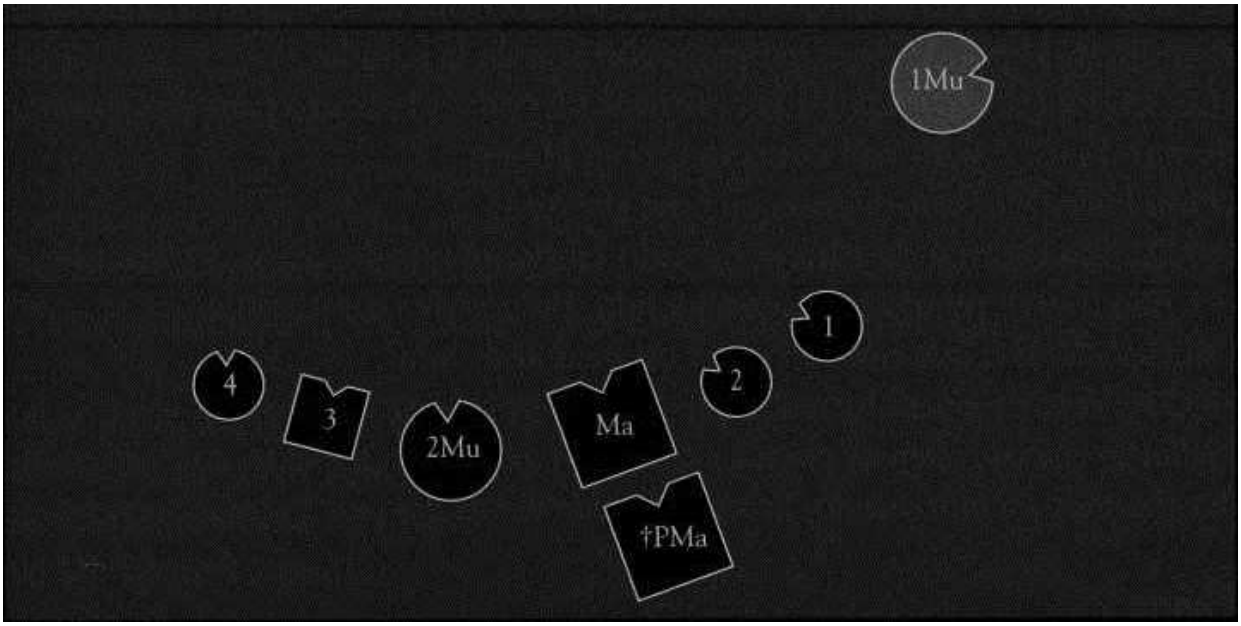


Figura 5

HELLINGER: Que tal assim?

PRIMEIRA MULHER: Não, não é bom. Sinto falta de minhas filhas.

Hellinger coloca a própria Helen em lugar de sua representante.

(Para Helen): Contate primeiro o seu sentimento. — Como está você?

HELEN: Estou triste. Sinto que não posso viver sem minhas filhas. *Está muito emocionada e chora*

HELLINGER *(depois de algum tempo):* O que é?

HELEN: Está claro para mim. Esta sensação é clara para mim.

HELLINGER: O que é claro para você?

HELEN: Que minhas filhas são muito importantes para mim.

HELLINGER: O sentimento que está surgindo é bem diferente. Não tem nada a ver com as filhas.

HELEN *(respira profundamente):* Não, não tem nada a ver com as filhas.

HELLINGER: Justamente. Com quem ele tem a ver?

HELEN *(chora):* Tem a ver com uma criança abortada. Tem a ver com minha avó.

HELLINGER: Vou deixar você aqui enquanto coloco aquilo em ordem. Depois trago você. Está bem?

Ela ri e concorda.

Hellinger coloca primeiro as gêmeas ao lado do pai.

Figura 6

HELLINGER: Que tal assim?

FILHA GÊMEA MAIS VELHA: É muito bom, muito forte.

FILHA GÊMEA MAIS NOVA: Eu já sentia um impulso nesse sentido.

MARIDO: Aqui me sinto mais livre.

HELLINGER (*para a segunda mulher):* Agora você pode ficar junto do marido. Como se sente?

SEGUNDA MULHER: Sinto-me supérflua, estou sobrando.

HELLINGER: Espere um pouco.

Hellinger coloca o filho e a filha ao lado da mãe. Como está agora?

SEGUNDA MULHER: É agradável estar numa roda.

HELLINGER: Como se sente em relação ao marido?

SEGUNDA MULHER *(suspira):* Bem, em comparação ao que estava antes, é bom estar ao seu lado.

HELLINGER *(para o grupo):* Ela não se atreve a tomar o marido, porque o tem à custa da primeira

mulher.

(Para a segunda mulher): Afaste-se um pouco mais. Como é isso?

SEGUNDA MULHER: É melhor.

HELLINGER: Está certo.

MARIDO: Assim está bom.

HELLINGER *(para o filho):* Como está você agora?

TERCEIRO FILHO: Muito bem. Antes eu queria ficar com meu pai. Agora acho bom ficar com minha

irmã e minha mãe, ao lado de meu pai.

HELLINGER *(para a filha):* E você?

QUARTA FILHA: No começo eu sentia muita vontade de ficar com a primeira mulher do pai. Mesmo

agora eu gostaria de ir para lá.

HELLINGER *(para o grupo):* Ela continua identificada com a primeira mulher do pai. Bem. Agora vou

continuar com Helen.

(Para Helen): O que aconteceu com sua avó?

HELEN: Ela morreu de câncer quando eu tinha uns dez anos. Morreu rápido, não houve tempo para

a despedida. Eu gostava muito dela.

HELLINGER: E o que houve com a criança abortada?

HELEN: Veio de outra ligação, que acabou por causa do aborto.

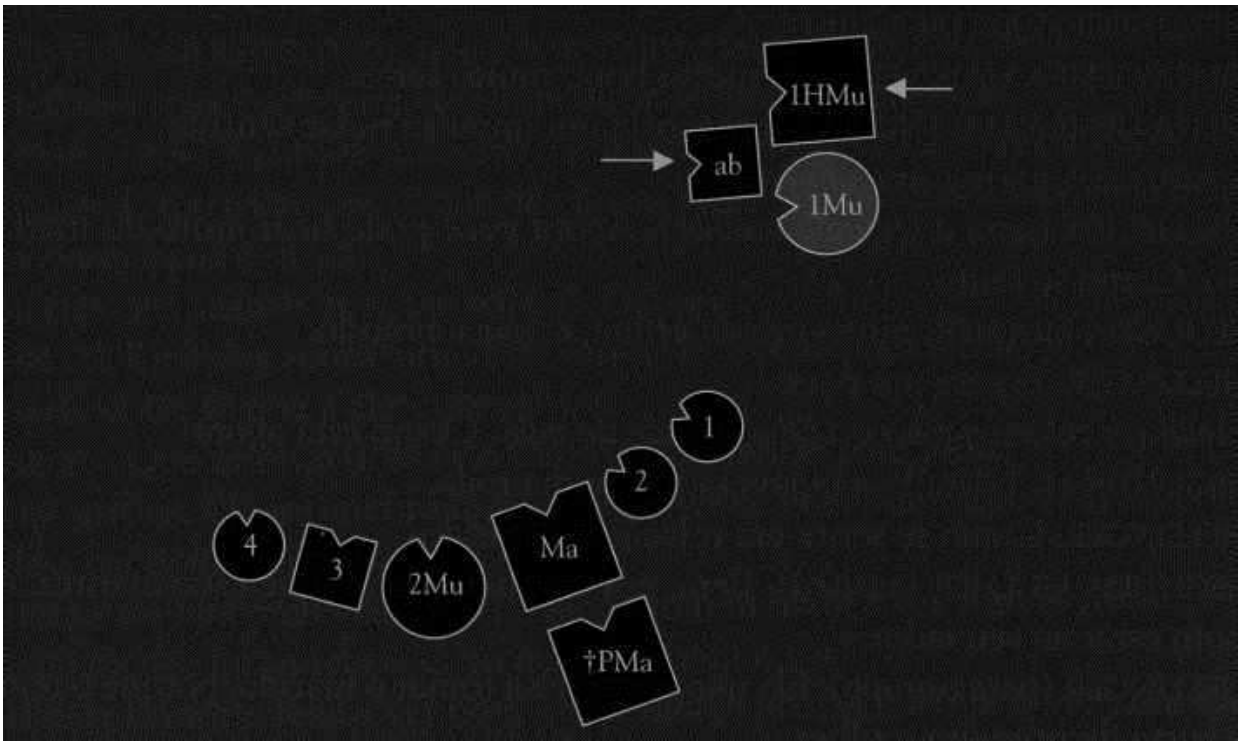


Figura 7

ab

Criança abortada

1HMu Primeiro homem da primeira mulher

Hellinger coloca Helen no círculo e o primeiro parceiro a seu lado, à direita. O filho abortado foi introduzido,

ficando sentado diante dos pais e apoiando-se neles.

HELLINGER (*para Helen, que sorri para o seu primeiro parceiro*): O que há?

HELEN: Não sei.

HELLINGER: Estamos vendo o que há.

HELEN (ri): Eu estou feliz.

HELLINGER: Justamente. É o primeiro amor. E a criança? Em sua imagem era um menino ou uma

menina?

HELEN: Um menino.

HELLINGER: Você lembra a sensação que teve antes, quando você estava ali?

HELEN: Não sei dizer.

HELLINGER: Você se lembra do que houve antes? — Olhe para o filho e dê lugar à emoção. E ponha

a mão na cabeça dele.

(Ao *parceiro anterior*): Você também.

(Para Helen): Olhe para o filho. Diga a ele: “Eu também vou”.

HELEN: Eu também vou. *Chora*

HELLINGER: Olhe para ele.

HELEN: Eu também vou.

HELLINGER: A frase está certa?

HELEN: Eu não gostaria.

HELLINGER: Perguntei se está certa.

HELEN: Sim.

HELLINGER *(depois de algum tempo):* Agora vou deixar assim. Tome a sério esse sentimento.

Helen assente.

HELLINGER: Bem. Então ficamos nisso.

Comentário posterior: Talvez a mais velha das gêmeas não estivesse representando no início um dos pais da

mãe, e sim o seu primeiro parceiro.

Resumo

O *laço do destino:* *Helen se separou do pai de suas filhas gêmeas porque ele queria que fossem abortadas.*

Numa ligação anterior ela abortara uma criança. Ela diz ao filho abortado: "Eu também vou".

A ***ordem:*** *As gêmeas precisam ficar com o pai. O efeito curativo vem do amor ao parceiro anterior e à criança*

abortada.

A realidade

HELLINGER: Estou ouvindo muitas vozes protestando interiormente e dizendo: Ele precisa fazer

mais alguma coisa; as coisas não podem ficar assim. Porém vou lhes contar um segredo. A

pergunta é: O que é que atua? Sou eu que atuo? O que é que faz efeito?

O que atua é a realidade, quando se manifesta e é olhada de frente. Quando alguém age afastando-

se dela, despreza a realidade e a coloca em questão, as consequências são muito graves. A

realidade é amiga quando encarada e respeitada. O terapeuta que se afasta dela para fazer mais

alguma coisa é inimigo do paciente e inimigo da solução, pois ele se coloca acima da realidade.

GERTI (1) —A SERIEDADE

HELLINGER: Você está disposta?

GERTI: Espero que sim.

HELLINGER: Está disposta?

Gerti não responde.

HELLINGER: Nosso trabalho é sério, você sabe disso.

GERTI: Hum-hum.

HELLINGER: Vamos começar a sério?

GERTI: Se não for assim, não ajuda.

HELLINGER: Minha pergunta foi: Vamos começar a sério?

GERTI: Sim.

HELLINGER: Não tenho certeza se você está firme. O que ocorreu em sua família de origem?

GERTI: Minha irmã mais velha morreu com quatro anos. Eu tinha sete meses de idade.

HELLINGER: Quem ajuda você a ficar séria?

GERTI (um *pouco resistente):* Não faço ideia.

HELLINGER: Reflita um pouco. Quem ajudaria você a tomar o assunto com seriedade?

GERTI: Devo responder isso?

HELLINGER: Por que não? Eu também posso responder, é claro.

GERTI: Acho preferível.

HELLINGER: Não; como você vai fazer, prefiro que você mesma responda.

Gerti ri e desvia o olhar.

HELLINGER: Então, quem ajuda você?

Gerti se cala e sacode a cabeça.

HELLINGER: Acho que precisamos aguardar. De acordo?

Gerti acena, concordando.

HELLINGER: Está bem.

Doença e inocência

HELLINGER: Muita gente acha que para os doentes a morte é ruim. Não é verdade, em absoluto.

Para eles a vida é ruim. E eu sei por quê. Descobri isso. Quem adoece gravemente e morre de

câncer, por exemplo, sente-se inocente e pertencendo à família num sentido profundo. E quem se

livra da doença teme deixar de pertencer a ela se sobreviver. E por isso prefere morrer. Assim

procedem as crianças pequenas. É preciso dizer-lhes que isso não é assim.

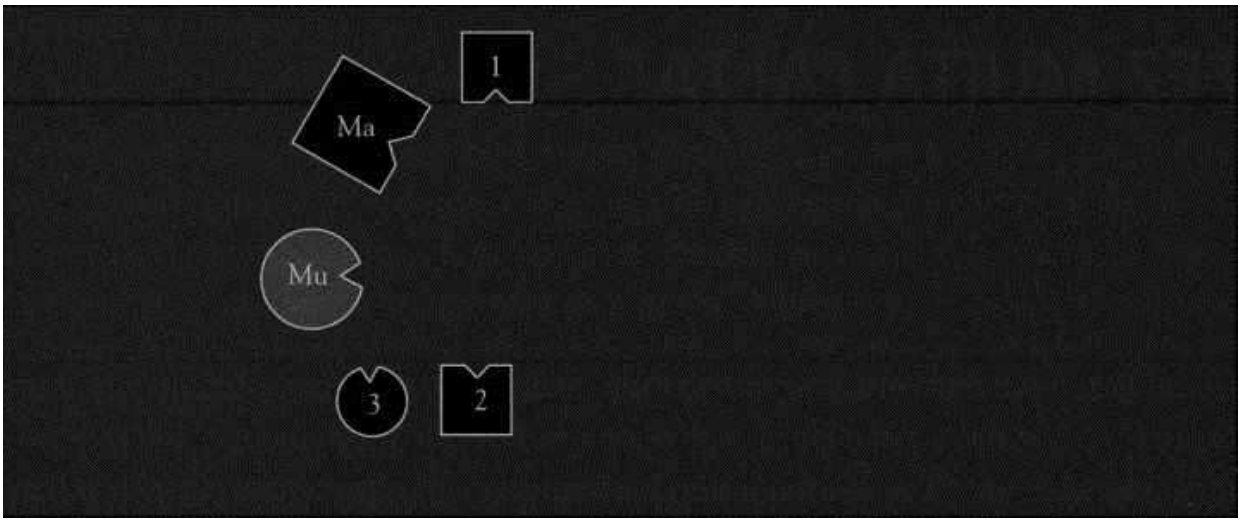
Decidir-se pela vida, por um destino maior, produz na pessoa um sentimento de solidão. Quem se

desprende da mãe, do pai, de um irmão, ou de outra pessoa, tem de abandonar a união simbiótica

com eles. Só nas alturas, por assim dizer, somos fortes, leves — e sós. Nesse modo de estar sós nos

ligamos a muitas coisas, mas não com a mesma intimidade do nível simbiótico, pois agora nos

ligamos como pessoas autônomas.



CHRISTEL: "VOCÊ ME FEZ MUITA FALTA"

Quando um parceiro anterior morre num acidente, o parceiro sobrevivente muitas vezes permanece fiel a ele.

Disso pode resultar que intimamente deseje segui- lo na morte, e um filho de uma união posterior poderá

representar para ele o parceiro falecido. A despedida só é possível quando se reconhece o amor pelo parceiro

anterior. Assim, tanto o parceiro sobrevivente quanto o filho poderão desprender-se do laço do destino que os

liga ao falecido.

HELLINGER *(para Christel):* Qual é a sua doença?

CHRISTEL: Tive câncer de mama, fui operada há três anos e meio, e há vinte anos sofro de colite

ulcerosa. É uma inflamação do intestino grosso que retorna periodicamente. De um ano para cá,

ela se tornou aguda e não melhora com remédio nenhum. Não posso comer nada e tenho

distúrbios de digestão.

HELLINGER: Você é casada?

CHRISTEL: Sim. Tenho dois filhos próprios e uma filha de criação.

HELLINGER: Que idade tem a filha de criação?

CHRISTEL: Quinze anos.

HELLINGER: De quem você a pegou?

CHRISTEL: De um orfanato, quando ela tinha três anos de idade.

HELLINGER: O que aconteceu aos pais dela?

CHRISTEL: Eles estão vivos. O pai bebe e a mãe é deficiente mental. Não podiam cuidar da criança.

Já tinham uma filha mais velha, que também foi entregue à adoção. A mais nova foi para o

orfanato. Foi lá que a conhecemos.

HELLINGER: Vou colocar a sua família atual: o seu marido, você, os dois filhos próprios e a filha de

criação. Você já viu como funciona?

CHRISTEL: Sim.

Figura 1

Ma

Marido

Mu Mulher (=Christel)

1

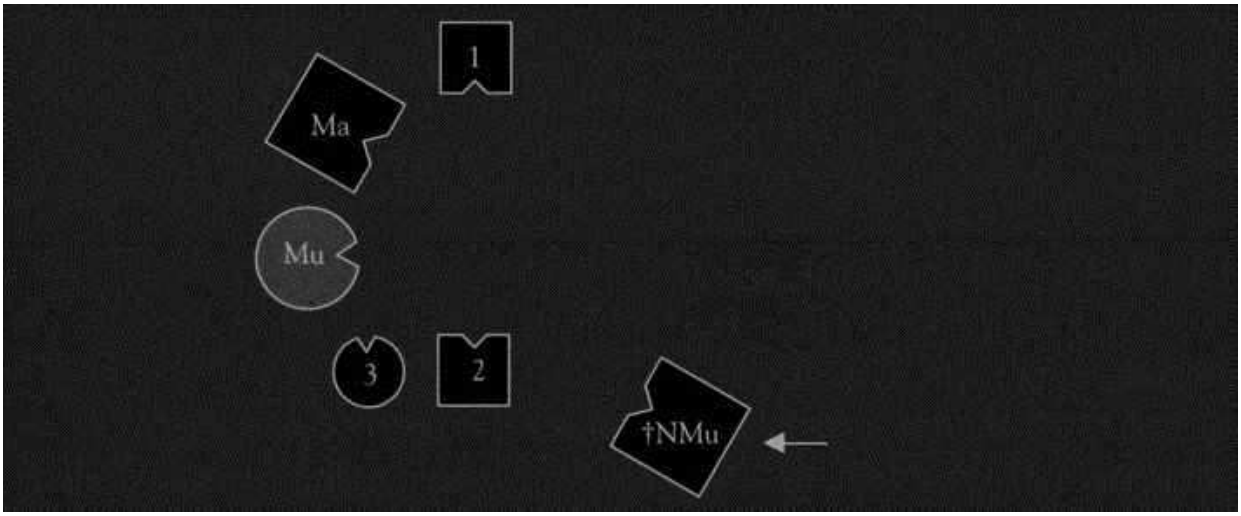
Primeiro filho

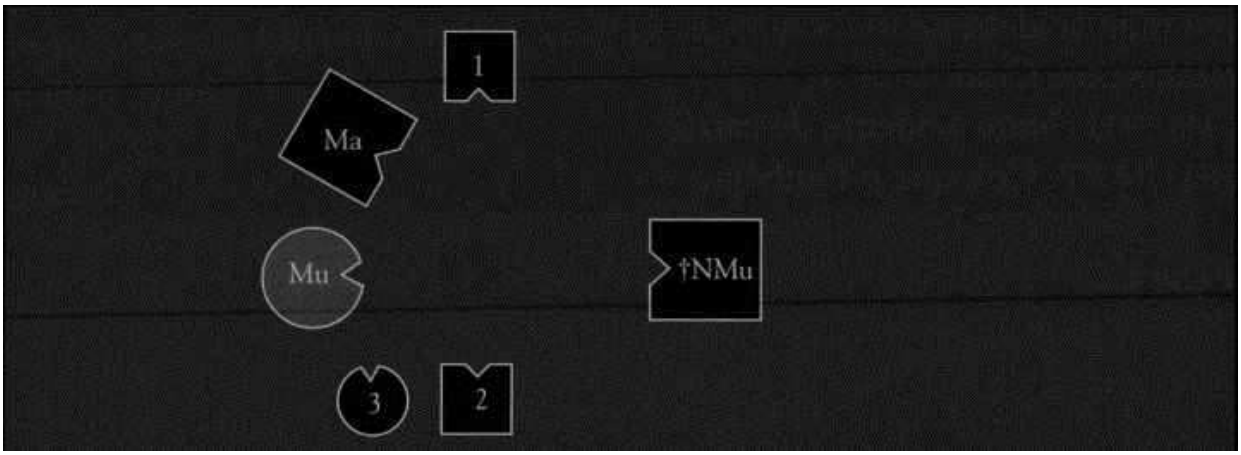
2

Segundo filho

3

Filha de criação





HELLINGER: Como está o marido?

MARIDO: Sinto-me fora de lugar em relação às três pessoas que estão diante de mim.

HELLINGER: Como está a mulher?

MULHER: Estou olhando para o vazio.

HELLINGER: E o filho mais velho?

PRIMEIRO FILHO: Não consigo olhar ninguém nos olhos.

HELLINGER: E o mais novo?

SEGUNDO FILHO: Sinto-me oprimido.

HELLINGER: A filha de criação?

FILHA DE CRIAÇÃO: Sinto uma resistência, e o irmão mais novo me deixa aflita. E estou

comprimindo o braço direito contra meu corpo.

HELLINGER *(para Christel):* Você ou seu marido tiveram antes outra relação estável?

CHRISTEL: Eu tive um namorado. Foi o meu primeiro grande amor. Ele morreu num acidente.

HELLINGER: Como?

CHRISTEL: Num acidente de carro.

HELLINGER: Coloque-o também.

Figura 2

†NMu Ex-namorado da mulher

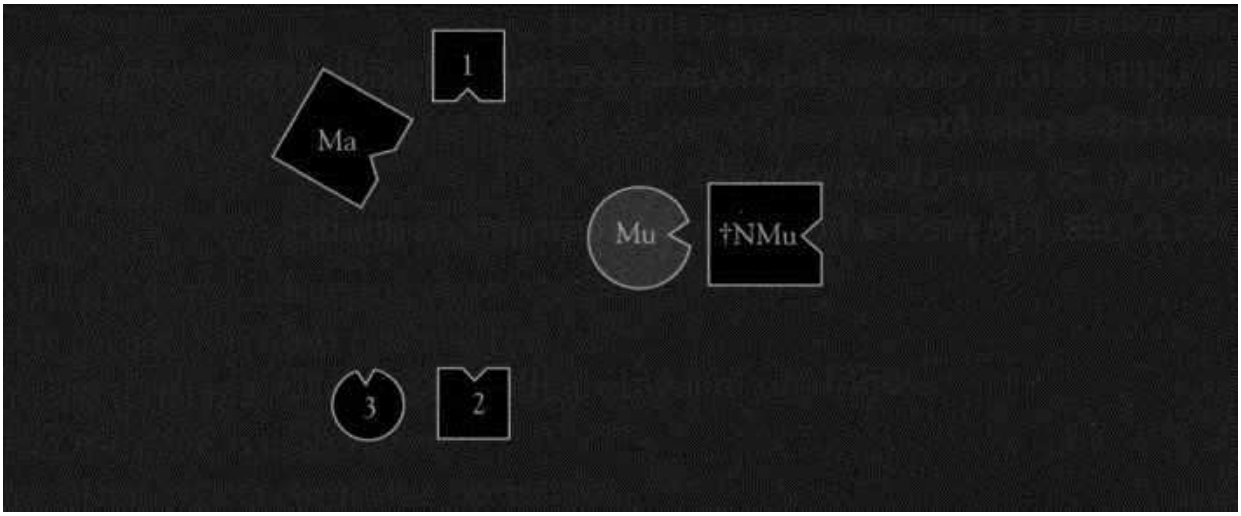
HELLINGER: O que mudou para a mulher?

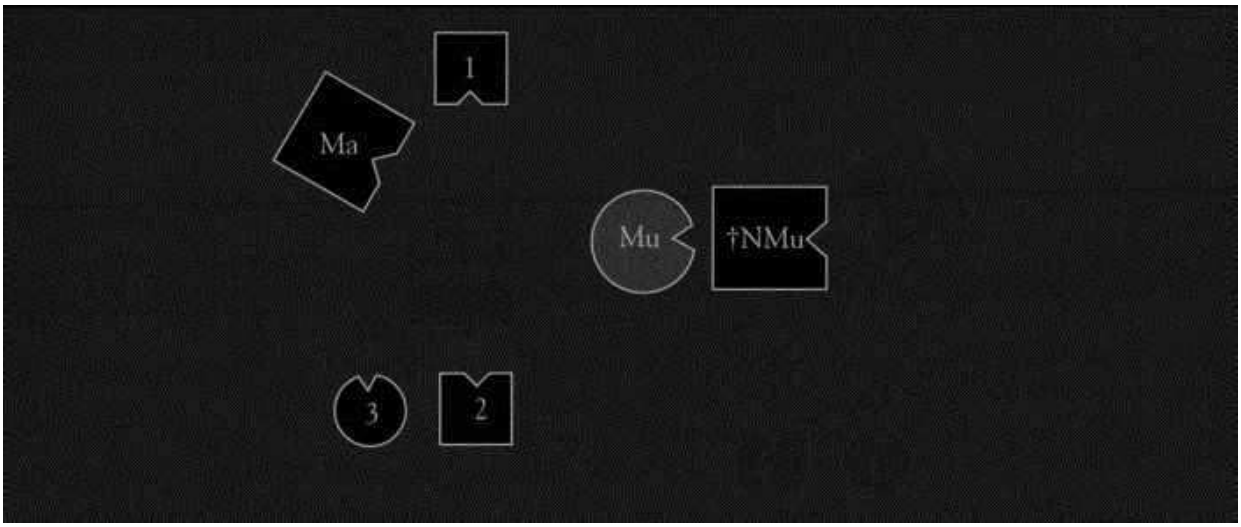
MULHER: Estou vendo-o de lado, mas continuo olhando para o vazio. Sinto- me atraída para fora.

MARIDO: Só vejo o ex-namorado.

HELLINGER: Ele precisa ficar bem de frente para a mulher.

Figura 3





HELLINGER: Como se sente agora?

MULHER: Para mim seria mais fácil se ele ficasse um pouco mais longe, mas a direção está certa. É

melhor.

HELLINGER (*para o ex-namorado da mulher)-.* Como você se sente?

†EX-NAMORADO DA MULHER: Neutro. Aqui estou melhor do que onde estava antes.

Hellinger o vira e o afasta alguns passos, colocando a mulher atrás dele.

Figura 4

HELLINGER: Que tal assim?

MULHER: Está melhor.

HELLINGER (*para Christel):* A dinâmica aqui é a seguinte: “Eu sigo você na morte”. O que você diz

sobre isso?

Christel se cala.

HELLINGER: Ocupe o seu lugar na constelação. Como é isso para você?

CHRISTEL: Meu coração está batendo com muita força.

HELLINGER *(para o ex-namorado):* Como é isso para você?

†EX-NAMORADO DA MULHER: Levantei a cabeça. Estou melhor.

HELLINGER: Agora vou virar você de novo.

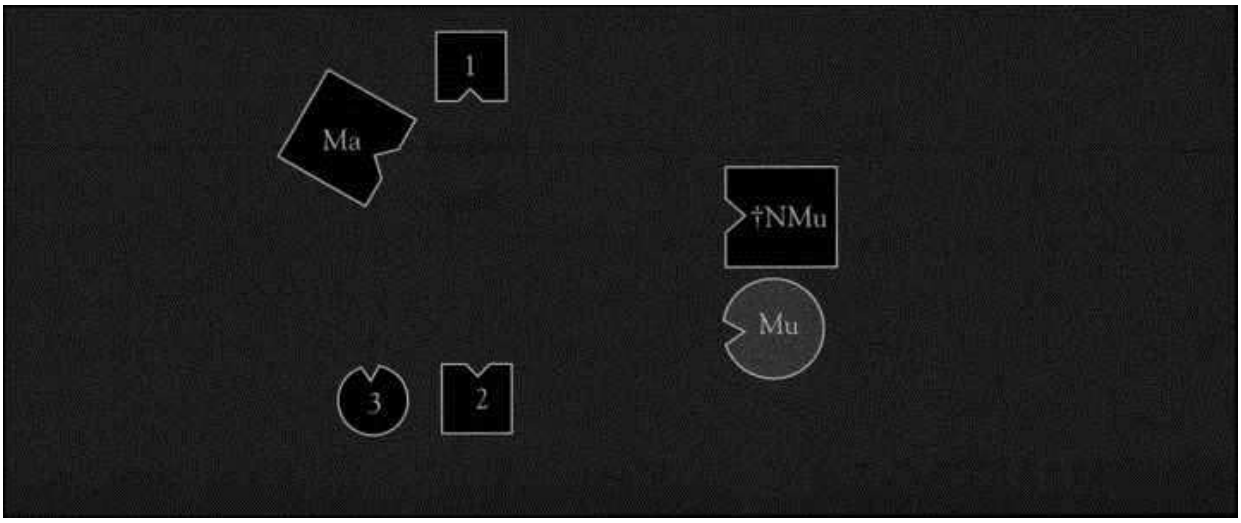
Figura 5

HELLINGER *(para Christel):* Olhe para ele. Como ele se chamava?

CHRISTEL: Josef.

HELLINGER: Diga: “Querido Josef". Olhe-o nos olhos.

CHRISTEL: Querido Sepp. *(Para Hellinger):* Eu o chamava de Sepp.



HELLINGER: Diga a ele: “Eu também vou”.

CHRISTEL: Eu também vou.

HELLINGER: Diga isso com amor.

CHRISTEL: Eu também vou.

HELLINGER: “Querido Sepp, eu também vou”.

CHRISTEL: Querido Sepp, eu também vou.

HELLINGER: Como é isso?

CHRISTEL: Não é bom. Estou muito nervosa.

HELLINGER *(para o ex-namorado):* O que acontece com você?

†EX-NAMORADO DA MULHER: Foi desagradável para mim ouvi-la dizer que vem também.

HELLINGER *(para Christel, ao presenciar sua emoção):* Mantenha a boca aberta e respire fundo, e fique

olhando para ele. Respire fundo.

Ela inclina a cabeça e a recosta no peito do namorado. Ele a abraça.

HELLINGER (*para Christel, algum tempo depois):* Recue um passo. Diga a ele: “Você me fez muita

falta”.

CHRISTEL: Você me fez muita falta.

HELLINGER: “Por favor, olhe com carinho se eu fico”. E encare-o nos olhos.

CHRISTEL: Por favor, olhe com carinho se eu fico.

HELLINGER: Agora fique ao lado dele e lhe apresente sua família.

Figura 6

HELLINGER: Diga a ele: “Este é o meu marido, e estes são meus filhos”.

CHRISTEL: Este é o meu marido... *(chora)* . e estes são os meus filhos.

HELLINGER: “Por favor, olhe para nós com carinho”. E diga isso olhando nos olhos dele.

CHRISTEL: Por favor, olhe para nós com carinho.

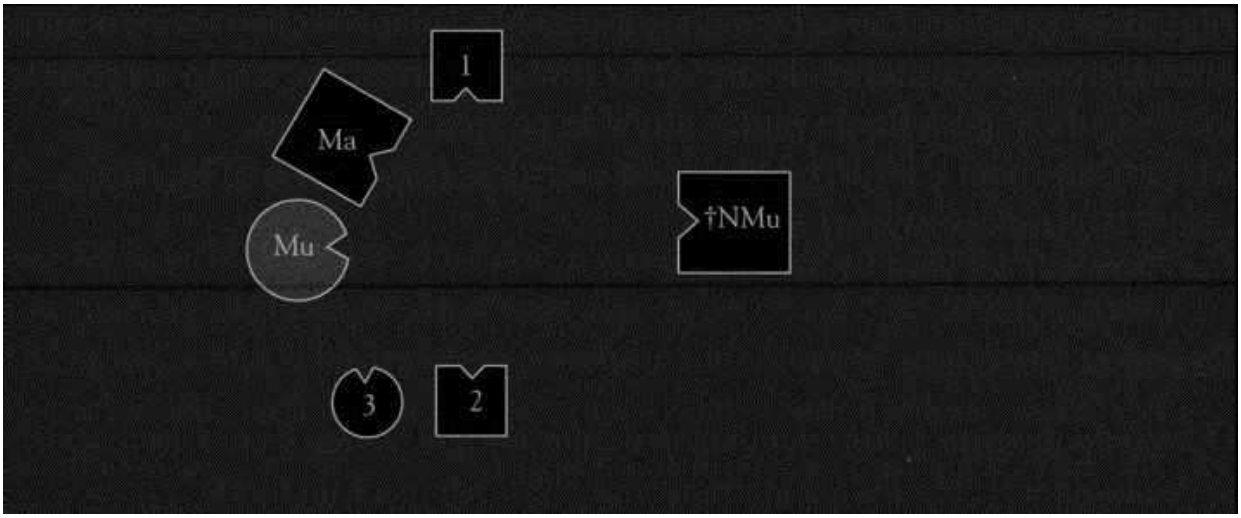
†EX-NAMORADO DA MULHER: Sim, quero fazer isso.

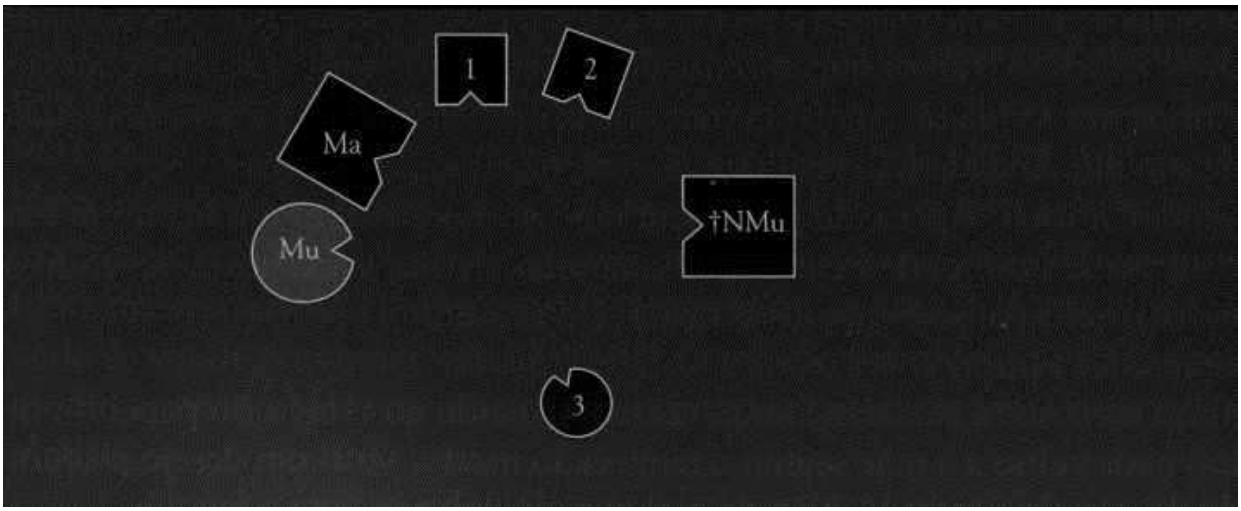
HELLINGER *(para Christel*): Diga a ele: “Você tem um lugar em meu coração”.

CHRISTEL: Você tem um lugar em meu coração.

HELLINGER: “Agora vou ficar com meu marido e com meus filhos”.

CHRISTEL *(um pouco resistente*): Agora vou ficar com meu marido e com meus filhos.





HELLINGER: Diga isso com amor.

CHRISTEL: Agora vou ficar com meu marido e com meus filhos.

HELLINGER: Agora volte para junto de seu marido.

Figura 7

HELLINGER: Como se sente aí?

CHRISTEL: Confortável.

HELLINGER: E o marido?

MARIDO: Bem.

HELLINGER: O filho mais velho?

PRIMEIRO FILHO: Sinto-me agora como filho nessa família. Antes eu me sentia como o falecido.

Agora posso olhar para minha mãe.

HELLINGER: E o filho mais novo?

SEGUNDO FILHO: Ficou um pouco menos angustiante, desde que ela voltou.

HELLINGER: Agora você precisa ficar junto de seu irmão.

Hellinger o coloca junto do irmão mais velho e coloca a filha de criação de frente para seus pais de criação.

Figura 8

HELLINGER *(para a filha de criação, quando vê que ela está sorrindo):* Sim?

FILHA DE CRIAÇÃO: Estou bem aqui. Estou aliviada. No começo eu nem os queria, e estava contente

de me sentir fora dessa história, a não ser pelo irmão caçula. Agora fiquei muito aliviada porque

ela voltou.

HELLINGER *(para Christel):* Diga a seu marido e a seus filhos: “Eu fico”.

CHRISTEL *(com voz clara):* Eu fico.

HELLINGER: Está bem, terminamos.

Resumo

O ***laço do destino:*** *Christel tinha um namorado que perdeu a vida num acidente de automóvel. Ela lhe diz*

interiormente: “Eu sigo você na morte”.

A ordem: *Para evidenciar a dinâmica oculta, Christel diz ao namorado: “Eu também vou”. Depois diz a ele:*

“Você me fez muita falta. Por favor, olhe com carinho se eu fico”. Ela apresenta a ele seu marido e seus filhos

e diz: “Este é o meu marido, e estes são os meus filhos. Por favor, olhe para nós com carinho”. Ela lhe diz:

“Você tem um lugar em meu coração. Agora eu fico com meu marido e meus filhos”. Ela diz ao marido e aos

filhos: “Eu fico”.

“Eu sigo você”

HELLINGER: Gostaria de dizer mais alguma coisa sobre esta dinâmica. Quando morre um antigo

parceiro que foi profundamente amado — pois ficou claro que ela amava muito o Sepp — existe,

muitas vezes, a tendência de segui-lo na morte. Então o parceiro seguinte tem poucas chances. E os

filhos também ficam em perigo, porque um deles passa a representar o morto. Vimos aqui, pela

reação do filho mais velho, que ele o estava representando. Porém, quando o morto é considerado

e olhado nos olhos, quando se expressa o amor que se sente por ele e se pede a ele que olhe com

carinho para a vida tal como ela transcorre, ele fica em paz. Fica sabendo que de sua infelicidade

não resultará algo de mau para os outros.

(Para Christel): Agora ele pode ficar em paz, porque tem um lugar em seu coração. E você pode

ficar com sua família. Assim você ficará devendo a todos, inclusive ao Sepp, a sua saúde. De

acordo?

CHRISTEL: Sim.

REPRESENTANTE DO FILHO MAIS VELHO: Quando eu estava no papel do filho mais velho e a mãe

seguiu o namorado morto, senti um desejo profundo de que ela ficasse lá. Não desejei que ela

voltasse para a família.

HELLINGER *(para Christel)-.* Se um vai embora, o outro pode ficar. Se a mãe vai embora, o filho pode

ficar. Mas, se a mãe volta reconciliada, ambos podem ficar.

Parceiros anteriores precisam ser honrados

PARTICIPANTE: Quando um filho toma o lugar de um parceiro anterior, os pais têm a possibilidade

de mudar algo nisso ou de fazer alguma coisa?

HELLINGER: Sim, eles têm essa possibilidade. Mostrei aqui como se faz isso. O antigo parceiro

precisa ser honrado. Assim, um homem casado pela segunda vez precisa honrar sua primeira

mulher. Em outras palavras, ele precisa receber o que ela lhe deu e levar isso consigo para a nova

relação. E precisa assumir sua parte de culpa pela separação e deixar à mulher a parte dela. E a

segunda mulher deve dizer interiormente à primeira: “Tenho meu marido à sua custa, eu a

reconheço. Você é a primeira e eu sou a segunda. Eu assumo o segundo lugar. Porém, agora recebo

o meu marido como meu marido”. Essa seria a solução. Já não será preciso que um dos filhos

represente a primeira mulher, repetindo o seu destino. O mesmo vale no caso de um marido

anterior.

Algumas pessoas, ao ouvirem que um parceiro anterior é sempre representado por um filho da

relação subsequente, acham que nesse caso não há solução para os parceiros posteriores e os filhos

da nova relação. Eles se esquecem de que estou dando a solução. Ela é como demonstrei aqui.

Agora tornei a dizê-la, em termos gerais.

Como nasce um vínculo

PARTICIPANTE: Quando é que uma relação antes do casamento é significativa? O que precisa ter

ocorrido?

HELLINGER: Uma relação importante nasce pela consumação do amor. Nem sempre é claro quando

se cria um vínculo. Mas é possível ver isso numa constelação. Não se pode estabelecer critérios

fixos. Quando houve um filho, mesmo que não tenha nascido, há sempre um vínculo forte. Um

noivado é, via de regra, um vínculo forte. O mesmo acontece com um casamento anterior. Mas não

existe uma regra geral para julgar os casos intermediários.

DORIS: "PAPAI, EU VENHO COM AMOR" — A

DOENÇA COMO PESSOA

Nesta constelação fica especialmente claro o que significa deixar-se conduzir somente pela percepção imediata

e pelas indicações dos pacientes. O *terapeuta acompanha a vibração da alma dos pacientes, em sintonia com o*

destino deles. Com isso, faz com que a alma deles também vibre. Terapeuta e cliente se entregam a uma força

superior e atuam juntos de uma maneira que ultrapassa em muito os efeitos da intenção ou do medo.

HELLINGER *(para Doris*): Qual é a sua doença?

DORIS: Tenho câncer de mama. E, em 1990, tive uma crise psicótica, desencadeada por um

alucinógeno. Eu estava depressiva.

HELLINGER: Você está louca ou o quê?

DORIS: Não.

HELLINGER: Eu só queria saber. — Por que a gente toma um alucinógeno? Como é mesmo o nome?

DORIS: É uma droga.

HELLINGER: Por que a gente toma algo assim?

DORIS: No meu caso eu diria que foi por uma falsa curiosidade.

HELLINGER: A imagem que faço dessas pessoas é que não lhes basta o que possuem.

DORIS: Na época eu tinha pouco, é verdade.

HELLINGER: Quem sabe.

DORIS: Não me bastou.

HELLINGER: Isso.

DORIS: Eu era infeliz.

HELLINGER: Sim. Mas é loucura, quando a gente percebe o que tem.

DORIS: É verdade. Agora sei o que tenho.

HELLINGER: Esse é o outro lado da presunção, quando não basta o que a gente tem.

DORIS: Repita, por favor. Não entendi.

HELLINGER: Esse é o outro lado — sua doença, por exemplo — quando não basta o que a gente tem.

DORIS: Achei que meu tempo tinha se esgotado. Então fiquei com câncer de mama.

HELLINGER: Agora você voltou ao chão da realidade.

DORIS: Sinto que voltei para ela no decorrer dos anos.

HELLINGER: Às vezes chegamos aí por meio da doença. Então ela é uma bênção.

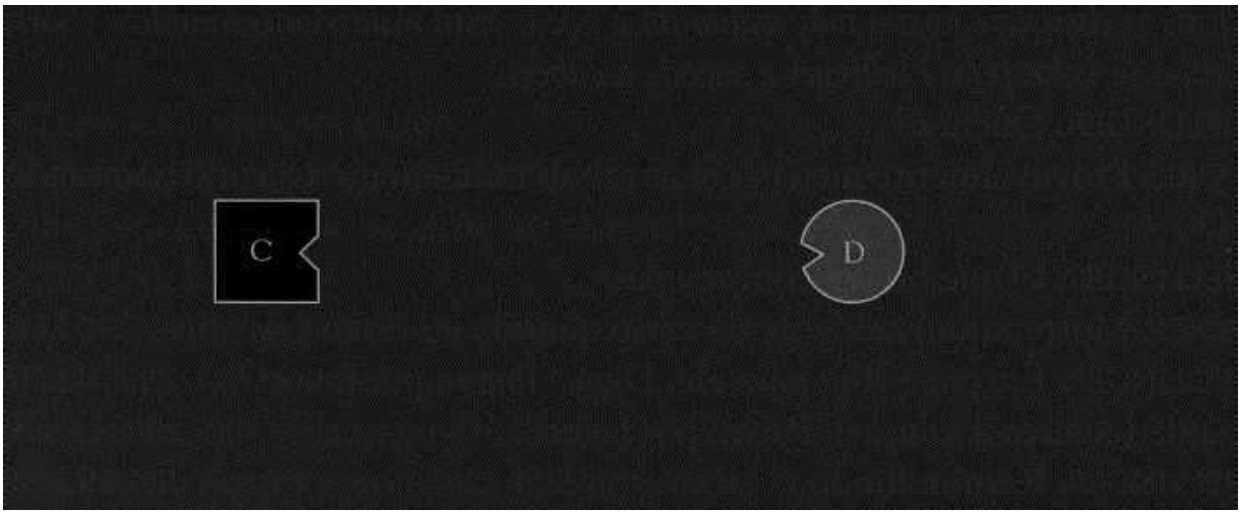
DORIS: Acho sempre importante que a gente reaja à doença ou a enfrente, seja como for.

HELLINGER: A gente a olha nos olhos, com amor.

DORIS *(suspira):* É algo perigoso, com uma doença perigosa.

HELLINGER: Você pode testar como é isso. Escolha alguém que represente a doença.

Doris escolhe um homem e se coloca diante dele, a uma boa distância.



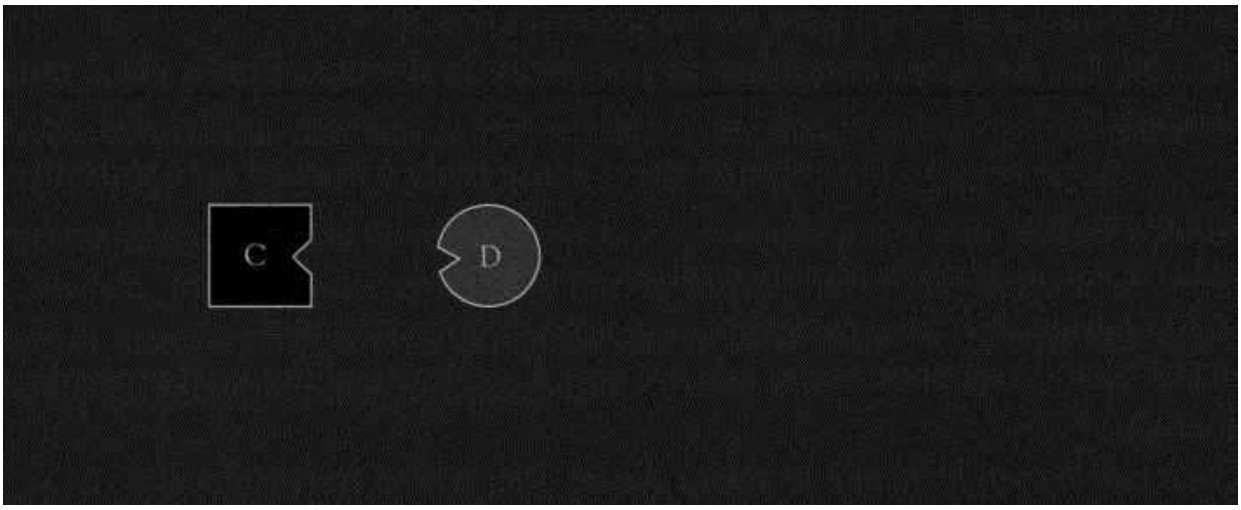


Figura 1

D

Doris

C

Câncer

HELLINGER (*para Doris):* Agora encare a doença.

(*Quando ela desvia o ollhar)-.* Fique, sustente o olhar.

(Quando ela fica inquieta e de novo desvia o olhar): Sustente o olhar.

(Depois de algum tempo): Chegue mais perto.

(Quando ela quer ir rapidamente)-. Não, devagar, sem perder o contato. Da maneira correta. Nem

mais, nem menos.

Ela caminha lentamente para a doença até ficar a um passo de distância, e respira profundamente. Suas mãos

se mexem, como se quisesse estendê-las.

Figura 2

HELLINGER: Fique assim, sustente isso, até ver quem é.

Doris se assusta e leva a mão esquerda à boca. Está muito emocionada e chora. Então se volta para Hellinger

e sacode a cabeça.

HELLINGER: Quem é?

DORIS: Provavelmente meu pai, mas talvez também meu último namorado. Não sei.

HELLINGER: O que houve com seu pai?

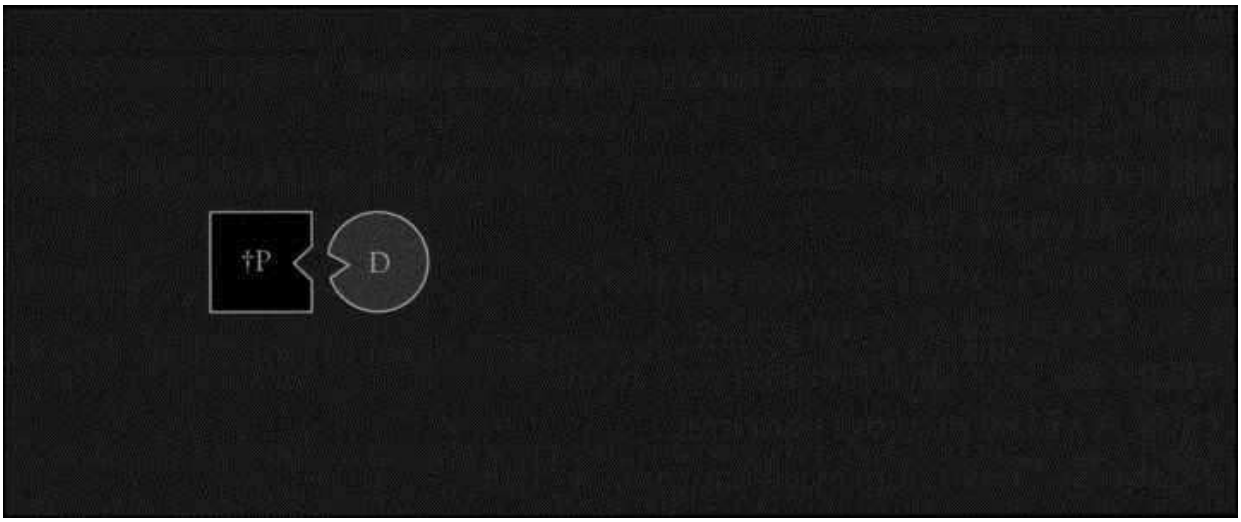
DORIS: Morreu num acidente de carro quando eu tinha seis anos.

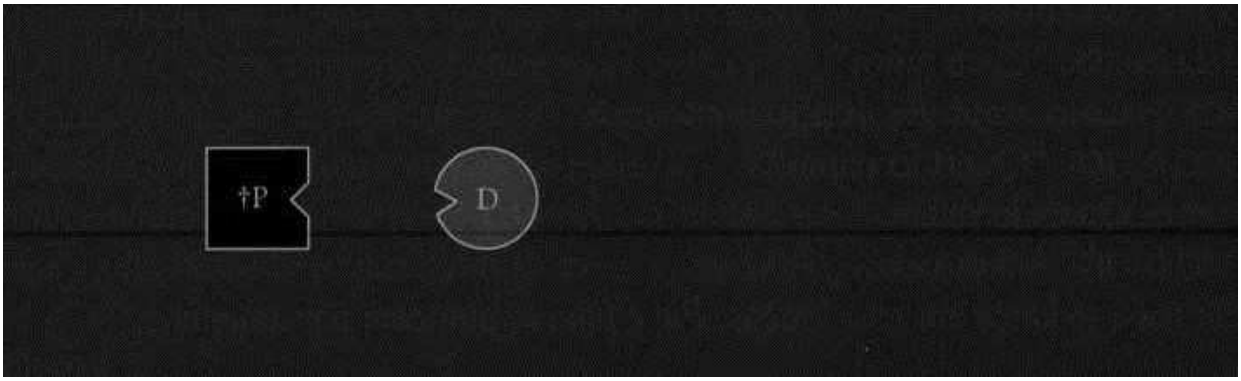
HELLINGER: É o pai. Olhe para ele. Diga: “Papai, por favor!”

DORIS (*começa a soluçar):* Papai, por favor!

HELLINGER: Respire fundo.

DORIS: Papai, por favor! Eu o amei muito mas ainda não quero ir para você. Quero viver ainda.





HELLINGER: Que força havia em suas palavras?

DORIS: Quero viver.

HELLINGER: Isso não tem força. É como quem faz humor, pensando noutra coisa. Diga a ele: “Eu

venho”.

DORIS: Eu venho.

HELLINGER: “Com amor”.

DORIS: Com amor. Eu venho com amor.

HELLINGER: “Querido papai”.

DORIS: Querido papai.

HELLINGER: Vá até ele.

Ela vai e se lança em seus braços. Pai e filha se abraçam ternamente.

Figura 3

†P

Pai de Doris

HELLINGER: E respire fundo.

(Depois de algum tempo, quando ela se solta):

Olhe para ele. Como se sente ao chegar?

DORIS ***(ri):*** É bonito.

HELLINGER: Justamente, é a verdade. ***Ela chora e quer abraçar o pai de novo***

HELLINGER: Chegue bem perto.

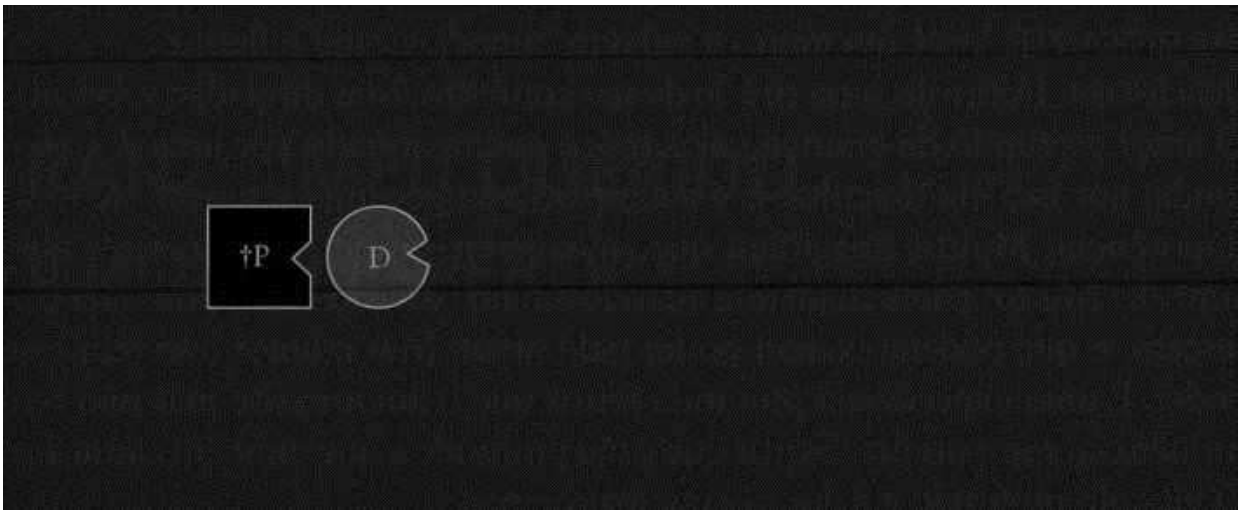
(Eles se abraçam longa e ternamente):

HELLINGER: Agora vou colocá-la diante dele.

Figura 4

HELLINGER: Olhe para ele e lhe diga: “Querido papai”.

DORIS: Querido papai.



HELLINGER: “Abençoe-me...”

DORIS: Abençoe-me...

HELLINGER: “... se eu fico mais um pouco”.

DORIS: Se eu fico mais um pouco.

HELLINGER: “A vida é preciosa para mim”.

DORIS: A vida é preciosa para mim.

HELLINGER: “E em mim você continua a viver”.

DORIS: E em mim você continua a viver.

HELLINGER: “Eu honro isso”.

DORIS: Eu honro isso. *Chora*

HELLINGER: Como está o pai?

†PAI: Muito bem. No início, quando ela ficou distante, tive uma sensação de poder. Quando veio

para perto senti amor por ela.

HELLINGER *(para Doris):* Vire de costas e apoie-se nele. Assim.

De costas, ela se apóia em seu pai. Ele pousa as mãos nos ombros dela.

Figura 5

HELLINGER: E agora você olha para o mundo. De acordo?

Doris acena com a cabeça, vigorosamente.

HELLINGER: Está bem, foi isso aí.

Resumo

O ***laço do destino:*** *O pai morreu prematuramente, num acidente.*

A ***ordem:*** *Doris olha a doença nos olhos e vê nela seu pai. Ela diz a ele: "Papai, por favor. Eu venho com*

*amor. Querido papai". E então: "Querido papai, aben*çoe-me *se fico mais um pouco. A vida é preciosa para*

mim. Em mim você continua a viver. Eu honro isso". Ela se apoia nele, de costas, e olha para o mundo.

O amor profundo

HELLINGER: Mais uma coisa sobre o modo de proceder. Ficou claro pela frase resistente "Ainda

quero viver" que o amor profundo estava sendo negado. Mas quando veio à luz o desejo de seguir

o pai e morrer com ele, viu-se o profundo amor. Porém, quando ele se manifesta, produz um efeito

diferente. Pois a pessoa vê que seguir na morte não é solução ou não faz sentido. E é preciso que

isso venha à luz. Por isso, não devemos nos intimidar com afirmações aparentes como esta: “Ainda

quero viver”. O valor de uma frase se vê pela força que ela tem. Não havia força na primeira frase

dela, mas houve na seguinte. Assim, trazemos à luz o amor profundo. Quando ele se manifesta

podemos achar a solução.

Amor e impotência

PARTICIPANTE: Você usa muito a palavra “amor”. Como o define?

HELLINGER: Defini-lo seria tirá-lo de seu contexto. Mas direi algo sobre ele. O amor profundo da

criança pelos pais é acompanhado por uma dor profunda, por isso ela o oculta. E é acompanhado

por uma sensação de total impotência. Muitos imaginam que, se tiverem amor, poderão fazer algo

com ele. Muitos pais acham que quando amam bastante seus filhos eles florescem, e que podem

exercer poder pelo amor. Mas o amor não tem esse poder. É uma experiência profunda sentir que o

amor existe mas não tem influência, é impotente. Sentir que é tão profundo e que também causa

dor. O vínculo profundo e a dor são companheiros.

“Um pouco”

PARTICIPANTE: Gostaria de saber por que você diz “Abençoe-me se fico mais um pouco”. Esse

“pouco” tem significado aqui?

HELLINGER: Sim. Há nos sistemas uma necessidade irresistível de compensação entre ganhos e

perdas. Quando alguém sofreu uma perda — aqui, a morte prematura do pai — muitas vezes os

sobreviventes não se atrevem a retomar plenamente sua vida. Sentem-se pressionados a

compensar. A compensação plena ditada pelo pensamento mágico é que morram também. Por isso

cabe à terapia dissolver e abrandar o sentimento de culpa dos vivos em relação aos mortos.

Estas frases: “Abençoe-me se fico mais um pouco” ou “Você está morto, eu ainda vivo um pouco e

depois morro também” fazem com que os sobreviventes não sintam sua vida como uma

presunção, mas como uma dádiva que levarão a termo. Isso não envolve oposição ou

superioridade em relação aos mortos. Dizendo essas frases, os vivos se tomam solidários com os

mortos. E isso atua de maneira curativa.

FRANZ: "MEU QUERIDO FILHO, EU ESPERO"

Quando deixamos que os mortos venham a nós com amor, eles se consolam mais profundamente do que

quando queremos seguidos antes da hora. Temos tempo, eles e nós.

HELLINGER (*para Franz*): O que você tem?

FRANZ: Tenho uma leucemia mieloide crônica, diagnosticada há dois anos.

HELLINGER: Como se sente no momento?

FRANZ: Entre a esperança e o medo.

HELLINGER: Principalmente o medo. É realmente uma doença grave. Mas farei o melhor que puder.

De acordo?

Franz assente.

HELLINGER: Você é casado?

FRANZ: Sim. Tenho dois filhos e perdi um.

HELLINGER: Perdeu como?

FRANZ: Ele morreu no nascimento. Teria sido o primeiro. Era um menino.

HELLINGER: Que idade têm os outros filhos?

FRANZ: O mais novo tem um ano e meio; o outro, quatro e meio.

HELLINGER: Há uma história de câncer em sua família?

FRANZ: Meu avô paterno aos sessenta e seis, teve câncer no pulmão.

HELLINGER: Para quem estou olhando? O que você acha?

FRANZ: Para o menino que morreu.

HELLINGER: Justamente. Ele tem um lugar no meu coração. E também no seu, pelo que vejo. —

Certa vez, num congresso da Sociedade Austríaca de Psicooncologia, esteve aqui o célebre Dr.

Simonton, já ouviu falar dele? Ele contou que seu pai adoeceu e ele conseguiu curá-lo. Mas depois

o pai perdeu um neto, não quis mais viver e morreu. Quis seguir o neto na morte. E Simonton,

como filho, aceitou o fato de que não podia deter o pai. Mas eu sei quem poderia tê-lo detido.

Quem poderia tê-lo detido?

FRANZ: Seu neto.

HELLINGER: Exatamente, seu neto. E quem poderia deter você?

FRANZ: Meu filho.

HELLINGER: Certo. As crianças pequenas têm uma tremenda energia.

FRANZ: Sim, elas têm.

HELLINGER: Elas têm ligação com o essencial. Imagine que seu filho olha para você com amor.

Franz está muito emocionado e começa a chorar.

HELLINGER: Feche os olhos, mantenha a boca aberta e receba dele, quando ele diz: “Querido papai”.

Deixe simplesmente que entre em você.

(Depois de uma pausa): E, quando seu filho disser: “Papai, eu espero”, você dirá “Meu querido filho,

eu fico”.

FRANZ: Meu querido filho, eu fico.

HELLINGER: “Eu espero também”.

FRANZ: Eu espero também.

HELLINGER (*depois de algum tempo):* Abra os olhos. Como se sente?

FRANZ (*continua emocionado):* Estou melhor.

HELLINGER: Essa é a esperança, agora. Receba o filho em seu coração. — E viva. De acordo?

Franz foz que sim com a cabeça.

HELLINGER: Ficamos por aqui.

Resumo

O ***laço do destino:*** *O primeiro filho morreu no nascimento.*

A ordem: *Franz imagina que esse filho lhe diz: “Querido papai, eu espero”. Ele diz ao filho: “Meu querido*

filho, eu fico. Eu espero também”.

Viver na presença da morte

HELLINGER: É importante vivermos nossa vida com a morte diante dos olhos. E não por medo, mas

pela força de nos expormos à realidade e à impermanência. Então tomamos como uma dádiva o

tempo que nos resta de vida. E podemos preenchê-lo de um modo bem diferente do que se tenta-

mos fazer valer a vida contra a morte, como uma inimiga. Quando a recebemos como amiga,

contemplamos com serenidade o que é transitório.

A vida e o ser

HELLINGER: Por trás da luta contra a morte atua a ideia de que a vida é o que há de mais elevado.

Mas de onde vem a vida? Aquilo de onde ela vem deve ser maior do que ela. A vida pertence a

algo maior, de onde ela vem. A esse algo maior damos um nome simples. Podemos denominá-lo o

Ser. É o que fundamenta tudo o que é, o que permanece. Por trás de toda impermanência existe um

Ser que permanece, onde voltam a cair os que morrem. O Ser é maior do que a vida e a morte.

Quando uma pessoa recai nesse Ser, não importa que ela tenha dois meses ou oitenta anos. No Ser,

tudo é igual. Por isso é muito superficial pensar que quem viveu mais tempo ganhou e que quem

morreu cedo perdeu. Isso não faz justiça à grandeza do que atua em tudo.

Quem tem essa imagem pode lidar com a vida e a morte mais serenamente. E todos podem lidar

com isso mais serenamente: os doentes, os terapeutas, os familiares. A vida é uma dádiva. Mas não

é algo que possamos segurar ou levar conosco, longe disso. Não podemos segurá-la nem levá-la

conosco. No final, permanece o puro Ser.

EVA (1): "ESTOU PRONTA"

HELLINGER *(para Eva): O* que acontece com você?

EVA: Há sete anos tive câncer de mama, ao mesmo tempo que minha mãe. Minha irmã teve câncer

no abdômen aos quatorze anos. E depois da quimioterapia abortei dois gêmeos.

HELLINGER: Por indicação médica?

EVA: Eu fiquei indecisa. Foi-me facultado. De fato, não era aconselhável depois da quimioterapia.

Mas me deixaram só com minha decisão.

HELLINGER: Tinha de ser assim. Quem poderia tirar de você a decisão?

EVA: Não, refiro-me a uma conversa. Eu estava só. Meu parceiro não estava preparado para isso.

Ele é o pai de minha filha de doze anos e seria o pai dos gêmeos. Mas também deixou comigo a

decisão.

HELLINGER: Num caso de aborto ninguém pode tirar da mulher a decisão. Isso é claro. Seja qual for

a reação dos outros, a decisão é exclusivamente dela. Se o parceiro a tivesse apoiado teria sido mais

fácil para você. Contudo, você precisa assumir que a decisão foi sua e de ninguém mais. Não pode

empurrá-la para outra pessoa, senão você se enfraquece.

EVA (*concordando*): Hum-hum.

HELLINGER: Não tenho certeza de quanto tempo você quer viver.

EVA *(ri):* Nem eu.

HELLINGER: Então, o que pensa? O que diz sua alma?

EVA: Sim, de certo modo, por vezes, há um desejo de morrer. No ano passado já havia uma decisão

nesse sentido. Mas procurei mudá-la para continuar viva. Porém já existe essa tendência, esse

sentimento. Então eu não teria mais esse problema.

HELLINGER: Exato. Realmente você transpôs a fronteira.

EVA: Sim. Para mim já estava terminado. Sabia que minha filha estava suprida. Só me refiz aos

poucos, durante este ano.

HELLINGER *(depois de uma pausa):* Minha imagem é que não tenho o direito de me interpor em seu

caminho.

EVA: Vou deixar que isso atue sobre mim. Estou pronta todo dia, mas também ficarei contente se o

dia decidir por mim.

HELLINGER: Sim, você está em sintonia com isso.

EVA: Espero que sim.

HELLINGER: O que chega até mim é que você está em sintonia com isso. Também quero deixar

assim e não fazer nada agora. Está bem?

EVA *(concordando com a cabeça).* Sim.

HELLINGER: Bem.

Eva exibia na lapela uma grande cruz ornada, semelhante às dos cemitérios. Quando Hellinger se referiu a

isso numa pausa, ela riu, assustou-se e retirou a cruz.

INGRID: "MAMÃE, EU DEIXO QUE VOCÊ SE VÁ"

Esta constelação mostra as graves consequências que resultam para os filhos e netos quando se nega a culpa

por uma separação leviana da família. Só *existe solução quando se exige da pessoa culpada que assuma sua*

culpa e se deixa que essa pessoa se retire da família.

HELLINGER *(para Ingrid): O* que há com você?

INGRID: Tenho dois tipos de câncer, no seio e no colo do útero.

HELLINGER: Há quanto tempo você tem isso?

INGRID: Há dois anos. Na ocasião passei um ano no hospital fazendo quimioterapia.

HELLINGER: Como está agora?

INGRID: Bem. Melhor do que antes.

HELLINGER: Você é casada?

INGRID: Divorciada.

HELLINGER: Por quê?

INGRID: Tive uma depressão no casamento e pensei que estava enlouquecendo. Aí concluí que

estava com o homem errado e rompi o casamento. Isso foi há quinze anos.

HELLINGER: Quem levou o tapa foi o homem errado?

INGRID: Devo dizer que sim.

HELLINGER: Você lhe deve algo. Tem filhos?

INGRID *(comovida):* Dois.

HELLINGER: Feche os olhos e olhe para o seu marido. — Abra levemente a boca. — Incline a cabeça

um pouco para a frente. — Olhe-o simplesmente com amor.

Ela chora.

HELLINGER: Diga a ele: “Que pena”.

INGRID: Que pena.

HELLINGER *(depois de algum tempo):* Como está?

INGRID: Com uma sensação de vazio.

HELLINGER: Algo de especial ocorreu em sua família de origem?

INGRID: Sim. *(Soluça).* Pouco antes de conhecer meu marido, meus pais emigraram e meus irmãos

vieram morar comigo. Minha irmã era viciada em heroína. E meu irmão furtava dinheiro e urinava

na cama. Foi muito difícil. Então minha irmã morreu. Não suportei mais e me mudei, casei-me e

tive filhos, porque pensei que era mais saudável. Mas então os outros se afundaram.

HELLINGER: Seus pais emigraram? Para onde?

INGRID: Para os Estados Unidos. Eu tinha dezoito anos, meu irmão dezesseis, e a irmã mais nova

tinha quatorze. Meu irmão ficou lá e eu voltei para casa. Então minha irmã me seguiu, mas já se

drogava.

HELLINGER: Por que seus pais emigraram?

INGRID: Creio que lá estavam melhor.

HELLINGER: Isso é estranho.

INGRID: Também acho.

HELLINGER: Vamos colocar sua família de origem.

INGRID: Meu outro irmão foi adotado.

HELLINGER: Então precisamos colocá-lo um pouco mais longe.

INGRID: Ele também teve um irmão gêmeo, que não sobreviveu.

HELLINGER: Qual é a sua posição?

INGRID: Sou a mais velha.

HELLINGER: E a irmã?

INGRID: É a mais nova.

HELLINGER: Por que o irmão foi adotado?

INGRID: Acho que foi porque o meio-irmão de minha mãe tinha o mesmo nome. Quando os russos

chegaram, todos se envenenaram. Ele tinha dois anos de idade. E então adotaram o outro, também

com dois anos, e lhe deram o mesmo nome. -É a minha explicação.

HELLINGER: Essas explicações são naturalmente superficiais. O que aconteceu com o meio-irmão de

sua mãe?

INGRID: Quando os russos chegaram, todas as mulheres e crianças se envenenaram.

HELLINGER: Quem se envenenou?

INGRID: A madrasta de minha mãe e suas irmãs, com todos os filhos; portanto, também com o

meio-irmão de minha mãe.

HELLINGER: E o que houve com sua avó materna?

INGRID: Era lésbica. Quando minha mãe ainda era muito pequena ela deixou a família e se formou

em música. Tinha uma namorada em Praga.

HELLINGER: Santo Deus! Então ainda temos de colocar o pai da mãe. Ele se suicidou também?

INGRID: Não, morreu em paz aos noventa e cinco anos. *Ri.*

HELLINGER: E também a segunda mulher.

INGRID: Foi ela que se suicidou.

HELLINGER: Com quantos filhos?

INGRID: Com um filho dela, e também com suas irmãs e todos os filhos delas.

HELLINGER: Temos de colocar a mãe da mãe, essa madrasta e o meio-irmão de sua mãe. E também

precisamos do pai de sua mãe. De seu irmão adotivo não vamos precisar, porque essa dinâmica

não é importante para ele. Então coloque as pessoas.

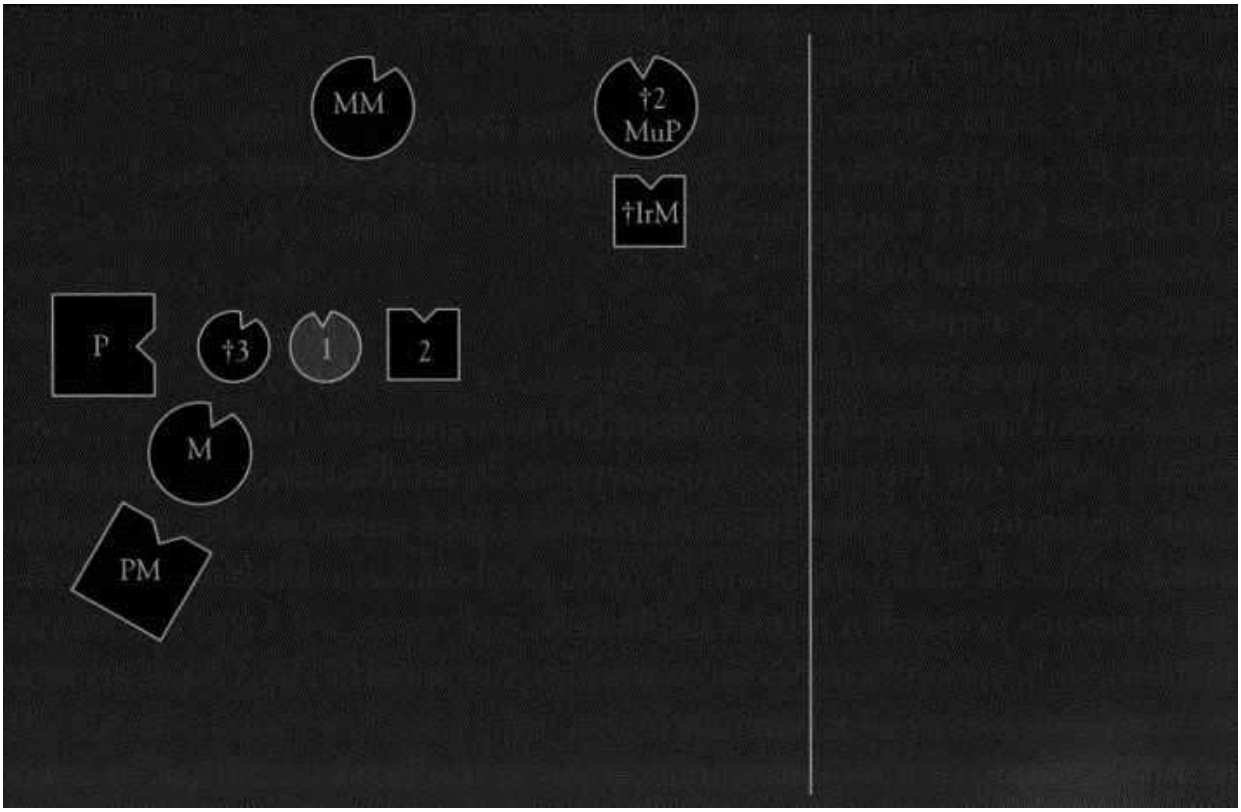


Figura 1

P

Pai

M

Mãe

1

Primeira filha (=Ingrid)

2

Segundo filho

†3

Terceira filha, morta pelo vício da heroína

PM

Pai da mãe

MM

Mãe da mãe

†2MuP Segunda mulher do pai, envenenou-se com o filho

†IrM

Meio-irmão da mãe, envenenado aos dois anos

HELLINGER *(para o grupo):* Quando uma criança se posta assim diante da mãe, quer impedir que ela

se suicide. Essa é a filha viciada em heroína, que morreu em lugar de sua mãe. A dinâmica é esta:

“Eu vou em seu lugar”.

HELLINGER: Como está a mãe da mãe?

MÃE DA MÃE: Sinto-me totalmente só. Estou incomodada por não saber o que se passa aí agora.

Não me sinto bem nesta posição.

HELLINGER *(para o grupo):* Minha imagem é que ela deveria ter se matado. *(Para a mãe da mãe): O* que

diz você quando digo isso?

MÃE DA MÃE: Não sinto isso.

HELLINGER: Justamente, se outras pessoas fazem isso, você não precisa sentir. *(Para Ingrid): O* que

você pensa sobre o que eu disse?

INGRID: Eu só a vi uma vez. Disseram-me que era muito cabeçuda. Fazia sempre exatamente o que

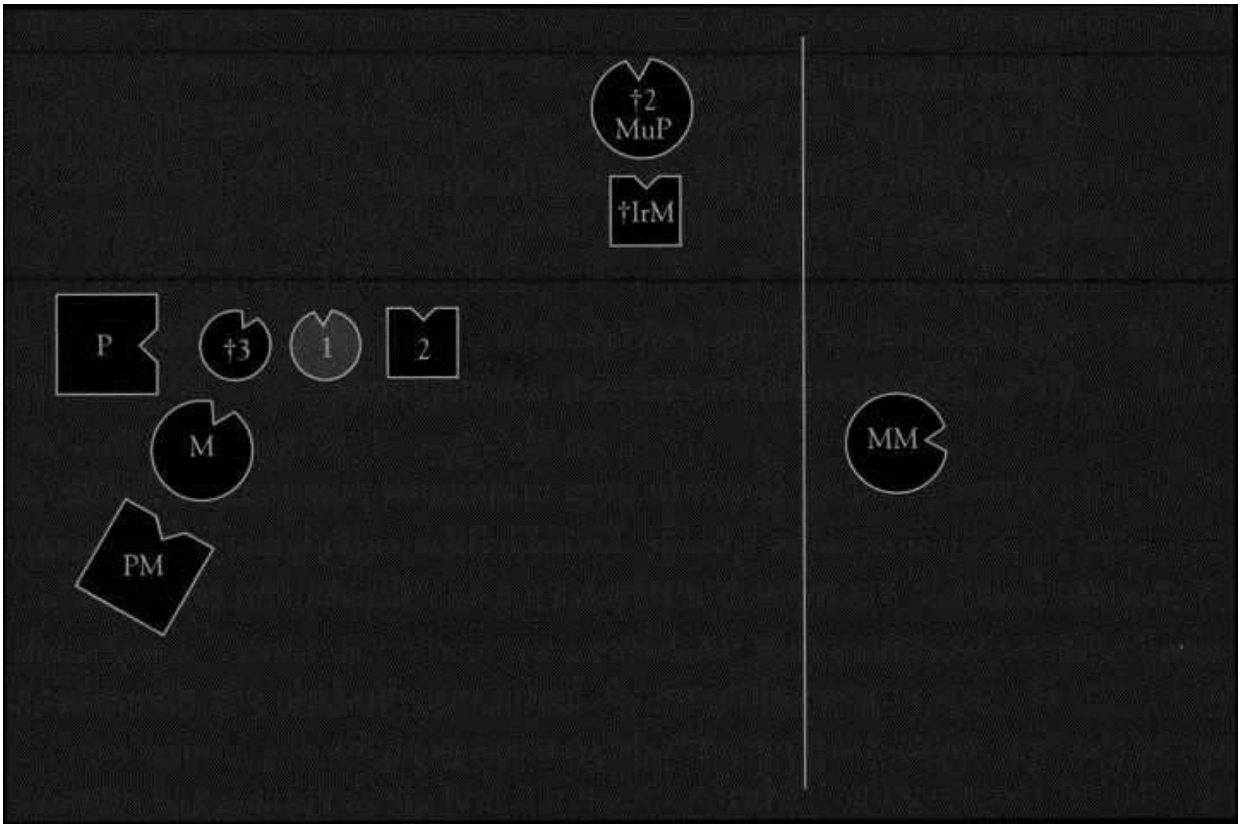
achava certo.

HELLINGER: Isso não importa. Quero saber o que você diz sobre minhas palavras, que a mãe de sua

mãe deveria ter-se matado.

INGRID: Assim os outros talvez ficassem em paz.

HELLINGER: Faz sentido para você quando eu digo isso?



INGRID: Não me soa familiar.

HELLINGER *(para a mãe da mãe):* Saia pela porta e feche-a atrás de si.

Figura 2

HELLINGER *(para a filha mais nova):* O que mudou para você?

†TERCEIRA FILHA: Ficou mais fácil suportar. Antes eu não conseguia. Agora sinto as pernas, estou

mais calma. Já posso ficar de pé.

HELLINGER *(para a mãe):* O que se passa com você?

MÃE: Desde o início comecei a vacilar e tive de me segurar com força. Quando ela foi embora pude

me endireitar. Agora posso ficar de pé, mas estou oscilando e me sinto péssima.

HELLINGER *(para a representante de Ingrid*): Como você se sente?

PRIMEIRA FILHA: Estou muito aliviada porque minha avó foi embora. No início eu estava totalmente

confusa. Só estava claro que eu me sentia presa diante da avó. Quando ela se foi, vi que podia

olhar tranquilamente para meu pai e também para minha mãe.

HELLINGER *(para o filho):* E você?

SEGUNDO FILHO: Para mim ela parecia um fantasma. Eu não sentia nenhuma ligação com ela.

Percebo fortemente a família, mas a avó parecia um fantasma que foi embora.

HELLINGER: Qual foi o seu sentimento quando ela saiu?

SEGUNDO FILHO: Foi realmente de indiferença.

HELLINGER (*para o grupo):* Vemos aqui um exemplo da dinâmica desencadeada quando alguém se

separa levianamente. Da maneira como foi descrito, a avó pensava assim: “Vou viver minha vida,

e o que se refere a vocês não me importa”. Isso é experimentado no sistema como um delito

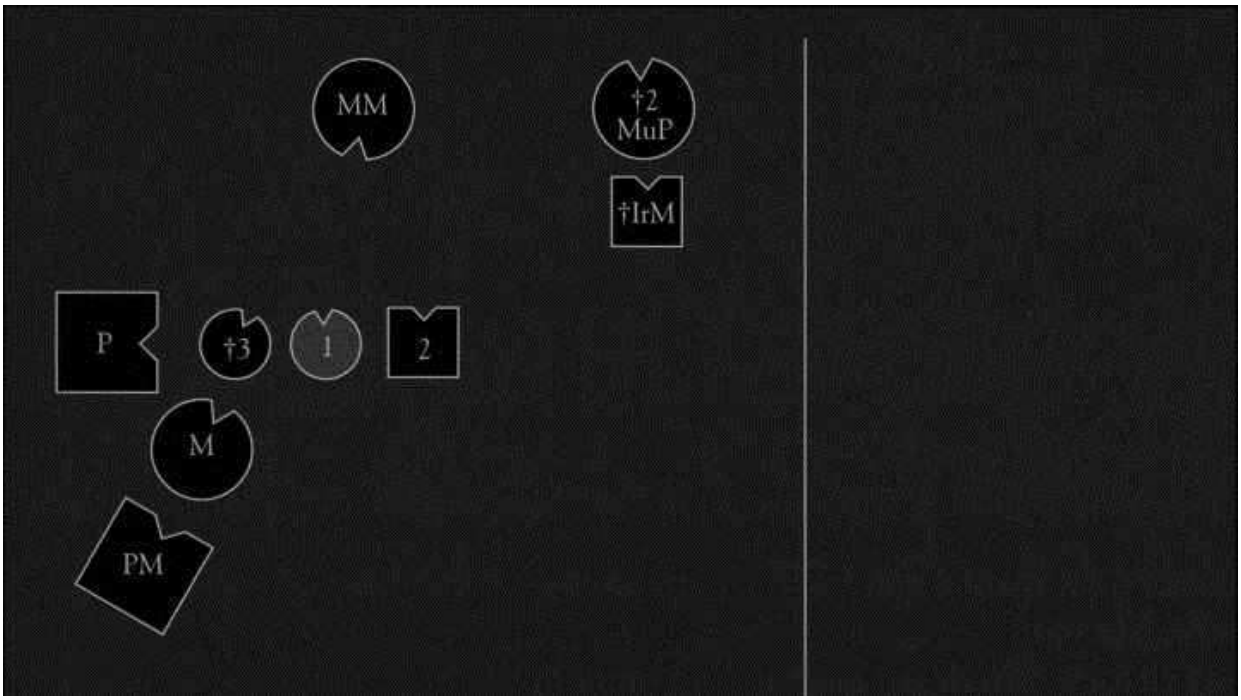
capital, pelo qual alguém precisa morrer. E então morreu uma criança. E a dinâmica que vemos

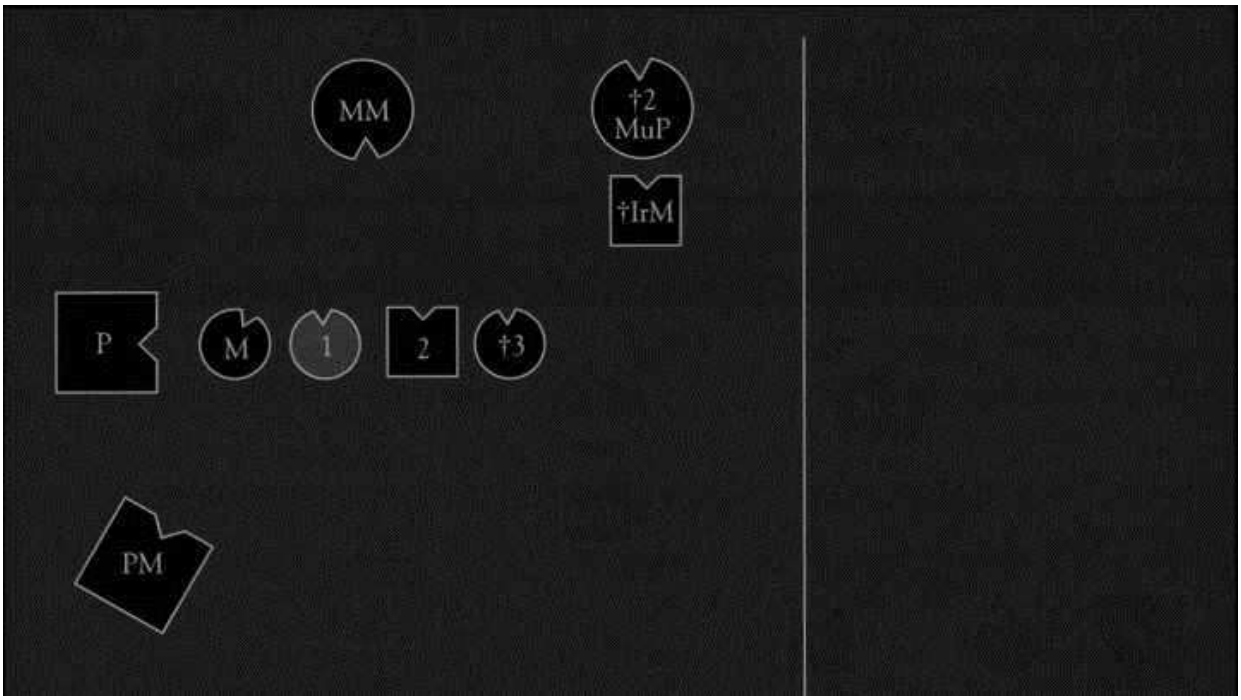
aqui. Agora podemos chamar de novo a avó.

(Para a mãe da mãe): Como você se sentiu lá fora: melhor ou pior?

MÃE DA MÃE: Pior. Fiquei com raiva. *(Ri).* Isso me deixou furiosa.

HELLINGER: Porém, você está rindo. A raiva não foi tão grande assim.





MÃE DA MÃE: Não foi tão grande, mas notei que isso me deixava furiosa. HELLINGER: Estas pessoas

aqui se sentiram melhor.

Hellinger coloca a avó diante da família.

Figura 3

HELLINGER: A dinâmica real vem da avó materna, e pesa aqui muito mais do que a outra, que

envolve a madrasta e o meio-irmão da mãe.

(Para a madrasta e o meio-irmão da mãe): E preciso deixar vocês irem embora. *(Para a madrasta da mãe)-*

. Como se sente?

MADRASTA DA MÃE: Não tive a sensação de pertencer à família.

HELLINGER: Justamente.

(Para o meio-irmão da mãe): E você?

MEIO-IRMÃO DA MÃE: Senti-me muito mal quando ela saiu. Estou melhorando aos poucos.

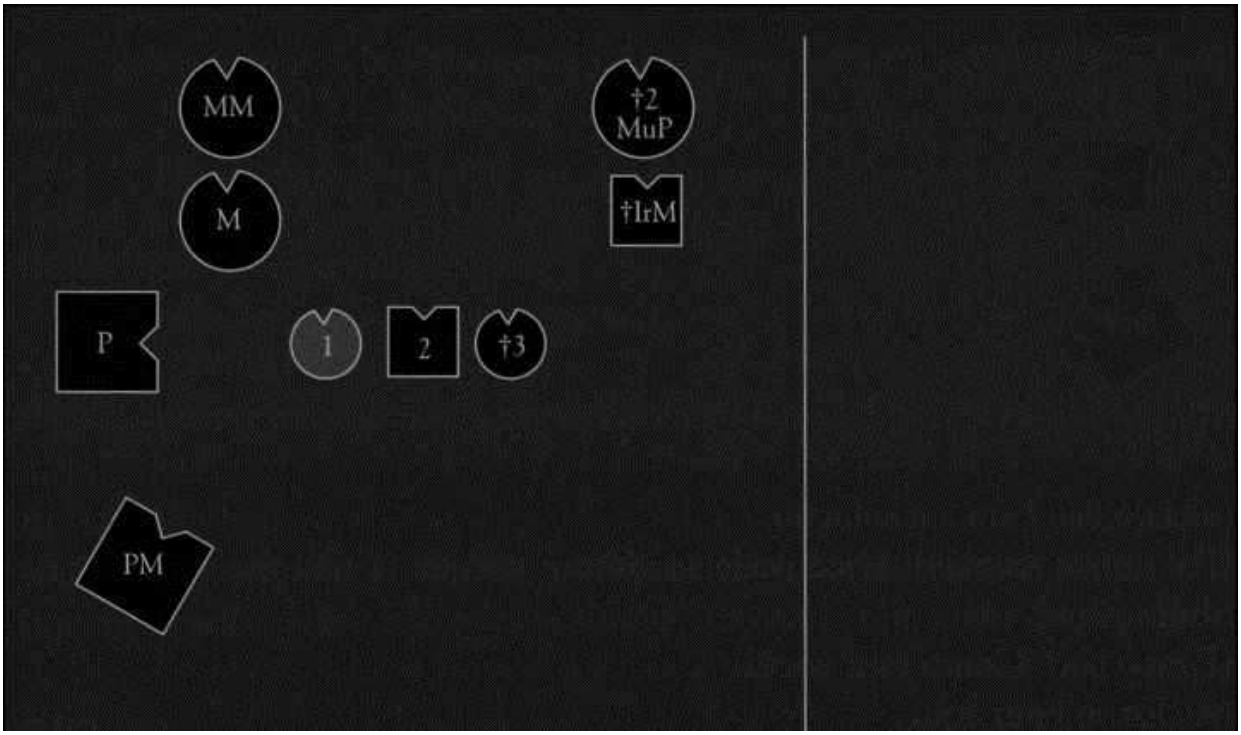
HELLINGER (*para Ingrid):* Vou trazer você para cá.

Hellinger coloca os irmãos, por ordem de idade, ao lado da mãe.

Figura 4

HELLINGER (*para a mãe):* Olhe para sua mãe e lhe diga: “Mamãe”.

MÃE: Mamãe.



HELLINGER: “Eu deixo que você vá embora”...

MÃE: Eu deixo que você vá embora...

HELLINGER: “... com todas as consequências para você”.

MÃE:... com todas as consequências para você.

HELLINGER: “Eu fico com meu papai”.

MÃE: Eu fico com meu papai.

HELLINGER: Como é isso?

MÃE: É difícil. Dói.

HELLINGER (*para a mãe da mãe):* Como é para você quando ela diz isso?

MÃE DA MÃE: Dói em mim também, mas inicialmente eu me senti muito aliviada. Eu sinto, mas

também há um alívio. Eu posso ir, tenho o direito de ir.

HELLINGER: Não, o direito você não tem. Mas você precisa carregar isso. É assim. Não cabe à sua

filha carregar isso.

(Para a mãe): Diga outra vez.

MÃE: Mamãe, eu deixo que você vá embora.

HELLINGER: “...e fico com meu pai”.

MÃE *(hesitando e emocionada)*: ... e fico com meu pai.

HELLINGER *(para a mãe da mãe):* Vire-se.

(Para a mãe): Fique atrás dela.

Figura 5

HELLINGER: Como é isso?

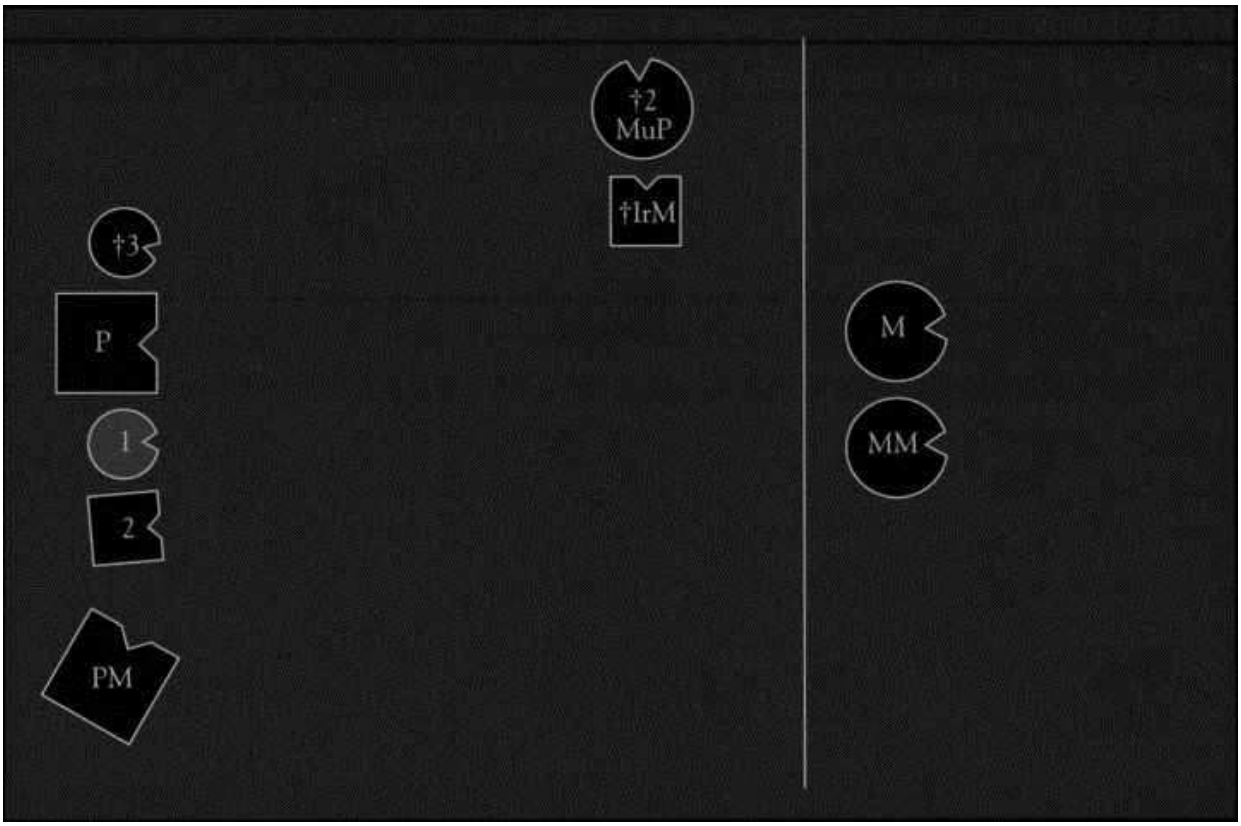
MÃE: Agora consegui respirar fundo.

HELLINGER *(para a mãe da mãe):* Agora saia de novo pela porta.

(Para a mãe): Você, também, saia pela porta.

(Para Ingrid): E você precisa dizer a ambas, enquanto se vão: “Eu deixo vocês irem embora”.

INGRID: Eu deixo vocês irem embora.



HELLINGER: “Eu fico com meu pai”.

INGRID: Eu fico com meu pai.

Hellinger monta o quadro da solução.

Figura 6

HELLINGER: Esta é a solução.

(Para o pai da mãe): Você pode se afastar, porque já não desempenha nenhum papel.

(Para o pai): Como está você?

PAI: Estou bem aqui.

INGRID; Eu também.

SEGUNDO FILHO: Estou confortável. Senti um formigamento quando a mãe foi embora. Foi

desagradável.

†TERCEIRA FILHA: Não está totalmente bom, mas melhorou.

HELLINGER: É que você pagou com sua vida.

(Para Ingrid): Ela também deveria sair, mas é melhor que a deixemos aqui. *Ingrid consente com a*

cabeça.

(Para o grupo): Chamo a atenção para esta dinâmica, pois ela é muito importante. Numa

constelação há duas perguntas iniciais. A primeira é:

Quem está faltando e deve ser incluído? Isso nós vimos há pouco. A segunda pergunta é: Quem

precisa ir embora? Quem devemos deixar que se vá? Isso nós vimos aqui. Quando não cobramos

deles as consequências de sua culpa — como no caso da avó — ou do enredamento no destino —

como no caso da mãe — e não deixamos que partam, os filhos vão em seu lugar. Por isso, o

terapeuta se alia à criança, não ao adulto. Em vez de sacrificar a criança, deixa ir embora os que

querem ir e que de algum modo o mereceram. Não estou julgando. Mas seria a dinâmica

salvadora. E a ajuda provém do pai.

(Para Ingrid): Olhe para ele e diga: “Papai”.

INGRID: Paizinho. *(Para Hellinger):* Eu o chamava assim.

HELLINGER: “Paizinho, eu fico”.

INGRID: Paizinho, eu fico.

Pai e filha se abraçam com carinho.

HELLINGER *(quando ela se desprende):* Você deve a ele o cumprimento de sua palavra. *Pai e filha*

trocam sorrisos.

HELLINGER: De acordo?

INGRID *(rindo e balançando a cabeça):* Sim.

HELLINGER: Está bem, foi isso aí.

(Dirigindo-se à mãe, quando foi chamada de novo, junto com sua mãe): Como se sentiu lá fora?

MÃE: Eu estava imensamente triste. Mas não queria ter mais nada a ver com minha mãe.

HELLINGER: É claro.

(Para os representantes): Agora vocês precisam abandonar seus papéis. Não fiquem fixados neles.

São papéis alheios que nada têm a ver com vocês.

Resumo

O *laço do destino:* A *avó materna de Ingrid abandonou levianamente sua família.* Como *também a mãe*

quer deixar a família, talvez para expiar pela saída da própria mãe, sua filha mais nova, irmã de Ingrid, se

interpôs em seu caminho e morreu pelo vício da heroína. Imitando sua avó, Ingrid abandonou seu marido *há*

quinze anos. Ela permanece ligada à sua família de origem e também, pela culpa, ao marido de quem se

separou.

A ordem: *Os mais novos precisam deixar partir os mais velhos que querem ir embora. A mãe deveria dizer à*

própria mãe: “Mamãe, eu deixo você ir, com todas as consequências para você. Eu fico com papai". Como ela

não é capaz disso e interiormente prefere ir embora com sua mãe, Ingrid precisa deixar que ambas se vão.

Ingrid diz à mãe e à avó: “Eu deixo que vocês vão embora. Eu fico com papai”. Ela diz ao pai: “Papai, eu

fico”. E diz ao marido: “Que pena”.

A consciência do clã familiar

PARTICIPANTE: Gostaria de saber como as crianças se identificam com os avós ou com outras

pessoas. Isso acontece de modo inconsciente, mesmo quando elas ignoram certos fatos? Ou

ouviram relatos sobre eles?

HELLINGER: Não, absolutamente. Quando olhamos para uma família e para as reações de seus

membros, percebemos a atuação de uma instância superior, uma consciência comum a todos os

membros. Essa consciência, que não é percebida pelas pessoas, impõe três leis.

A primeira é que todos os membros da família têm o mesmo direito de pertencer a ela. Quando se

nega a alguém esse direito, essa consciência reage e faz com que a pessoa excluída, expulsa ou

desprezada venha a ser representada no sistema por algum póstero. Haverá uma identificação in-

consciente, por exemplo, da filha com a avó, sem que ela tenha consciência disso.

Essa consciência oculta é totalmente arcaica. Ela é totalmente injusta e não se interessa em

promover uma adequada compensação para todos. Pois a segunda lei imposta por essa consciência

é a da hierarquia, segundo a qual os que vêm antes têm prioridade sobre os que vêm depois.

Em terceiro lugar, essa consciência oculta se preocupa somente com os primeiros, não com os

segundos. Para fazer justiça aos que vêm antes, sacrifica os que vêm depois.

Quando conheço essas leis, entendo as dinâmicas que se manifestam numa constelação. Ignoro o

que seja essa instância superior. Mas vejo que a família ou o clã familiar atua como uma unidade. E

a partir dos efeitos vejo em que âmbito atua essa consciência, que pessoas ela envolve e que pes-

soas ela deixa fora de consideração. Por exemplo, ela não inclui primos ou primas.

Membros da família que são abrangidos pela consciência do clã familiar

O grupo abrangido por essa consciência, sobre o qual atua essa instância superior, compreende:

— a pessoa em questão, e seus irmãos;

— os pais e seus irmãos;

— os avós;

— um ou outro dos bisavós;

— pessoas anteriormente excluídas ou que cederam lugar: por exemplo, ex-parceiros dos pais ou

dos avós.

Existem exceções. Mas este é o grupo padrão que tem uma consciência comum ou uma alma

comum, como queiramos chamá-la. O grupo se move dentro dela e é dirigido por ela, sem que os

membros tomem conhecimento disso.

A consciência pessoal se opõe à consciência do clã familiar

Essa consciência arcaica que atua ocultamente é sempre a mais forte. No primeiro plano, sentimos

uma consciência totalmente diferente. Ela nos impulsiona de maneira sensível e tem três

finalidades:

A primeira é ligar-nos ao grupo de origem ou, de modo geral, ao grupo com que lidamos.

A segunda é equilibrar o dar e o receber dentro do grupo.

E a terceira é manter uma certa ordem que assegure a vida comum. Essa consciência nós sentimos.

Já a consciência arcaica nós não sentimos. Agora, pelo fato de sentir amor, alguém pode querer

seguir na morte um pai, um irmão ou alguém que morreu prematuramente. Esse amor ele sente.

Tragédias

HELLINGER: Entretanto, não percebemos o fato de que esse amor infringe uma ordem, segundo a

qual um póstero não tem o direito de se imiscuir num fato anteriormente sucedido. E a reação

inconsciente é que a pessoa se pune, até mesmo com a morte, por tal intromissão. O que alimenta

as tragédias é que alguém, com boa consciência e a melhor das intenções, deseja alcançar algo por

amor, mas tal amor o cega e não o deixa ver a ordem.

Ele a infringe, e essa infração é vingada pela consciência arcaica, que o pune com a morte. Esta é a

dinâmica em que se fundam as tragédias, a dinâmica presente nas famílias onde elas acontecem.

Ora, sabendo como atua a consciência oculta, podemos fazer ver essas leis e encontrar para a

pessoa soluções compatíveis com elas. Com isso ela se livra, por assim dizer, da maldição dessa

consciência. Sobre este quadro de fundo podemos entender melhor as constelações.

JUTTA: "EU TAMBÉM PERTENÇO À FAMÍLIA"

O *sistema aqui considerado tem muitas camadas, pois o pai e a mãe de Jutta, além dos filhos comuns, têm*

filhos de casamentos anteriores. A mãe teve ainda uma filha entre os dois casamentos. Esta constelação é mais

um exemplo de que os parceiros anteriores dos pais, quando não são respeitados, vêm a ser representados por

filhos de ligações posteriores. Ela também mostra que, mesmo num sistema complexo e inicialmente

desorientador, é possível encontrar uma ordem satisfatória para todos.

HELLINGER *(para Jutta):* O que há com você?

JUTTA: No ano passado tive um carcinoma no estômago e atualmente faço quimioterapia.

HELLINGER: Você é casada?

JUTTA: Sou casada e tenho (*emociona-se*) dois filhos pequenos.

HELLINGER: Qual a idade deles?

JUTTA: Três e cinco anos. *Chora.*

HELLINGER: Você os tem no coração.

JUTTA: Sim.

HELLINGER: É um bom motivo para ficar sã.

JUTTA: O único.

HELLINGER: Eu não limitaria isso. É bem melhor quando existem outros motivos. — Você ou seu

marido tiveram antes outra relação estável?

JUTTA: Sim, fui casada. Meu primeiro marido morreu.

HELLINGER: Como?

JUTTA: De infarto.

HELLINGER: Teve filhos desse casamento?

JUTTA: Não, nenhum.

HELLINGER: Por quanto tempo estiveram casados?

JUTTA: Sete anos. Sempre me censuro porque não o visitei mais no hospital, quando ele estava à

morte.

HELLINGER: Presenciei, certa vez, um fato marcante na África. Um colega de ordem religiosa, um

velho marceneiro, trabalhador muito cuidadoso, estava para morrer. Alguns colegas o visitaram à

noite e pretendiam fazer vigília com ele. Mas ele lhes disse: “Podem ir tranquilos, para morrer eu

posso ficar só”. Isso revela grandeza. E, no final das contas, é a verdade. Não precisamos que

alguém nos ajude a morrer. Você pode deixar seu ex-marido em paz?

JUTTA: Sim.

HELLINGER: Houve algo especial em sua família de origem?

JUTTA: Minha mãe abandonou meu pai quando eu tinha três anos, porque ele bebia muito. Eu vi

meu pai muito pouco. Raras vezes, quando o visitava.

HELLINGER: Você tem irmãos?

JUTTA: Sim, somos cinco. Tenho um irmão e três irmãs.

HELLINGER: Qual é a sua posição?

JUTTA: Sou a mais nova das mulheres. E meu irmão é o último.

HELLINGER: Vamos colocar sua família de origem: pai, mãe e irmãos.

Jutta começa a escolher e a colocar as pessoas.

HELLINGER *(para Jutta):* O que se passou na família de origem de seu pai?

JUTTA: Não a conheço. Minha mãe me contou pouca coisa de meu pai. E nós nos vimos tão pouco

que não faço ideia. Só sei que ele teve dois filhos, que também bebiam.

HELLINGER: Dois irmãos?

JUTTA: Meu pai teve uma filha e um filho de seu primeiro casamento.

HELLINGER: Ele também foi casado antes?

JUTTA: Sim.

HELLINGER: A primeira mulher e os outros filhos dele também precisam ser colocados.

HELLINGER *(para Jutta):* Por que ele se separou da primeira mulher?

JUTTA: Ela morreu.

HELLINGER: De quê?

JUTTA: Não sei. Só sei que morreu, porque então mamãe se mudou para a casa dele.

HELLINGER: Sua mãe ainda vive?

JUTTA: Sim. Só meu pai faleceu.

HELLINGER:Vou interromper a constelação, pois ainda faltam informações importantes. Ligue para

a sua mãe e peça as informações de que precisamos. É importante saber de que morreu a primeira

mulher de seu pai. E também algo que tenha acontecido na família de origem dele. Por exemplo, se

houve casos de morte. Pela imagem que tivemos, vejo que houve fatos importantes, que

precisamos saber. Diga a ela que é importante, e ela lhe contará.

HELLINGER *(para Jutta, depois de receber novas informações*): Agora diga aos participantes o que você

apurou sobre a primeira mulher de seu pai.

JUTTA: Inicialmente minha mãe não quis responder, depois disse que a primeira mulher caiu

quando estava embriagada, ficou muito ferida e morreu por causa disso.

HELLINGER *(para o grupo):* Bem, agora temos uma imagem clara. Da família de origem do pai ela

não teve informação, mas esse fato é tão importante que basta para o nosso trabalho.

JUTTA: Devo acrescentar que minhas irmãs são meias-irmãs. Somente o mais novo é meu irmão

verdadeiro.

HELLINGER: De onde elas vieram?

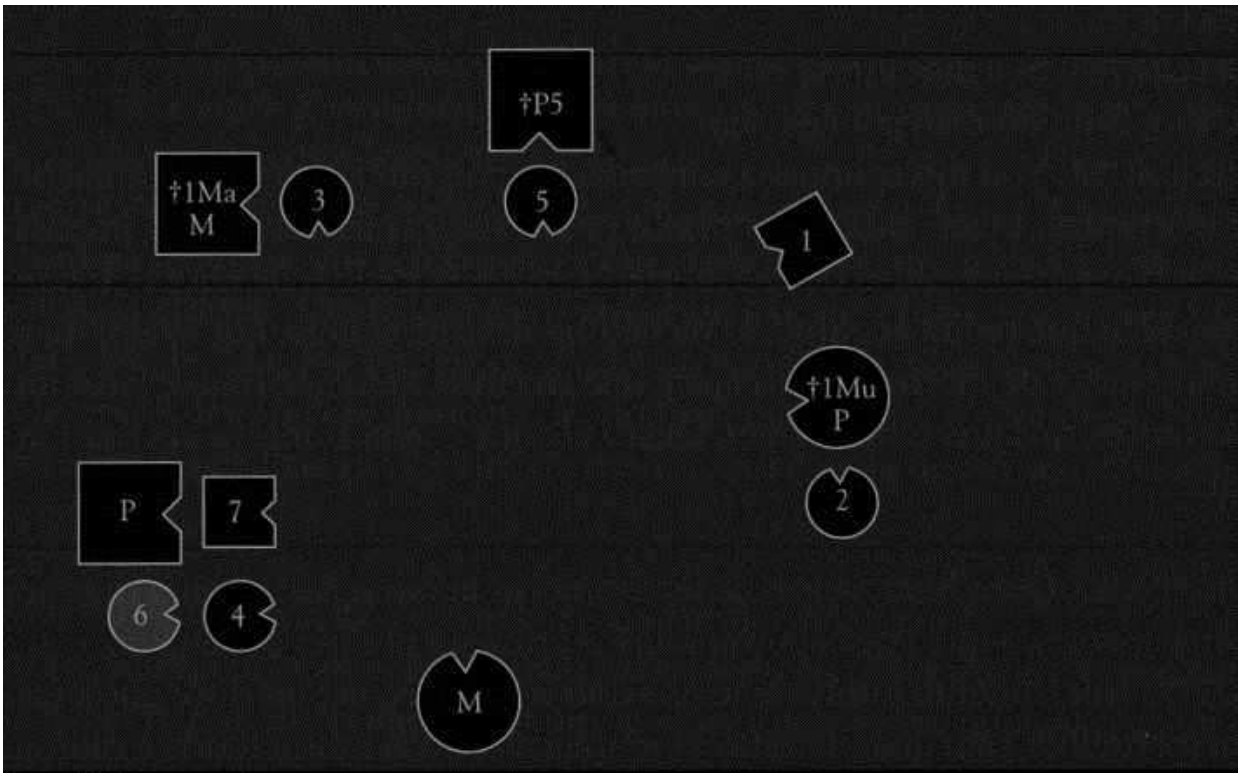
JUTTA: Do primeiro casamento de minha mãe. O marido morreu na guerra.

HELLINGER: Também precisamos colocar o primeiro marido.

JUTTA: De minha mãe?

HELLINGER: Isso mesmo.

JUTTA: A terceira filha de minha mãe também é de outro homem.



HELLINGER: Então deve entrar mais um homem. Ela nasceu fora dos casamentos?

JUTTA: Sim.

HELLINGER: O que aconteceu com esse homem?

JUTTA: Morreu.

HELLINGER: E por que sua mãe não se casou com ele?

JUTTA: Ele não quis.

Figura 1

P

Pai

†1MuP Primeira mulher do pai

1

Primeiro filho

2

Segunda filha

M

Mãe

†1MaM Primeiro marido da mãe, morto na guerra, pai de 3 e 4

3

Terceira filha

4

Quarta filha

†P5

Pai da *5*~ filha, não se casou com a mãe, falecido

5

Quinta filha

6

Sexta filha (=Jutta)

7

Sétimo filho

HELLINGER: Como está a mãe?

MÃE: Tenho a impressão de estar só, mas sinto algo do lado direito, naquela direção *(apontando para*

a primeira mulher). Gostaria de ir para lá. Aqui estou muito só e sem relações. Gostaria de dar um

passo à direita.

HELLINGER *(para Jutta):* Como era a relação de sua mãe com os homens?

JUTTA: Péssima. Ela odeia os homens.

HELLINGER: Parece mesmo.

(Para o grupo): Por isso também não tem os filhos perto de si. Todos eles estão com o pai.

(Para o falecido, primeiro marido da mãe): Como se sente você?

PRIMEIRO MARIDO DA MÃE: Não muito bem. Tenho a impressão de ser observado por minha

mulher. Ela está fora de meu alcance. De fato, só estou percebendo o lado esquerdo, que é muito

forte, na direção da filha. O lado direito está ausente.

HELLINGER *(para a filha mais velha do primeiro marido):* Como está você?

TERCEIRA FILHA: É péssimo ficar assim de frente para a mãe. Senti-me muito mal. Quando chegou

meu pai senti-me aquecida. Ganhei uma certa segurança e proteção. A mãe ficou fraca.

HELLINGER *(para a filha mais nova do primeiro marido):* Como está você?

QUARTA FILHA: Sinto-me bem neste clube familiar. Os dois homens à minha esquerda são muito

agradáveis. Quando o pai ficou defronte a mim, estava melhor ainda.

HELLINGER: Mas esse não é o seu pai.

QUARTA FILHA: Sim, o padrasto. O lado direito, na direção da mãe, não está nada bom; sinto um

vazio. É como se eu estivesse na beirada, com medo de cair para a direita. A irmã atrás de mim eu

quase não noto. O que me tranquiliza é esse grande círculo. Aí existe um clube maior, mais solto. O

pai me faz alguma falta.

(Para a irmã mais velha): Sinto um pouco de ciúme de você, porque o pai está só com você e não me

olha.

HELLINGER: Vamos levar você para lá depois.

(Para o pai da filha extraconjugal): Como se sente?

†PAI DA QUINTA FILHA: Em princípio estou bem, mas me sinto isolado. Vejo pela minha filha que

algo está ocorrendo. Ela me tolhe a visão. Com as outras pessoas não tenho relação.

HELLINGER *(para a filha desse homem):* Como você se sente?

QUINTA FILHA: Desde o início sinto constantes arrepios pelo corpo. Tenho muita pena de minha

mãe. Ela me parece muito só. E não entendo por que o marido dela se esconde lá atrás.

HELLINGER: Como está a primeira mulher do pai?

†PRIMEIRA MULHER DO PAI: Horrível. Na direção do filho existe frieza. Não percebo nada com

clareza. Não entendo como eles estão juntos. Mesmo quando me esforço, mal consigo acompanhar.

Estou nauseada e com ânsia de vômito, como se estivesse bêbada ou incomodada. Minha filha à

esquerda está perto demais. Mas eu a acho muito simpática. E não entendo como se pode falar de

um grande círculo. Acho horrível aqui, frio.

HELLINGER (*para Jutta):* Com quem foram criados os filhos?

JUTTA: Já eram casados quando minha mãe foi morar com meu pai.

HELLINGER *(para o filho mais velho):* Como está você?

PRIMEIRO FILHO: Sinto-me agitado. Com aqueles lá não tenho nada a ver. São estranhos para mim.

Quase não sinto nada em relação ao lado esquerdo também, na direção de minha mãe e da irmã.

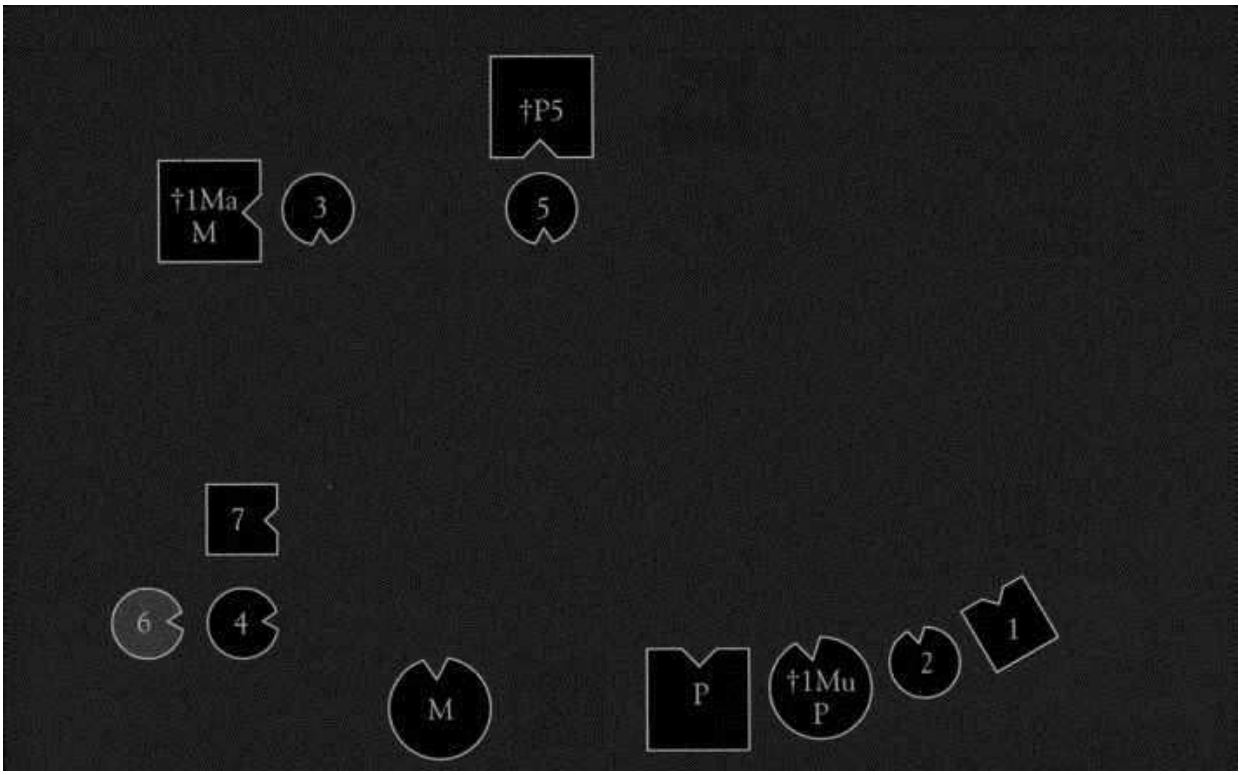
Assim me sinto um tanto só.

HELLINGER *(para a irmã mais velha):* E você?

SEGUNDA FILHA: Sinto-me muito mal. Como se houvesse uma couraça de proteção para trás. E me

sinto puxada para a frente. Muito aflitivo.

HELLINGER *(para o pai):* Como se sente?



PAI: Estou mal. Tenho os joelhos fracos, sinto-me isolado, desprezado. A única relação que sinto é

com o filho. Mas ele também me tira toda a energia e a liberdade de movimento. Sua presença me

estorva.

HELLINGER *(para a representante de Jutta):* Como está você?

SEXTA FILHA: Não estou bem, em absoluto. A irmã, na minha frente, me impede de sentir qualquer

coisa. Na direção de meu irmão sinto-me um pouco aquecida; não sinto nada por mais ninguém,

nem mesmo por minha mãe.

HELLINGER *(para o irmão mais novo):* E você?

SÉTIMO FILHO: Sinto-me partido ao meio e só tenho sensações da barriga para baixo. Percebo muita

responsabilidade vindo de trás. Sinto as pernas totalmente inseguras, estou vacilando. Meu olhar

está perdido no vazio.

HELLINGER *(para Jutta):* Do ponto de vista sistêmico, olhando por alto — pois ainda não conheço os

detalhes — presumo que você está identificada, sabe com quem?

JUTTA: Com meu pai.

HELLINGER *(aponta para a primeira mulher do pai):* Com ela. E a excluída, a desprezada. — E de onde

vem bênção para você?

JUTTA: De minha irmã mais velha.

HELLINGER *(aponta para a primeira mulher do pai):* Dela.

JUTTA: Com isso, nada posso fazer.

HELLINGER: Isso mesmo. Por isso você está doente.

JUTTA: Até agora ela não existia para mim.

HELLINGER: Morreu uma mãe com dois filhos. Foi ela. E você a seguirá, se continuar assim.

JUTTA: O que devo fazer?

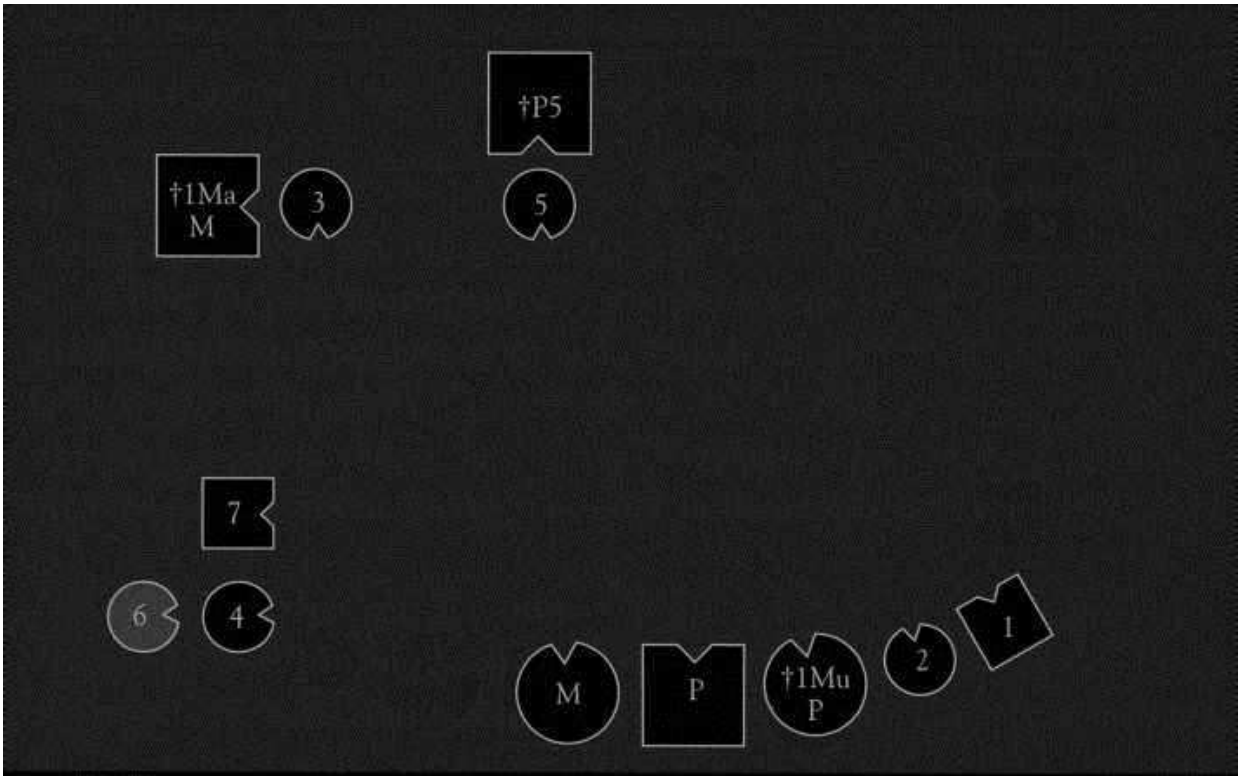
HELLINGER: Devo fazer alguma coisa?

JUTTA: Sim.

HELLINGER: Está bem.

Hellinger coloca o pai ao lado de sua primeira mulher, à sua esquerda, e os filhos comuns ao lado dela.

Figura 2



HELLINGER (*para o pai):* Como ficou?

PAI *(respira):* Está melhor. Mas ainda estou tremendo muito.

HELLINGER: Como está a mulher agora?

tPRIMEIRA MULHER DO PAI: Quando ouvi a voz dele melhorei.

HELLINGER (*para o filho):* Como está você agora?

PRIMEIRO FILHO: Eles continuam estranhos para mim, mas já sinto que pertenço a algum lugar. Isso

é agradável.

SEGUNDA FILHA: No final da constelação fiquei um pouco tonta. Quando vocês dois falaram da

mulher excluída fiquei mais aliviada. Agora estou um pouco melhor.

HELLINGER *(para a representante de Jutta):* O que mudou em você?

SEXTA FILHA: Estou suando em bicas. A única coisa que desejo é ir para lá.

HELLINGER: Justamente, é a identificação.

SEXTA FILHA: Com estes aqui, a mãe e a família, não quero me relacionar.

HELLINGER: Exato. Esses sentimentos são da outra mulher. Mandando você para lá eu os reforçaria.

SEXTA FILHA: Mas eu quero ir para lá.

HELLINGER: Isso eu não devo fazer.

Hellinger coloca a mãe à esquerda, ao lado do pai.

Figura 3

HELLINGER: Como é isso?

MÃE: É neutro, mas é bom, é melhor do que lá. Posso respirar, já não sinto a palpitação e o

isolamento. Só não estou ainda totalmente presente.

HELLINGER: Não. Precisamos primeiro pôr algo em ordem.

(Hellinger a coloca diante da primeira mulher): Faça a ela uma profunda reverência e lhe diga: “Eu lhe

presto homenagem”.

MÃE: Eu lhe presto homenagem.

HELLINGER: “Você é a primeira, eu sou a segunda”.

MÃE: Você é a primeira, eu sou a segunda.

HELLINGER (*para a primeira mulher*): Como é isso?

PRIMEIRA MULHER: No início não acreditei nela. E agora me vieram lágrimas.

MÂE: Agora já posso engolir. O nó da garganta passou.

HELLINGER: Olhe para os filhos dela e diga: “Em vocês eu respeito também a sua mãe”.

MÃE: Em vocês eu respeito também a sua mãe.

HELLINGER: “E o seu pai”.

MÃE: E o seu pai.

HELLINGER: Como é isso?

PRIMEIRO FILHO: É bom. Melhorou quando ela manifestou respeito por minha mãe.

SEGUNDA FILHA: Senti um grande alívio quando ela manifestou respeito por minha mãe.

HELLINGER *(para o pai):* Como está você?

PAI *(suspirando):* Muito melhor.

HELLINGER: Coloque-se diante de sua primeira mulher. O que você quer dizer a ela?

Eles trocam sorrisos.

HELLINGER: Ah, sim? Aproxime-se dela.

O *pai e sua primeira mulher se abraçam ternamente.*

HELLINGER *(algum tempo depois):* Está bem, agora fique diante dela e lhe diga: “Meu amor

permanece”.

PAI: Meu amor permanece.

HELLINGER: E diga aos seus filhos: “Meu amor por sua mãe permanece”.

PAI: Meu amor por sua mãe permanece.

HELLINGER *(para o filho):* Como você se sente?

PRIMEIRO FILHO: Isso é bom.

SEGUNDA FILHA: Foi um grande alívio.

HELLINGER *(para a primeira mulher):* E você?

PRIMEIRA MULHER: É muito bom. Pensei que ele não precisava dizer nada. *Ri.*

HELLINGER: Mas os filhos precisam ouvir isso.

Quando o pai se coloca de novo ao lado da primeira mulher, a mãe se aproxima dele.

HELLINGER *(para a mãe):* Você pode se aproximar agora?

MÃE: Sim.

HELLINGER (*para a representante de Jutta):* Como se sente agora?

SEXTA FILHA: Estou muito bem. E também ficarei bem se minha irmã, na minha frente, der um

passo para o lado.

HELLINGER: Agora vamos colocar a outra ordem.

Hellinger coloca a representante de Jutta e seu irmão, ao lado da mãe, à sua esquerda.

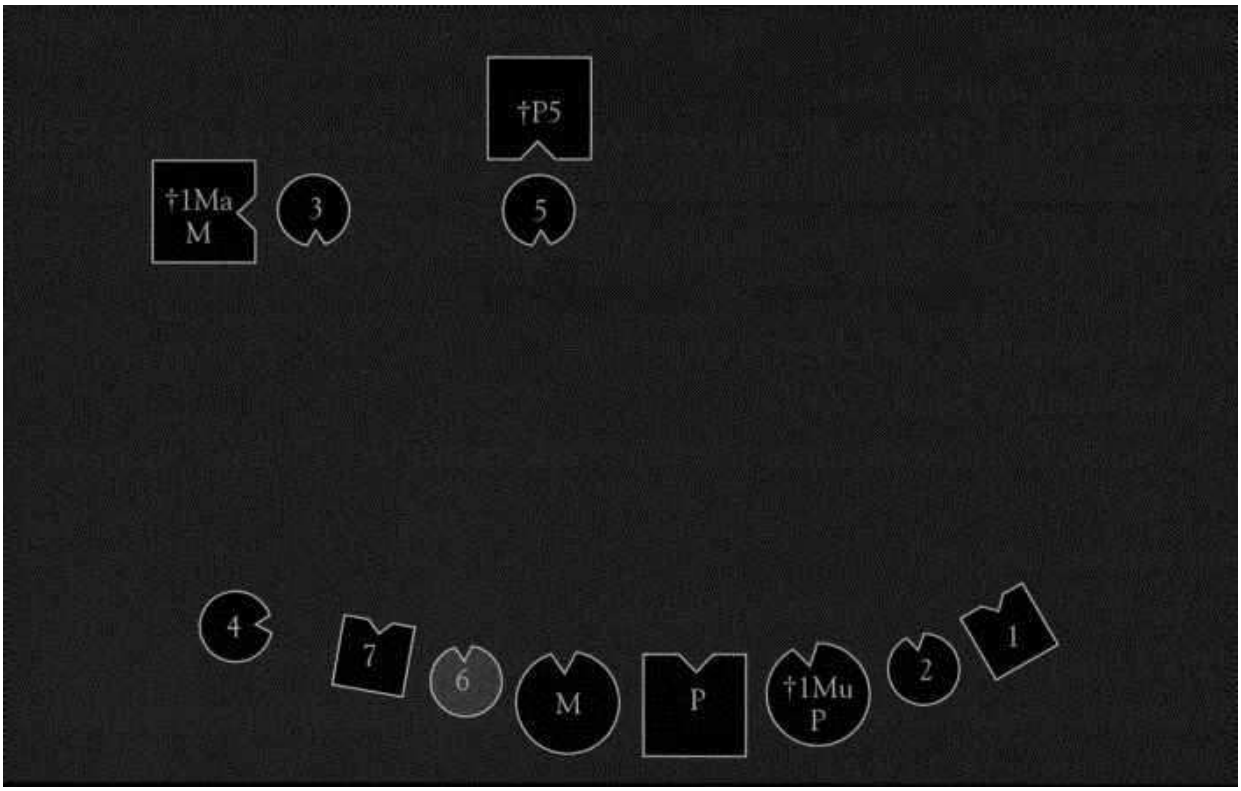


Figura 4

HELLINGER (*para a representante de Jutta):* Como se sente agora?

SEXTA FILHA: Muito bem.

HELLINGER *(para Jutta):* Agora vou trazer você para cá.

Depois de algum tempo Hellinger a coloca diante de seu irmão, do primeiro casamento de seu pai.

HELLINGER: Diga a ele: “Querido irmão”.

JUTTA: Querido irmão.

HELLINGER: “Olhe para mim com carinho”.

JUTTA: Olhe para mim com carinho.

HELLINGER: “Eu também faço parte da família”.

JUTTA: Eu também faço parte da família.

PRIMEIRO FILHO: É bonito.

HELLINGER (*para Jutta):* Agora vá até sua irmã e lhe diga o mesmo: “Querida irmã”.

JUTTA: Querida irmã. Eu também pertenço à família. Olhe para mim com carinho.

HELLINGER: “Você é minha irmã mais velha”.

JUTTA: Você é minha irmã mais velha.

SEGUNDA FILHA: Eu gosto de você.

Jutta sorri.

HELLINGER: Agora vou recolocar você junto de sua mãe.

(Para o grupo): O amor coloca tudo em ordem, mesmo um sistema complicado como este. Um

sistema com esta complexidade não pode ser colocado em duas dimensões, apenas em três.

Hellinger tenta uma solução também para os outros membros da família.

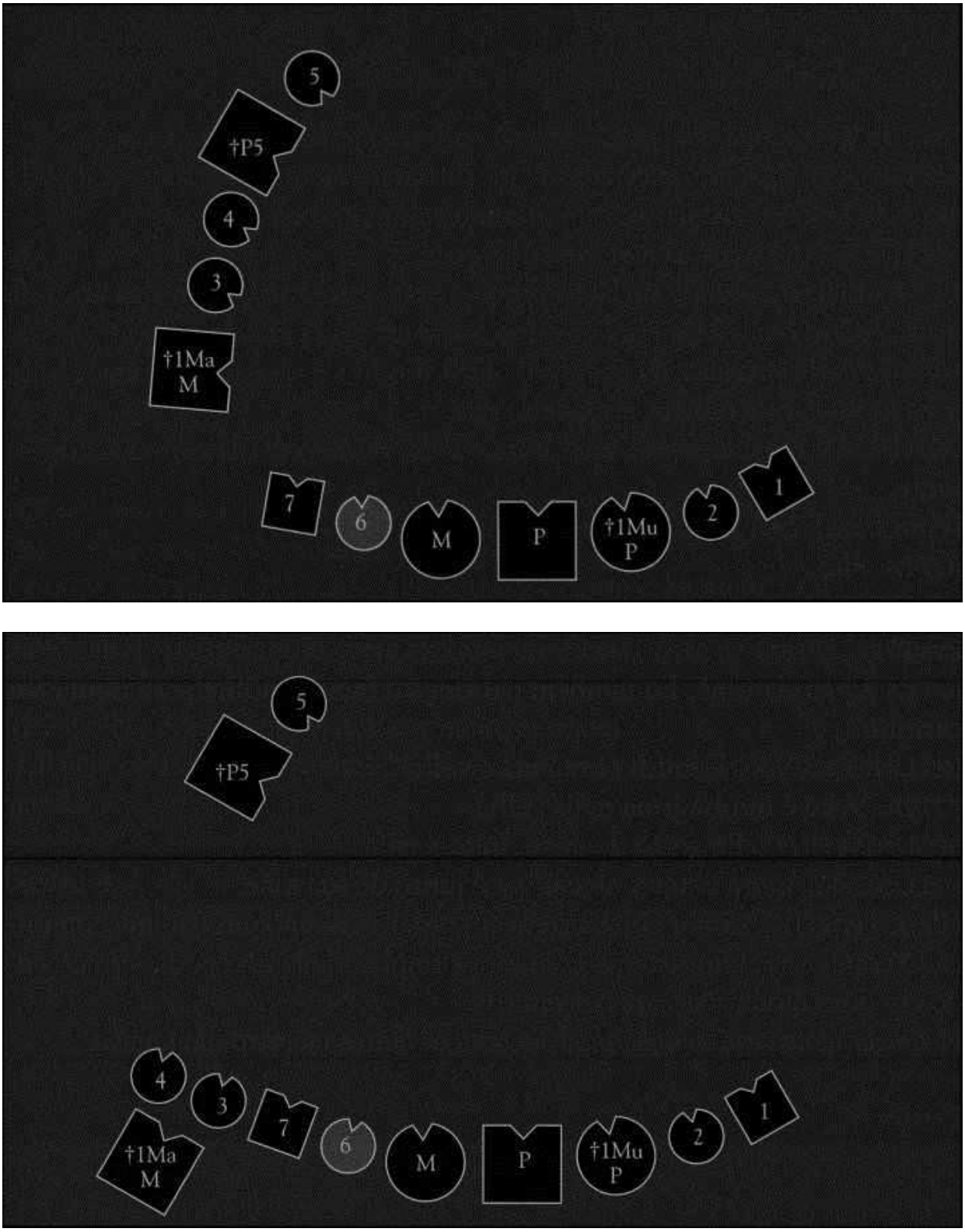


Figura 5

HELLINGER (*para o primeiro marido da mãe):* Como você se sente?

PRIMEIRO MARIDO DA MÃE: Um pouco melhor.

Hellinger coloca seus filhos ao lado dos outros irmãos e coloca o pai atrás deles.

Figura 6

HELLINGER *(para a filha mais velha do primeiro marido*): Como é isso?

TERCEIRA FILHA: Sinto vontade de me juntar ao meio-irmão mais velho, do outro lado. São

tentativas. Não estou totalmente bem.

HELLINGER *(para a filha mais nova):* E você?

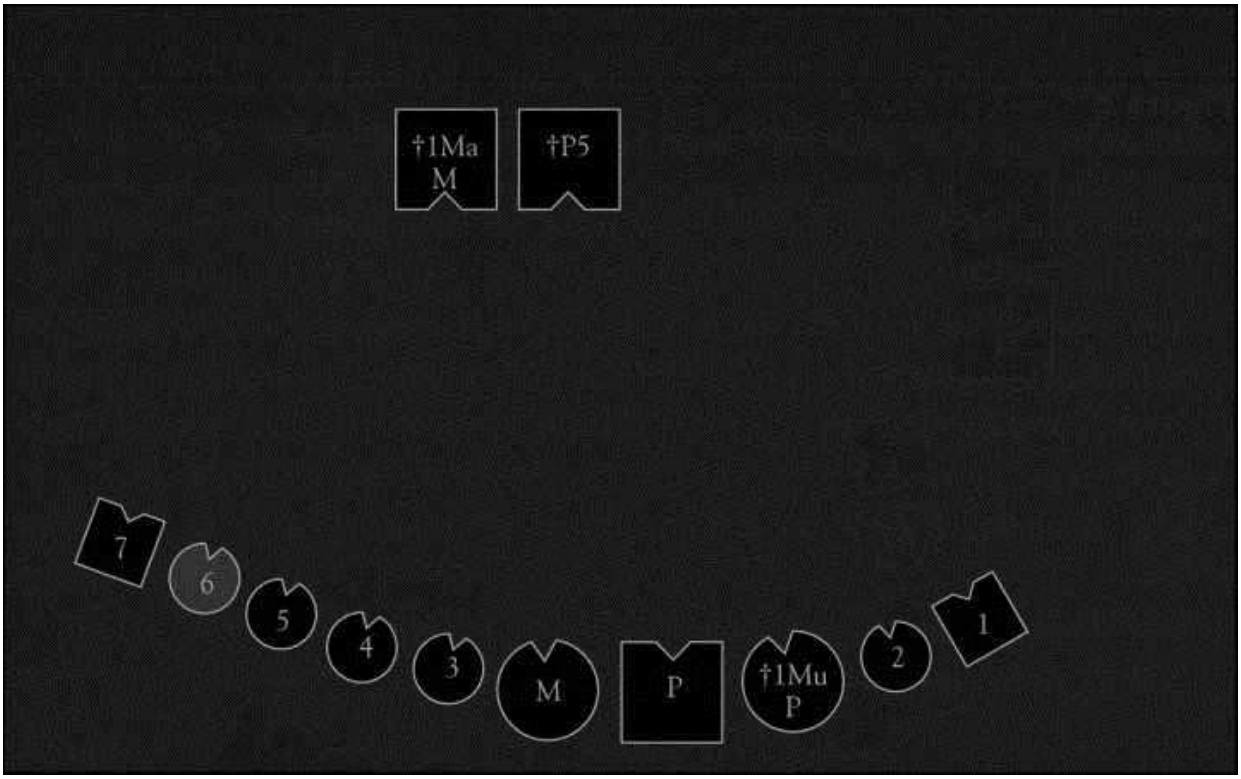
QUARTA FILHA: O lado de lá está muito certo para mim. Meu pai, atrás de mim, me faz bem. Mas

também sinto uma atração pelo outro lado *(aponta para a primeira mulher do padrasto).* Essa mulher é

quase mais importante para mim do que minha verdadeira mãe.

HELLINGER: Ela é a pessoa mais importante. A desprezada é a mais importante.

(Para Jutta): Seu pai cuidou dessas filhas?



JUTTA: Sim.

HELLINGER (*leva para diante da mãe o seu primeiro marido):* “Eu lhe confio nossas filhas, com amor”.

PRIMEIRO MARIDO DA MÃE: Eu lhe confio nossas filhas, com amor.

HELLINGER: Como é isso para você?

PRIMEIRO MARIDO DA MÃE: É bonito.

HELLINGER: Olhe para o segundo marido dela e lhe diga: “Reconheço o cuidado que você teve com

elas”.

PRIMEIRO MARIDO DA MAE: Reconheço o cuidado que você teve com elas.

HELLINGER: “Obrigado”.

PRIMEIRO MARIDO DA MÃE: Obrigado.

HELLINGER *(para a filha mais velha desse homem):* Como se sente agora?

TERCEIRA FILHA: Olhei rapidamente, ainda estou buscando. Não estou muito bem. Acabo de pensar

se gostaria de ficar ao lado da mãe. Não sei.

HELLINGER: Provavelmente vocês três precisam vir para cá.

Hellinger coloca as duas filhas do primeiro marido ao lado da mãe, a filha extra- conjugal ao lado delas, e o pai

defronte delas.

Figura 7

HELLINGER *(para o pai da filha extraconjugal):* Diga isso também à mãe: “Eu lhe confio nossa filha com

amor”.

† PAI DA QUINTA FILHA: Eu lhe confio nossa filha com amor.

HELLINGER: “...e lhe agradeço pelo que você fez por ela”,

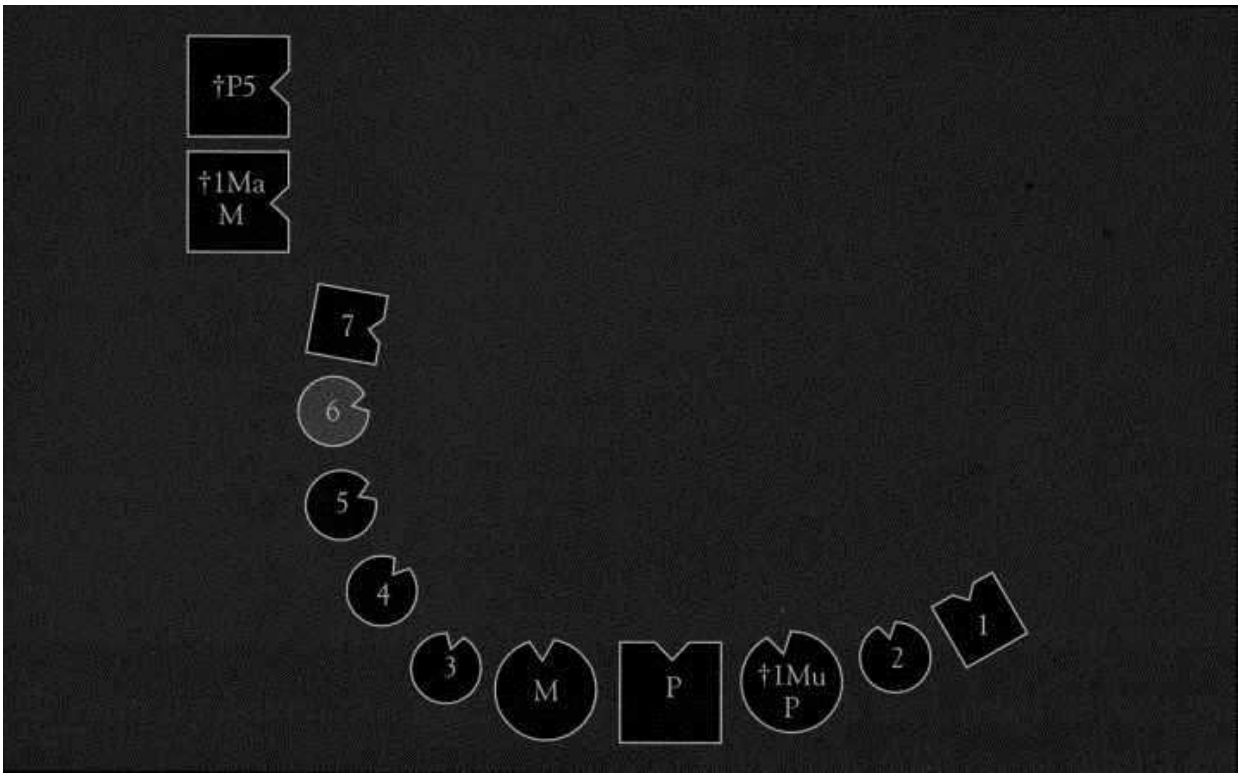
† PAI DA QUINTA FILHA:... e lhe agradeço pelo que você fez por ela.

HELLINGER: Diga isso também ao marido dela.

†PAI DA QUINTA FILHA: Eu lhe confio minha filha com amor. E lhe agradeço pelo que você fez por

ela.

HELLINGER: Como é isso?



QUINTA FILHA: É bom, muito bom.

HELLINGER: Como está aqui agora?

TERCEIRA FILHA: É bom.

QUARTA FILHA: Agora me sinto realmente pertencendo a esta família. Não é como antes.

HELLINGER *(para Jutta):* Como está você agora?

JUTTA: Estou muito melhor. Ao lado de minha mãe não me senti muito bem. Agora estou livre.

SÉTIMO FILHO: Tenho no corpo inteiro a sensação de que este é um lugar certo.

Hellinger afasta um pouco os pais dos filhos 3 , 4 e 5 e deixa as pessoas restantes em semicírculo, de modo que

possam verse.

Figura 8

HELLINGER: Esta é a ordem agora.

(Para Jutta): Sim?

JUTTA: Eu me sinto muito bem.

HELLINGER: Agora você precisa olhar para todos e tomar a força que provém de cada um. Essa é a

força que cura.

Quando vê que Jutta quer ir para a primeira mulher de seu pai.

HELLINGER: Vá até ela. Abrace-a.

Jutta abraça-a ternamente por longo tempo e chora. Depois volta para seu lugar.

HELLINGER: Está bom assim?

Jutta concorda com a cabeça.

HELLINGER: Então é isso.

Resumo

O *laço do destino: O pai de Jutta teve uma primeira mulher que morreu depois de uma queda, quando estava*

embriagada. Desse casamento existem dois filhos. A mãe de Jutta teve um primeiro marido que morreu na

guerra. Também desse casamento existem duas filhas. Depois teve ainda uma filha com outro homem, antes

de se casar com o pai de Jutta, com quem teve Jutta e outro filho. Jutta representa a primeira mulher de seu

pai, e está identificada com ela.

A ordem: *A mãe diz à primeira mulher do pai: “Eu lhe presto homenagem. Você é a primeira, eu sou a*

segunda. E diz aos filhos deles: “Em vocês respeito também sua mãe e seu pai”.

O pai diz à primeira mulher: “Meu amor permanece". E aos seus filhos do primeiro casamento: “Meu amor

por sua mãe permanece”. Jutta diz a seu irmão, do primeiro casamento de seu pai: “Querido irmão, olhe para

mim com carinho. Eu também pertenço à família”. E à sua irmã: “Querida irmã, eu também pertenço à

família. Olhe para mim com carinho. Você é minha irmã mais velha”.

O falecido, primeiro marido da mãe, diz a ela: “Eu lhe confio nossas filhas com amor”. E diz ao pai de Jutta:

“Eu reconheço que você cuidou delas. Muito obrigado".

O pai da filha extraconjugal da mãe diz à mãe: “Eu lhe confio nossa filha com amor”. E ao pai de Jutta: “Eu

lhe agradeço pelo que você fez por nossa filha”.

A ordem

HELLINGER *(para o grupo):* Este foi um sistema muito complexo. Mas, mesmo num sistema assim,

quem conhece as ordens pode ver como tudo se encaixa. Algo que pudemos ver aqui foi o

seguinte: a ordem é restaurada quando cada um fica no lugar correto e preserva a própria

dignidade. Vocês viram aqui que isso é possível. Um princípio muito importante nessas cons-

telações é que o terapeuta procure identificar quem é o excluído, desprezado ou não desejado.

Quando essa pessoa é incluída, instala-se a ordem.

PARTICIPANTE: Imagino que, nessa ordem do amor, também existe um “não” que significa

distanciamento mas não exclusão. Sinto falta disso aqui. Existe sempre uma grande unidade.

HELLINGER: Imagine que alguém tivesse dito “não”, por exemplo, à sua primeira mulher. Qual seria

o efeito?

PARTICIPANTE: Eu não estava me referindo a uma exclusão, mas a um distanciamento.

HELLINGER: O efeito teria sido que a pessoa a quem digo “não” se torna meu modelo.

Inconscientemente, para compensar, essa pessoa é imitada.

O que há de curioso no amor é que ele possibilita a separação. Assim, por meio do “sim”,

conseguimos o que queríamos conseguir por meio do “não”. O “sim” possibilita a despedida.

Agora Jutta já pode se afastar dessa pessoa, mas não o poderia se tivesse dito “não”. Portanto, a

ordem não promove uma fusão entre os membros da família. Eles apenas se ligam, mas cada um

permanece livre.

A reverência à mãe

PARTICIPANTE: Observei muitas vezes, em doentes com câncer, que apenas para serem amados eles

se prestam a tudo, e que desrespeitam totalmente os próprios limites. Senti falta disso em suas

constelações.

HELLINGER: Em muitas pessoas com câncer, principalmente com câncer de mama, notei que elas

dão mas se recusam a receber. Antes de tudo, recusam-se a receber sua própria mãe. Receber sua

mãe e fazer-lhe uma profunda reverência seria o passo que cura.

Certa vez, num curso, eu disse a uma paciente com câncer: “Você prefere recorrer aos anjos a

reverenciar sua mãe”. Algumas pessoas que não estavam sintonizadas condenaram a minha

intervenção. Entretanto, com o tempo, ela se curvou vértebra por vértebra. Também seu marido,

médico e homeopata convicto, curvou-se diante da medicina tradicional e permitiu que sua

mulher fosse tratada com quimioterapia. Em um ano ela se curou.

A plenitude

HELLINGER: Refleti longamente sobre a plenitude e observei quando alguém se sente inteiro.

Pudemos ver isso em Jutta. Ela se sente inteira porque cada pessoa que pertence ao seu sistema

ocupa agora seu lugar certo. No momento em que uma pessoa está inteira, ela se sente livre. Mas

enquanto exclui alguém ela se sente incompleta e ainda ligada. Por isso esse tipo de plenitude

também leva à liberdade.

GERTI (2) — "EU LEVO VOCÊ EM MINHA VIDA"

Introdução

Aqui se vê como foi importante interromper o trabalho com Gerti quando sua alma ainda não estava

preparada para ele.

A constelação mostra as graves consequências que resultam quando uma mulher quer poupar um homem. No

caso presente, a avó paterna de Gerti ocultou do homem que a engravidara o fato de ter tido um filho com ele.

Esse filho, que veio a ser o pai de Gerti, ficou assim privado do sobrenome paterno. Imitando a avó, Gerti

ocultou de seu marido a sua doença, para não molestá-lo.

A constelação também revela os profundos efeitos que resultam para uma família quando não se fez o luto por

uma filha falecida prematuramente; no presente caso, porque a mãe se sentia culpada pela morte da criança.

HELLINGER *(para Gerti):* O que já fizemos?

GERTI: Queríamos fazer, mas eu não estava bastante séria.

HELLINGER: E o que há agora?

GERTI: Não posso descrever o que há. Está acontecendo muita coisa, mas não sei dizer.

HELLINGER: Qual é a sua doença?

GERTI: Câncer do colo do útero.

HELLINGER: Desde quando?

GERTI: Começou há dois anos; fiz um tratamento alternativo e praticamente desapareceu. Mas

agora voltou.

HELLINGER: Você é casada?

GERTI: Divorciada.

HELLINGER: Tem filhos?

GERTI: Não.

HELLINGER: Por que se divorciou?

GERTI: Meu marido quis, e eu também, de certo modo. Ele fez a proposta e eu aceitei.

HELLINGER: Por quê? Aconteceu alguma coisa?

GERTI: Aconteceu muita coisa, mas debaixo do pano. Não foi nada sério. Eu já notara, havia muito,

que algo não estava bem. Já lutava com a doença, mas nada contei a ele, porque não queria

molestá-lo.

HELLINGER: Houve algum fato decisivo, por exemplo, um aborto?

GERTI: Comigo? Não.

HELLINGER: Só pergunto isso porque teria sido importante. E o que há em sua família de origem?

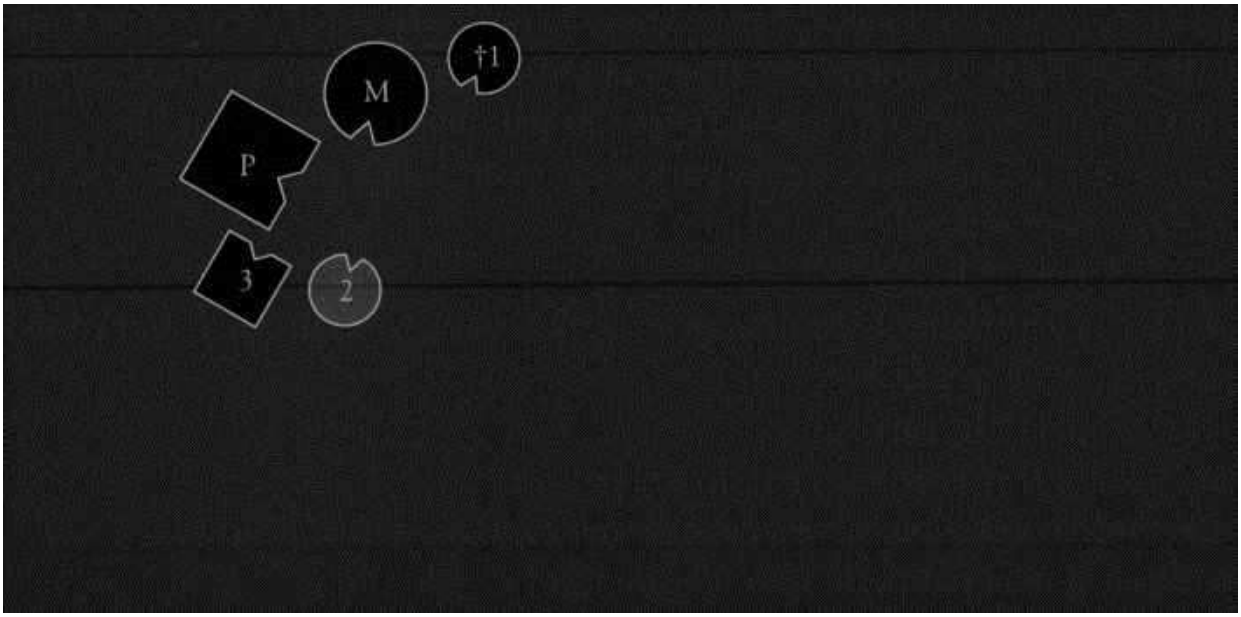
GERTI: Tenho também um irmão mais novo. Minha mãe é muito dominante, luta há dois anos com

sua própria infância. E perdemos uma irmã mais velha.

HELLINGER: O que significa isso?

GERTI: Ela nasceu cianótica e morreu aos quatro anos. Eu tinha então sete meses. Meu irmão nasceu

três anos depois de mim.



HELLINGER: Está bem, coloque o sistema de origem: o pai, a mãe e os três filhos.

Algum dos pais teve antes uma ligação firme?

GERTI: Que eu saiba, não.

Figura 1

P

Pai

M

Mãe

†1

Primeira filha falecida aos quatro anos

2

Segunda filha (=Gerti)

3

Terceiro filho

HELLINGER: O que se passou na família de seu pai?

GERTI: Exteriormente, está tudo em ordem, mais ou menos. Ele nasceu de mãe solteira. A mãe dele

era empregada numa grande fazenda. Consta que ela estava noiva, e que não quis molestar o

noivo falando do filho porque não queria obrigá-lo a se casar, e o deixou ir embora.

Agora se suspeita de que meu pai não era filho desse homem mas do fazendeiro a quem minha

avó servia. E acho que deve ser verdade, porque meu pai foi ficando cada vez mais parecido com

ele. Eu conheci esse fazendeiro e falei disso a meu pai. Mas ele disse que isso era impossível, e que

sua mãe não ia fazer uma coisa dessas, que era boato e falação de mulheres. A mãe de meu pai teve

de extrair o útero, por volta dos cinquenta anos, devido a um câncer. Não me ocorre muita coisa

mais. A irmã de meu pai também teve um filho ilegítimo.

HELLINGER: A mãe de seu pai se casou mais tarde?

GERTI: Ela se casou bem mais tarde, com mais de sessenta anos. O marido dela já morreu.

HELLINGER: De onde veio então a irmã de seu pai?

GERTI: A irmã do meu pai? Meu Deus! De onde ela veio? De qualquer maneira, não foi do homem

com quem ela se casou. Foi de um outro homem. Uma certa confusão. Aí ainda existe um pai, mas

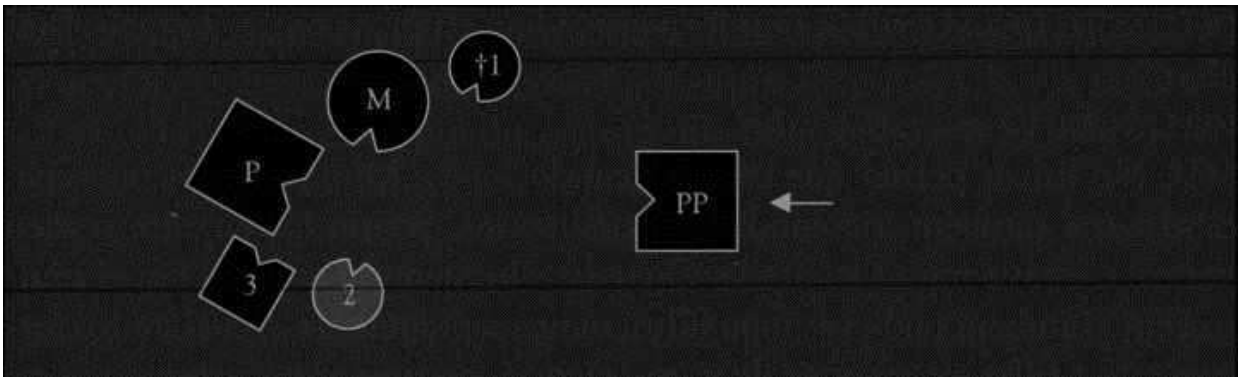
não sei quem foi.

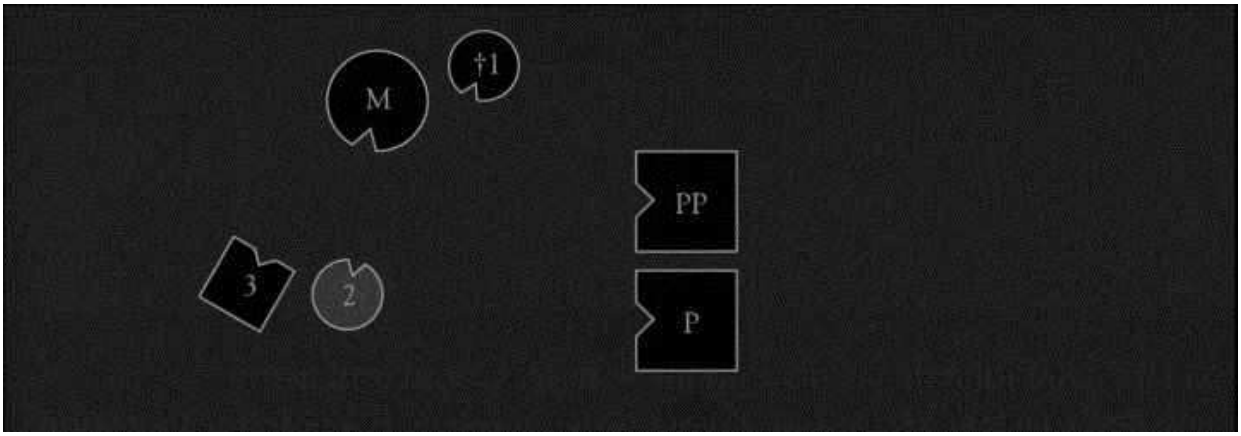
HELLINGER: Se olharmos agora para esta constelação, quem é que você representa para seu pai?

GERTI: A mãe dele, não?

HELLINGER: Justamente, a mãe dele, com o câncer do útero. E seu irmão, quem é que ele

representa?





GERTI: O pai dele, talvez.

HELLINGER: Justamente, o pai do seu pai.

M *ais tarde se verificou, porém, que ele representava a irmã falecida.*

HELLINGER: Seu pai corre risco de suicídio?

GERTI: Meu pai?

HELLINGER: Sim.

GERTI: Pela imagem?

HELLINGER: Não, pergunto de modo geral.

GERTI: Eu só noto que ele tem uns problemas loucos que não larga. Acho isso, sem dúvida, muito

ruim. Isso não se resolve nunca.

HELLINGER: Ele já fez alguma tentativa de suicídio?

GERTI: Não, que eu saiba.

HELLINGER: Todos estão em volta dele para protegê-lo, para que ele não vá embora.

(Para o pai): Como se sente?

PAI (*respira com dificuldade):* Pouco ar, quero ir embora, talvez não de vez, mas quero ir embora. Isto

é insuportável. Ai!

HELLINGER: Espere um pouquinho. Só um minuto.

Hellinger escolhe alguém como representante do pai do pai e o coloca diante dele.

Figura 2

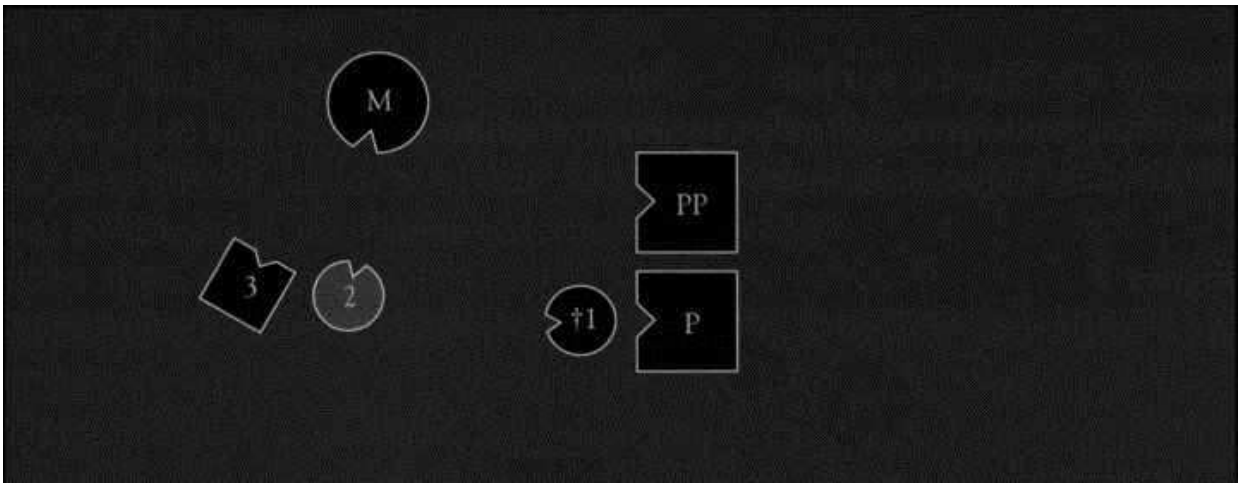
PP Pai do pai.

HELLINGER: Este é o seu pai.

PAI: Sim, muito tranquilizador, muito tranquilizador.
HELLINGER: Fique ao lado dele.

Figura 3

PAI (ri): Sim, isto é bom.



HELLINGER *(para o pai do pai):* Como se sente você?

PAI DO PAI: Muito bem.

HELLINGER *(para Gerti):* É simples assim. Uma criança precisa dos pais. Está claro?

HELLINGER: Como está a mãe?

MÃE: No início pensei que estava ficando louca. Muita coisa aconteceu. Sentia-me também

incomodada sexualmente. Sentia fortemente o meu ventre e estava muito excitada. Quando o

homem foi embora fiquei muito bem. Também pude ver meu filho, muito rapidamente. Senti

muito fortemente a filha morta atrás de mim, quando seu tremor me atingiu.

HELLINGER *(para a criança):* O que é isso?

†PRIMEIRA FILHA: Meus joelhos estão tremendo. Isso começou quando o pai foi embora.

Hellinger a leva até o pai.

Figura 4

HELLINGER: Fique de costas e apoie-se nele. Como está agora?

†PRIMEIRA FILHA: Melhorou. Agora posso respirar. E a palpitação passou. HELLINGER: Como está o

pai agora?

PAI: Bem.

HELLINGER: E como está a mãe?

MÃE: Estou olhando para a outra filha. Gostaria de ficar junto dela. Isso também é muito

importante para mim. No início tentei pegá-la e tomá-la. Ela me parece tão forte. Eu não sou nada

forte.

HELLINGER *(para o grupo):* Gerti disse antes que a mãe é muito dominante. Mas ela fica assim

quando se sente fraca. Então precisa impor-se.

(Para Gerti): Existe algo de especial na família de origem de sua mãe?

GERTI: Ela perdeu o pai por um infarto. Ela luta até hoje com isso.

HELLINGER: Que idade tinha ela então?

GERTI: De qualquer modo, já era adulta e casada. E eu já tinha nascido.

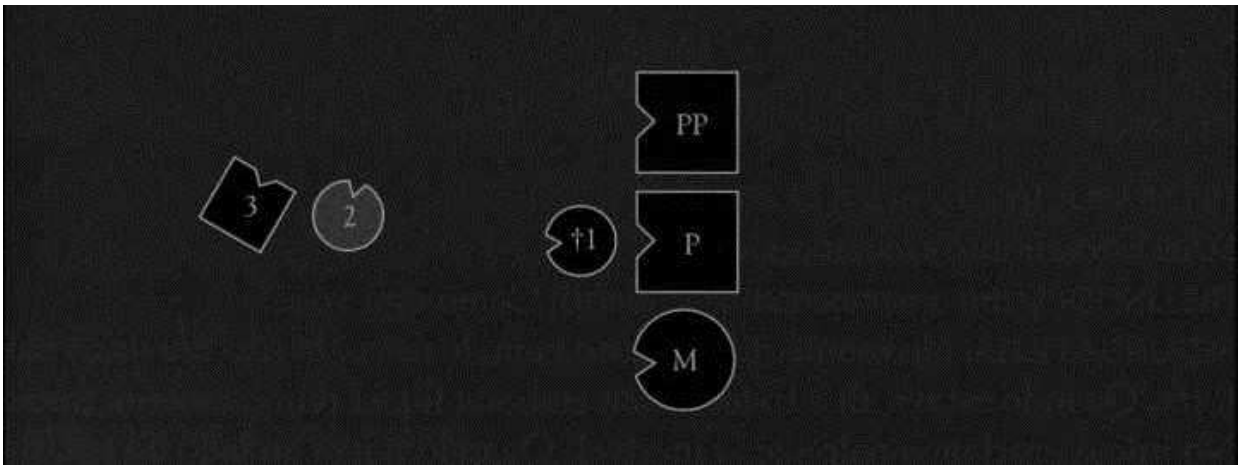
HELLINGER: Ela se sente culpada pela morte da criança?

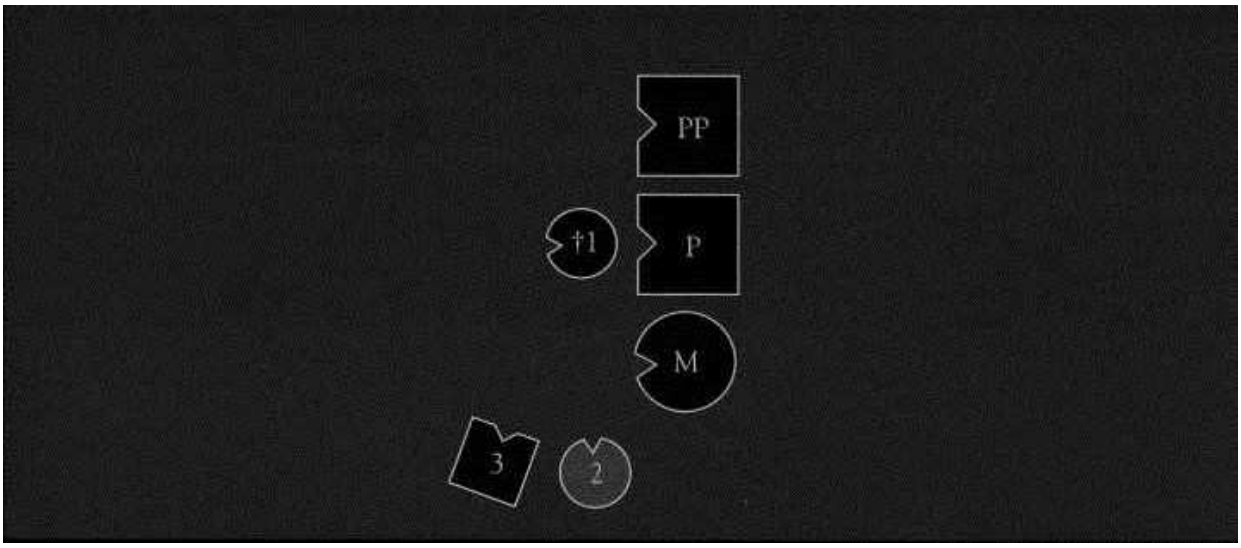
GERTI: Creio que sim. Ela carrega isso com muito peso. Ela sempre diz que, depois que a criança

morreu, passou quase um ano sem se dar conta do que fazia comigo: de como me vestia, me

alimentava, de coisa alguma. Então um dia uma amiga a sacudiu e lhe disse: “Mulher, pare de

chorar, você ainda tem uma filha”. A partir daí ela ficou consciente do que fazia. Ela me disse: “Eu





pus em você todo o meu amor”. E eu respondi: “Para mim foi o contrário, você tirou muita coisa

de mim”.

HELLINGER: Por essa reação, presumo que a mãe se sente culpada pela morte da criança.

(Para a mãe): Agora vou colocar você ao lado do marido.

(Para a filha morta): Vou sentá-la no chão, diante de seus pais. Apoie suas costas neles.

HELLINGER *(para a mãe):* Como está agora?

MÃE: Isto é bom. Posso senti-los.

Figura 5

HELLINGER *(para o pai):* E você?

PAI: Sim, assim é bom. Assim existe paz.

HELLINGER *(para afilha morta):* E você?

†PRIMEIRA FILHA: Sim, também é bom. Eu sentia saudades da mãe, e agora ela está aí.

HELLINGER *(para o grupo):* Existe um luto que separa da criança. E um luto ruim. E existe um luto

que une. Ele então se torna leve. E como uma submissão ao destino.

HELLINGER *(para a representante de Gerti):* E o que vamos fazer com você? Fique ao lado de sua mãe.

(Para o filho): E você também.

Figura 6

HELLINGER *(para a mãe):* O que há?

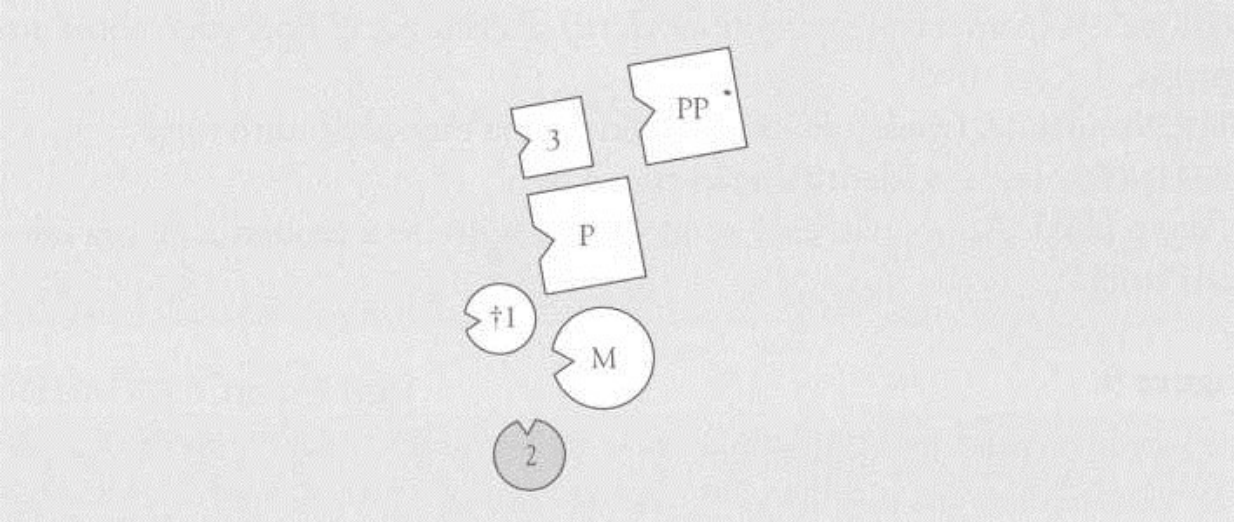
MÃE: Estou muito emocionada.

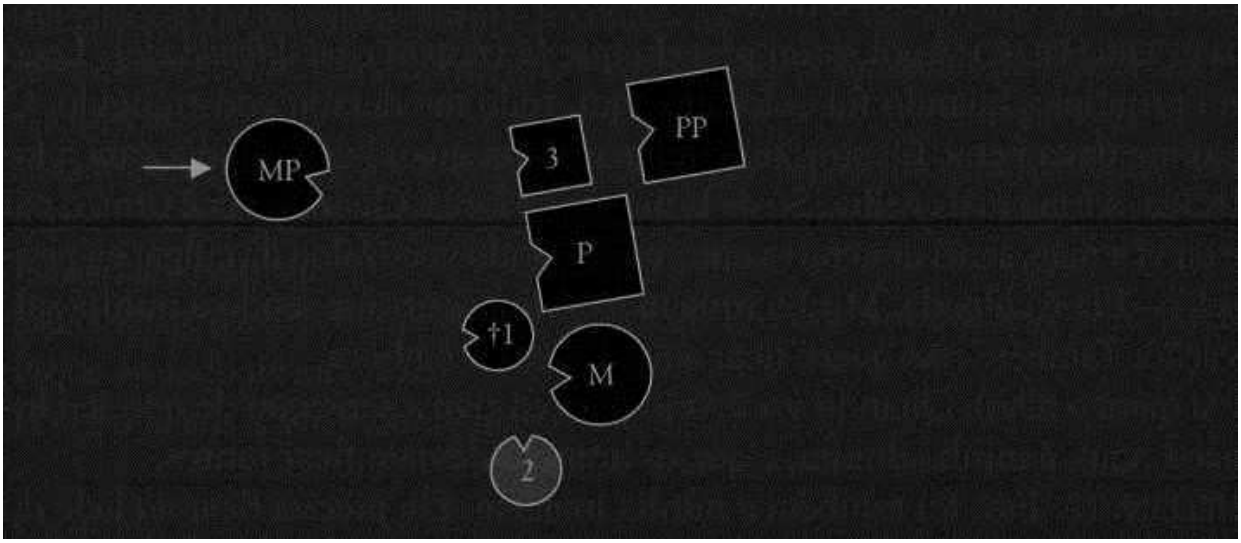
HELLINGER *(para a representante de Gerti):* Como está você?

SEGUNDA FILHA: No momento me sinto bem de novo. Já não me sinto tão forte. Quando estava ali e

todos foram embora, fiquei teimosamente forte. No início senti uma palpitação incrível. Quando

fiquei ao lado do pai, ficou mais tranquilo. E quando todos vieram, senti-me incrivelmente aper-





tada. Todos estavam perto demais. Quando o pai disse que precisava ir embora, senti outra vez

uma tremenda palpitação. Quando ele foi embora ficou mais leve para mim, então percebi a mãe

pela primeira vez. E então me senti mesmo forte e teimosa, mas neste sentido: — Agora eu suporto

isso. Agora me sinto bem encaixada.

HELLINGER: Como está o filho?

TERCEIRO FILHO: Aqui estou pior do que lá (*respira com dificuldade).* Logo no princípio, quando fui

colocado aqui, tudo me deixou constrangido. O pai me dava pena. Os sintomas desapareciam

quando eu olhava para a falecida, a irmã mais velha. Só de lá me vinha força. Quando você tirou o

pai e eu vi a mãe, senti uma raiva enorme. Quando você falou da culpa, eu pensei: — Ela é

culpada. Minha irmã mais velha continua sendo a minha salvação. Também não quero ficar aqui.

Quero ir embora.

PAI (*para o filho):* Quando você veio para cá tive a sensação de que seu lugar é aqui, à minha direita,

e que os homens deviam ficar juntos. HELLINGER: Essa foi também a minha imagem. Ele precisa

ficar ao lado do pai, e o avô atrás dele.

Figura 7

PP

Pai do pai

HELLINGER: Como é isso?

TERCEIRO FILHO: Isso está me derrubando.

HELLINGER: Preciso trazer também a mãe do pai.

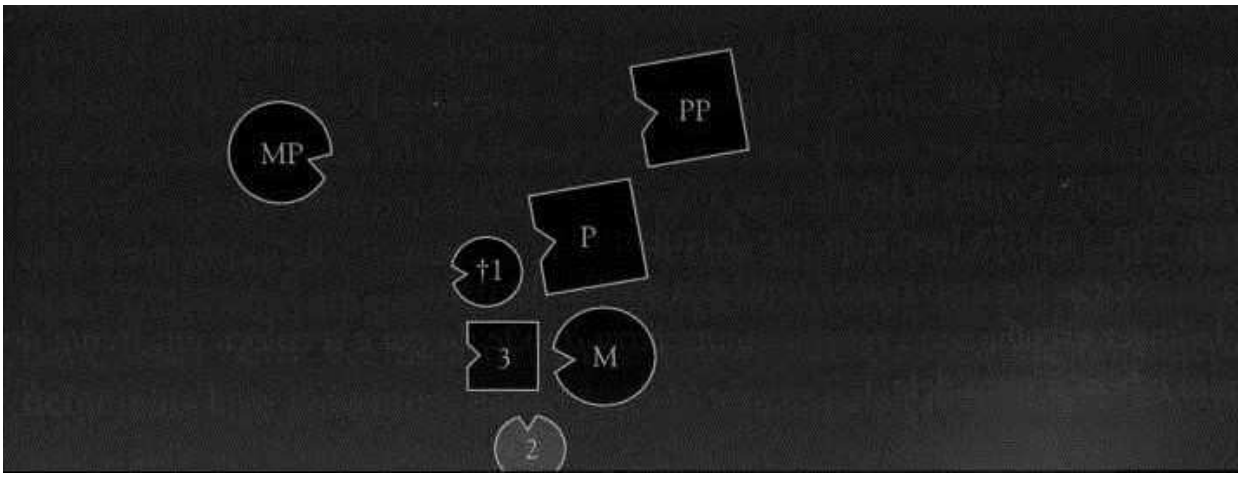
Hellinger escolhe uma representante para a mãe do pai e a coloca em frente do neto e bem à vista dele.

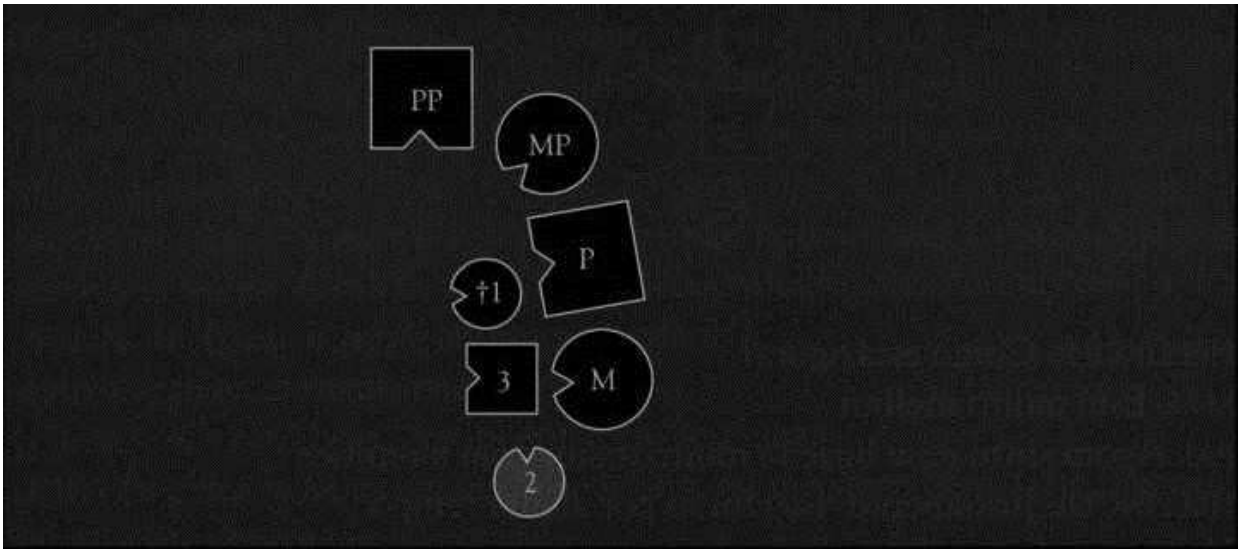
Figura 8

MP

Mãe do pai

HELLINGER *(para a mãe):* O que há com você?





MÃE: Estou punindo a mim mesma.

HELLINGER *(para a representante de Gerti):* E com você? Pois você abriu um sorriso.

SEGUNDA FILHA *(rindo):* É simplesmente uma emoção muito forte.

HELLINGER: Isso é a identificação com a avó.

(Para o filho): Ainda não está bem? Então, sente-se à esquerda de sua falecida irmã.

Figura 9

TERCEIRO FILHO: Agora posso respirar, pela primeira vez.

HELLINGER ***(para a falecida irmã):*** Como se sente quando ele fica sentado ao seu lado?

†PRIMEIRA FILHA: Noto que do lado esquerdo está bom.

HELLINGER ***(para o filho):*** Naturalmente, este só pode ser um lugar provisório para você. Não é o

lugar certo.

(Para a mãe do pai): Como está você?

MÃE DO PAI: Estou totalmente voltada para a neta viva.

HELLINGER: Vamos tirar você um pouco da vista.

Hellinger a coloca à direita do pai, e o pai do pai do outro lado dela.

Figura 10

HELLINGER: Como é isso?

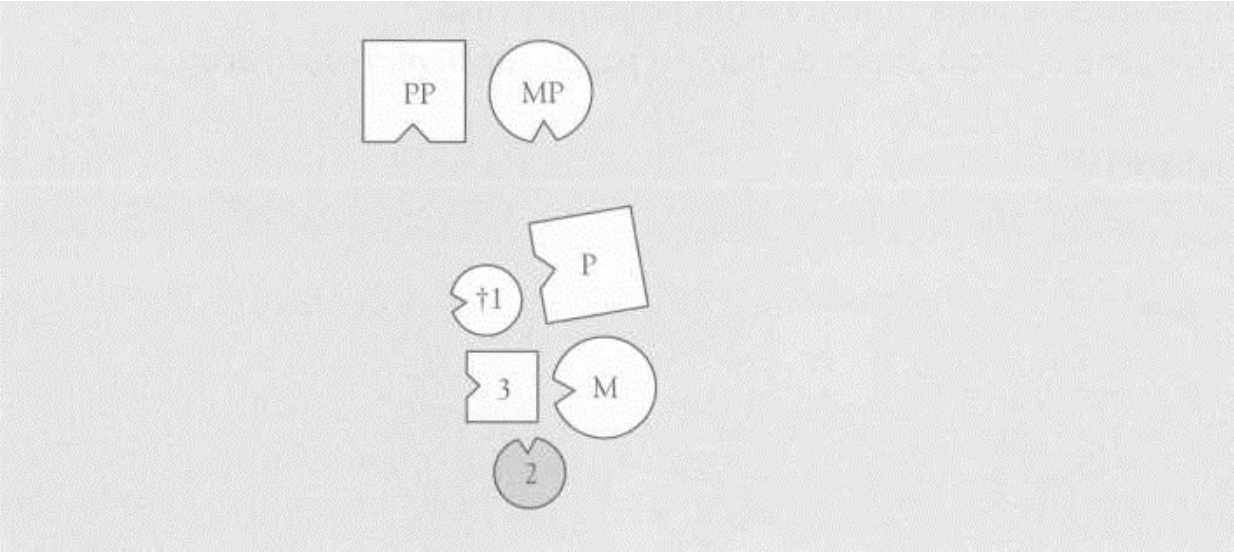
PAI: É bom também. O essencial foi que meu pai está aí, e isso é bom, por acréscimo. Mas fico

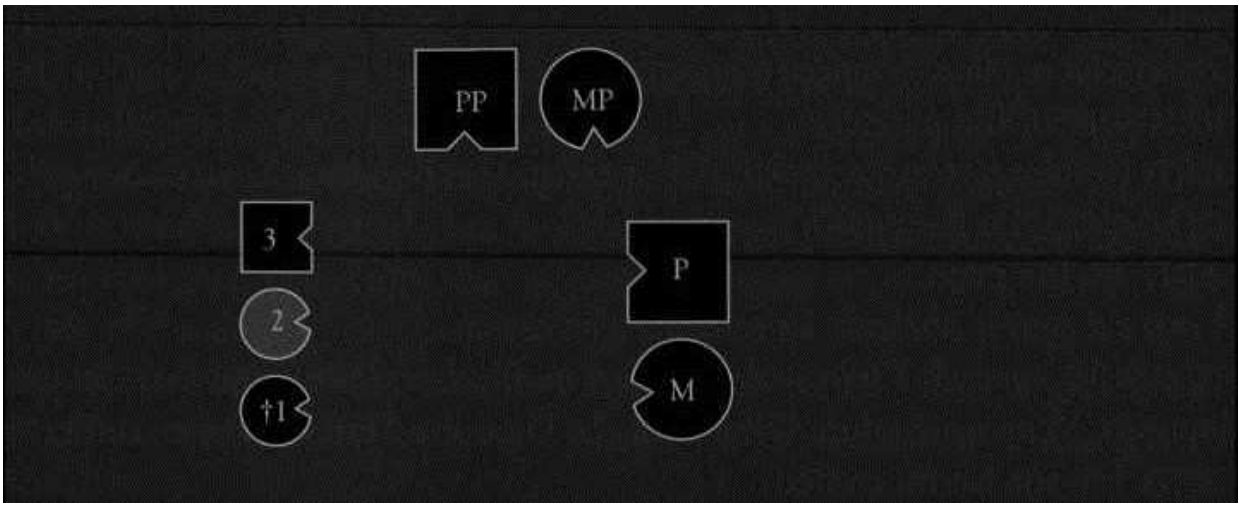
incomodado porque meu filho, pelo que vejo, ainda não achou seu lugar.

HELLINGER: Espere, ainda vou encontrá-lo. Vamos procurá-lo. Como está a avó?

MÃE DO PAI: Fico contente entre os dois homens.

HELLINGER ***(para o pai do pai):*** Como se sente aí?





PAI DO PAI: Sinto-me melhor do que antes. Antes eu achava que não conseguiria apoiar esses dois

homens ao mesmo tempo.

HELLINGER: E como está a mãe agora?

MÃE: Não estou totalmente bem. Eu me sinto muito só. O que me traz mais calor é a presença da

filha morta. E sinto intensamente o meu filho. Fiquei contente com a vinda dele. Só não quero que

ele fique por baixo.

HELLINGER: É claro. *(Para os pais do pai):* Vou afastar vocês um pouco, para que não incomodem

tanto a família.

Figura 11

HELLINGER: Como está agora?

MÃE: Está muito melhor.

PAI: Agora sinto uma ligação muito maior com a mulher.

HELLINGER: Justamente. Isso foi só por algum tempo.

Hellinger coloca os filhos diante dos pais.

Figura 12

HELLINGER *(para o filho):* Como se sente?

TERCEIRO FILHO: Fico bem com minha irmã morta ao lado.

† PRIMEIRA FILHA: Melhorou. Quando eu estava sentada na frente dos pais, ainda faltava alguma

coisa.

SEGUNDA FILHA: Agora percebo meu irmão pela primeira vez, o que não acontecia antes. A minha

irmã eu já tinha notado. Assim está bem.

HELLINGER *(para os pais):* Já temos a ordem?

Ambos acenam afirmativamente.

(Para Gerti): Está bem. Agora entre em seu lugar.

GERTI *(ri e fica radiante em seu lugar):* Sim, eu me sinto bem. Que loucura!

HELLINGER: Agora venha comigo.

Hellinger a toma pelo braço e a leva até a avó.

GERTI: Não me tire daqui.

HELLINGER: Não, não vou tirá-la. Só quero fazer ainda algo importante com você. Fique diante da

avó. Como você a chamava?

GERTI: Ela vive ainda. Tenho um bom contato com ela, muito bom.

HELLINGER: Como você a chama?

GERTI: Vovozinha.

HELLINGER: Diga: “Querida vovozinha”.

GERTI: Querida vovozinha.

HELLINGER: “Eu honro você”.

GERTI: Eu honro você.

HELLINGER: Incline-se diante dela com amor.

(Depois de algum tempo): Levante-se. Diga a ela: “Por favor, seja bondosa, se eu fico”.

Gerti fecha os olhos e começa a respirar fortemente.

HELLINGER: Olhe para ela.

GERTI ***(respira fortemente e chora):*** Por favor, seja bondosa, se eu fico.

HELLINGER: “Eu lhe peço”.

GERTI: Eu lhe peço.

A ***avó e a neta se abraçam longamente com carinho.***

HELLINGER ***(quando Gerti se desprende e quer voltar):*** Não, não saia daí tão depressa. Vamos até o

fim. Olhe para ela. Diga-lhe: “Em sua honra eu fico”.

GERTI: Em sua honra eu fico.

HELLINGER ***(depois de algum tempo):*** Está bem.

Gerti volta ao seu lugar, entre os irmãos.

HELLINGER: Como está a mãe?

MÃE: Tenho a impressão de ter casado somente hoje. Os ***pais riem.***

PAI: Eu também me sinto muito bem. Estou muito alegre.

tPRIMEIRA FILHA: Acho que os pais querem me dizer mais alguma coisa.

HELLINGER ***(aponta Gerti):*** Ela ainda quer lhe dizer alguma coisa.

(Para Gerti): Diga uma coisa a ela.

HELLINGER: Como se chama a irmã?

GERTI: Christine.

HELLINGER: Olhe para ela. Diga-lhe: “Querida Christine”.

GERTI: Querida Christine.

HELLINGER: “Eu levo você em minha vida”.

GERTI ***(muito emocionada):*** Eu levo você em minha vida.

HELLINGER: Abrace-a.

As irmãs se abraçam longamente, com ternura.

HELLINGER: Duas irmãs, é bonito.

(Para a mãe): Diga à criança morta: “Querida filha, você tem um lugar em meu coração”.

Ela chora e soluça, profundamente emocionada.

HELLINGER: Olhe para ela.

MÃE: Você tem um lugar em meu coração.

HELLINGER: “Para sempre”.

MÃE: Para sempre.

HELLINGER (*para a filha morta):* Vá até ela.

A *mãe abraça a filha soluçando muito.*

HELLINGER *(para o pai, depois de algum tempo):* Abrace a ambas.

HELLINGER (*depois de algum tempo):* Como está a mãe agora?

MÃE *(soluçando):* Sim, quero a ambos.

Gerti vai até a mãe, seu irmão a segue, todos se abraçam ternamente.

HELLINGER: Essa é a dor do luto resgatada, o luto por inteiro. Quando existe um sentimento de

culpa não se pode fazer luto.

A *mãe chora alto.*

HELLINGER *(depois de algum tempo):* Agora se soltem devagar. Todos se soltem lentamente. Os filhos

voltem a seus lugares. Como está a mãe agora?

MÃE: Bem.

HELLINGER: O pai?

PAI: Bem, também.

HELLINGER *(para Gerti):* E como está você?

GERTI *(ainda chorando e profundamente emocionada*): Mais solta.

HELLINGER: Diga à sua mãe — como você a chama?

GERTI: Mamãe.

HELLINGER: “Mamãe”.

GERTI: Mamãe.

HELLINGER: “Eu deixo Christine com você”.

GERTI: Eu deixo Christine com você.

HELLINGER: Com você ela está protegida.

GERTI: Com você ela está protegida.

HELLINGER *(para a irmã morta):* Como você sente quando ela diz isso?

†PRIMEIRA FILHA: É bom, agora já não preciso apoiar eles todos.

HELLINGER: Está bem, é isso aí.

(Para o grupo): Este foi um belo exemplo de como, com a ordem, a força e a esperança fluem.

Resumo

O *laço do destino:* A *irmã mais velha de Gerti morreu com quatro anos. Não se fez luto pela criança,*

porque a mãe se sentia culpada. O pai nasceu de mãe solteira. Não conhece seu pai verdadeiro, pois lhe

indicaram um outro como pai. Gerti está identificada com a mãe de seu pai. O irmão mais novo de Gerti está

identificado com a irmã morta.

A ordem: O ***pai do pai é introduzido em cena, em seguida a mãe do pai.*** A ***criança morta é***

colocada diante dos pais e depois se junta a seus irmãos.

Gerti diz à sua avó: "Querida vovozinha, eu honro você". E depois: "Por favor, seja bondosa se eu

fico. Em sua honra eu fico".

Ela diz à sua irmã morta: "Querida Christine, eu levo você em minha vida". A ***mãe diz à criança***

morta: "Você tem um lugar em meu coração. Para sempre". Então todos se abraçam e choram. Esse

é o resgate do luto pela criança morta. Então Gerti diz à sua mãe: "Mamãe, eu deixo Christine com

você. Com você ela está protegida".

O que leva à grandeza?

HELLINGER: Estive pensando sobre a grandeza humana. A imagem que faço, às vezes, é que cada

pessoa tem em sua alma um peso específico. Algumas almas pesam muito, outras pesam pouco.

Procurei saber quem tem na alma um peso especialmente grande, que lhe confere grandeza.

Olhando de longe, vi feitos especiais, mas neles não encontrei esse peso. Então olhei de perto e vi:

quem tem o maior peso específico na alma, de longe o maior, são os pais. Ninguém se dedica ao

essencial de modo tão intenso quanto eles. Ninguém sofre e ama tão profundamente, e se empenha

com uma força tão grande como pais absolutamente comuns. Aqui tivemos um exemplo disso.

Mesmo quando existe culpa, o que ela conta em comparação com o resto? E diante disso tenho

também o maior respeito.

Agora vocês imaginem pessoas especiais, aquelas que voam nas alturas. Que peso elas têm,

comparadas com pais absolutamente comuns?

A dor da separação

PARTICIPANTE: Você disse antes que a tristeza dura eternamente e separa, enquanto a dor do luto

dura pouco e une.

HELLINGER: Sim, a dor certa, a grande dor — como a que vimos aqui — une e separa ao mesmo

tempo. Também existe um luto que é expiação. Quando a gente se sente culpado, faz luto como

expiação. Muitas vezes a dor do luto é também uma forma de autocomiseração. Isso também

existe, e impede a separação. E existe a dor da separação, por meio da qual uma pessoa se consola

da separação. E então fica livre para o novo.

(***Para Gerti):*** Você está saindo da dor? Agora você já pode olhar o mundo com carinho. Concorda?

GERTI: Eu diria de maneira diferente. A dor está saindo de mim.

HELLINGER: Está certo também. Isso mesmo.

Sintonizar-se com a vibração

PARTICIPANTE: Primeiro ela disse à irmã: “Christine, eu levo você na minha vida”. E depois disse à

mãe: “Eu deixo Christine com você”. Gostaria de saber por que você mudou isso.

HELLINGER: A plenitude não se sujeita à lógica. A alma vibra ora de um modo, ora de outro, e

quando eu trabalho, vibro uma vez de um modo e outra de outro, sempre como me é exigido, sem

me preocupar com a lógica. Quando sintonizo a vibração, as frases de solução mudam em

diferentes situações. Quem as toma como fórmulas fixas facilmente se equivoca.

Mas quero dizer algo mais sobre esse tipo de trabalho. Se eu tivesse parado quando Gerti entrou

na imagem e ficou feliz — pois com isso a constelação já estaria terminada — o trabalho teria sido

muito abreviado. A outra parte, dizer as frases da solução, precisava ser acrescentada. Isso vai

além da constelação familiar. Nesse processo tenho de sintonizar totalmente com a alma da pessoa,

para encontrar a partir dela as palavras da solução. Para isso cada pessoa me transmite sinais bem

sutis, e eu os acompanho.

GERTI (3) — EFEITOS

HELLINGER *(para Gerti):* Você queria dizer mais alguma coisa?

GERTI: Posso imaginar que interessa ao público saber como a gente se sente depois de uma

constelação como esta. O que se passou comigo foi que estive lutando há semanas com uma

enxaqueca que começava na nuca. Eu tinha a sensação de um grande peso na nuca e não conseguia

andar aprumada. Isso se irradiava para a cabeça, terminando numa dor que só melhorava com o

sono. Durante a constelação, quando eu ainda não tinha entrado, a dor na nuca foi crescendo mais

e mais. A pressão atrás era tão forte que eu quase não conseguia mais levantar a cabeça. Então,

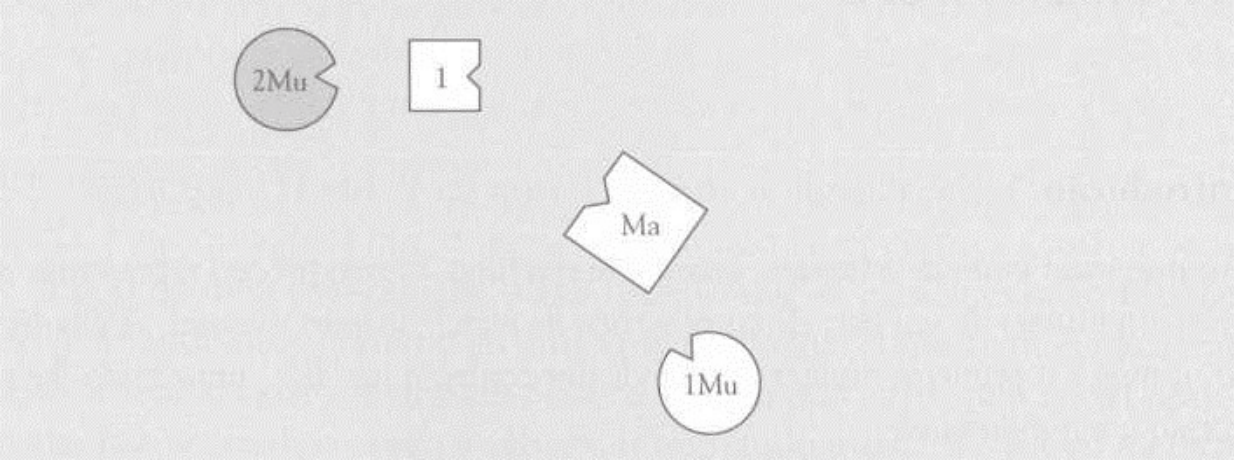
quando entrei pessoalmente, tudo passou para a cabeça e a nuca ficou livre. E no final, cinco

minutos depois da constelação, também a dor de cabeça passou. Agora eu me sinto como se

pudesse voar. Estou totalmente leve. Também não sinto mais a barriga, não tenho peso nenhum

(ri).

Aplausos do público.



MANUELA (1): "EU LHE PRESTO HOMENAGEM"

A FA MÍ LIA A TU AL

Introdução

Aqui se trata tanto de Manuela quanto de seu filho. Como precisa representar a primeira mulher de seu pai,

ele corre o risco de tornar-se homossexual. Além disso, a mãe e a primeira mulher o reivindicam contra o pai

dele, impedindo-lhe o acesso à masculinidade.

Manuela se sente culpada, tanto em relação ao primeiro marido e à primeira mulher dele, como também em

relação ao seu próprio pai, como se verá depois na constelação da família de origem. A solução para ela e para

seu filho passa pelo respeito à primeira mulher e ao pai do marido, bem como ao próprio pai. A constelação

também mostra, por estranho que pareça, que pelo respeito ao próprio pai, o marido consegue chegar ao

respeito pela própria mulher.

HELLINGER *(para Manuela): O* que há com você?

MANUELA: Tenho câncer no útero.

HELLINGER: É casada?

MANUELA: Eu me divorciei.

HELLINGER: Por quê?

MANUELA: Creio que escolhi o homem errado. Não era um relacionamento de amor. Mas existe um

filho.

HELLINGER: Que idade ele tem?

MANUELA: Onze anos.

HELLINGER: Com quem ele está sendo criado?

MANUELA: Comigo.

HELLINGER: Algum dos parceiros teve antes uma ligação firme?

MANUELA: Meu ex-marido teve uma ligação firme.

HELLINGER: O que significa isso?

MANUELA: Ele me conheceu em Viena, mas ainda mantinha a relação anterior, que estava

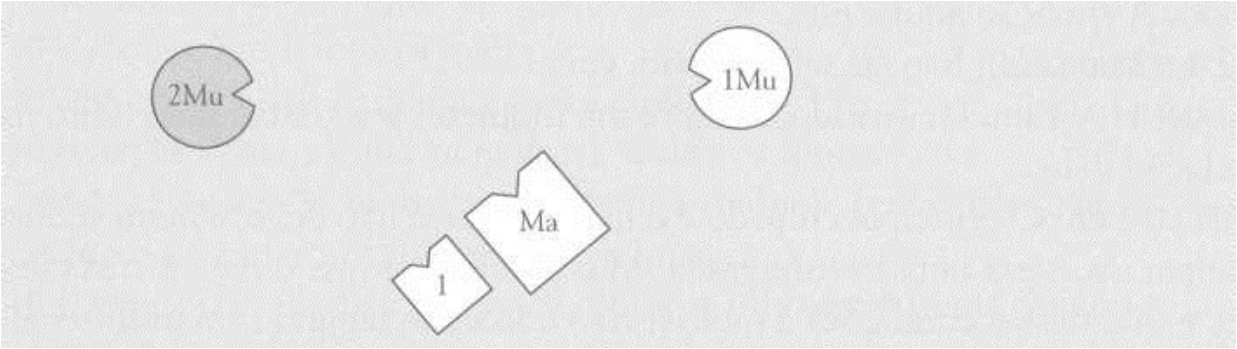
terminando.

HELLINGER: Coloque agora: você, o marido, o filho e a primeira mulher.

Figura 1

Ma

Marido



1Mu Primeira mulher

2Mu Segunda mulher (=Manuela)

1

Filho único

HELLINGER (*para Manuela):* Seu filho está em perigo.

MANUELA: Em perigo?

Hellinger assente com a cabeça.

MANUELA: Por quê?

HELLINGER: A gente pode ver isso.

MANUELA: Ele está olhando para o pai. É muito ligado a ele.

HELLINGER: Ele está em perigo, seja por que motivo for.

Manuela olha longamente, suspira e sacode a cabeça.

HELLINGER: Talvez ele se torne homossexual. Isso faz sentido para você?

MANUELA: É difícil.

HELLINGER: Você já receou isso alguma vez?

MANUELA: Sim.

HELLINGER: Certo. — Como se sente o marido?

MARIDO: Esses dois (*Manuela e o filho)* não me interessam. Sinto atrás de mim o calor da primeira

mulher.

HELLINGER: Como está a primeira mulher?

PRIMEIRA MULHER: Totalmente neutra. Sinto-me muito bem aqui. Sobre o lado de lá nada posso

dizer.

HELLINGER: Como se sente a segunda mulher?

SEGUNDA MULHER: Gostaria de ir embora. Nada tenho a fazer aqui. Vejo um pouco o filho, mas não

sinto ligação com ele.

HELLINGER (*para Manuela):* Quem quer partir assim, às vezes pega um câncer. É um modo de ir

embora. Como está o filho?

FILHO: Sinto-me muito ameaçado pelas costas. Senti, pela voz da mãe, que ela está muito longe,

mas me sentia pressionado por ela. Só não sei se simplesmente caio para a frente ou também vou

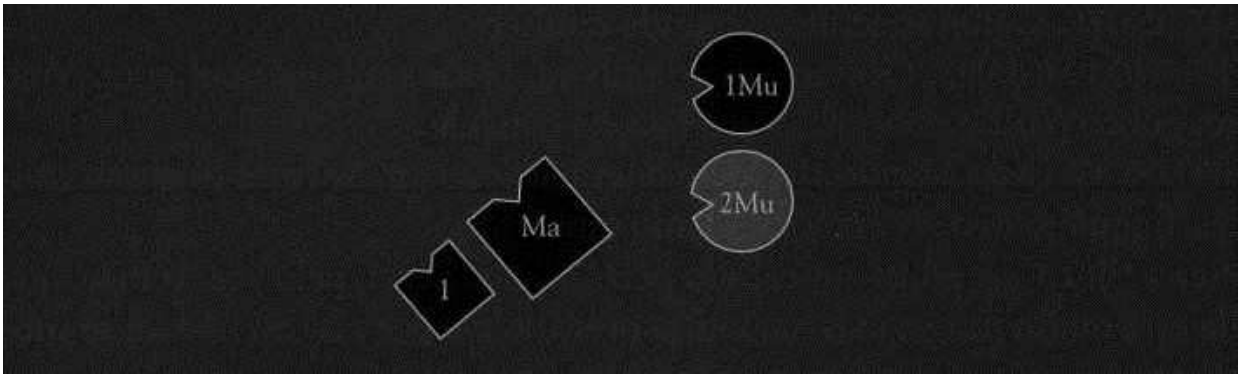
embora.

HELLINGER: Vou colocar você em segurança. Devo fazê-lo?

FILHO: Por favor.

Hellinger o coloca ao lado do pai, do lado esquerdo, e afasta a primeira mulher.

Figura 2



HELLINGER: Como é isso agora?

FILHO: Maravilhoso. Agora posso respirar de novo. E sinto o calor. Fico contente.

HELLINGER: Como está o pai?

MARIDO: Sinto-me orgulhoso dele.

HELLINGER *(para a segunda mulher):* Como está você agora?

SEGUNDA MULHER: Estou melhor, bem melhor. E já percebo a primeira mulher.

HELLINGER: Fique do lado dela.

Figura 3

HELLINGER *(para o grupo):* Essa é a compensação sistêmica produzida pelo saber oculto que

mencionei. A ordem é restabelecida. Ela tomou o homem levianamente, por assim dizer, à custa da

primeira mulher. Com isso sua alma não descansa até que ela se torne igual à outra, perdendo

também o marido. A situação aqui é esta.

(Para Manuela): Isso faz sentido para você?

MANUELA: Sim, faz sentido. Sempre me inquietei por ter causado o fim da relação dele.

HELLINGER: O principal culpado é o marido. Você não deve assumir toda a culpa; isso seria uma

transferência. Mas precisa ver que o teve à custa dela, e que nessas condições a mulher não

consegue segurar o marido. A alma não permite isso, independentemente do que a cabeça pense. E

o filho representa, naturalmente, a primeira mulher. E, como existe uma identificação com o sexo

oposto, ele se tornará homossexual ou ficará louco, até que ela seja honrada. Só com o pai o filho

estará seguro. O pai se casou de novo?

MANUELA: Ele tem uma nova relação.

HELLINGER: De qualquer maneira, o filho deve ficar com o pai. *E* muito claro.

MANUELA: Para sempre?

HELLINGER: Para sempre, é claro.

MANUELA *(ri):* Quero dizer, para valer?

HELLINGER *(para o grupo):* Agora surgem as objeções.

(Para Manuela): Naturalmente, para valer. Ele precisa viver com o pai. Mas a mãe não o perderá

por causa disso. Se respeitar o ex-marido, jamais perderá o filho. Mas ele precisa viver com o pai,

está bem claro.

Hellinger volta a colocar as *duas mulheres à vista de todos.*

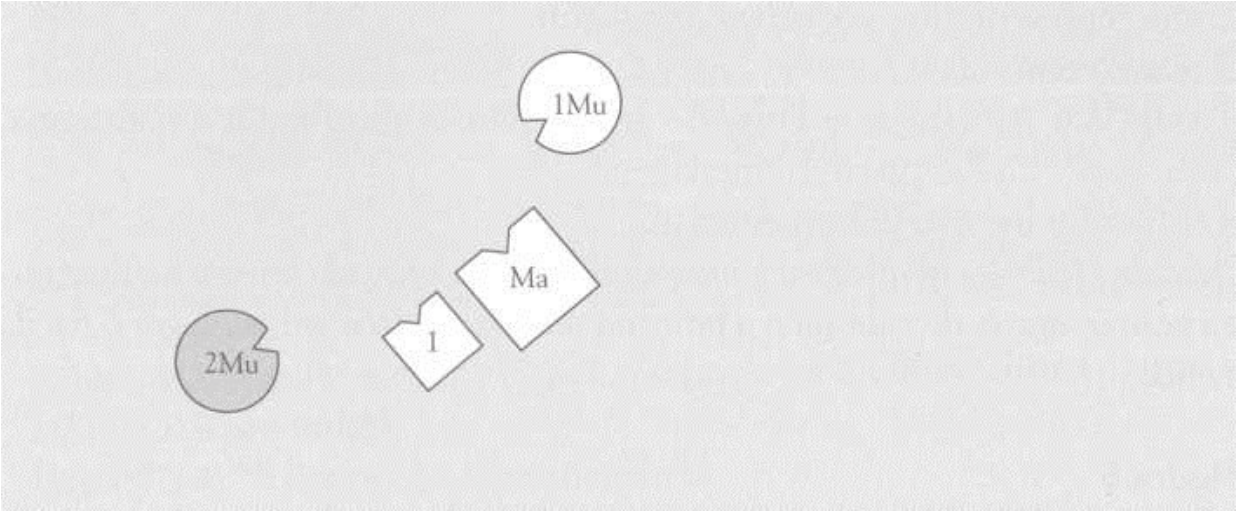


Figura 4

HELLINGER *(para a segunda mulher):* Como se sente aí?

SEGUNDA MULHER: Fiquei um pouco nervosa.

HELLINGER: Em relação a quê?

SEGUNDA MULHER: Aqui, com esta mulher.

HELLINGER *(para a primeira mulher):* Como se sente?

PRIMEIRA MULHER: Sinto-me terrivelmente mal. Tenho vontade de pegar o filho dela e afastar todos

para bem longe.

HELLINGER: Essa seria a vingança. Então o filho cairá numa dinâmica muito má.

PRIMEIRA MULHER: Muito má.

HELLINGER: Se ele for totalmente puxado para o feminino, não se tornará um homem.

MARIDO: Isso não pode ser.

HELLINGER: O quê?

MARIDO: Que ela fique com ele.

HELLINGER: Você não se livra disso tão facilmente. Venha cá, fique diante da primeira mulher e lhe

diga “Fui injusto com você”.

MARIDO: Fui injusto com você.

HELLINGER: “Sinto muito por isso”.

MARIDO: Sinto muito por isso.

HELLINGER *(para a primeira mulher): Como* é isso?

PRIMEIRA MULHER: Isso não foi sincero.

HELLINGER *(para o marido):* Ela é exigente. Quer a coisa bem-feita.

MARIDO: Eu também não sinto nada.

HELLINGER: Sim, é isso mesmo. — Vou fazer um exercício difícil com você. Como representante,

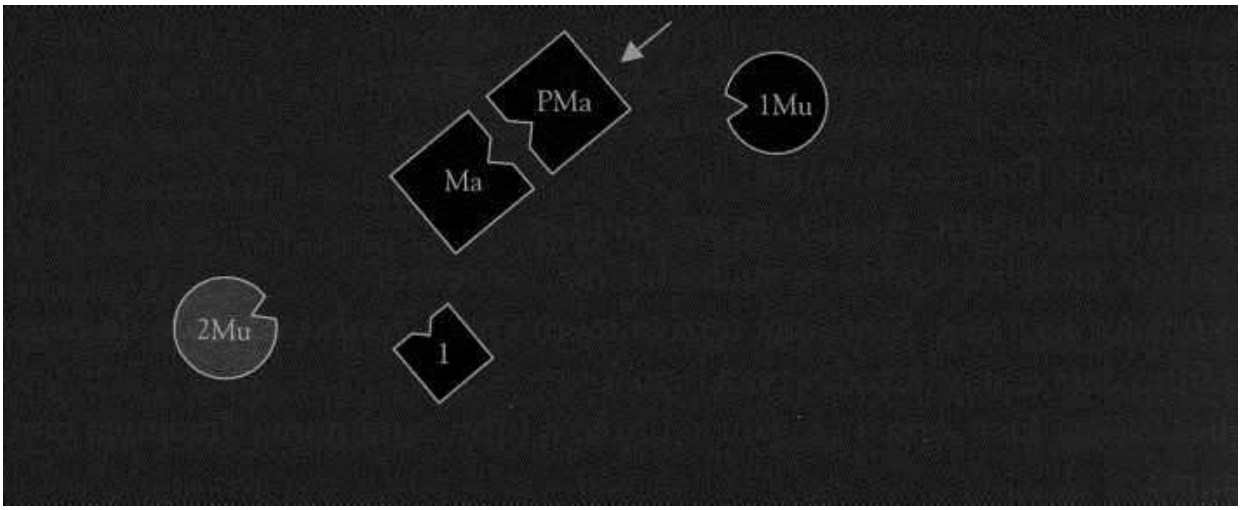
você deve conseguir.

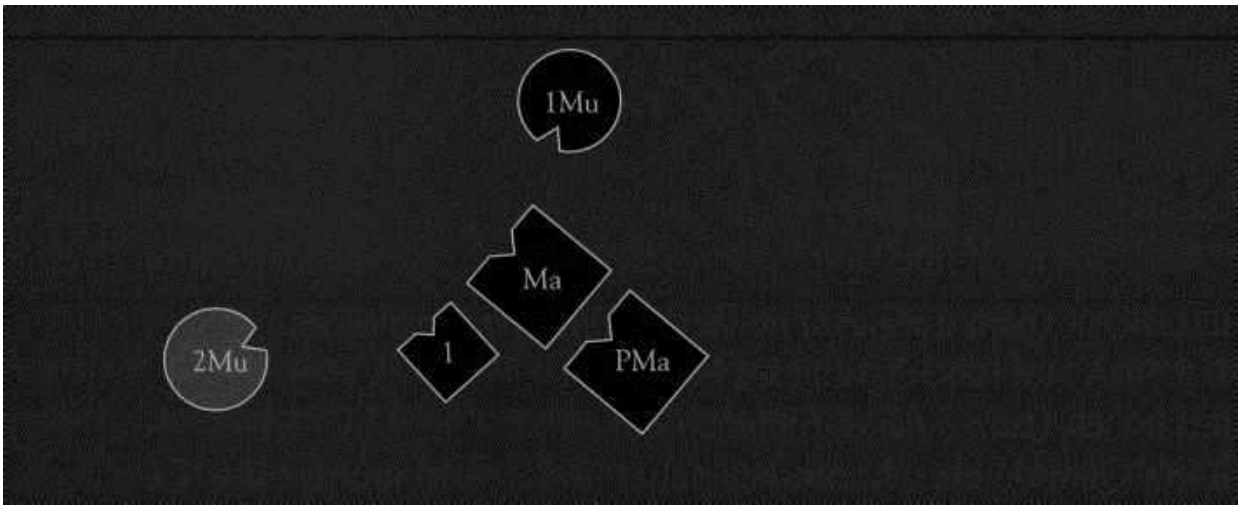
O *marido concorda.*

HELLINGER: Ajoelhe-se e curve-se até o chão, com as palmas para cima. Diga a ela: “Eu lhe presto

homenagem”.

MARIDO: Eu lhe presto homenagem.





Quando Hellinger vê que essa homenagem deve ser prestada primeiro a uma outra pessoa, afasta de

mansinho a primeira mulher e coloca em seu lugar o pai do marido.

Figura 5

PMa Pai do marido

HELLINGER *(para o marido):* Agora se endireite. — Está bom assim?

O *homem, surpreso, faz que sim.*

HELLINGER: Isso convém? Esse seria o seu pai. Com a mulher seria excessivo. Mas assim convém.

— Agora levante-se.

HELLINGER (*para o pai do marido*): Como é isso para você?

PAI DO MARIDO: É bonito.

Hellinger volta o marido à posição anterior, coloca o pai atrás dele e a primeira mulher ao seu lugar anterior.

Figura 6

HELLINGER (*para o marido*): Diga à sua primeira mulher: “Sinto muito”.

MARIDO: Sinto muito.

HELLINGER: “E lhe presto homenagem”.

MARIDO: E lhe presto homenagem.

HELLINGER (à *primeira mulher):* Como é agora?

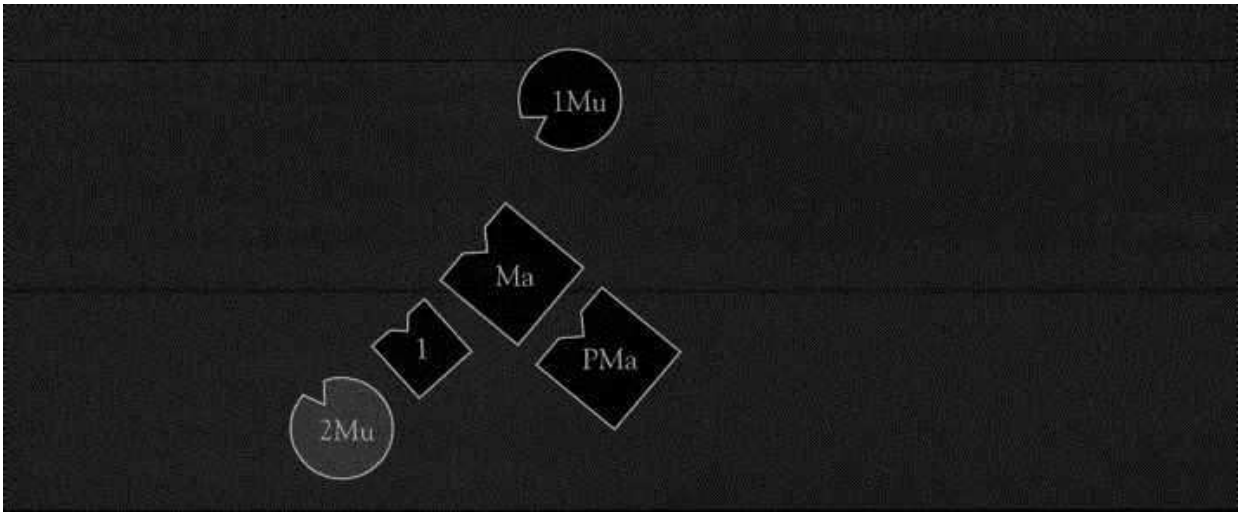
PRIMEIRA MULHER: Agora me sinto muito bem. Agora também acredito nele.

HELLINGER: Estamos vendo isso. (*Para o marido*): Diga a ela: “Por favor, olhe com simpatia o meu

filho”.

MARIDO: Por favor, olhe com simpatia o meu filho.

HELLINGER: “E minha segunda mulher”.



MARIDO: E minha segunda mulher.

HELLINGER (*para a primeira mulher):* Como está agora?

PRIMEIRA MULHER: Agora está tudo certo. Agora me sinto bem.

Hellinger coloca a segunda mulher ao lado de seu filho.

Figura 7

HELLINGER *(para a segunda mulher):* Como está isso agora?

SEGUNDA MULHER: Agora está bom.

HELLINGER *(para o filho):* E para você?

FILHO: Quando ele a honrou eu achei lindo, senti muito calor. Eu o acompanhei nisso. Ainda é com

ela que sinto a ligação mais forte. Aqui, do lado da mãe, quando ela chegou perto, está mais frio.

Não me sinto mal, mas a atração é pela primeira mulher.

HELLINGER: Diga a ela: “Esta é a minha mãe”.

FILHO: Esta é a minha mãe.

HELLINGER: “Ela é a única certa para mim”.

FILHO: Ela é a única certa para mim.

HELLINGER: “O que houve entre você e meus pais não me diz respeito”.

FILHO: O que houve entre você e meus pais não me diz respeito.

HELLINGER: “Eu sou apenas a criança”.

FILHO: Eu sou apenas a criança.

HELLINGER: Como é isso?

FILHO: Dá muito alívio.

HELLINGER: E agora, como se sente em relação à mãe?

FILHO: Agora está bom.

HELLINGER: Diga a ela: “Você é minha mãe”.

FILHO: Você é minha mãe.

HELLINGER: “Com a outra eu não tenho nada a ver”.

FILHO: Com a outra eu não tenho nada a ver.

HELLINGER: “Você é a única certa para mim.”

FILHO: Você é a única certa para mim.

HELLINGER: “E eu lhe presto homenagem”.

FILHO: E eu lhe presto homenagem.

Ele enlaça sua mãe, ambos se abraçam longa e fortemente.

HELLINGER *(para Manuela):* Como se sente agora?

MANUELA: Aliviada.

HELLINGER: Bem, ficamos nisso. Felicidades para você.

Resumo

O ***laço do destino.*** *Manuela se divorciou e tem um filho. Ela teve o marido à custa da primeira mulher dele.*

O filho está em risco, pois representa essa mulher.

A ***ordem.*** *O filho deve ficar com o pai. Manuela se coloca ao lado da primeira mulher. Esta gostaria de levar*

consigo o filho da outra.

O *ex-marido diz à primeira mulher: “Fui injusto com você. Sinto muito". Como ele não diz isso*

adequadamente, Hellinger o faz ajoelhar-se diante da primeira mulher, curvar-se até o chão e dizer-lhe: “Eu

lhe presto homenagem”. Entrementes, Hellinger coloca o pai dele no lugar de sua primeira mulher. Diante

dele a frase se revela adequada. Então Hellinger coloca o pai do ex-marido atrás dele e o faz dizer à sua

primeira mulher: “Sinto muito. Eu lhe presto homenagem. Por favor, olhe para meu filho com carinho — e

para minha segunda mulher’’.

Então o filho diz à primeira mulher, apontando para sua mãe: “Esta é minha mãe. Ela é a única certa para

mim. O *que houve entre você e meus pais não me diz respeito.* Sou *apenas a criança’’.*

Então ele diz à mãe: “Você é minha mãe. Com a outra eu não tenho nada a ver. Você é a única certa para

mim. Eu lhe presto homenagem”.

O que significa “levianamente”?

PARTICIPANTE: O que significa “tomar um homem levianamente”? E por que a homossexualidade é

um perigo?

HELLINGER: “Levianamente” significa: sem consideração pelas outras pessoas afetadas; neste caso,

pela primeira mulher.

Por que a homossexualidade é **um perigo?**

HELLINGER: A homossexualidade é um destino. Se, por exemplo, na família de Manuela as coisas

continuarem do mesmo jeito, o filho não poderá defender-se contra isso.

Homossexualidade significa que uma pessoa não está em sintonia com sua identidade sexual. O

homem homossexual quer ser uma mulher, e a mulher homossexual quer ser um homem. Isso

costuma coexistir com uma divisão da consciência. A homossexualidade é sempre um destino

pesado. E frequentemente não é possível revertê-la, nem mesmo com uma constelação. Julgo

entretanto que, quanto ao filho de Manuela, isso ainda não está decidido, pois o rapaz é muito

jovem.

Quando um homossexual diz que a homossexualidade se equipara à heterossexualidade, ele

desconhece a realidade. Não é verdade. É evidente que o masculino está orientado para o

feminino, e vice-versa. É tão evidente que dispensa prova. Mas quando o homossexual diz: “Sou

homossexual, este é o meu destino, e eu o carrego com dignidade”, existe aí uma grandeza, uma

grandeza humana. Aí já não existe um desconhecimento, nem uma negação do peso. Existe

dignidade, e isso tem grandeza.

A homossexualidade acontece em vários níveis. O primeiro passa pela identificação com o sexo

oposto. O filho de Manuela corre o risco de se tornar homossexual porque não existe nenhuma

filha para se identificar com a primeira mulher do pai, apenas um filho. Se houvesse uma filha não

haveria esse risco.

Outro tipo de homossexualidade decorre da vontade de imitar um excluído. Esse tipo de

homossexualidade não tem o mesmo efeito profundo de cisão que acontece na identificação com o

sexo oposto. São estas as duas formas de homossexualidade.

*

DR. GÜNTHER LINEMAYR: Na imagem inicial de uma constelação eu sempre procuro ver para onde

isso leva e como eu agiria, e suponho que muitas pessoas aqui façam o mesmo. Desta vez eu não

acertei, pois minha imagem foi que os dois não olhavam para alguém presente, mas para um outro

lugar *(ver a figura 1 da primeira constelação*). Então imaginei que estavam olhando para alguém da

família de origem da mãe. Minha pergunta é esta: de onde você concluiu que não era assim, e que

a dinâmica era outra?

HELLINGER: Minha imagem também foi que algo da família de origem estava interferindo. Mas

quando vi que o filho se sentia bem ao lado do pai, concluí que a imagem se referia mais à família

atual. Então experimentei isso. Quando a primeira mulher disse que queria levar o rapaz, ficou

claro para mim que era preciso resolver primeiro alguma coisa na família atual. Pode ser, porém,

que também na família de origem algo precise ser resolvido.

(Para Manuela): Você quer dizer algo a respeito?

MANUELA: Devo acrescentar que me casei com meu marido para me livrar de minha mãe. Agora

meu filho tem uma forte ligação com ela, e isso me faz sofrer. Na verdade é assim.

HELLINGER: O que há com seu pai?

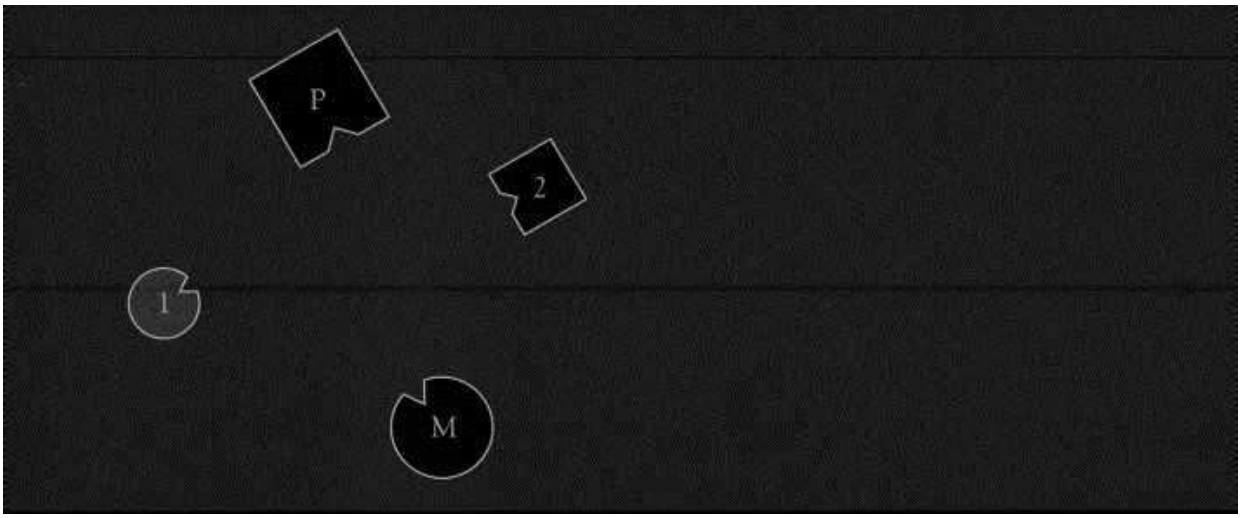
MANUELA: Não tenho mais ligação com ele, nenhuma ligação exterior.

HELLINGER: O que se passou?

MANUELA: Ele me maltratou tão gravemente em minha infância que até agora tenho de lutar contra

isso. Ainda elaboro isso.

HELLINGER: Günther, vou constelar isso, seguindo o seu estímulo.



MANUELA (2): "MESMO QUE VOCÊ VÁ, EU FICO"

A FAMÍLIA DE ORIGEM

Introdução

O *pai foi apresentado como mau e a mãe, como boa.* Na *maioria da vezes, verifica-se que, no que diz respeito*

ao bom e mau nas famílias, o real é o inverso do que é apresentado.

HELLINGER *(para Manuela*): Sua família de origem inclui o pai, a mãe e quantos filhos?

MANUELA: Dois.

HELLINGER: Qual a sua posição?

MANUELA: Sou a primeira.

HELLINGER: Algum dos pais teve antes outra relação estável?

MANUELA: Não.

Figura 1

P

Pai

M

Mãe

1

Primeira filha (=Manuela)

2

Segundo filho

HELLINGER: Em quem o pai batia?

MANUELA: Batia em minha mãe, batia em todo mundo.

HELLINGER (*para o grupo):* Tenho por princípio que a relação entre o bom e o mau está quase sempre

invertida. Assim, vou partir da hipótese de que a mulher é má, e que ao homem só restava bater

nela. Falo em geral, é apenas uma hipótese.

(Para Manuela): O que você diz sobre essa hipótese?

MANUELA: Ela me soa familiar. Meu coração sente que é verdadeira.

HELLINGER: O que sua mãe fazia com o seu pai?

MANUELA: Ela o superprotegia, impedia-o de se afirmar no mundo. Ela o cercava de cuidados e

não o deixava fazer nada.

Hellinger leva os irmãos a se afastarem juntos, de modo que apenas os pais se defrontam .

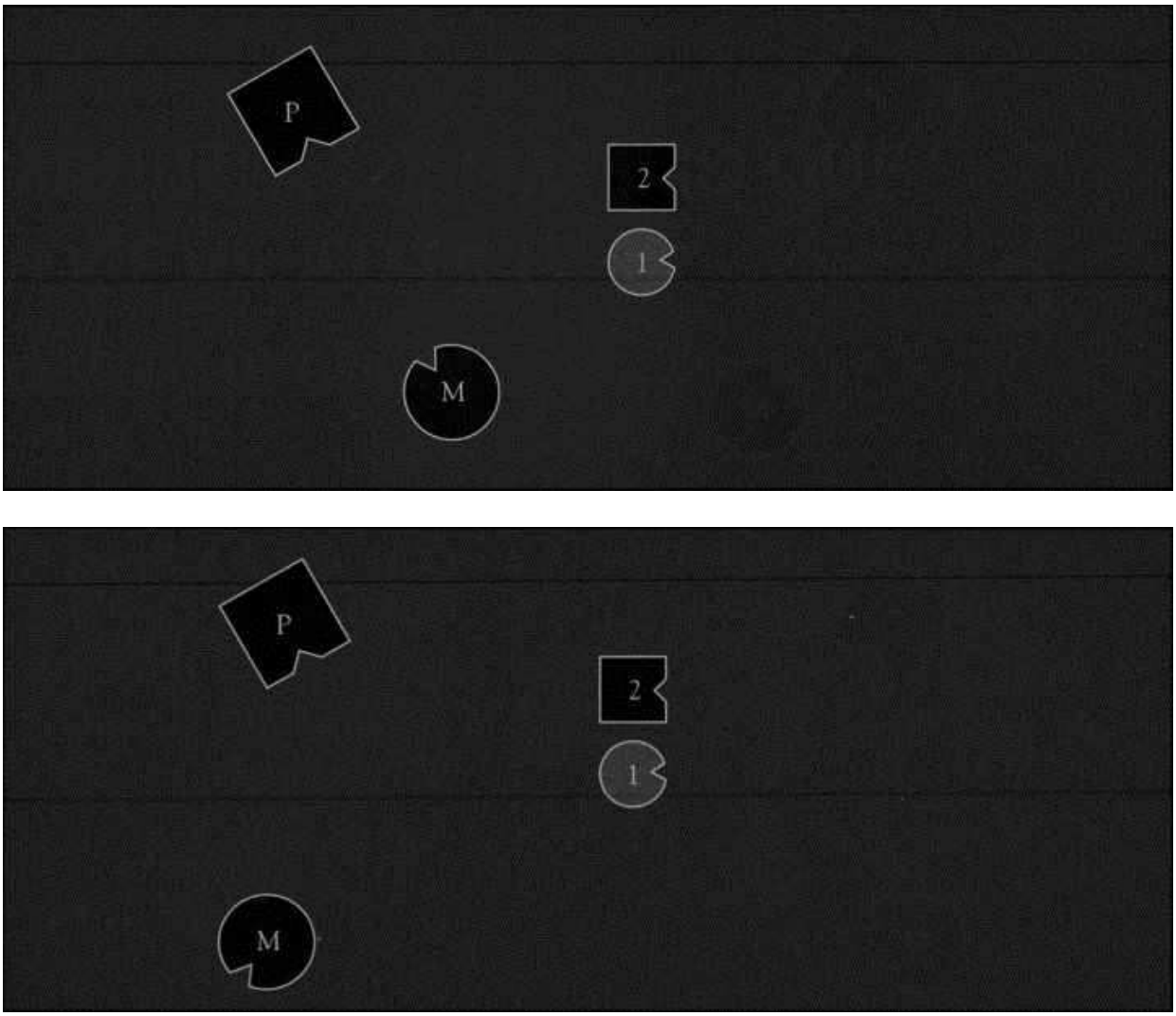


Figura 2

HELLINGER (***para a representante de Manuela***): Como se sente aí?

PRIMEIRA FILHA: É liberador.

SEGUNDO FILHO: Está muito melhor do que antes. Eu estava na posição que devia ser de meu pai.

Senti-me atraído por minha irmã. Estava concorrendo com ela, mas desejando harmonia entre nós.

Isso aconteceu agora.

HELLINGER ***(para Manuela):*** Essa é a solução. Agora os pais precisam se entender. Mas isso não diz

respeito aos filhos. — Como está a mãe?

MÃE: Estou agressiva com meu marido porque ele não me deixa ir. Quero que ele saia da frente

para eu poder ir embora.

HELLINGER ***(para o grupo):*** Estamos vendo onde está a agressão.

(Para o pai): Como você está?

PAI: Tenho uma sensação desagradável no estômago. Quando os filhos se afastaram, o ardor

diminuiu. Então melhorei um pouco.

HELLINGER ***(para a mãe):*** Vire-se.

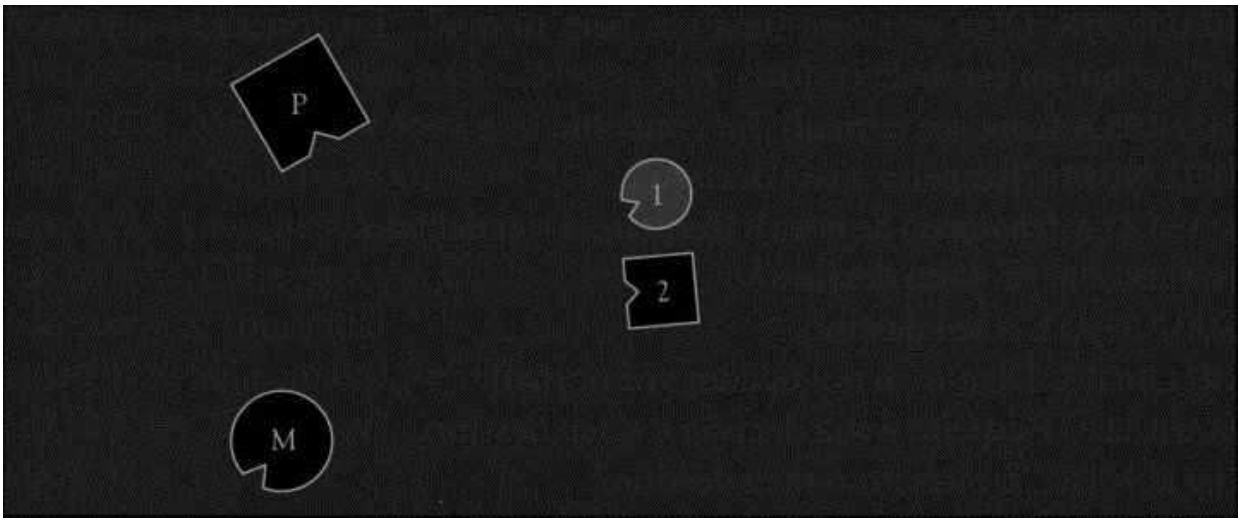
Hellinger a afasta alguns passos.

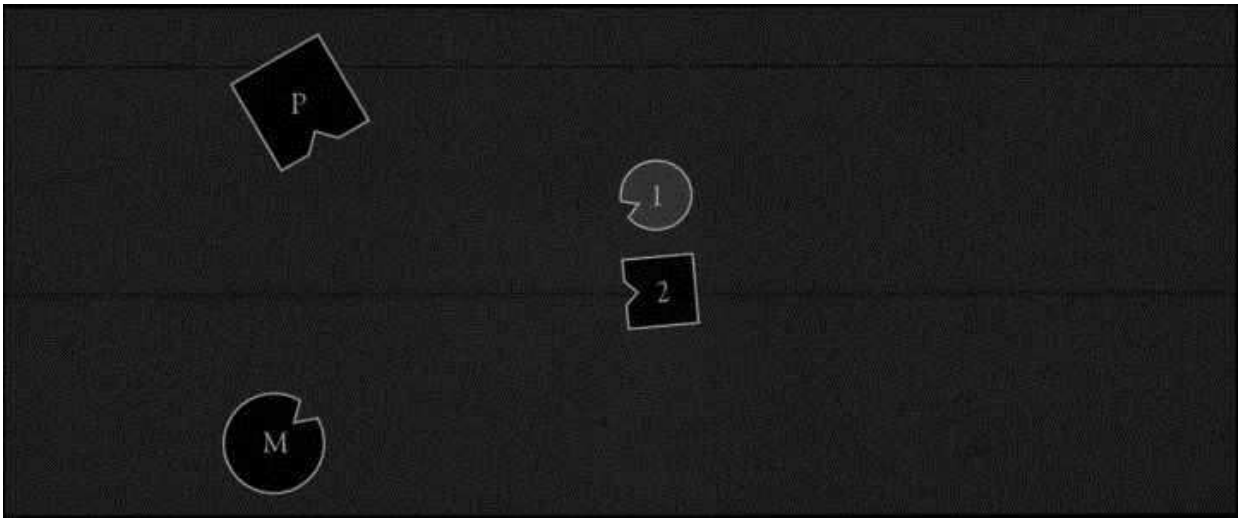
Figura 3

HELLINGER: Que tal isso?

MÃE: É bom.

HELLINGER *(para os filhos):* Vocês, virem-se de novo, e a irmã passe para o outro lado.





]

Figura 4

HELLINGER *(para Manuela*): Agora vou trazer você para cá.

(Para a mãe): Vou virar você de novo para que os filhos possam vê-la.

Figura 5

HELLINGER (***para Manuela):*** Como você chamava sua mãe?

MANUELA: Mamãe.

HELLINGER: Diga a ela: “Mamãe, eu concordo que você vá”.

Manuela chora e suspira.

HELLINGER: Olhe para ela. Mantenha os olhos abertos. Olhe para ela.

MANUELA ***(chorando):*** Eu concordo que você vá.

HELLINGER: Diga isso com uma voz bem normal. “Eu concordo que você vá”, como eu estou

dizendo.

MANUELA (com ***voz normal):*** Eu concordo que você vá.

HELLINGER: “Respeito a sua decisão”.

MANUELA ***(chorando de novo):*** Respeito a sua decisão.

HELLINGER: “E o seu destino”.

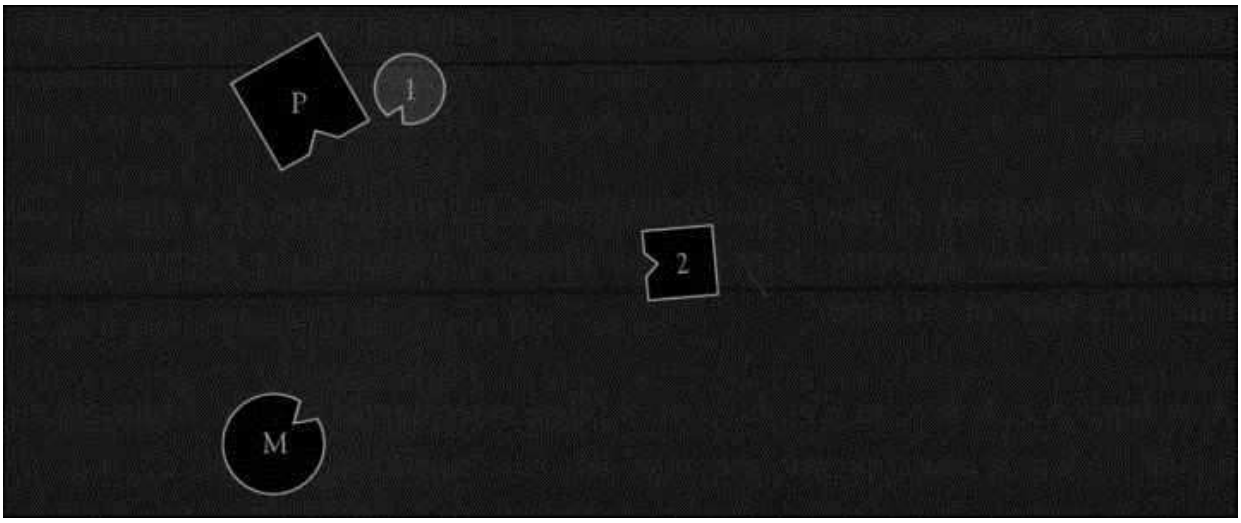
MANUELA: E o seu destino.

HELLINGER: Diga-o de novo, com voz normal.

MANUELA: Respeito a sua decisão e o seu destino.

HELLINGER: “E respeito o meu destino”.

MANUELA: E respeito o meu destino.



HELLINGER: “Eu fico com meu pai”.

MANUELA (com ***voz firme):*** Eu fico com meu pai.

HELLINGER: Coloque-se junto dele.

Figura 6

MANUELA: Sinto-me tranquila, totalmente tranquila.

HELLINGER: Como é isso para o pai?

PAI: Quando a mulher foi embora foi um alívio. Agora me sinto bem. Sinto a proximidade da filha.

Isso me faz bem.

HELLINGER (***para Manuela):*** Você sabe qual é a dinâmica oculta em você? “Eu vou em seu lugar”.

MANUELA: Sim.

HELLINGER: E agora diga a ela: “Mesmo que você vá, eu fico”.

MANUELA: Mesmo que você vá, eu fico.

HELLINGER: “Seja amável, se eu fico”.

MANUELA ***(soluçando):*** Seja amável, se eu fico.

HELLINGER: Olhe para ela. Ela está amável. Você não precisa ter medo. Diga isso com voz tranquila.

MANUELA: Seja amável, se eu fico.

HELLINGER: “Por favor”.

MANUELA: Por favor.

HELLINGER: A gente vê isso na mãe, nem é preciso perguntar. Apesar disso, vou perguntar.

MÃE: É essa a minha vontade.

HELLINGER ***(para o grupo):*** Será que ela vai conseguir isso?

MANUELA ***(balançando a cabeça):*** Vou.

HELLINGER: Não. A criança continua decidida. Elas são assim, as criancinhas.

Manuela permanece recolhida.

HELLINGER: Vou deixar assim. Está bem, foi isso.

(Para o Dr. Linemayr): Obrigado, Günther, por ter criado a oportunidade.

Resumo

O ***laço do destino: A mãe está zangada com o marido porque ele a segura. Ela quer que ele saia da***

frente, para poder ir embora. Manuela diz interiormente à mãe: “Eu vou em seu lugar”.

A ordem: A mãe precisa ir embora, e os filhos precisam deixá-la ir. Manuela diz à mãe: “Mamãe,

eu concordo que você vá. Eu respeito sua decisão e seu destino. E eu respeito meu destino. Eu fico

com meu pai”. Então ela se coloca ao lado do pai e diz à mãe: “Mesmo que você vá, eu fico. Seja

***amável se eu fico. Por favor* .**

O medo

PARTICIPANTE: Lembro-me de sua última observação: “Vocês acham que ela vai fazer isso?” O

senhor disse que ela não vai fazer, que não terá força para isso. Isso vai contra o que tenho ouvido

do senhor. Sinto que, se ela não o fizer agora, o fará dentro de dez anos. Ao dizer a ela esta frase,

talvez a gente lhe tire essa possibilidade e destrua a imagem da solução que tinha sido construída.

HELLINGER: Ah, sim? Você olhou para ela?

PARTICIPANTE: Também tive a sensação de que no momento seria muito difícil para ela.

HELLINGER: O quê?

PARTICIPANTE: Conservar essa imagem, ou conseguir força para isso. Neste momento. Mas talvez

dentro de dez ou de cinco anos ela se recordaria disso. Essa frase poderia estragar o efeito da

imagem da solução.

HELLINGER: A questão é se ela ainda estará viva.

PARTICIPANTE: Pode ser que ainda esteja viva.

HELLINGER: Quando se trata de vida e de morte não fazemos outras ponderações, mas dizemos

com toda a clareza: É assim.

PARTICIPANTE: E o senhor crê que essa frase, que ela não fará, vai ajudá-la agora?

HELLINGER: Vou perguntar a ela.

MANUELA: Ficou claro para mim, quando o Sr. Hellinger disse isso, que para mim vai ser

extremamente difícil e doloroso deixar minha mãe partir. Mas estou trabalhando nisso, e o simples

fato de ter ficado tão consciente dessa dor toma possível minha decisão pela vida. Assim, recebi

isso de modo positivo.

HELLINGER *(para o grupo):* Quem é que teve medo? Quem é que não ousou encarar a realidade? —

A terapeuta. Os clientes são fortes.

(Para a participante): Você viu isso aqui.

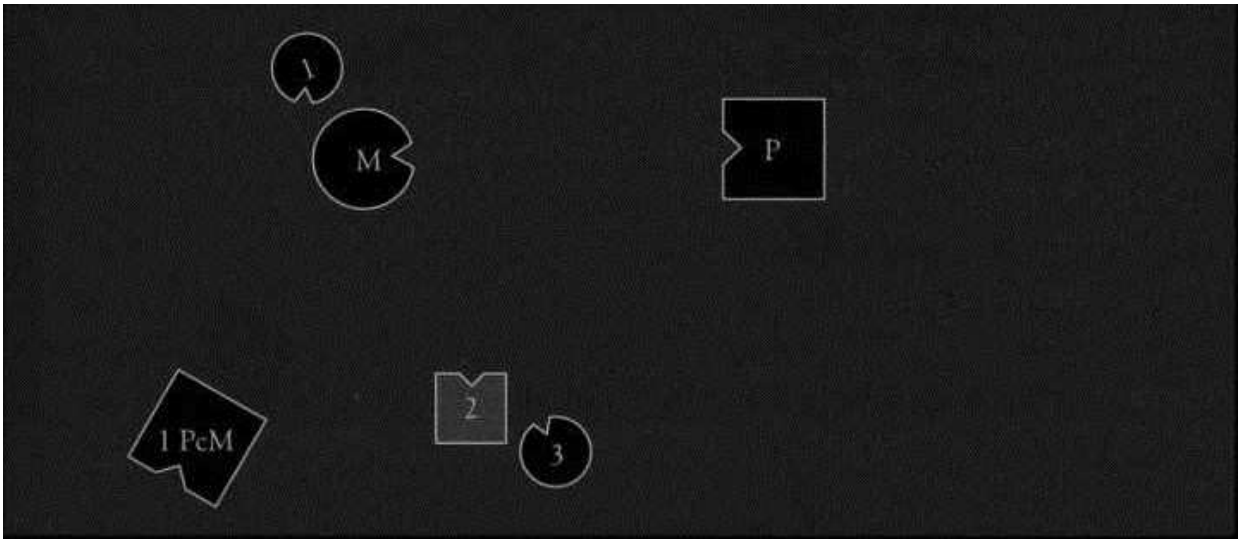
(Para o grupo): Quando dizemos que isso poderia ser diferente, evitamos a confrontação com a

realidade. Mas qual o proveito disso? E para quem? O que atua é a realidade e ela precisa ser

mostrada. Não temos o direito de escondê-la. Este foi um belo exemplo de como o terapeuta se

coloca no lugar da realidade.

(Para a participante): Certo? Aprendeu alguma coisa? Está bem.



OTTO: "EU FICO COM MEU PAI"

Introdução

Otto precisa representar dois excluídos na família: um parceiro anterior da mãe, que lhe deu uma

filha, e o avô paterno, que abandonou a família e morreu prematuramente num acidente. Por isso,

os excluídos são introduzidos na constelação. Assim Otto pode livrar-se de sua identificação e

ganhar acesso, como criança, ao seu pai e ao seu avô, bem como à sua mãe.

HELLINGER (***para Otto):*** O que há com você?

OTTO: Há sete anos tenho um câncer de tireoide. Há dois anos voltou a crescer um tumor de

medula, e há um ano apareceram células cancerosas em meu pulmão.

HELLINGER: Você é casado?

OTTO: Não me casei, mas vivo com uma mulher e tenho um filho.

HELLINGER: O filho é dela?

OTTO: Sim.

HELLINGER: Que idade ele tem?

OTTO: Oito meses.

HELLINGER: Ocorreu algo de especial em sua família de origem?

OTTO: Meus pais viviam se guerreando. E na noite passada me ocorreu que meu avô, o pai de meu

pai, esteve ausente de nossa família. Ele morreu muito cedo. Abandonou a família e teve uma

namorada.

HELLINGER: De que ele morreu?

OTTO: Não sei ao certo, mas creio que caiu sobre os trilhos. Ele trabalhava na ferrovia.

HELLINGER: Vamos colocar sua família de origem: os pais e os filhos. Quantos irmãos você tem?

OTTO: Uma irmã mais velha e outra mais nova que eu. A mais velha é meia- irmã. Foi filha de mãe

solteira.

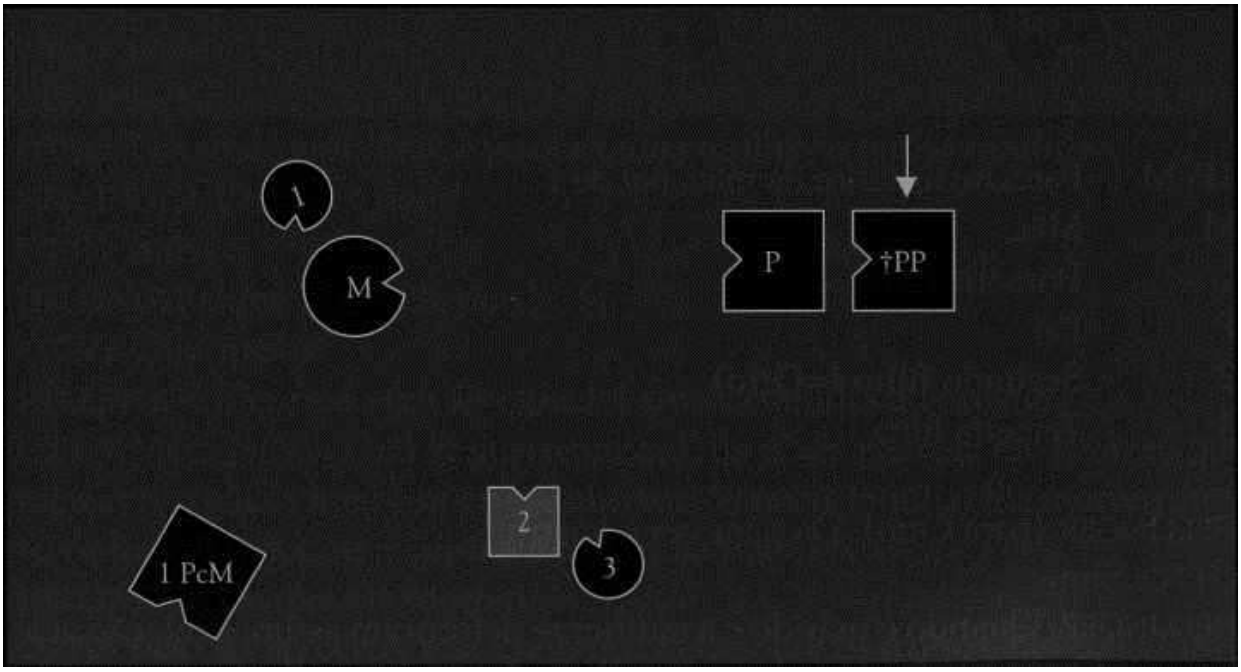
HELLINGER: O que aconteceu com o pai dela?

OTTO: Não o conheço.

HELLINGER: Ele é a pessoa importante.

Está bem, coloque então seu pai, sua mãe, os filhos e o pai da irmã mais velha.

Figura 1



1PCM Parceiro anterior da mãe, pai de 1

M

Mãe

1

Primeira filha P

Pai

1

Segundo filho (=Otto)

2

Terceira filha

HELLINGER *(para Otto):* Dá para ver a guerra.

OTTO: Sim.

HELLINGER: Quando o marido e a mulher se defrontam assim, a relação acabou. — O que você sabe

sobre o pai de sua irmã mais velha?

OTTO: Não sei nada ao certo. Ele só nos visitou uma vez, mas na ocasião me esconderam isso.

Todos souberam; apenas eu só soube depois, pelas fofocas.

HELLINGER: Por que sua mãe não se casou com ele?

OTTO: Ele pertencia a uma família importante. Ela estava lá como preceptora, e creio que não

tiveram nenhum relacionamento. Ou então ignoro.

HELLINGER: Se houve um filho, eles tiveram um relacionamento.

Ele é a pessoa poderosa. — Como está a mãe?

MÃE: Sinto-me fortemente atraída para trás, para o pai da primeira filha. Não tenho sentimento

forte pelos filhos do casamento. Sinto-me atraída pela filha mais velha. Sinto que devo ser grata ao

meu marido, mas algo me puxa para trás, para o pai da filha mais velha. Estou triste por não poder

amar mais meu marido.

HELLINGER: Como está o marido?

PAI: Estou mal do coração e sem relações.

HELLINGER *(para Otto)-.* O que há na família de origem de seu pai?

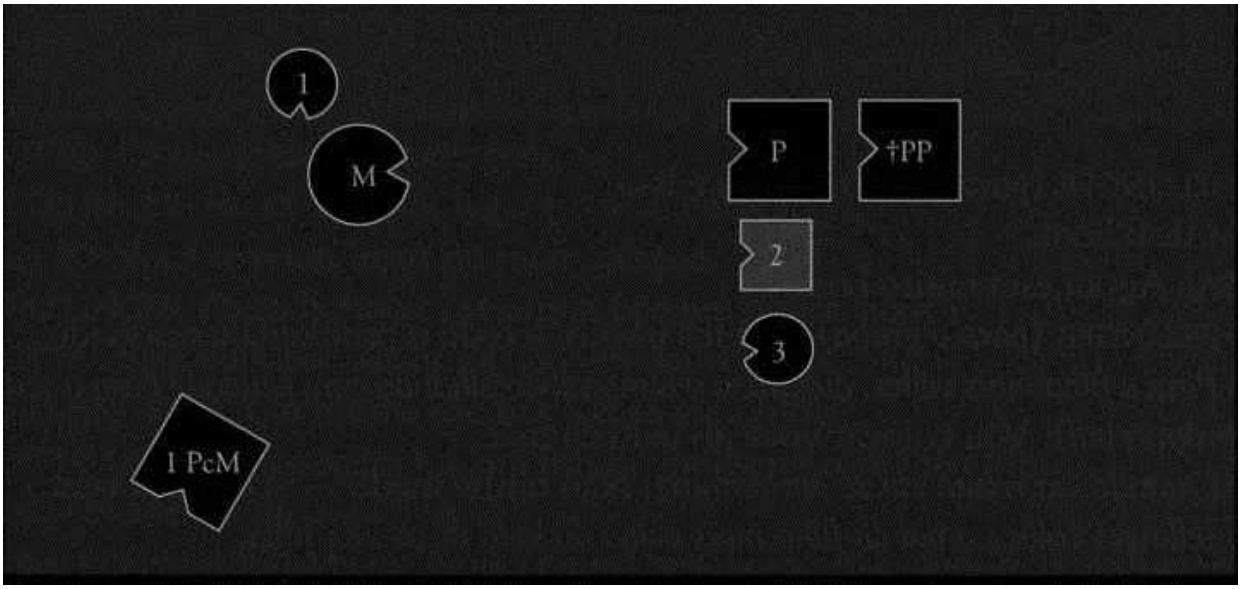
OTTO: Isso mesmo, o pai dele morreu muito cedo.

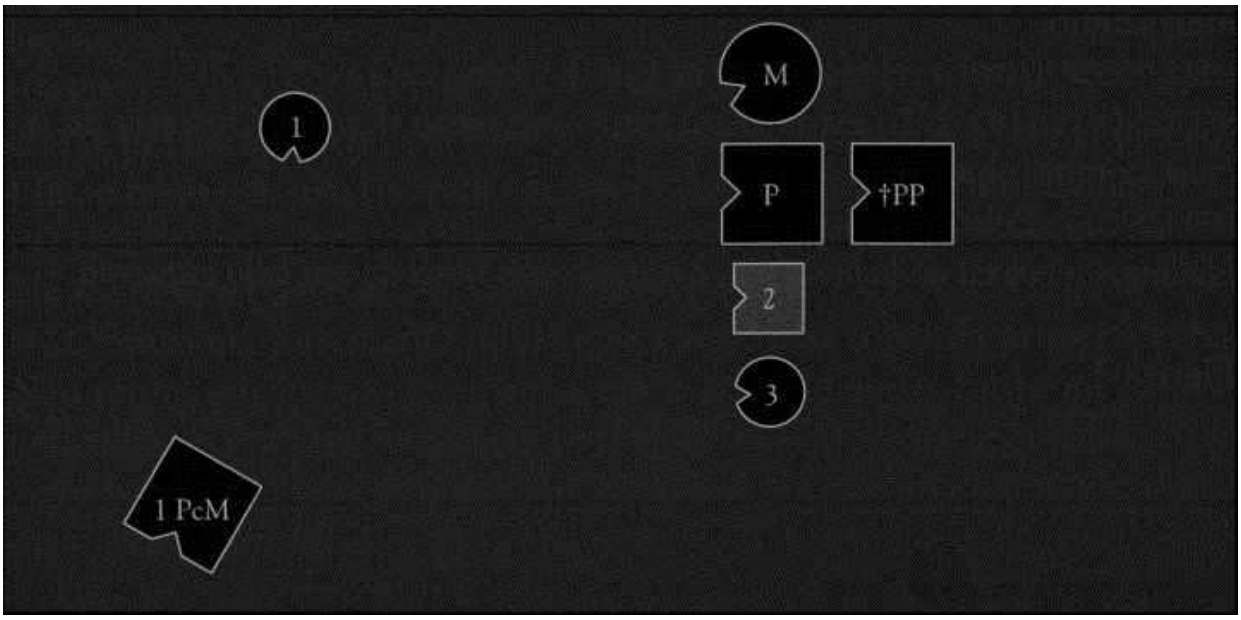
HELLINGER: Foi o caso dos trilhos?

OTTO: Sim.

Hellinger introduz o avô.

Figura 2





†PP

Pai do pai, morto em acidente

HELLINGER: Que tal assim?

PAI: Agora me sinto mais vivo. Sinto o pai atrás de mim. E o coração está mais calmo.

HELLINGER (***para o representante de Otto):*** Como está você?

SEGUNDO FILHO: Não estou bem. Sinto-me perto demais. Gostaria de recuar, com minha irmã.

HELLINGER: Pelo contrário.

Hellinger o coloca ao lado do pai, e a irmã mais nova do seu lado esquerdo.

Figura 3

HELLINGER: Como é isso?

SEGUNDO FILHO: Agora está melhor.

HELLINGER (***para a filha mais nova):*** E para você?

TERCEIRA FILHA: A relação com a mãe ficou na mesma, não melhorou.

HELLINGER ***(para o pai):*** Com você?

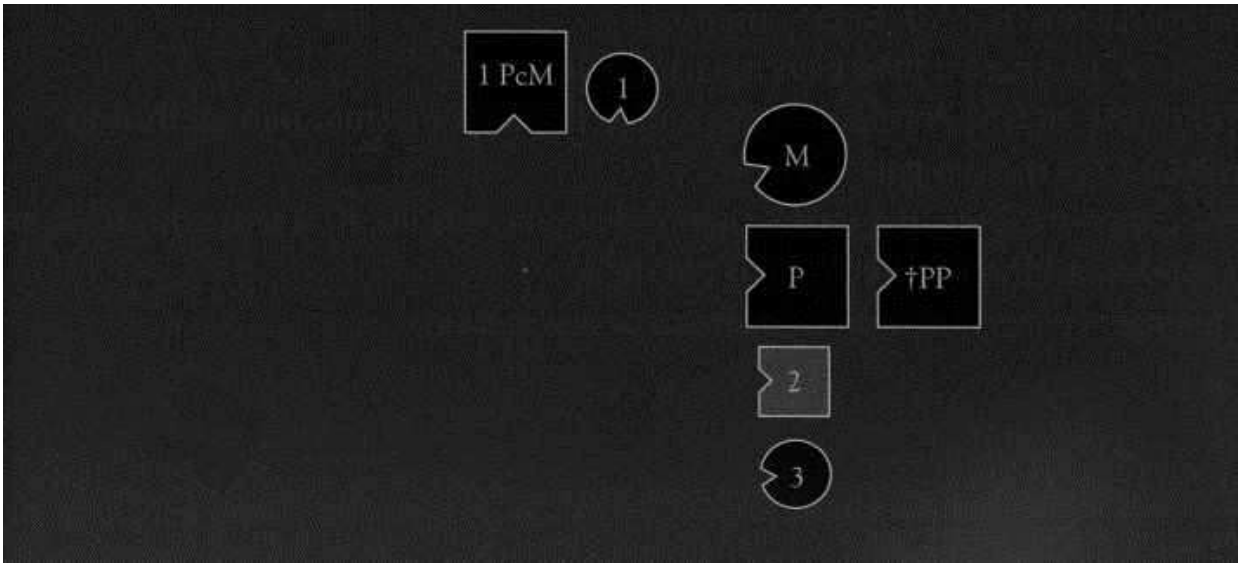
PAI: Sinto-me bem, é quente e agradável, mas ainda estou sem contato com a esposa, a filha mais

velha e o pai dela.

Hellinger coloca a mãe do lado direito de seu marido.

Figura 4

HELLINGER *(para a mãe):* Como é isso?



MÃE: É bom.

PAI: Agora está muito bom.

HELLINGER *(para o grupo):* Alguns passos, e todo o problema é resolvido. *(Para afilha mais velha, que*

ficou o tempo todo olhando com saudade para o seu próprio pai): Vou colocar você ao lado da mãe.

(Quando ela reluta em se aproximar): Não tenha medo — seu pai já vem. *Hellinger coloca o pai da filha*

mais velha do lado direito da filha.

Figura 5

HELLINGER ***(para o pai da filha mais velha, quando ele espontaneamente enlaça a filha com o***

braço esquerdo*):* Claro, é isso. Tem de ser assim. Como está você?

PRIMEIRO PARCEIRO DA MÃE: Bem, muito bem.

PRIMEIRA FILHA: Ele é o único certo.

HELLINGER: Não exagere. Mamãe também é importante. Mas o lugar bom é esse.

(Para Otto): O que você diz a isso? Deseja entrar em seu lugar?

Otto se coloca em seu lugar e olha em volta.

OTTO: Sim, tenho uma sensação de harmonia.

Hellinger coloca Otto diante de seu avô.

HELLINGER: Agora, incline-se profundamente diante de seu avô. Depois olhe para ele e diga:

“Vovô”.

OTTO: Vovô.

HELLINGER: “Eu lhe presto homenagem”.

OTTO: Eu lhe presto homenagem.

HELLINGER: “Você tem um lugar no meu coração”.

OTTO: Você tem um lugar no meu coração.

HELLINGER: “Seja bondoso, se ainda fico um pouco mais”.

OTTO: Seja bondoso, se ainda fico um pouco mais.

HELLINGER: “Com minha mulher e com meu filho”.

OTTO (***muito emocionado****):* Com minha mulher e com meu filho.

HELLINGER: Como está o avô?

†PAI DO PAI: Muito bem. Antes eu me sentia excessivamente dominante, mas agora me sinto em

meu lugar certo.

HELLINGER ***(para Otto):*** Abrace o seu avô.

Otto e o avô se abraçam.

HELLINGER ***(para o pai):*** Abrace-o também.

(Para Otto): Respire profundamente e receba em si a força do avô. Respire profundamente pela

boca.

(Para Otto, depois de algum tempo): Está bem assim?

Otto acena que sim.

Está bem, agora volte para o seu lugar. Olhe para a mãe. Como você a chamava?

OTTO: Mamãe.

HELLINGER: Diga: “Mamãe”.

OTTO: Mamãe.

HELLINGER *(apontando para o pai)-.* “Ele é o meu pai”.

OTTO: Ele é o meu pai.

HELLINGER: “E este é o meu avô”.

OTTO: E este é o meu avô.

HELLINGER: “Eu pertenço ao meu pai”.

OTTO: Eu pertenço ao meu pai.

HELLINGER: “E ao meu avô”.

OTTO: E ao meu avô.

HELLINGER: “Com o seu primeiro parceiro eu não tenho nada a ver”.

OTTO: Com o seu primeiro parceiro eu não tenho nada a ver.

HELLINGER: “Eu fico com meu pai”.

OTTO: Eu fico com meu pai.

HELLINGER: Como é isso para a mãe?

MÃE: Está em ordem. Dói um pouco, mas está certo. Estou de acordo.

HELLINGER *(para Otto):* Diga a ela: “Eu fico com meu pai”.

OTTO: Eu fico com meu pai.

HELLINGER: “E amo você como minha mãe”.

OTTO: E amo você como minha mãe.

HELLINGER *(para a filha mais velha): Como* é agora?

PRIMEIRA FILHA: Agora está muito bem.

HELLINGER *(para Otto):* Creio que temos a dinâmica. Certo?

Otto aprova.

HELLINGER: Bem, foi isso.

Resumo

***O laço do destino**: Otto vive com uma mulher, com quem tem um filho de oito meses.* A *mãe de Otto tem*

uma filha de um parceiro anterior. O avô paterno de Otto morreu de acidente. Ele tinha abandonado a família

e não esteve presente para ela. Otto representa o parceiro anterior da mãe e o avô paterno falecido. Com *isso,*

ficou privado do acesso a seu pai.

***A ordem:** Otto se coloca ao lado de seu pai. Ele reverencia o falecido avô e lhe diz: "Vovô, eu lhe presto*

homenagem. Você tem um lugar em meu coração. Seja bondoso, se fico um pouco mais com minha mulher e

meu filho".

A *seguir, apontando para seu pai, ele diz à sua mãe: "Mamãe, este é o meu pai. E este é o meu avô. Eu*

pertenço a meu pai — e ao meu avô. Com seu primeiro parceiro não tenho nada a ver. Eu fico com meu pai".

Depois diz a ela: "Eu fico com meu pai, e amo você como minha mãe".

Cura e ordem

HELLINGER: É uma verdade antiga, conhecida há muito tempo, que a doença também tem algo a

ver com a desordem, não somente no corpo, mas também na vida, na família ou na alma.

Trabalhando com pessoas gravemente doentes, ainda não presenciei nenhum caso em que tudo

estivesse em ordem na família. Quanto mais grave a doença, tanto mais graves são os destinos na

família, e tanto maior a desordem. Assim, o processo de cura é ajudado se colocamos em ordem,

da melhor maneira possível, o que aparece em desordem. Isso seria, portanto, trazer a cura por

meio da ordem. Por isso trabalhamos aqui com ordens que curam.

Os padrões básicos são bem simples. Colocar em ordem significa:

— incluir as pessoas que pertencem ao sistema;

— respeitar aqueles que são desprezados;

— despedir ou deixar ir embora da família aqueles que perderam o direito de pertencer a ela.

São estas, portanto, as ordens familiares.

Ordem e culpa

Existe também uma desordem que se relaciona com a culpa, a culpa pessoal. Nesse caso, a ordem

advém de olharmos e nos conectarmos com a pessoa contra quem foi cometida alguma injustiça ou

foi feito algum mal. Essa conexão é muito humilde.

A primeira reação, nesse caso, é perceber que sou culpado. A segunda, é perceber que a culpa

permanece sempre. Por conseguinte, eu resisto a toda tentativa de eliminá-la, por exemplo, por

meio de uma psicoterapia. Pelo contrário, eu a encaro nos olhos e a assumo, com suas

consequências, sejam quais forem.

Isso pode significar, por exemplo, que eu vá para a prisão quando o mereci. Ou que faça uma

reparação, quando for possível. Ou, quando não for possível, que eu me submeta ao destino, como

alguém que tem culpa, e então, com a força que essa culpa me dá, que eu faça simplesmente algum

bem, algo bem simples.

Então, dessa ação boa, talvez resulte a reconciliação. Pois aquele que foi vitimado por minha culpa

percebe que de seu sofrimento resultou algo de bom, porque eu assumi minha culpa e com sua

força faço algo de bom. Com isso, também aquele que sofreu é envolvido numa boa conexão que

reconcilia.

Quando isso não acontece, quando a culpa é negada, muitas vezes se expia com uma doença por

aquilo que a gente não quer reconhecer. A culpa negada é, portanto, uma dinâmica importante,

que traz doença.

Quando conhecemos essas conexões, podemos encontrar caminhos simples para colocar algo em

ordem e para liberar, na pessoa ou na família, as forças que curam.

EVA (2): "MAMÃE, PROTEJA-ME, POR FAVOR!"

Introdução

Esta constelação mostra como um dos parceiros está disposto a morrer no lugar do outro, e como

cada um se libera quando assume o próprio destino e deixa ao outro o dele. Na conversa anterior,

Eva revelou que abortou gêmeos depois da quimioterapia. Esse fato não é considerado aqui, mas

precisa ser levado em conta e reconhecido, por exemplo, quando Eva diz aos filhos mortos: "Para

sobreviver, eu exigi de vocês o extremo. Que isso não tenha sido em vão".

HELLINGER **(** ***para Eva):*** Você já esteve aqui. Mas venha cá, vamos ver se podemos fazer alguma

coisa. De qualquer maneira, hoje você se vestiu de esperança (***ela veio com um vestido verde).***

Como está você?

EVA: Eu queria justamente dizer que não estou muito bem. Meu lado esquerdo está totalmente

perturbado, e tenho observado no seio esquerdo um nódulo, que está muito endurecido. O

principal é que sinto uma pontada aqui quando se fala de mães ou de mães que devem ir embora.

E palpitações no coração.

HELLINGER: O que devo fazer agora?

EVA: Desatar o nó.

HELLINGER **(*para o grupo):*** Essa foi a tentação. Ela me testou, para ver se me arrogo algo que não

me compete.

(Para Eva): O que há com sua mãe?

EVA: Ela também teve câncer de mama, foi operada em 1989, um mês antes de mim, e morreu em

1992.

HELLINGER: Com quem eu me alio?

EVA: Com minha mãe, provavelmente.

HELLINGER: Isso mesmo. Vamos começar mais modestamente o trabalho. Você é casada?

EVA: Não. Não me casei, mas tenho uma filha.

HELLINGER: O que há com o pai da criança?

EVA: É casado.

HELLINGER: Já era casado quando você teve a criança?

EVA: Não, não era. Ele disse que ainda não podia assumir a responsabilidade. Eu queria casar, mas

isso não aconteceu.

HELLINGER: Você está zangada com ele?

EVA: De alguns dias para cá, não tanto (ri). Já aprendi um pouco com estes grupos.

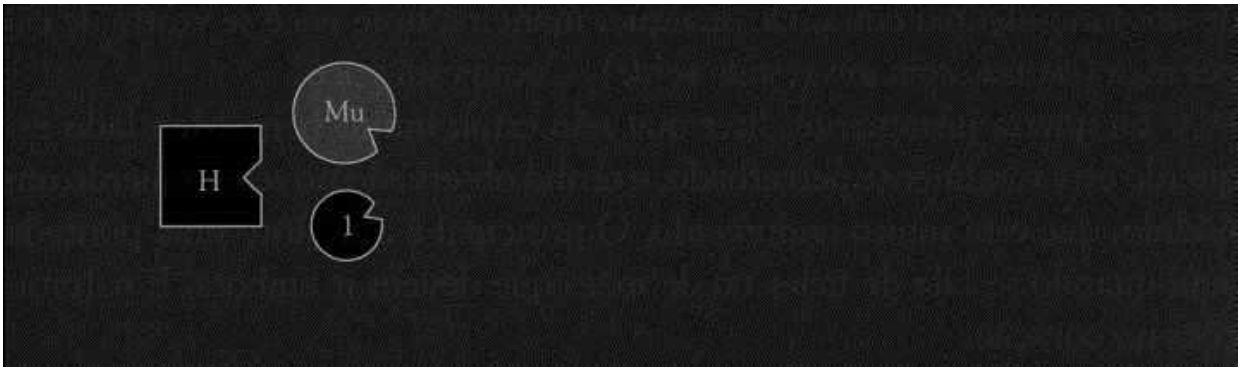
HELLINGER: Eu ficaria zangado com ele. — Vamos começar com o sistema atual: portanto, com

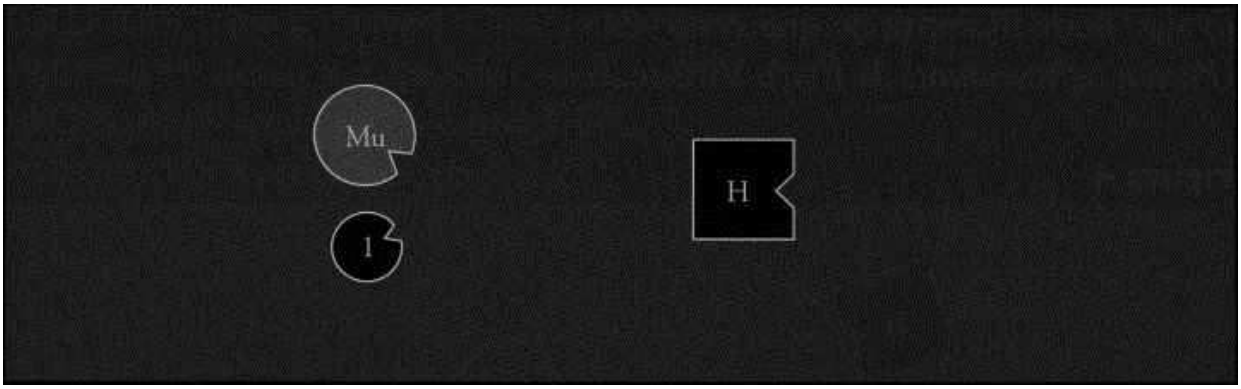
você, o homem e a criança. Alguém mais faz parte dele?

EVA: Não.

HELLINGER: Qual é a idade da filha?

EVA: Doze anos.





HELLINGER: O pai tem filhos do novo relacionamento?

EVA: Não.

Figura 1

Um

Mulher (=Eva)

H

Homem

1

Filha

HELLINGER: Como está para o homem?

HOMEM: Elas me estorvam o caminho. Isso me tira a liberdade. Isso me impede e também me

oprime. Sinto que esse estorvo tem a ver comigo, mas gostaria que fossem embora.

HELLINGER (***para o grupo):*** Ele formulou isso de um modo estranho, vocês ouviram? “Gostaria que

fossem embora”.

Como está a mulher?

MULHER: Aqui está muito apertado, e nos bloqueamos mutuamente. E ali atrás de mim existe uma

sombra. É sinistra.

HELLINGER: Como está a filha?

FILHA: Aflita, com dificuldade de respirar e apertada. Sem liberdade.

Hellinger afasta o homem para o lado, e o vira de costas para a mulher e a filha.

Figura 2

HELLINGER (***para o homem):*** Que tal assim?

HOMEM: Está muito melhor.

HELLINGER ***(para a filha):*** E para você?

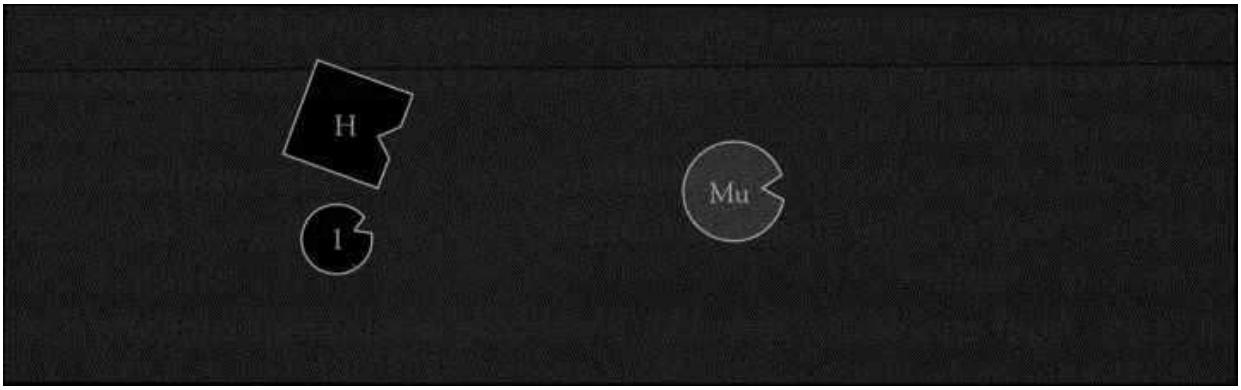
FILHA: Um pouco melhor, mas ainda apertado.

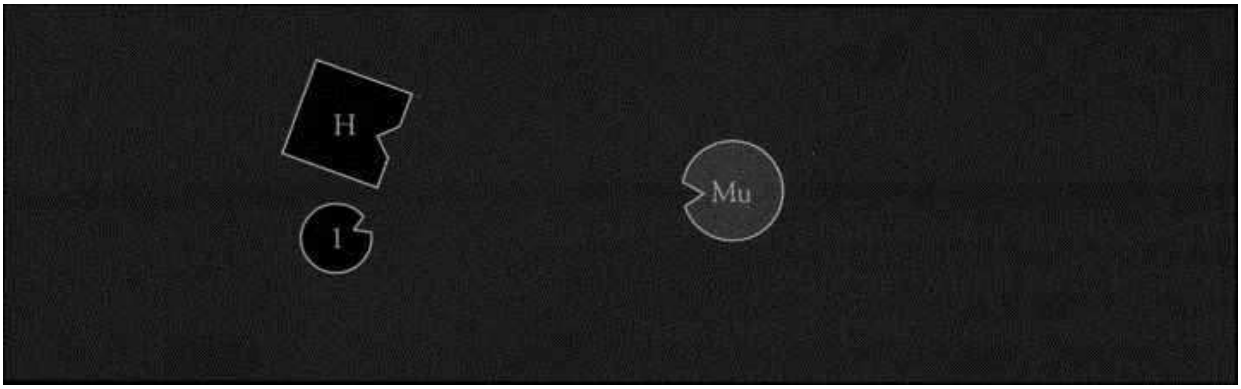
MULHER: Melhor. Mas aqui, na minha frente, ainda está bloqueado.

HELLINGER ***(para Eva):*** O que você diz a isso?

EVA: Eu assumi uma relação muito estreita com minha filha; em parte, como minha parceira.

HELLINGER: Não vou tratar disso no momento. Mas o que acontece com o homem é uma estranha





dinâmica.

(Para o homem): Troque de lugar com a mulher.

Figura 3

HELLINGER (***para a mulher):*** Que tal assim?

FILHA: É um pouco mais leve.

HELLINGER: E para o homem?

HOMEM: Uma sensação boa, agradável, calorosa. É muito mais leve.

HELLINGER (***para Eva, quando ela parece concordar com isso):*** Não, não, vejo algo bem diferente do

que você vê.

(Para a representante de Eva): Vire-se.

Figura 4

HELLINGER: Diga ao homem: “Eu vou em seu lugar”.

MULHER: Eu vou em seu lugar.

HELLINGER: Que tal assim?

MULHER: Também sinto um peso (***aperta o punho).***

HELLINGER ***(para Eva):*** Faz sentido para você o que eu digo, o que ela diz?

EVA: Então ele teria sentido a necessidade de ir primeiro.

HELLINGER: Vou deixar isso ainda mais claro.

(Para a representante de Eva): Olhe para ele e diga: “Eu morro em seu lugar”.

MULHER: Eu morro em seu lugar.

HELLINGER: Que tal assim?

MULHER: Eu me sinto enfeitiçada.

HELLINGER (*para o homem):* O que se passa em você?

HOMEM: É como um grande presente.

Hellinger troca de novo as posições do homem e da mulher

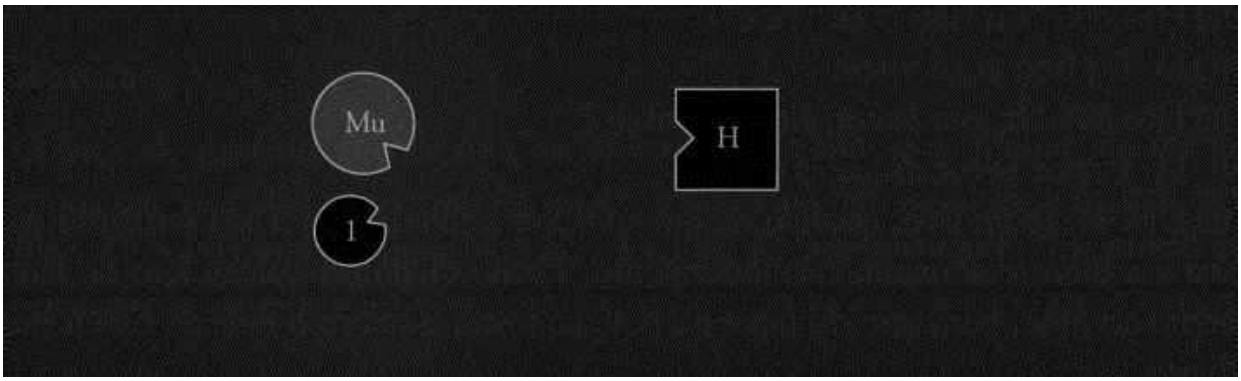


Figura 5

HELLINGER (*para a mulher):* Diga a ele: “Eu deixo a culpa com você”.

MULHER: Eu deixo a culpa com você.

HELLINGER: “Você precisa carregá-la”.

MULHER: Você precisa carregá-la.

HELLINGER: “Eu fico”.

MULHER: Eu fico.

HELLINGER (*para o homem):* Como é isso?

HOMEM: Isso me deixa mais fraco, mas sei que está certo.

HELLINGER: Diga a ela: “Eu carrego a culpa”.

HOMEM: Eu carrego a culpa.

HELLINGER: “Eu libero você”.

HOMEM: Eu libero você.

HELLINGER: Como é isso?

HOMEM: Para mim é totalmente liberador.

HELLINGER: Isso mesmo. É essa a ordem.

(Para o grupo): Foi estranho quando ele disse: “Elas me estorvam o caminho, precisam ir embora”.

Aí se vê onde está a verdadeira dinâmica funesta e destruidora, que sacrifica outros em proveito

próprio. É preciso ouvir com exatidão.

(Para Eva): O que você diz a isso?

EVA: Isso é completamente novo para mim. Mas creio que esse sentimento de culpa existe, ou

existia.

HELLINGER: Entre no seu lugar.

Eva se coloca em seu lugar.

HELLINGER: Como se sente agora a filha?

FILHA: Agora respirei para valer *(ri).* Muito liberador. É lindo.

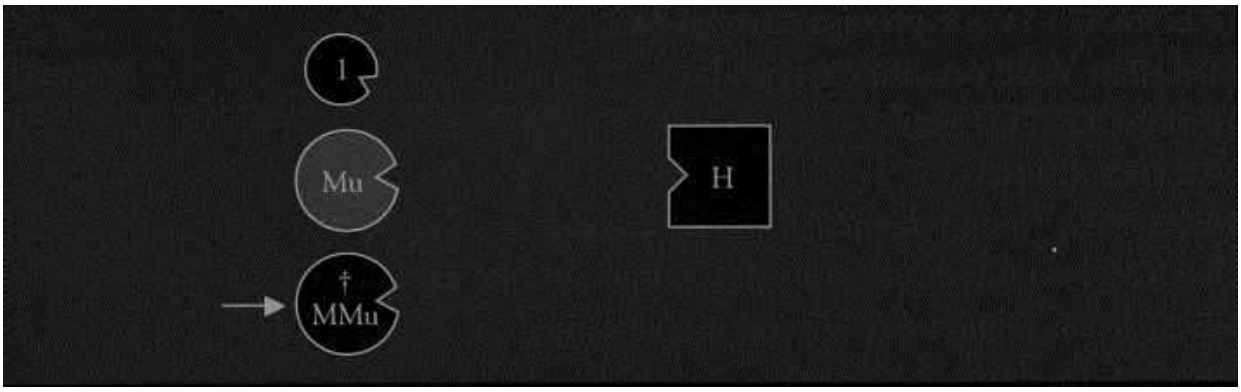
HELLINGER: Diga: “Mamãe”.

FILHA: Mamãe

HELLINGER: “Eu fico com você”.

FILHA: Eu fico com você.

HELLINGER: “E, por favor, fique comigo”.



FILHA: E, por favor, fique comigo.

HELLINGER *(para Eva, quando ela quer abraçar a filha):* Siga o seu sentimento. *Eva e a filha se abraçam*

carinhosamente. Então Hellinger coloca Eva do lado direito da filha, para que ela fique na posição forte, e

coloca a mãe de Eva à sua direita.

Figura 6

†MMu Mãe da mulher

HELLINGER (*para Eva):* Como você se sente aí?

EVA: Acolhida.

HELLINGER: Isso mesmo. Como você chamava sua mãe?

EVA: Mãezinha.

HELLINGER: Olhe para ela. Diga: “Mãezinha”.

EVA: Mãezinha.

HELLINGER: “Proteja-me, por favor”.

EVA: Proteja-me, por favor.

A *mãe espontaneamente enlaça Eva com o braço.*

EVA: Mãezinha, por favor, proteja-me, proteja-nos.

HELLINGER: Está bem, foi isso aí.

(*Para o grupo):* Essa é uma dinâmica muito significativa, que encontramos muitas vezes: um dos

parceiros está disposto a morrer pelo outro. É mais comum que o homem morra pela mulher.

Aqui, foi a mulher que se dispôs a morrer pelo homem. É preciso restabelecer a ordem correta. Isso

significa que cada um deve responder pelas consequências do próprio comportamento. Se outra

pessoa as carregar por ele, tudo fica mal.

Resumo

O *laço do destino.* A *mãe de Eva foi operada de câncer de mama, na mesma época que sua filha, e morreu há*

quatro anos. Eva não se casou, mas tem uma filha. O pai da menina quer morrer, e Eva lhe diz interiormente

“Eu morro em seu lugar”.

A ordem. Eva diz ao homem: “Eu deixo a culpa com você. Você precisa carregá-la. Eu fico”. O homem diz à

mulher: “Eu carrego a culpa. Eu libero você”. A filha diz à mãe: “Mamãe, eu fico com você. E, por favor,

fique comigo”.

Eva diz à sua mãe: “Mãezinha, por favor, proteja-me, proteja-nos”.

Morrer em lugar de **outro**

HELLINGER: O vínculo de destino que liga uma família faz nascer a ideia de que uma pessoa pode

morrer por outra. No mais das vezes, são as crianças que querem morrer por outros, geralmente

por um dos pais. Mas essa ideia também existe entre parceiros, como acabamos de ver. Mas ela é

totalmente inconsciente e permanece na sombra. Atuam nisso estranhas leis arcaicas e um amor e

laços obscuros, que ultrapassam em muito o que imaginamos e empreendemos conscientemente.

Mas podemos trabalhar com essas forças, fazendo com que venham à luz, como aconteceu aqui.

Então, elas deixam de atuar na penumbra e podem ser reconhecidas. Já podem atuar a serviço da

vida, e não mais contra a vida. Mas essa passagem da obscuridade para a luz exige um esforço. É

um desempenho que exige o máximo de nós. Muitos se assustam diante desse esforço e tornam a

afundar nos padrões arcaicos. Porém, quando essa passagem é bem-sucedida, ela é sentida, ao

mesmo tempo, como uma graça. Assim a vivenciam o terapeuta e as pessoas envolvidas.

SENTA — A MORTE COMO AMIGA

HELLINGER *(para Senta):* De que se trata?

SENTA: Há seis anos tenho um câncer de mama. Eu não quis me operar e procurei inúmeros

médicos. Encontrei alguns que concordaram em me tratar sem cirurgia. Em agosto, porém,

surgiram dores terríveis na parte superior das costas e nenhum de meus médicos pôde me ajudar.

Tive de procurar o hospital e agora faço quimioterapia e medicação homeopática. Gostaria de

saber por que recebi essa doença.

HELLINGER: Se você souber, o que vai fazer?

SENTA: Eu gostaria de combatê-la em todos os níveis, com medicina e também com outros

remédios, meditações e outros recursos.

HELLINGER: Quem quer saber a causa, frequentemente pensa: Se eu souber a causa, encontro a

solução.

SENTA: Eu também penso assim.

HELLINGER: E aí imagina que pode controlar isso.

— Vou fazer com você um exercício simples, está bem?

SENTA: O que devo fazer?

HELLINGER: Eu disse que vou fazer com você um exercício simples. Escolha um homem ou uma

mulher para representar a morte.

SENTA: Posso escolher aquele homem ali. Ele está vestido de preto *(ela ri).*

HELLINGER: Não, não.

SENTA: Alguém que está vestido de preto (ri).

HELLINGER: Não, não.

(Para o grupo): Ela não vai fazê-lo. Vocês notaram como agiu levianamente? *(Para Senta):* Não posso

trabalhar com você.

Longa pausa

SENTA: Ainda devo procurar alguém?

HELLINGER: Não creio que eu possa ajudá-la. Você ainda não levou isso a sério.

Há muitos anos, ao trabalhar com uma doente de câncer, disse-lhe que visualizasse uma imagem

interior do câncer. Então ela viu um polvo, envolvendo-a com muitos tentáculos. Eu lhe disse para

encará-lo e esperar até que o câncer lhe desse uma notícia, uma indicação. Então veio a frase:

“Você não sabe como eu sou perigoso?” Ela não o tinha levado a sério.

— Você ainda não levou a sério que está diante da morte e precisa encará-la.

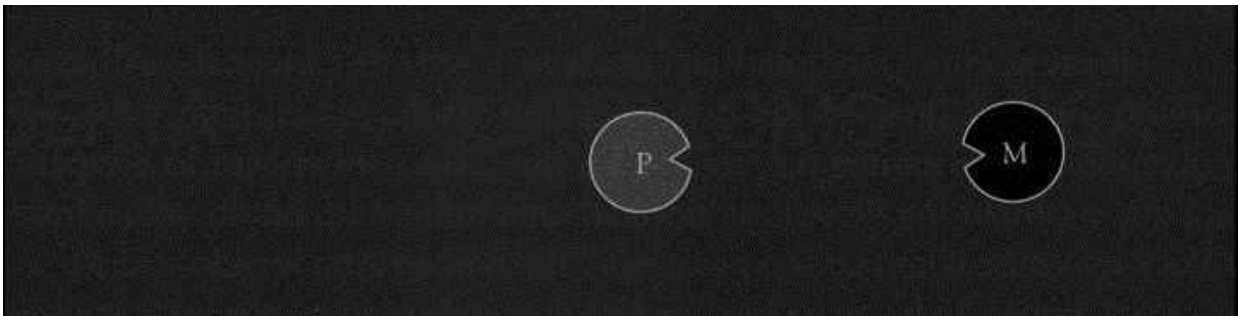
— SENTA: É verdade. Não aceito que tenho isso. Por isso também receio falar sobre o assunto.

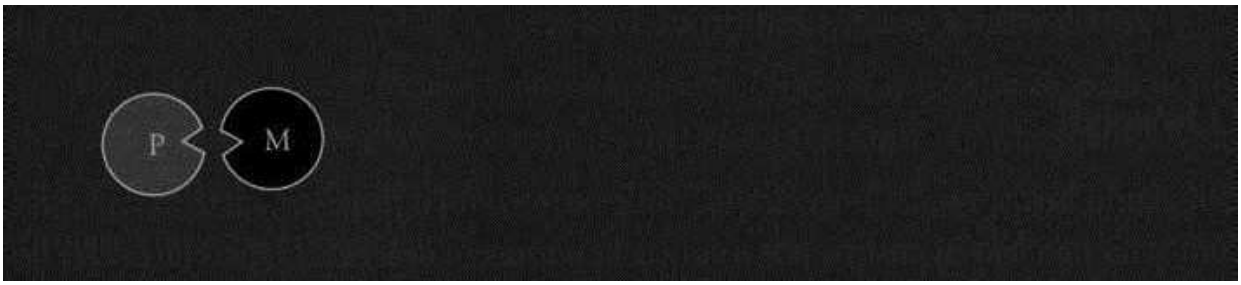
HELLINGER: Exatamente.

SENTA: Ao meu lado, no hospital, estava uma mulher que não ouvia muito bem. Ela quis saber o

que eu tinha. Eu desconversei e disse que estava fazendo quimioterapia. Então ela perguntou: Mas

o que a senhora tem realmente? Então, pela primeira vez, tive de dizer: câncer de mama. Foi muito





desagradável para mim. Mas agora já posso falar. Não aceito isso realmente como câncer de mama.

Creio que é alguma outra coisa, porque não é um nódulo, mas um processo de atrofia.

HELLINGER: Certa vez um homem veio me consultar. A irmã dele tinha uma doença grave, e ele

atribuía isso a um “sistema de crenças” errado. Queria aprender comigo a desenvolver um novo

sistema de crenças, para transmitido à irmã e salvá-la com essa nova visão do mundo. Eu disse a

ele: “A morte não se importa com nenhum sistema de crenças”. Nem se importa com o medo ou a

fuga.

Vou fazer agora o exercício, apenas com representantes.

(Para uma mulher): Posso escolher você para representar a morte? Venha cá. ***(Para outra mulher):***

Vou escolher você como a paciente.

Hellinger a coloca de frente para a morte, a uma certa distância.

Figura 1

M

Morte

P

Paciente

HELLINGER *(para ambas as mulheres*): Deixem-se levar pelo seu sentimento.

Depois de algum tempo, a paciente dá um passo na direção da morte e espera. Depois se volta para Hellinger.

HELLINGER: Fique totalmente em seu desejo. Siga o impulso, mesmo que seja para dizer algo, seja o

que for. Fique no impulso e muito concentrada, ambas as coisas.

A *paciente dá outro passo em direção à morte, depois outro passo e estende a mão direita para ela. A morte*

toma essa mão e a segura, enquanto se ajoelha e se apoia sobre os calcanhares. Ambas se encaram nos olhos.

PACIENTE *(depois de algum tempo):* Eu gostaria de assumir a direção.

HELLINGER: Faça isso!

A *paciente ergue a morte e caminha com ela dez passos para trás. Então se vira e se recosta nela, colocando os*

braços da morte sobre seu próprio peito, de modo que a morte a abraça por trás. Então, depois de algum

tempo, vira-se e, sem encarar a morte, apoia a cabeça em seu ombro direito. A morte a acolhe suavemente em

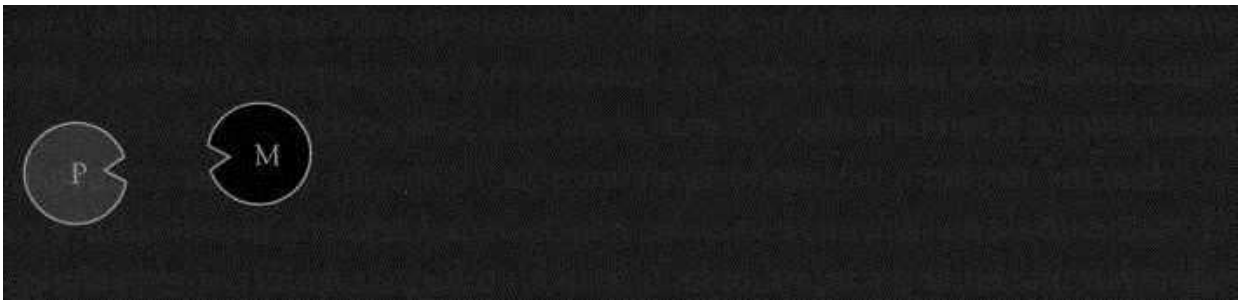
seus braços. Assim ficam por longo tempo. Depois se abraçam ainda mais ternamente. Depois de algum

tempo, a paciente se desprende um pouco da morte, mas ainda a segura.

Figura 2

HELLINGER *(para a paciente): Como* está você?

PACIENTE: Quase não sinto separação.



A *morte e a paciente voltam a abraçar-se ternamente. Depois de algum tempo, a paciente se separa da morte e*

dá alguns passos para trás.

Figura 3

PACIENTE *(para Hellinger):* Já é o bastante para mim. Agora quero ficar sozinha de novo.

HELLINGER: *(para a morte):* Como está você?

MORTE: Para mim está bom assim.

HELLINGER *(para ambas as representantes):* Agradeço a vocês, foi bom. *(Para o grupo):* Agora nos foi

apresentada toda uma terapia.

(Para Senta): Vou deixar assim. Vou deixar nessa imagem. De acordo?

SENTA: Sim, está bem.

HELLINGER: Está certo, então foi isso.

(Para o grupo): Não quero comentar. É preciso deixar isso como imagem, tal como aconteceu. O

curioso é que, quando a gente encara a morte, ela se mostra como guardiã da vida.

Vou contar a vocês uma breve história.

O hóspede

Em algum lugar, muito longe daqui, onde outrora foi o faroeste, alguém caminha, com uma mochila às

costas, por uma vasta paisagem deserta. Depois de andar horas a fio, quando o sol já ia alto e ele tinha muita

sede, avista no horizonte uma fazenda. “Graças a Deus!’’, pensa ele, “finalmente alguém neste ermo. Vou à

casa dele, peço-lhe algo de beber, e talvez nos sentemos na varanda para conversar, antes que eu retome meu

caminho.” E fica imaginando como será bom.

Porém, ao se aproximar, avista o fazendeiro trabalhando no jardim, defronte à sua casa, e é assaltado pelas

primeiras dúvidas. “Talvez ele esteja muito ocupado. Se eu lhe falar do meu desejo irei incomodá-lo, ele pode

pensar que sou mal-educado.” E assim, quando chega ao portão do jardim, apenas acena para o fazendeiro e

passa adiante.

O fazendeiro, por sua vez, o avistara de longe e se alegrara: “Graças a Deus”, pensou, “finalmente alguém

neste ermo. Tomara que ele venha à minha casa. Então vamos beber juntos e talvez nos sentemos na varanda

para conversar, antes que ele retome o seu caminho." E entrou em casa para esfriar a bebida.

Porém, ao ver o estranho aproximar-se, começou também a duvidar: "Certamente ele tem pressa, e se eu lhe

falo de meu desejo vou incomodá-lo e ele pode achar que estou me insinuando. Contudo, talvez ele tenha sede

e venha espontaneamente à minha casa. O melhor é ficar no jardim, na frente da casa, e fingir que estou

ocupado. Lá ele terá de me ver, e se realmente quiser vir à minha casa, certamente dirá". Então, quando o

outro apenas lhe acenou de longe e prosseguiu em seu caminho, ele disse: "Que pena!"

O estranho continua a caminhar. Entretanto, o sol ainda sobe mais e a sede aumenta, e passam-se horas até

que ele avista outra fazenda. Então diz a si mesmo: "Desta vez irei à casa do fazendeiro, quer isto o incomode,

quer não. Tenho muita sede, preciso beber alguma coisa".

Entretanto o fazendeiro também o avistara de longe e pensou: "Tomara que ele não venha à minha casa. Só

me faltava esta. Tenho muito que fazer e não posso me preocupar com outras pessoas". E continuou a

trabalhar, sem levantar os olhos.

O *estranho, porém, o avistou no campo, foi até ele e disse: "Tenho muita sede. Por favor, dê-me algo para*

beber”. O fazendeiro pensou: “Agora não posso mandá-lo embora, afinal também sou humano”. Levou-o à

sua casa e lhe deu algo para beber.

O estranho disse: “Reparei em seu jardim. Nota-se que aqui trabalhou um entendedor que ama as plantas e

sabe do que elas precisam”. O fazendeiro ficou contente e disse “Pelo que vejo, você também entende disso”.

Sentaram-se e tiveram uma longa conversa.

Então o estranho se levantou e disse: “Já é tempo de ir embora”. Mas o fazendeiro se opôs. “Veja”, disse ele,

“o sol já baixou. Passe a noite em minha casa. Então nos sentaremos na varanda e conversaremos, antes que

você prossiga o seu caminho pela manhã." E o estranho concordou.

À tardinha eles se sentaram na varanda, e a paisagem distante se transfigurava na luz do crepúsculo.

Quando escureceu, o estranho começou a contar como o mundo mudou para ele desde que percebeu que

alguém o acompanhava por toda parte. De início, não quis acreditar que alguém constantemente o seguia,

parando quando ele se detinha, e levantando-se junto quando ele ia embora. E precisou de tempo até entender

quem o acompanhava.

“Minha companheira permanente”, disse ele, “é minha morte. Eu me acostumei tanto a ela que não quero

mais sentir sim falta. Ela é minha melhor amiga, a mais fiel. Quando fico em dúvida sobre o que é certo e

como devo prosseguir, fico um momento em silêncio e lhe peço uma resposta. Eu me exponho totalmente a

ela, com toda a minha receptividade. Sei que ela está ali e eu estou aqui. E, sem me apegar a desejos, aguardo

dela alguma indicação. Quando estou recolhido e a encaro corajosamente, vem-me, depois de algum tempo,

uma palavra dela, como um relâmpago que ilumina a escuridão — e eu ganho clareza".

Esse discurso soou estranho ao fazendeiro. Em silêncio, ficou olhando longamente para dentro da noite.

Então também viu sua companheira — sua morte — e se curvou diante dela. Sentiu como se a vida que lhe

restava se transformasse. Ficou saborosa, como o amor que conhece a despedida. E, como o amor, cheia até as

bordas.

Na manhã seguinte comeram juntos e o fazendeiro disse: "Mesmo que você vá, uma amiga fica comigo".

Então saíram ao ar livre e se estenderam as mãos. O estranho prosseguiu seu caminho e o fazendeiro voltou

ao seu campo.

LOTTE (1): "TOTALMENTE CURADA"

HELLINGER (*para Lotte): O* que você tem?

LOTTE: Câncer de mama.

HELLINGER: Desde quando?

LOTTE: Há um ano e meio. Há seis meses fui operada. Já fiz com você em Munique uma constelação

de minha família atual.

HELLINGER: E como passou desde então?

LOTTE: A grande Alma atuou.

HELLINGER: Ela atuou? E o que você deseja agora?

LOTTE: Há seis meses fiz um exame e foram encontradas em minha medula algumas células

cancerosas. Então eu gostaria ainda de trabalhar com isso. Queria ficar totalmente curada.

HELLINGER: É um pouco demais o que você espera.

LOTTE: Vim de Munique expressamente para isso.

HELLINGER: Como você acha que me sinto quando você diz isso?

LOTTE: Você me disse naquela ocasião que eu voltasse, depois de algum tempo, e então faríamos a

constelação da família de origem.

HELLINGER: Eu mantenho minha palavra, a questão não é essa. Mas esperar o que você está

esperando é tomar uma direção errada.

LOTTE: Naquela ocasião, junto com a família atual, também foi constelada uma parte da família de

origem. Refiro-me à minha irmã, que nasceu antes de mim e faleceu, de quem peguei o meu nome.

HELLINGER: O que lhe aconselhei na ocasião?

LOTTE: Que deixasse a grande Alma atuar.

HELLINGER: E quem mais?

LOTTE: Minha irmã falecida. Também tive vivências fortes com ela. Mas isso eu não posso dizer

agora, diante desse grande público.

HELLINGER: Mas eu também não quero isso.

LOTTE: E também pude fazer as pazes com meu nome, que tomei dela. É o nome que eu mesma me

dei, voltei a usá-lo como meu segundo nome.

HELLINGER: Você fez bem. E agora, onde está a sua irmã quando você a imagina? Onde ela está

quando você a imagina como uma parte de você?

LOTTE: Ela é um pedaço de mim.

HELLINGER: Onde?

LOTTE: Aqui no coração. Isso dá muita força. Acho que ela também trouxe muita força para a

minha família de origem, inclusive para minha irmã mais nova.

HELLINGER: Qual de vocês duas está melhor?

LOTTE: Cada qual do seu jeito.

HELLINGER: Vou perguntar de novo, bem ingenuamente: De vocês duas, quem está melhor?

LOTTE: Eu, pois ainda estou viva.

HELLINGER: E na imagem que eu faço, qual das duas está melhor?

LOTTE: Ela

HELLINGER: Justamente. Essa é a minha imagem.

LOTTE (*depois de uma longa pausa):* Fiquei com palpitações.

HELLINGER: Bem. Gostaria de deixar ficar assim por enquanto. Depois vou voltar ao assunto. De

acordo?

Lotte concorda, balançando a cabeça.

(Para o grupo): Gostaria de esclarecer um pouco, de meu ponto de vista, a dinâmica que está

acontecendo aqui. A frase-chave que aqui faz adoecer é a seguinte: “Eu queria ficar totalmente

curada”. Essa é uma frase que leva à doença, que bloqueia a energia. Ela impede que se

desenvolvam as forças que atuam na alma.

Tentei desarmar essa frase. Pois Lotte me deu belas indicações sobre a direção na qual isso seria

possível. Está muito claro: a força de cura vem da falecida irmã. Quando cessa de fazer essa

distinção: “Eu estou melhor, e você é uma pobrezinha”, Lotte atinge um nível superior. Aí não

importa, para ser exato, se ela vai se curar ou não. Esse é um nível onde essa diferença não tem

mais valor. E então pode desenvolver-se algo que cura, somente nesse nível.

(Para Lotte): Está bem para você assim?

Lotte acena que sim.

Os vivos e os mortos

Descobri algo importante sobre os mortos. Muitos vivos querem juntar-se aos mortos. Mas quando

os vivos os respeitam, os mortos vêm até eles, com bondade. Eles chegam e ficam a uma certa

distância, amavelmente presentes. Alguns julgam que os mortos sofrem. Mas também podemos

dizer que eles estão acolhidos. Somente os vivos ainda sofrem.

Ir e vir

Martin Heidegger expressa isso com imagens maravilhosas. Ele diz: Do oculto, algo se manifesta

no que é patente e volta a submergir no oculto.

O oculto está presente, à sua própria maneira. Mas ele não desaparece: emerge e volta a submergir.

A verdade segue a mesma lei. Ela emerge do oculto e volta a submergir nele. Por isso, tampouco

podemos apreendê-la. Nós nunca a seguramos. Alguns julgam que é válida e eterna a verdade que

julgam ter nas mãos. Não, a verdade só se mostra por um instante e volta a submergir. Por con-

seguinte, a cada vez que emerge, ela é diferente. Ela tem muitos semblantes. Ela é um reflexo do

oculto que se manifesta.

Assim, também a vida provém do oculto que não conhecemos, manifesta-se no não-oculto e toma

a submergir. O que é realmente grande é o oculto. Em comparação com sua grandeza, o que se

manifesta é apenas algo passageiro e pequeno.

Também os mortos estão no oculto. Mas, a partir daí, eles atuam no que se manifesta. Quando

deixamos que os mortos atuem, a vida é sustentada por meio deles.

Entretanto, quem submerge no oculto antes do tempo peca contra esse movimento. Do mesmo

modo, quem se obstina em viver além do tempo, quem segura a vida além do tempo, peca contra

esse fluxo do vir-à-luz e voltar a submergir no oculto. Ambas as atitudes contrariam esse fluxo.

Retirar-se prematuramente é desprezar o que veio à luz. E, do mesmo modo, apegar-se à vida

quando o tempo já se esgotou. Quando o tempo se esgota, convém soltar-se e submergir.

Como terapeuta, procuro manter os vivos em vida com a ajuda dos mortos, na medida em que isso

é conveniente e está em minhas mãos. Mas quando fica patente que o tempo se esgotou, não

seguro ninguém. Sou persistente. Mas não me oponho aos destinos e ao fluxo, como se pudesse ou

devesse impedir a submersão.

Pode-se observar que, nesses processos profundos em que estão em jogo a vida e a morte,

eventualmente aparece uma solução que o paciente também acolhe por algum tempo, mas depois

ele volta a afundar. Também aceito isso. Pois não sabemos se o destino que o indivíduo escolhe ou

ao qual se submete é, de fato, o que mais lhe convém, ou se o seu destino possui uma grandeza

oculta, que quem está de fora não consegue ver.

Essa atitude tem algo tranquilizador, algo profundo. Então podemos visitar um domínio e também

o outro, e mesmo durante a vida permanecemos conectados com a Origem.

PETRA: "MAMÃE, NÓS MULHERES"

Introdução

Devido a uma cirurgia de câncer, Petra perdeu um bebê em gestação. Manifesta- se na família a necessidade

de expiar esse fato, tanto por parte da mãe quanto do filho, em lugar dela, pois ele tem câncer da próstata.

Quando os pais pedem ao filho que aceite sua decisão, ele concorda, com amor. Com isso ele fica liberado da

necessidade de expiar.

HELLINGER *(para Petra):* O que há com você?

PETRA: Há dezessete anos tive câncer no útero, quando esperava um bebê. Por medo, eu quis me

operar antes do prazo de espera que o médico nos aconselhou. Com a cirurgia, perdi o bebê. Cinco

anos depois, tive câncer de mama. Não quis me operar, e fiz tratamentos alternativos. A partir daí,

todo ano tenho pelo menos um carcinoma em alguma parte do corpo: no intestino, no tubo

digestivo ou no ovário. Um dos ovários foi preservado. Disseram que era necessário, que eu ainda

era jovem ou por causa da cicatriz. E também tive um carcinoma na bexiga.

Isso não seria tão mau, mas no ano passado meu filho de vinte e sete anos adoeceu com câncer da

próstata. Isso foi pior para mim.

Meu último câncer, no outono passado, foi muito incômodo, e pela primeira vez senti dores. O

tratamento fez efeito, mas dessa vez não aguentei e não queria continuar. Então a mulher do

médico me prometeu perguntar a ele quanto tempo eu poderia viver. Ele lhe respondeu que, pela

minha constituição, poderia viver três anos. Então eu disse que continuaria a lutar. Mas receio

pelos meus filhos.

HELLINGER: Venha até aqui. Quantos filhos você tem?

PETRA: Dois.

HELLINGER: Você é casada?

PETRA: Sim. Minha filha não é de meu marido, mas foi adotada por ele. É da minha primeira

relação, que acabou porque eu não quis abortar. Isso aconteceu na Dinamarca, e então voltei para

casa. Depois, o pai de minha filha pediu a meu marido que a adotasse, pois não queria mais saber

dela. Meu marido se relaciona melhor com minha filha do que com o seu próprio filho. Sempre o

considerou um bobo, um idiota, e foi muito rude com ele. Mas ama muito minha filha. Tem uma

excelente relação com ela, embora não seja sua filha.

HELLINGER *(para o grupo):* Agora ela nos deu um monte de informações que desviam do essencial.

(Para Petra): Quem é que o filho está representando?

PETRA: A mim. Não, ao pai. Não, à filha abortada. Não sei.

HELLINGER *(para o grupo):* Ele está no lugar de quem?

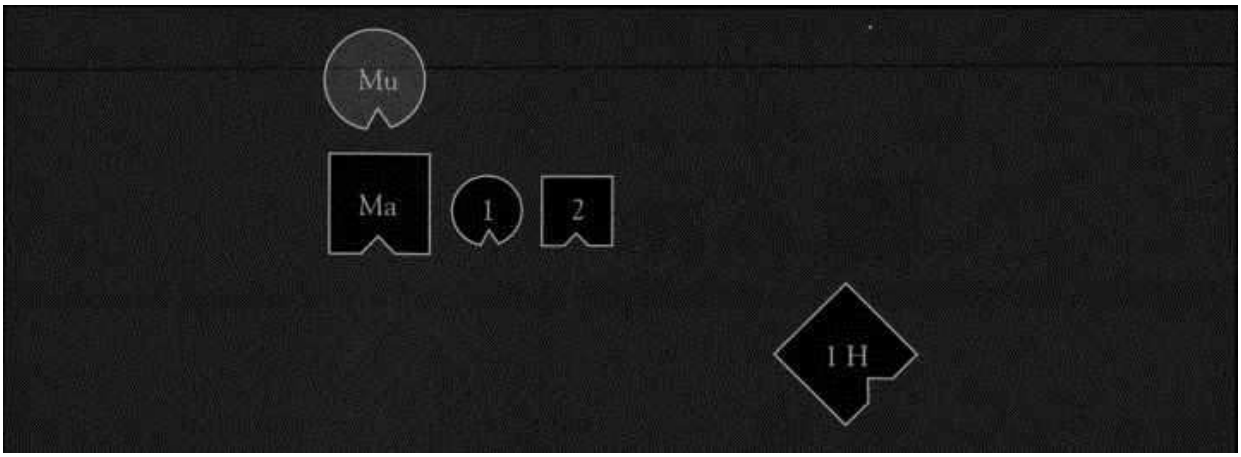
DO PÚBLICO: Do primeiro marido.

HELLINGER: Exato. Ele representa o primeiro marido, o pai da filha. Por isso, o marido o sente como

um rival, e ele não pode ser seu filho.

PETRA: Minha filha rejeita o próprio pai. Certa vez ele veio visitá-la. Mas ela não quis vê-lo, e

esperou na cozinha que ele fosse embora.



HELLINGER: Não admira! O homem perdeu seus direitos de pai. Quem entrega sua filha perde seus

direitos paternos.

PETRA: Outra coisa: quando eu disse à mãe dele meu desejo de que ele pelo menos reconhecesse a

criança, ela respondeu: Quem sabe se ela realmente vai nascer viva?

HELLINGER: A mãe dele?

PETRA: A mãe dele.

HELLINGER: Essa é uma mulher má, provavelmente piedosa. É uma devota?

PETRA: Sim, era muito devota.

HELLINGER *(para o grupo):* As pessoas devotas não têm compaixão. Estranho, não é? Muito estranho.

PETRA: Fiquei com pena dela, porque seu marido a enganava com outra mulher. Ela me causava

muita pena, e pensei que ela apoiaria a criança. O pai estava ausente, mas pelo menos ela devia

sentir alguma coisa.

HELLINGER *(para o grupo):* Aí se vê o que acontece quando não se cobra de alguém que assuma a

própria culpa e se tenta desculpá-lo de todas as formas. É muito ruim o que acontece então.

(Para Petra): O que vamos fazer agora?

PETRA *(suspira):* Pensei que seria ótimo se o pai e o filho se entendessem.

HELLINGER: É a mesma imagem que eu tenho.

— Está bem, vou fazer o melhor que puder. Mais uma pergunta: Houve algo especial em sua

família de origem?

PETRA: Sim, em ambas. Minhas duas avós morreram muito cedo. Minha avó paterna morreu de

câncer no estômago aos trinta e nove anos. E minha avó materna morreu aos quarenta anos, de

cólica da vesícula. Provavelmente foi câncer também, que não foi reconhecido na época. Os pais de

minha mãe a entregaram aos seis meses de idade. Ao voltarem, três anos depois, minha mãe ainda

estava no mesmo carrinho de bebê. Ela cresceu no meio da sujeira e da palha. Parecia ser apenas

uma coisa que balbuciava.

HELLINGER: Sua mãe?

PETRA: Sim, minha mãe.

HELLINGER: Essa é uma informação importante. Comecemos por sua família atual, isto é, seu

marido, você, o filho, a filha e o pai dela.

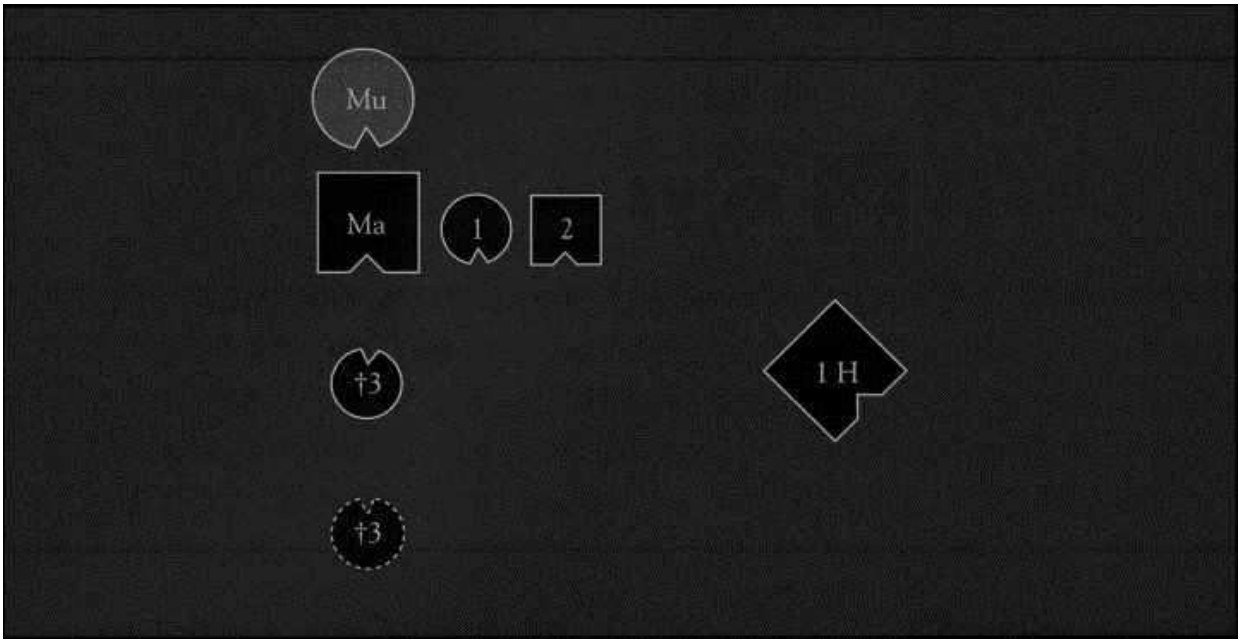
Figura 1

1H

Primeiro parceiro da mulher, que não se casou, pai da filha

Mu

Mulher (=Petra)



1

Primeira filha, adotada pelo marido

2

Ma Marido

3

Segundo filho

HELLINGER *(para Petra):* Para quem eles estão olhando?

PETRA: Para a avó?

HELLINGER: Eu colocaria lá a criança abortada pela cirurgia.

Hellinger coloca diante da família a criança falecida.

Figura 2

†3

Terceira filha, abortada pela cirurgia

HELLINGER: Como se sente o marido?

MARIDO: Estou olhando o vazio. Quando se falou da criança, de repente senti alguma coisa. Mas ela

ainda está longe de mim.

HELLINGER: Ela precisa se aproximar.

Hellinger a coloca mais perto da família.

— Que tal agora?

MARIDO: Agora sinto alguma coisa. É muito melhor.

HELLINGER: O que acontece com a mulher?

MULHER: Para mim estava melhor quando eu via a criança. Agora ficou encoberta pelo marido.

HELLINGER: O que você sentiu antes?

MULHER: Antes que ela aparecesse eu estava meio entorpecida. Minhas mãos estavam rígidas, e

ainda estão um pouco. Dor de cabeça.

HELLINGER (*para o primeiro parceiro):* Como está você?

PRIMEIRO HOMEM: Eu me sinto de fora, mas a situação não me afeta muito.

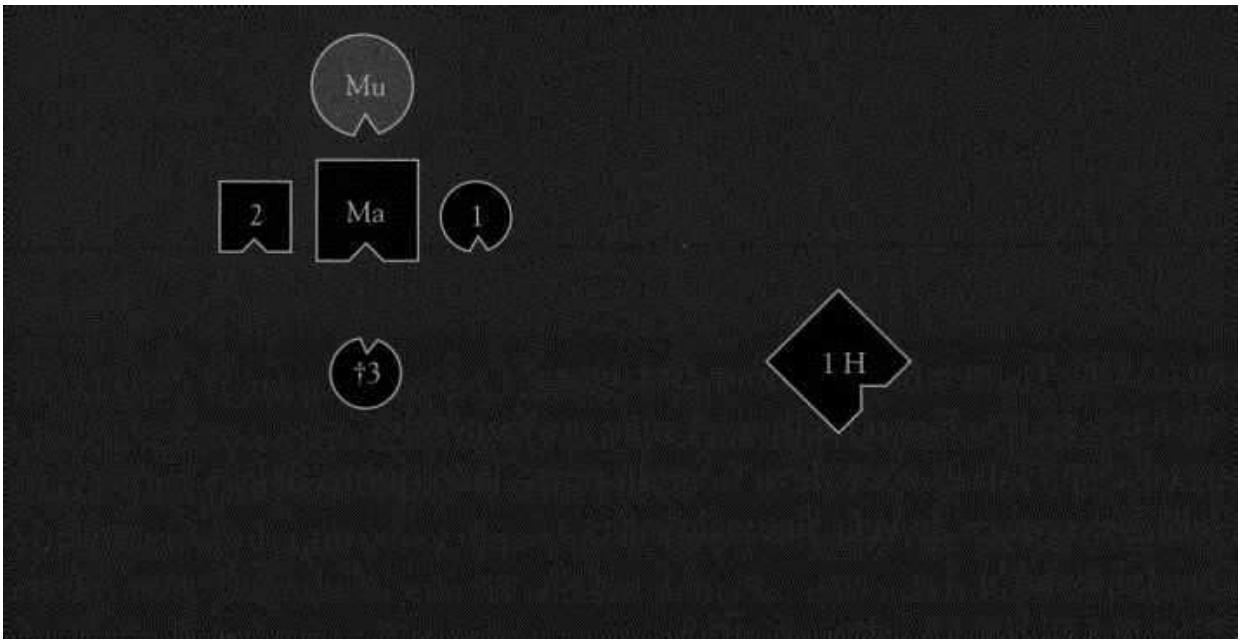
HELLINGER: Como está a filha?

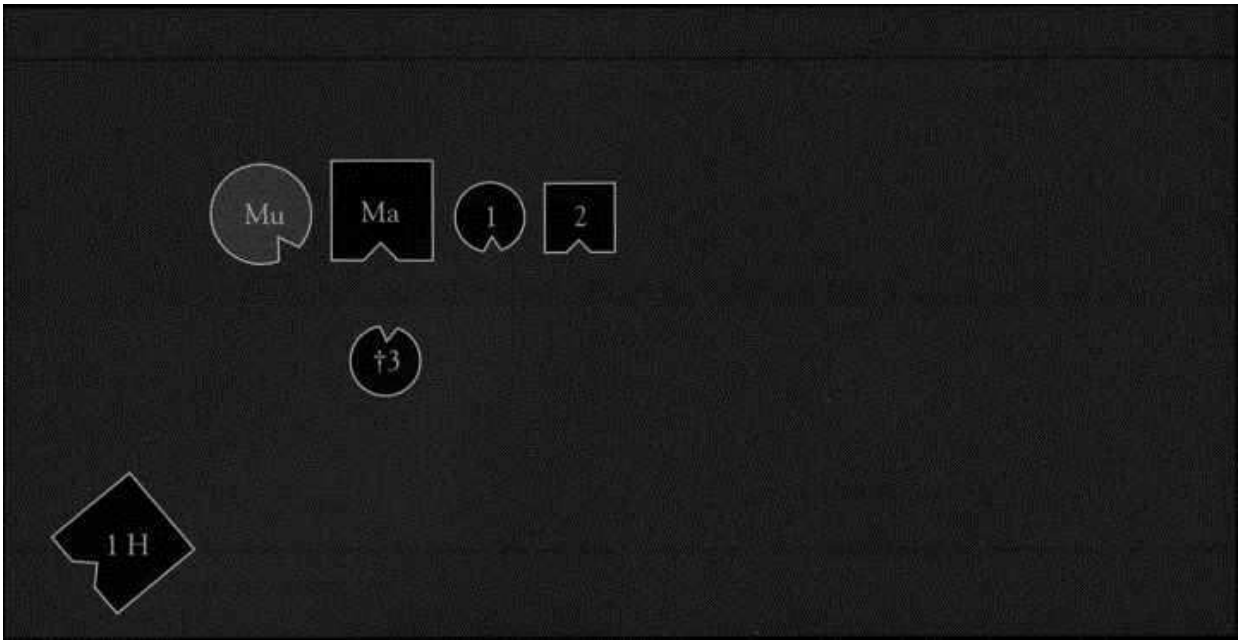
PRIMEIRA FILHA: Primeiro eu olhava para o vazio. Quando a irmã chegou, algo se preencheu.

HELLINGER (*para o filho):* E você?

SEGUNDO FILHO: O primeiro homem é como uma sombra. Não o vejo, mas ele me bloqueia o olhar.

Esta aqui, à minha direita, é minha família.





HELLINGER: Você também pertence a ela.

SEGUNDO FILHO: Sim, é o que sinto.

Hellinger o coloca à direita do pai.

Figura 3

HELLINGER: Que tal aí?

SEGUNDO FILHO: É melhor.

HELLINGER: Aí você fica protegido do outro.

(Para a menina falecida): Como está você?

†TERCEIRA FILHA: Tenho a sensação de que há uma frente contra mim, e fiquei chocada quando o

pai falou de mim sem me olhar.

Hellinger altera a imagem e traz a mãe para a frente.

Figura 4

HELLINGER *(para a filha):* Como está agora?

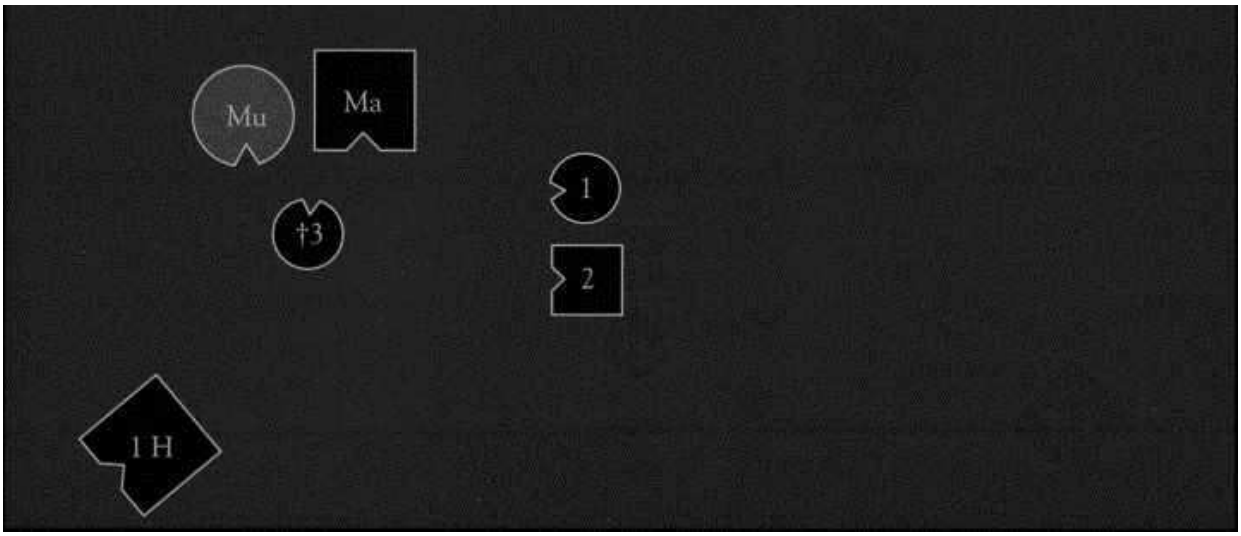
PRIMEIRA FILHA: Ficou melhor. A mãe me fazia falta.

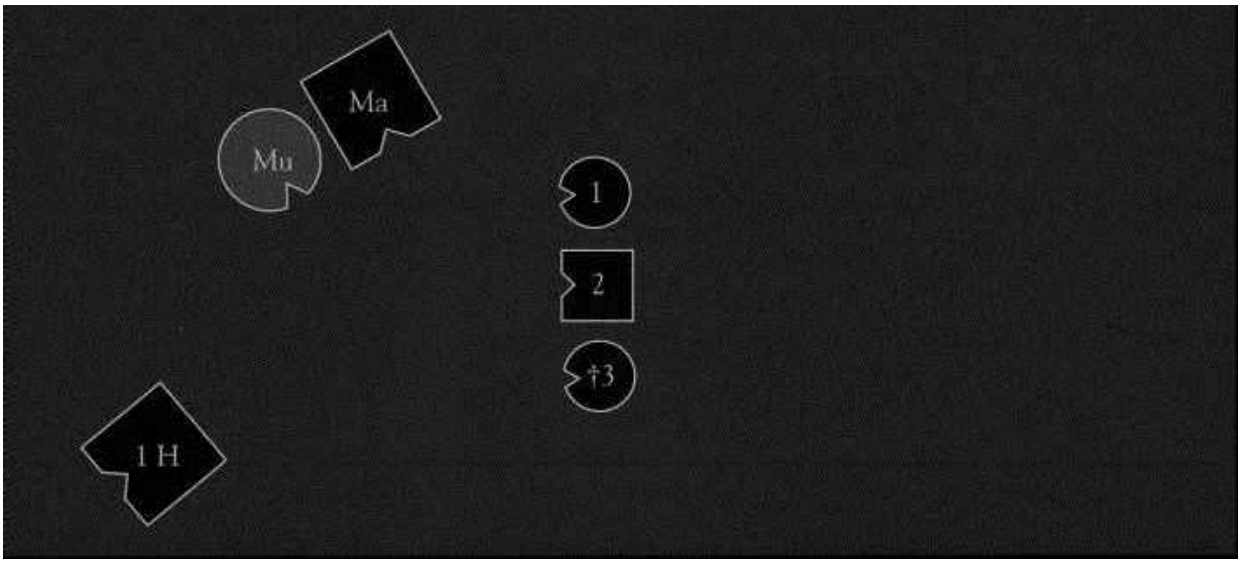
HELLINGER: Talvez você deva ficar do outro lado, junto dela.

Hellinger a coloca do lado direito da mãe.

Que tal assim?

PRIMEIRA FILHA: Lá estava melhor.





HELLINGER: Está bem.

Ela volta a ficar à esquerda do pai adotivo. Então Hellinger coloca os filhos vivos um pouco de lado, e afilha

morta mais perto, de frente para os pais.

Figura 5

HELLINGER *(para a mulher):* O que há?

MULHER: Estou meio enfeitiçada por essa criança, e muito nervosa.

HELLINGER *(para o marido):* E com você?

MARIDO: Depois que ela se aproximou, tive a sensação de estarmos no banco dos réus. É verdade,

eu não olhava para ela, não achei bom. Agora esta oposição frontal me afeta muito.

HELLINGER: É isso também, o banco dos réus.

(Para Petra): Tome o seu lugar.

PETRA *(quando fica em seu lugar):* Naquela ocasião o médico também perguntou ao meu marido.

Esperei que ele dissesse não, que aguentasse comigo e dissesse que aguardaríamos os dois meses.

Mas ele respondeu que não queria correr o risco. Eu tinha acabado de concluir minha formação e

estava pressionada.

HELLINGER: Essas explicações não acrescentam nada.

(Para a filha morta): O que há?

†TERCEIRA FILHA: Sinto uma raiva crescer em mim quando ouço a mãe. Sinto que fui sacrificada e

ela não assume isso. Agora fico simplesmente com raiva.

Hellinger a coloca junto de seus irmãos.

Figura 6

HELLINGER (*para a criança morta):* E então?

†TERCEIRA FILHA: Isto me faz bem.

HELLINGER *(para o filho):* E para você?

SEGUNDO FILHO: Também.

HELLINGER *(para Petra, depois de algum tempo):* O que há agora?

PETRA (com *voz sufocada e chorosa):* Dói ver que meus filhos estão longe. Sinto-me culpada por tê-los

perdido. Isso realmente me dói. Gostaria de reparar isso, mesmo que tenha de pagar.

HELLINGER: É o que você faz o tempo todo.

PETRA: Realmente, eu sempre quis pagar *(chora)*. Sempre pensei que todos...

HELLINGER: Não, não, não.

(Para o grupo): Essas ponderações servem de defesa contra a culpa.

(Para Petra): Olhe para a criança morta e diga: “Eu quis isso, e o assumo”.

PETRA: Eu quis isso, e o assumo. (*Sussurrando):* Eu assumo.

HELLINGER: Diga isso a sério, com uma voz totalmente normal.

PETRA: Eu quis isso, e o assumo.

HELLINGER *(para o marido):* Diga também: “Eu quis isso, e o assumo”.

MARIDO: Eu quis isso, e o assumo.

HELLINGER: Como se sente dizendo isso?

MARIDO: Ainda não está muito certo. Sinto vontade de me virar à direita para minha mulher e ficar

diante dela. Senti alívio quando a criança saiu da frente. Senti que houve uma distensão entre

minha mulher e eu. Sinto muito calor na direção dela.

HELLINGER: Enlace-a. Diga a ela: “Eu quis isso, e o assumo”.

MARIDO: Eu quis isso, e o assumo.

HELLINGER (*para Petra):* E diga-o também a ele.

PETRA: Eu quis isso, e o assumo.

HELLINGER: E agora, ambos digam isso para a filha.

PETRA (*com voz chorosa):* Eu quis isso, e o assumo.

HELLINGER: Não, com a mesma voz clara.

PETRA: Eu quis isso, e o assumo.

MARIDO: Eu quis isso; eu também assumo.

HELLINGER: Como está agora?

MARIDO: Agora está certo, agora estamos juntos.

HELLINGER *(para Petra):* E para você?

PETRA: Sim, obrigada.

HELLINGER *(para a filha falecida):* Como é para você?

†TERCEIRA FILHA: Isso acalma, mas realmente ainda não sinto paz.

HELLINGER: Diga a eles: “Eu concordo”.

†TERCEIRA FILHA: Eu concordo.

HELLINGER: “Com amor”.

†TERCEIRA FILHA: Com amor.

HELLINGER: Como se sente agora?

†TERCEIRA FILHA: Sinto-me aquecida.

HELLINGER *(para o grupo):* Essa é uma situação muito difícil para os pais. *(Para Petra):* Enlace o seu

marido. Mantenha os olhos abertos. Olhe para ele e para a criança. Diga à criança: “Você tem um

lugar em meu coração”.

PETRA: Você tem um lugar em meu coração.

HELLINGER *(para o marido):* Diga isso também.

MARIDO: Você tem um lugar em meu coração.

HELLINGER: “Você faz parte de nós”.

MARIDO: Você faz parte de nós.

HELLINGER *(para Petra):* Diga isso também.

PETRA: Você faz parte de nós.

HELLINGER: Como está o filho agora?

SEGUNDO FILHO: Eu gostaria de dizer: Vivam, mas me deixem.

HELLINGER (*coloca-o diante dos pais):* Olhe para eles e diga: “Eu carrego isso por vocês”.

SEGUNDO FILHO: Eu carrego isso por vocês.

HELLINGER: É verdade?

SEGUNDO FILHO: Não.

HELLINGER: Diga-o com amor.

SEGUNDO FILHO (*sorri e sacode a cabeça*): Não.

HELLINGER *(leva-o de volta para junto da irmã falecida):* Enlace a irmã. E agora olhe os pais e diga:

“Eu carrego isso por vocês”.

SEGUNDO FILHO: Eu carrego isso por vocês.

HELLINGER: Diga com amor.

SEGUNDO FILHO: Eu carrego isso por vocês.

HELLINGER: Então, o que isso faz?

SEGUNDO FILHO (*balançando a cabeça de um lado para o outro):* Uma pequena diferença.

HELLINGER: A frase não está funcionando, você percebe?

SEGUNDO FILHO: Sim.

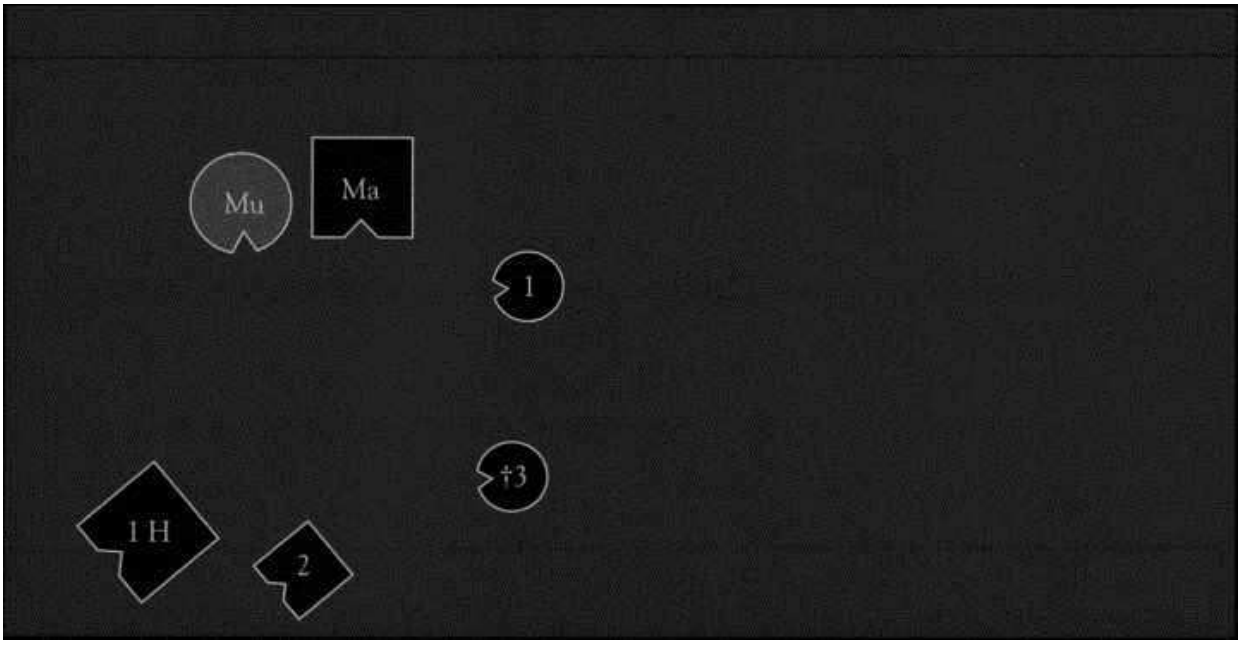
HELLINGER (à *irmã falecida):* Diga a ele: “Fique mais um pouco”.

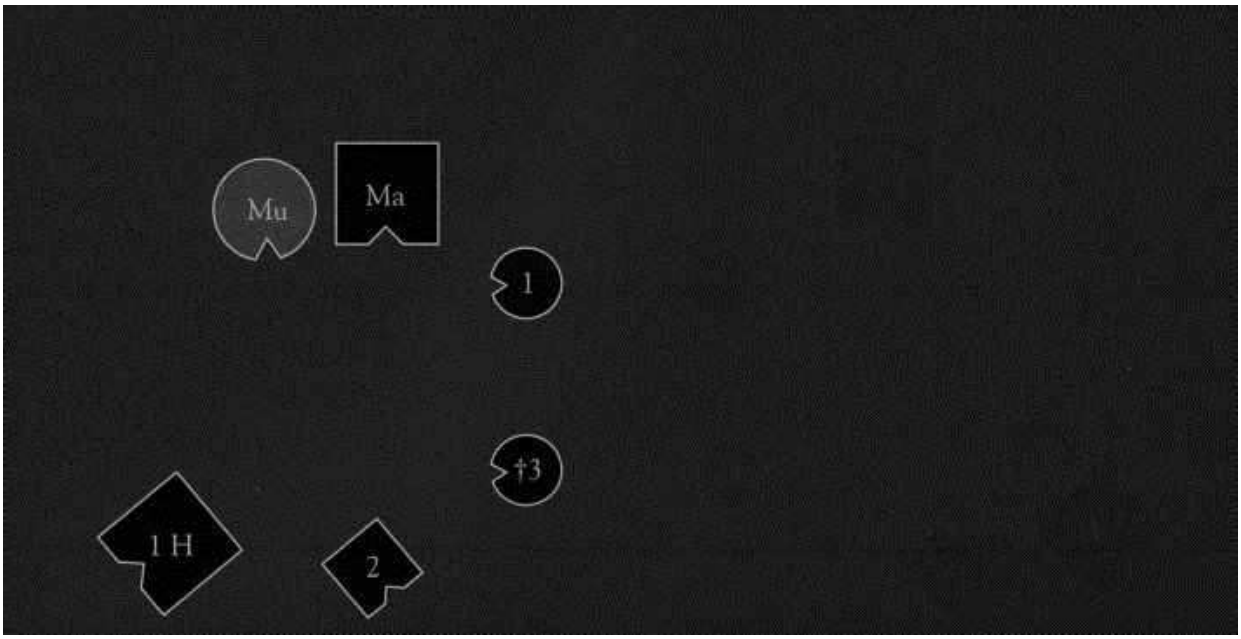
†TERCEIRA FILHA: Fique mais um pouco.

SEGUNDO FILHO (*assentindo com a cabeça):* Sim. Sim. Sim.

HELLINGER Diga aos pais: “Eu fico mais um pouco”.

SEGUNDO FILHO: Eu fico mais um pouco.





HELLINGER: “Em memória de minha irmã”.

SEGUNDO FILHO: Também em memória de minha irmã.

HELLINGER: Como está agora?

SEGUNDO FILHO: Melhor.

HELLINGER: Ainda não terminei com você. Venha comigo.

Hellinger o vira de costas e o coloca ao lado do primeiro parceiro da mãe.

Figura 7

HELLINGER: Como é isso?

SEGUNDO FILHO: É liberador.

HELLINGER *(para Petra):* Qual é o efeito, quando ele se vai?

PETRA: Também me senti mais livre.

HELLINGER: Exatamente.

MARIDO: Finalmente vejo o outro homem. Até aqui só o filho estava incluído. Agora, de repente,

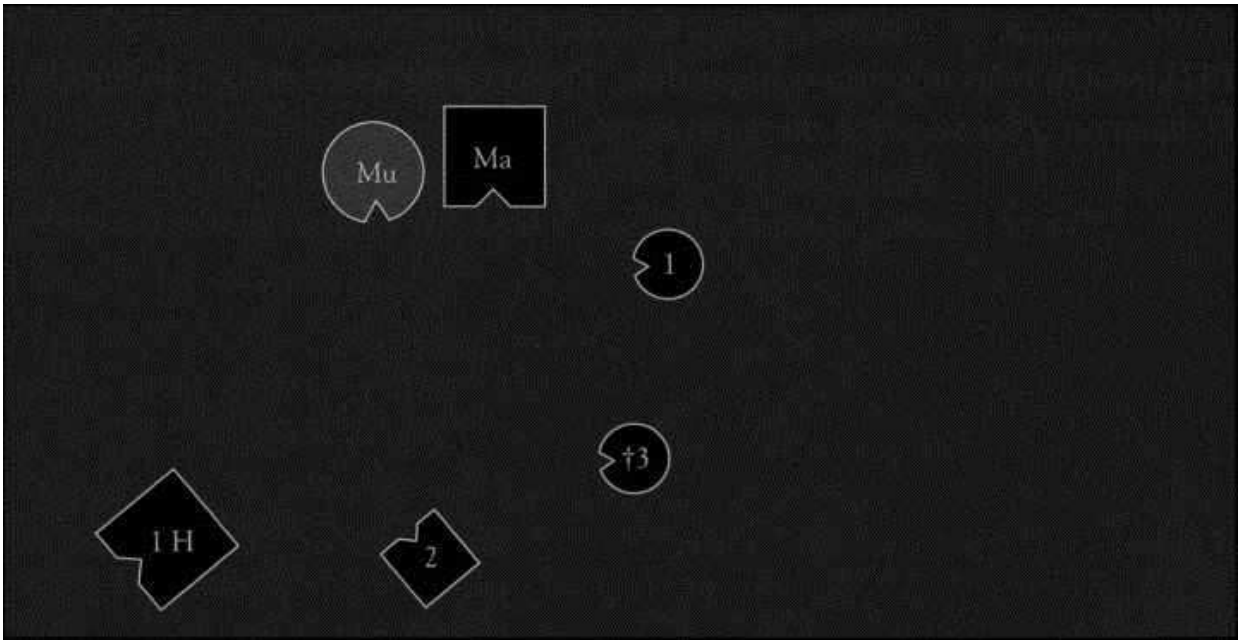
vejo a ambos.

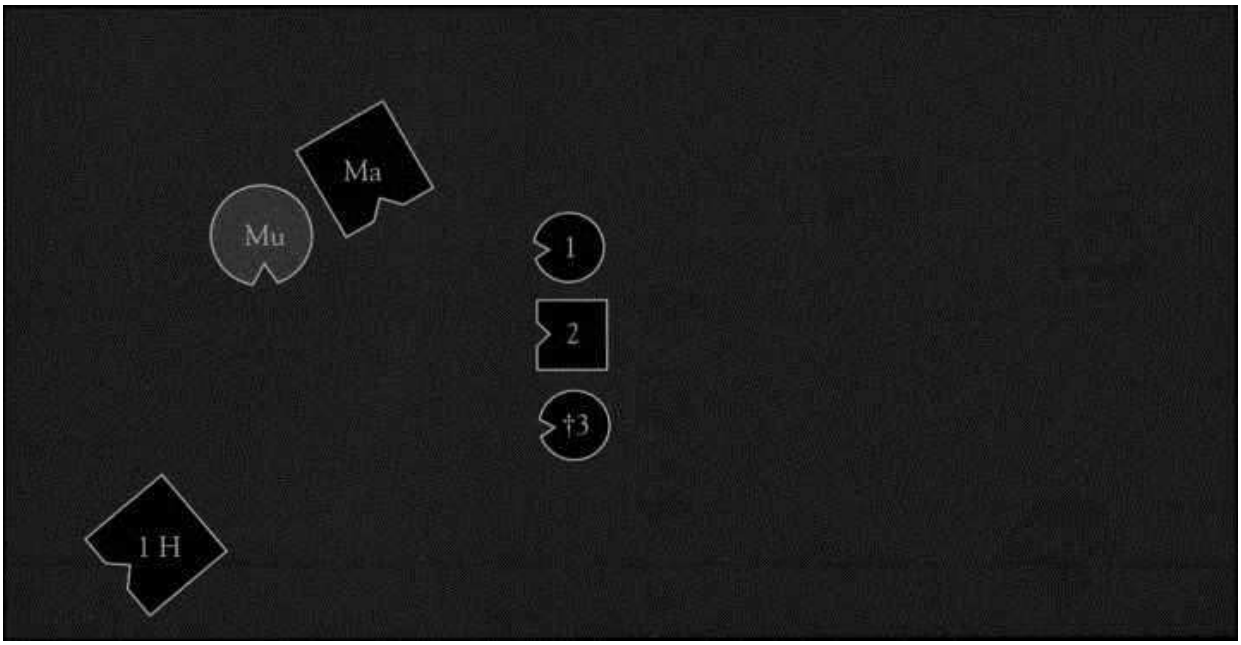
HELLINGER: Não importa o lugar dele. Posso igualmente colocá-lo aqui.

Hellinger o coloca à parte em outro lugar.

Figura 8

HELLINGER *(para o marido): O* que acontece quando ele vai embora? Que efeito faz sobre você?





MARIDO: Alívio.

Hellinger vira o filho para os pais.

Figura 9

HELLINGER *(para o filho):* Diga a eles: “Eu carrego isso por vocês”.

SEGUNDO FILHO: Eu carrego isso por vocês.

HELLINGER *(acariciando-o nas costas):* É incrível quanta coisa os filhos fazem. Volte ao seu lugar entre

os irmãos.

Figura 10

HELLINGER (*para Petra):* Olhe para ele e diga: “Eu carrego isso, e você está livre”.

PETRA: Eu carrego isso, e você está livre.

HELLINGER (*para o marido):* Diga-lhe isso também.

MARIDO: Eu carrego isso, e você está livre.

O *filho balança a cabeça.*

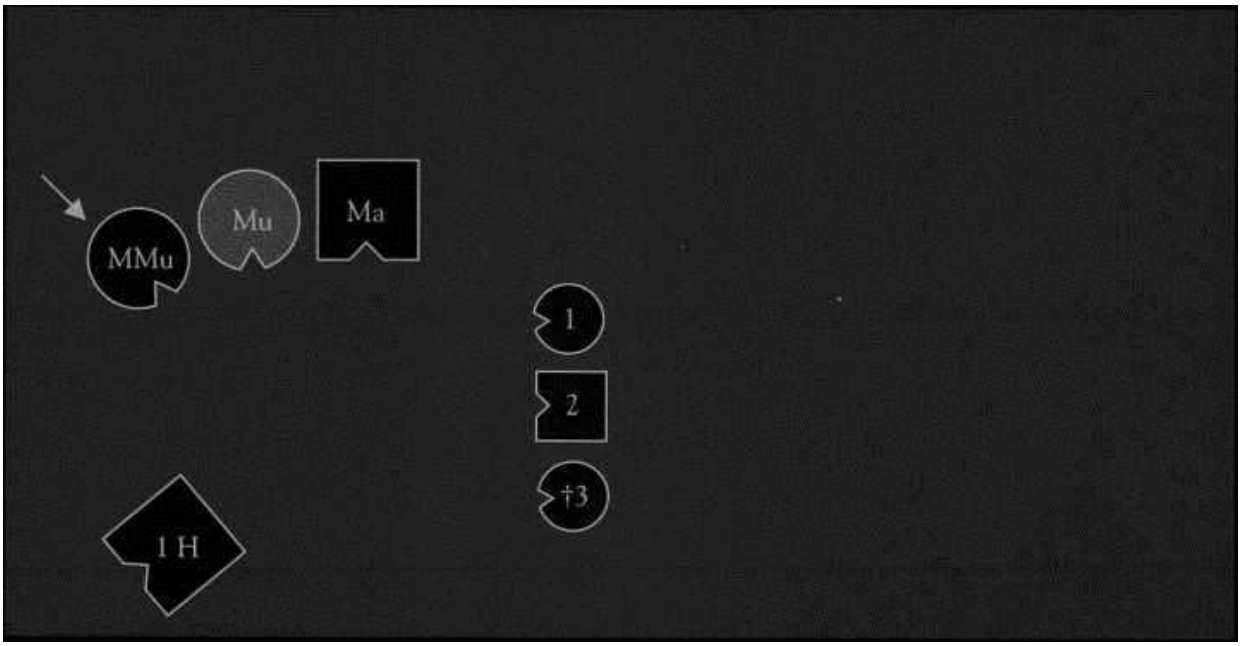
HELLINGER (*para os pais):* “Nós somos os pais, você é apenas o filho”.

OS PAIS: Nós somos os pais, você é apenas o filho.

HELLINGER (*para o filho):* Que tal agora?

SEGUNDO FILHO *(comovido):* Obrigado.

HELLINGER *(para Petra): É* esta a ordem? Acho que fiz por você tudo o que podia.



PETRA: Obrigada.

HELLINGER: Vou acrescentar uma coisa.

Hellinger escolhe uma mulher como representante da mãe de Petra e a coloca junto dela.

Figura 11

MMu Mãe da mulher

PETRA: Isto é bom.

HELLINGER: Diga: “Mamãe”. Ou como você a chamava?

PETRA: Mamãe.

HELLINGER: “Nós, mulheres”.

PETRA: Nós, mulheres.

Ela respira aliviada.

HELLINGER: Está bem, é isso aí.

Resumo

O ***laço do destino:*** *Petra teve câncer no útero quando esperava um bebê. Como ela e seu marido não*

quiseram adiar a necessária operação, aceitaram como inevitável a morte da criança. Na família existe uma

necessidade de pagar por isso, e parece que o filho quer assumir isso pelos pais. Ele teve câncer da próstata aos

vinte e sete anos.

Petra tem uma filha de uma ligação anterior. A relação terminou porque ela não quis abortá-la.

A mãe de Petra foi dada aos seis meses. Seus pais só *voltaram depois de três anos e a encontraram sob total*

negligência.

A ordem: *Petra diz à criança falecida: "Eu quis isso, e o assumo". Seu marido diz o mesmo à criança. Como*

ainda não está convincente, o marido enlaça Petra e lhe diz: "Eu quis isso, e o assumo". Então Petra diz o

mesmo ao marido. Depois eles olham para a criança falecida e lhe dizem: "Eu quis isso, e o assumo".

A criança falecida diz a seus pais: "Eu concordo com amor". Então Petra, e depois seu marido, dizem à

criança: "Você tem um lugar em meu coração. Você faz parte de nós".

O filho inicialmente se recusa a dizer a seus pais: “Eu carrego isso por vocês”. *Quando a irmã falecida lhe*

diz: “Fique mais um pouco”, ele responde que sim e então diz a seus pais: “Eu fico mais um pouco, também

em memória de minha irmã”. Só *quando Hellinger o coloca à parte e ambos os pais reagem com alívio, fica*

claro para o filho que a frase “Eu carrego isso por vocês” corresponde à sua intenção secreta. Petra lhe diz:

“Eu carrego isso, você está livre”. O mesmo lhe diz também o seu pai. Então ambos os pais dizem a ele: “Nós

somos os *pais e você é nosso filho". O filho se sente liberado e agradece.*

Finalmente, a mãe de Petra é colocada ao lado dela. Petra olha para ela e diz: “Mamãe, nós mulheres”.

E M M A (1) — O DIREITO DE PERTENCER

(DE UM CURSO ANTERIOR)

Introdução

A *irmã mais velha de Emma nasceu com gravíssimas deficiências e morreu poucos meses depois, sem que a*

mãe quisesse revê-la. Ela não teve um lugar nem um túmulo na família. Emma se sente, como ela, sem direito

a um lugar no jazigo familiar. Somente quando a irmã recebe um lugar em seu coração é que Emma pode

permanecer.

HELLINGER (*para Emma):* Você é casada?

EMMA: Sim.

HELLINGER: Tem filhos?

EMMA: Duas filhas.

HELLINGER: De que idades?

EMMA: De vinte e vinte e cinco anos. Eu me casei duas vezes.

HELLINGER: O que houve com o primeiro marido?

EMMA: Depois de três anos eu me divorciei.

HELLINGER: Por quê?

EMMA: Meus pais nos levaram para a empresa da família, e lá o relacionamento se rompeu. Ele foi

embora, eu também saí depois, mas o casamento não se manteve.

HELLINGER: Ele entrou na firma dos seus pais?

EMMA: Sim.

HELLINGER: Isso é péssimo para um homem. Nunca dá certo.

EMMA: Nós tivemos a mesma formação universitária. Depois nos casamos e meus pais nos

convidaram. Eu não queria, mas ele quis.

HELLINGER: Com isso ele se perdeu. Um genro não pode mandar na firma do sogro. Se o faz, ele a

põe a perder. Isso não funciona. É contra a ordem. Ele é o pai de sua primeira filha?

EMMA: Sim.

HELLINGER: Aí você tornou a casar-se e teve a segunda filha?

EMMA: Sim.

HELLINGER: Que tipo de câncer você tem?

EMMA: Um tumor de Hodgkin, há quatro anos. Entre a retirada do tecido e a minha decisão,

separei-me de meu marido. Então, ele me liberou. Eu já lhe tinha pedido que me liberasse porque

eu não aguentava mais, mas ele não aceitou.

Então, quando me operei, gritei com ele pela primeira vez na vida, e ele disse: “Agora vá, vá

embora, por favor”. Ele chorou quando eu disse à segunda filha: “O que o seu pai está fazendo

aqui?” Aí eu percebi que, no que me diz respeito, é melhor eu ir do que ficar. Uma mudança só

poderá acontecer quando eu for embora.

HELLINGER: Vamos colocar primeiro o sistema atual: os dois maridos, você e as duas filhas.

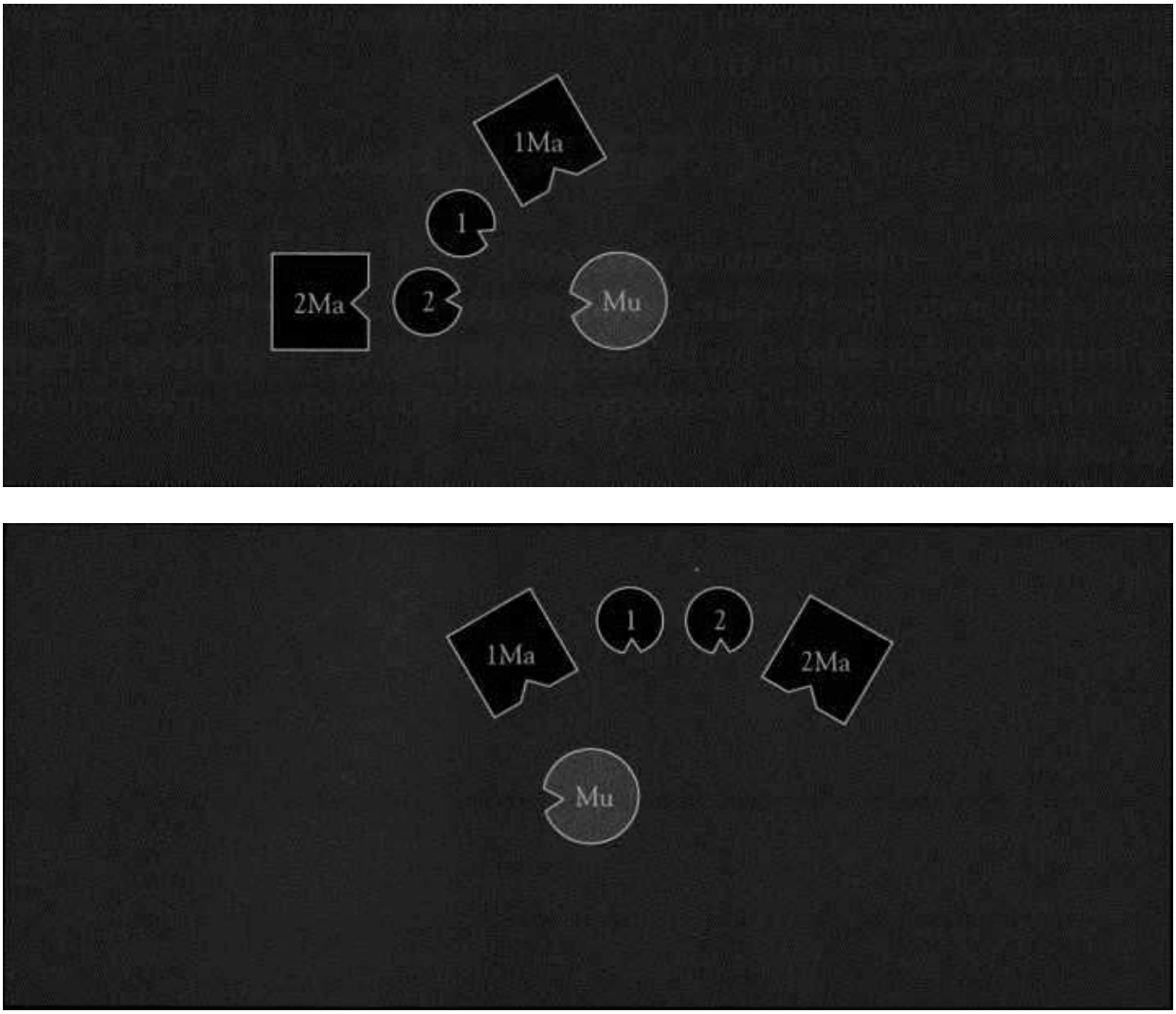


Figura 1

Mu

Mulher (=Emma)

1Ma Primeiro marido, pai de 1

1

Primeira filha

2

Segunda filha

2Ma Segundo marido, pai de 2

HELLINGER: Como está a mãe?

MULHER: Sinto-me muito pressionada pelas filhas. Sinto uma atração pelo segundo marido, mas

também tenho medo dele.

HELLINGER: Como está o primeiro marido?

PRIMEIRO MARIDO: Não muito bem. Preferia ir embora.

HELLINGER: Como está a filha mais velha?

PRIMEIRA FILHA: Não estou bem com a mãe. E gostaria de saber o que há lá atrás (com o *segundo*

marido).

HELLINGER: Como está o segundo marido?

SEGUNDO MARIDO: Quando fui posicionado, pensei que as filhas estavam me bloqueando

totalmente da mulher. No momento, esta constelação me parece totalmente artificial. Algo não está

certo aí.

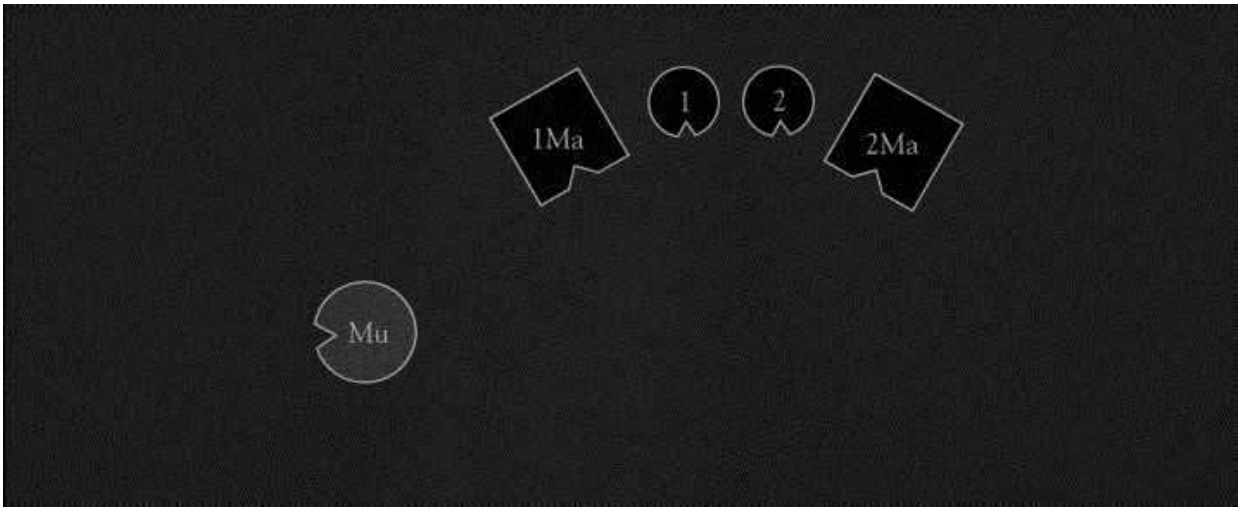
HELLINGER: Eu também vejo assim. — Como está a filha mais nova?

SEGUNDA FILHA: De um lado, sinto-me normal. No lado esquerdo me sinto saudável, mas do outro

lado existe um vazio. Atrás de mim também existe algo, mas não posso dizer ao certo o que é.

Hellinger altera o quadro.

Figura 2



HELLINGER *(para a filha mais velha):* Que tal assim?

PRIMEIRA FILHA: É totalmente diferente. Antes eu quase não percebia a minha irmã. Agora ela está

presente. Isso é bom.

HELLINGER *(para a filha mais jovem):* Como está você?

SEGUNDA FILHA: Meu primeiro pensamento foi para a irmã.

HELLINGER *(para o segundo marido):* Como está você?

SEGUNDO MARIDO: Meu flanco direito está muito bem. O relacionamento com minha mulher é

catastrófico.

HELLINGER: A mulher quer ir embora e é preciso deixá-la ir.

Hellinger a leva mais para longe.

Figura 3

HELLINGER (***para a mulher):*** Como se sente aí?

MULHER: Melhor. Sinto alívio.

HELLINGER (***para Emma):*** A questão agora é sobre o que houve em sua família de origem.

(Para o grupo): O que a puxa para fora? Esta é a questão.

EMMA: Venho de uma família com cinco filhos. Fui a terceira a nascer. Dois ou três anos antes de

mim, nasceu uma criança totalmente lesada, com dez anomalias. Um ano depois de mim nasceu

uma irmã, e depois mais uma. Meu irmão morreu há sete anos, depois do terceiro infarto do

coração. HELLINGER: Essa criança malformada viveu quanto tempo?

EMMA: Nove meses. Minha mãe só a viu imediatamente depois do nascimento. No dia seguinte

seus olhos se apagaram e então ela ficou nove meses num orfanato.

HELLINGER: De quem eram os olhos que se apagaram?

EMMA: Dessa criança, no dia seguinte. Isso a mãe não presenciou. Ela conscientemente não viu

mais a criança.

HELLINGER: Não a viu mais depois?

EMMA: Não.

HELLINGER: Muito mau. Era um irmão?

EMMA: Não, uma irmã.

HELLINGER: Vamos colocar agora essa criança.

Hellinger introduz a irmã morta na imagem e coloca Emma diante dela.

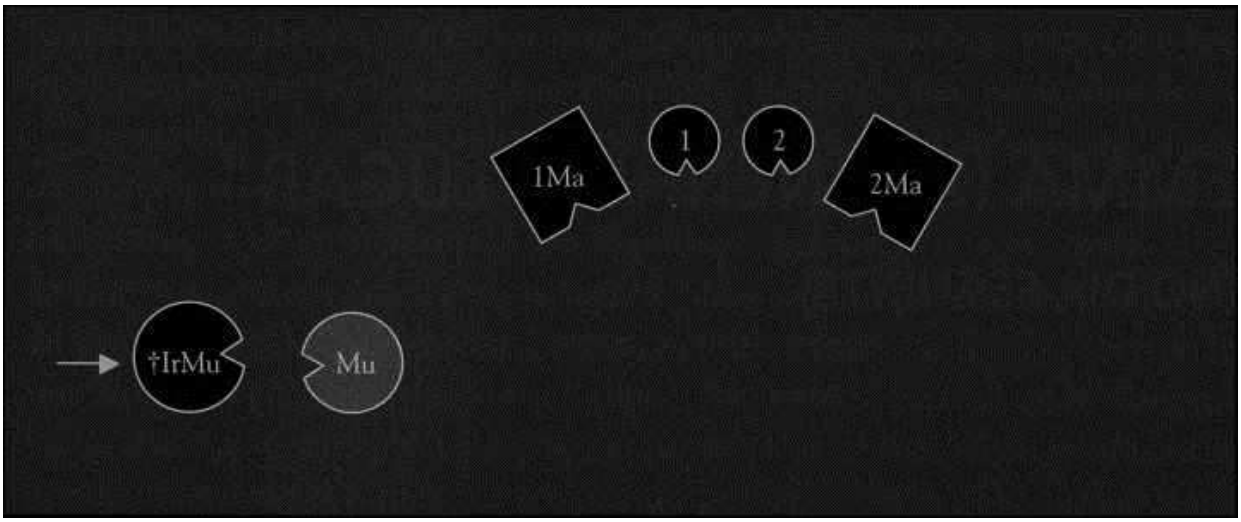


Figura 4

†IrMu Irmã da mulher, falecida aos nove meses

HELLINGER *(para Emma*): Como se chamava a irmã?

EMMA: Irmingard. Tinha o mesmo nome da mãe.

HELLINGER: Diga: “Querida Irmingard”.

EMMA: Querida Irmingard.

HELLINGER: Olhe para ela.

(Depois de algum tempo): Diga a ela: “Eu também vou”.

EMMA: Eu também vou.

HELLINGER *(Depois de algum tempo):* Vou deixar assim.

E M M A (2): "NENHUM LUGAR"

(NO DIA SEGUINTE)

HELLINGER: Gostaria de perguntar sobre os resultados de ontem.

(Para Emma): Como foi para você?

EMMA: Gostaria de agradecer a você por ter interrompido ontem. Eu não pude dizer o que deveria

ter dito. E também não tinha o sentimento para isso. Talvez, depois de dez minutos, eu teria

gritado algo diferente, mas aquilo eu não tinha condições de dizer. Então fiquei muito tranquila e

nem mesmo tive de chorar a tarde toda. Só no final da rodada fui passear lá fora no jardim, e então

me assaltou de repente esta ideia, de que talvez algo de mau estivesse me impedindo de dizer isso.

Com efeito, nos últimos meses escrevi cartas a meus pais, que entretanto não enviei. Agora

percebo que eles talvez nada pudessem fazer quanto às recriminações que lhes lancei no rosto. E

pensei que agora irei para casa e queimarei essas cartas.

HELLINGER: Muito bem.

EMMA: E vou até mesmo deletá-las do computador.

HELLINGER: Sim, sim.

EMMA: Depois fui a outro lugar, e então, quando cheguei em casa, pensei que realmente é difícil a

gente se separar dessas coisas.

HELLINGER: Sabe, ouvi falar de muitas pessoas que guardaram durante anos o dinheiro

inflacionado, porque com isso teriam grandes somas.

EMMA: Então eu ainda peguei algo escrito à mão, levei-o para cama e o li. Pensei: o que escrevi não

é algo realmente mau. Não pode ser. E então adormeci.

Mas hoje de manhã esse assunto realmente me tomou. Chorei durante uma hora e senti o que é.

Sozinha, não posso dizê-lo. Peço para ter o meu irmão ou alguma outra pessoa ao meu lado.

Sozinha, não posso dizê-lo.

Aos cinco anos tive um grave acidente de automóvel, em que fiquei inconsciente. Quando minha

mãe me tomou nos braços, eu lhe perguntei: Mãezinha, vou ter de morrer? Em seguida, até os

meus dezoito anos, tive a cada ano acidentes graves, e aos dezoito anos tive no mesmo lugar uma

perda total do carro. Enquanto capotava, as únicas palavras que me vieram foram estas: “Meu

Deus, perdoa-me tudo”. Mais tarde eu ri disso, e disse que Deus ainda não me queria. E me

perguntei: Por que eu disse isso? Ontem me ocorreu que foi talvez por ter pedido perdão. Não sei.

De qualquer maneira, não me acidentei mais.

Quando o médico me disse que eu tinha um tumor de Hodgkin, como não tenho formação em

medicina, perguntei: O que é isso? É um câncer? Quando me respondeu que sim, meu primeiro

pensamento foi este: Não quero ser enterrada junto de meu marido. Foi o único pensamento que

tive.

Três meses depois, quando eu já não tinha cabelo na cabeça, meus pais, que ainda vivem, vieram

visitar-me. Minha mãe entrou no quarto, no quarto único em que eu morava, bateu a bengala no

chão e disse: “Esta manhã estive no hospital, quase não pude vir”. Então me mostrou o antebraço e

disse: “Olhe, tenho câncer!” E então eu disse a ela: “Deixe-me pelo menos o meu câncer!”

Minha mãe pernoitou em minha casa e se deitou no sofá ao meu lado. Então lhe contei o que

aconteceu quando me disseram que eu tinha câncer, e que eu não queria ser sepultada junto com

meu marido. Então ela disse: “Sim, onde é mesmo que você quer ser enterrada?”

Eu gostaria de dizer que não tenho medo do câncer nem de morrer. Mas realmente tive este

problema: onde quero ser enterrada? Não tenho ninguém em Viena, nem em alguma outra parte.

Uma amiga minha acabou de perder sua mãe. Ela precisava prolongar a licença do jazigo mas não

tinha muito dinheiro. Aí eu quis dizer a ela: “Ah, por favor, vou lhe dar dinheiro para que, quando

eu morrer, eu possa ficar lá”.

Quando eu disse isso à minha mãe, e ela me perguntou onde eu queria ser enterrada, eu respondi:

“Talvez em Emsland, no jazigo dos pais. Assim, à tardinha, quando os camponeses percorrerem o

cemitério com o regador, eles dirão: ‘Vejam, aqui jaz Dona Emma, vamos regar de novo’”.

Creio que eu procurava um pouco de humanidade. Talvez tenha percebido ontem que eu

realmente não tinha isso. Essa irmã morta nunca esteve presente na família e eu realmente não

posso dizer que quero morrer sem alguém humano ao meu lado. Não posso.

HELLINGER: O que mais aconteceu com a irmã?

EMMA: Era deficiente e perdeu a visão. Morreu três anos antes de eu nascer.

HELLINGER: Certo. Com ela você quer ser enterrada.

EMMA: Não. Eu ainda queria contar que, quando falei à minha mãe que gostaria de ser enterrada

com os pais, ela falou: “Mas nós não temos lugar na Cruz”. Isso já tem uma história. Há dez anos

meu pai encomendou a um ferreiro artístico na Áustria uma enorme...

HELLINGER: Não, isso desvia do assunto.

EMMA: Não, mas ela disse que eu não tinha um lugar ali.

HELLINGER: Não, não. Quem não tem lugar na Cruz?

EMMA: Minha mãe disse que eles não tinham lugar ali.

HELLINGER: Para quem não há lugar?

EMMA: É para mim que não há lugar.

HELLINGER: É para a irmã que não há lugar.

EMMA: Não há lugar para a irmã, nem para mim.

HELLINGER: Fique tranquila. Trata-se da irmã morta. Ela não tem lugar em parte alguma.

(Para o grupo, colocando o braço em volta de Emma): Emma se sente como ela. *(Para Emma):* É a irmã

morta que pode salvar você. Olhe para ela e diga: “Querida irmã”.

EMMA: Querida irmã.

HELLINGER: “Eu estou ao seu lado”.

EMMA: Eu estou ao seu lado.

HELLINGER: “E me deito junto com você”.

EMMA: E me deito junto com você.

Hellinger coloca o braço em torno dela. Ela pousa a cabeça em seu ombro e soluça por longo tempo.

HELLINGER (*depois de algum tempo):* Como se sente agora? Diga à irmã morta: “Eu fico mais um

pouco”.

EMMA: Eu fico mais um pouco.

HELLINGER: “Então vou também”.

EMMA: Então vou também.

HELLINGER (*para Emma):* Bem.

(*Para o grupo):* É sempre a mesma coisa: procuramos onde está o amor. Quando o encontramos,

temos a chave do que cura.

Resumo

O ***laço do destino:*** *Emma se casou duas vezes e tem uma filha de cada marido. Sua irmã, três anos mais*

velha, nasceu totalmente deficiente e foi imediatamente entregue a um orfanato. Lá faleceu nove meses depois.

A mãe só viu a filha logo depois do nascimento.

Quando Emma soube do diagnóstico de câncer, seu primeiro pensamento foi este: “Não quero ser enterrada

junto de meu marido”. Ela procurava um túmulo onde pudesse achar um lugar para si e que pessoas

estranhas eventualmente pudessem regar.

A ordem: *Emma diz à irmã morta: “Eu também vou”. No dia seguinte, quando ficou consciente de que*

queria partilhar o destino de sua irmã, ela diz: “Querida irmã, eu estou a seu lado, e me deito junto com

você”. Em seguida ela lhe diz: “Eu fico mais um pouco e então vou também”.

Deixar morrer, mas com amor

PARTICIPANTE: Quando uma criança é tão seriamente deficiente, não é melhor dar-lhe uma injeção

para livrá-la de seu sofrimento?

HELLINGER: Alguns bioéticos defendem isso, tanto mais porque isso já acontece, às vezes, nas

clínicas. Nesse procedimento, o que se pensa é que se pode tirar uma vida com uma injeção, como

se ela jamais tivesse existido, como se essa criança não tivesse deixado nenhum rastro, e sua vida e

sua morte fossem destituídas de efeito.

Nisso, porém, não se vê que a criança, desde que nasce, faz parte da família. Ela é percebida nessa

família como um membro dela, mesmo que às vezes apenas num nível inconsciente, muito

profundo. Por isso, o ato de eliminar sua vida, por mais bem-intencionado que seja, é vivido na

família como um assassinato, que depois outros membros da família vão querer expiar, e o farão,

muitas vezes de modo totalmente inconsciente. Querem isso, em primeiro lugar, os pais, mas

também, em lugar deles, um dos filhos, ou mesmo vários deles.

Essa expiação é, via de regra, a morte; por exemplo, por meio de uma doença grave de um

membro da família. Também já presenciei casos em que um membro da família enlouquece por

essa razão. Às vezes, a eliminação de uma criança nessas condições é expiada por um membro da

geração seguinte, em lugar de alguém da geração precedente.

Sou mesmo de opinião que não é necessário nem se tem o direito de conservar em vida, a qualquer

preço, uma criança que não tenha nenhuma possibilidade de viver. Ela tem o direito de morrer, em

consonância com suas disposições hereditárias.

Portanto, tem-se o direito — esta é a imagem que faço — de deixar morrer uma criança com

gravíssimas deficiências. Mas isso deve acontecer na presença de toda a família, de seus pais e

também de seus irmãos, reunidos em tomo de seu berço. Então sua vida — e sua morte — será real

e séria para todos, e terá grandeza.

LOTTE (2): "VOCÊ E EU"

HELLINGER: Dos doentes de câncer, quem é que ainda não esteve aqui?

(Para Lotte)-. Você?

LOTTE: Sim.

HELLINGER: Mas não tínhamos feito já alguma coisa?

LOTTE: Sim, rapidamente. Na pausa do almoço me ocorreu uma imagem.

HELLINGER: Venha até aqui. O que aconteceu?

LOTTE: Tratava-se da irmã que morreu antes de mim, e cujo nome eu levo, e então houve um corte.

Agora apareceu uma imagem, várias imagens. Vejo minha irmã como força ao meu lado. E eu

própria me vejo com fortes raízes que crescem na terra. Mas, ao mesmo tempo, vejo-me muito leve

na região superior de meu corpo, como se tivesse asas.

Esta é uma das imagens. E a outra é esta: a constelação que fiz, há um ano e três meses, de minha

família atual, veio-me de novo com muita força à consciência, como uma imagem interior. Por trás

há uma névoa, e atrás dela percebo minha família. Aí existe uma grande afobação. Todos correm

confusamente de um lado para o outro, e isso me intranquiliza.

HELLINGER: Eu jogaria fora as asas.

LOTTE: As raízes...

HELLINGER: Manter as raízes e jogar fora as asas.

LOTTE: As raízes também têm muita força e energia.

HELLINGER: As asas eu jogaria fora.

LOTTE: Eu tento fazer isso. Elas são a irmã.

HELLINGER: As asas eu jogaria fora.

LOTTE: Elas derretem.

HELLINGER: Seja como for.

LOTTE: Sim, elas derretem.

HELLINGER: Creio que você tem a imagem que cura. Se eu agora fizesse algo mais, só iria perturbar.

É uma bela imagem, a que você tem. Eu a completei um pouco e a deixaria assim. Eu confiaria

nela. De acordo?

LOTTE: Sim.

HELLINGER: Você hesitou um pouco.

LOTTE: Bem, eu gostaria de dizer rapidamente mais alguma coisa. Tenho câncer de mama. Na

minha família materna isso acontece há três gerações. E eu não tenho certeza se deveria olhar isso.

HELLINGER: Está bem, vamos tomar agora só as pessoas com câncer. Quem são?

LOTTE: Minha mãe e a mãe de minha mãe. Ela morreu com quarenta e dois anos. Provavelmente foi

suicídio. Mas isso foi sempre ocultado. E minha bisavó morreu mais velha, com câncer de mama.

HELLINGER: vou colocar apenas sua mãe.

Lotte escolhe uma representante para sua mãe, e Hellinger posiciona Lotte à esquerda da mãe.

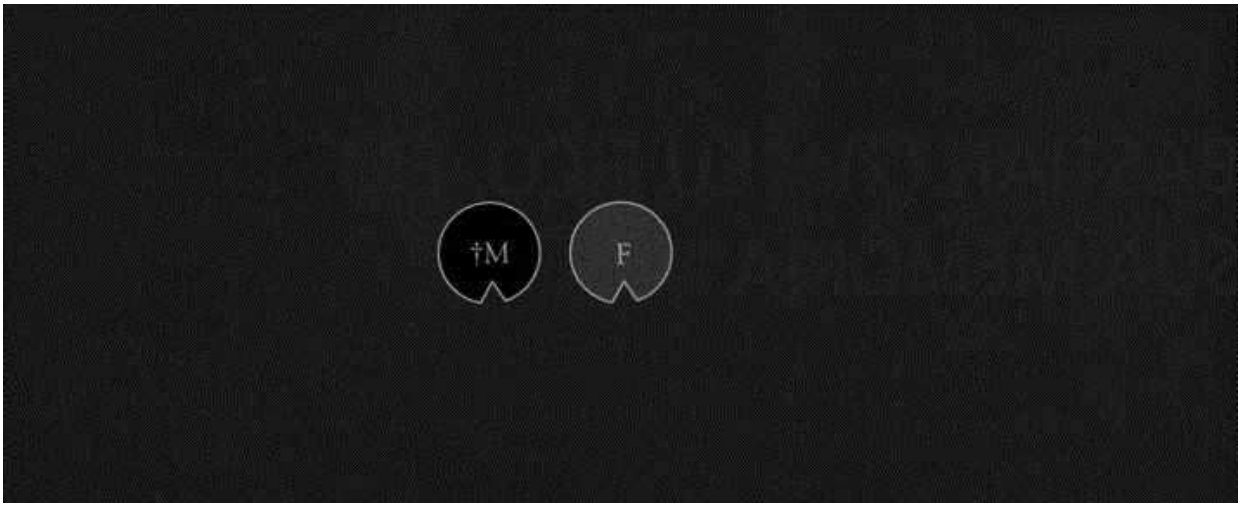


Figura 1

†M

Mae, morreu de câncer

F

Filha

HELLINGER (*para Lotte):* Olhe para ela. Como você a chamava?

LOTTE: Mãezinha.

HELLINGER: Diga: “Mãezinha, você e eu”.

LOTTE: Mãezinha, você e eu.

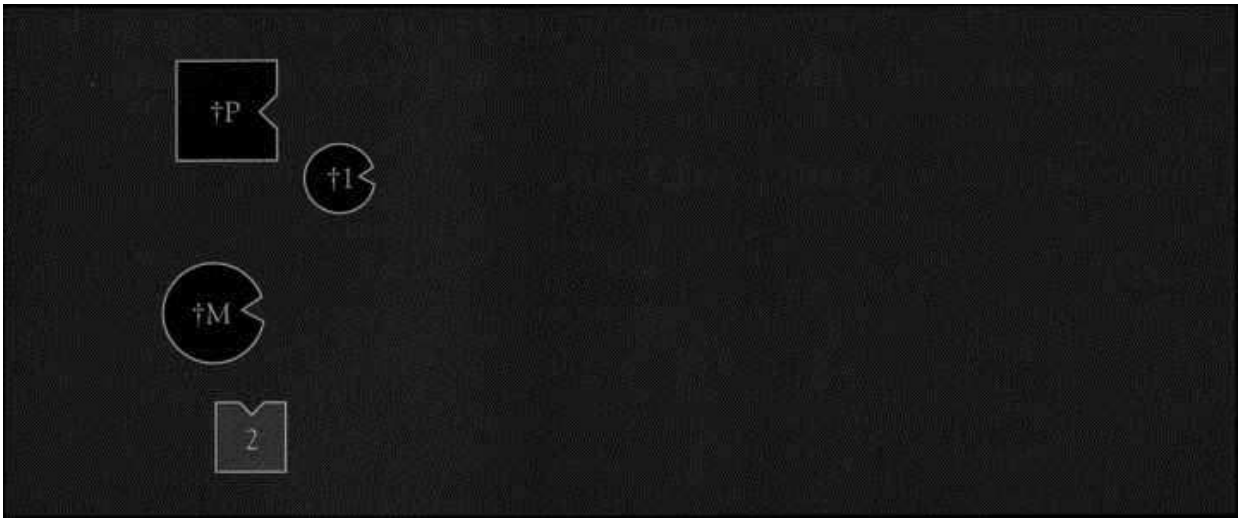
A *mãe faz que sim com a cabeça.*

LOTTE: Você e eu.

A *mãe e a filha trocam sorrisos.*

HELLINGER: Foi isso aí. Está bem.

A *mãe e a filha se abraçam.*



BASTIAN (2): "EU FICO, EM SUA MEMÓRIA"

Introdução

Os *pais de Bastian morreram de câncer, e sua irmã se suicidou. Por isso, existe uma necessidade de segui-los*

na morte. Ao permitir, com amor, que eles se vão, Bastian pode continuar vivendo.

HELLINGER *(para Bastian*): Você queria colocar ainda sua família de origem?

BASTIAN: Sim.

HELLINGER: Faça-o.

Bastian escolhe representantes para o pai, a mãe, a irmã mais velha e para si mesmo.

HELLINGER: O que houve com a irmã?

BASTIAN: Ela cometeu suicídio, há nove anos.

HELLINGER: Morreu algum outro irmão?

BASTIAN: Não.

HELLINGER: Algum dos pais teve antes uma relação firme?

BASTIAN: Não.

HELLINGER: Está bem, posicione-os.

Figura 1

†P

Pai, morreu de câncer

†M

Mãe, morreu de câncer

†1

Primeira filha, suicidou-se

2

Segundo filho (=Bastian)

HELLINGER: O que aconteceu na família de seu pai?

BASTIAN: A irmã dele se suicidou. O mais importante, que sempre foi contado, foi que o pai dele,

meu avô, se arruinou em consequência da Primeira Guerra Mundial. Esse foi sempre um tema da

família. Mas não sei de muita coisa a respeito. Meus avós paternos já tinham morrido quando

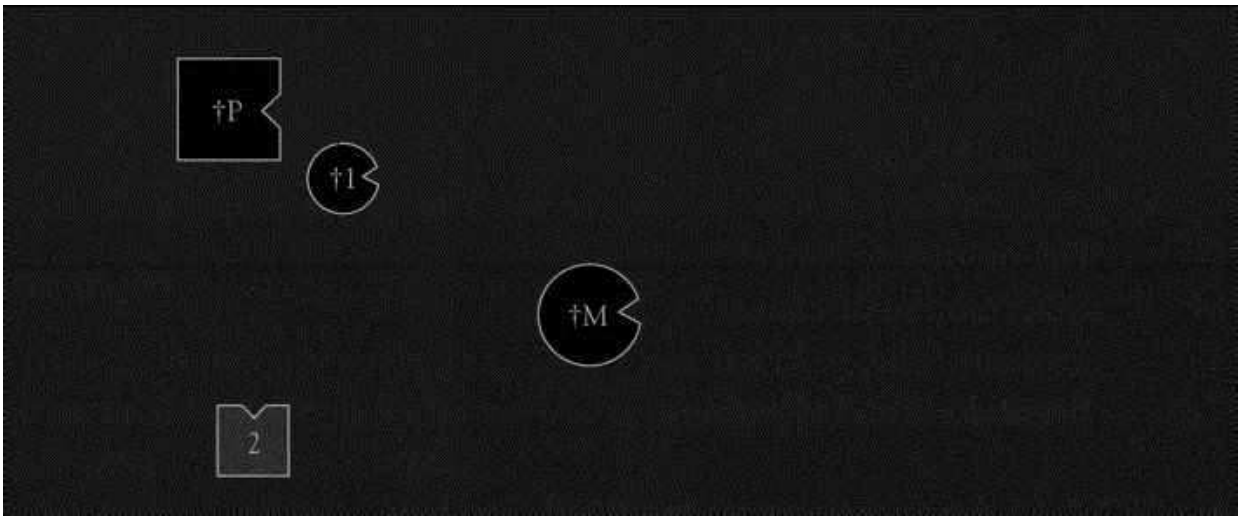
nasci. Por isso não sei de mais nada.

HELLINGER: Houve mortes especiais, por exemplo, prematuras?

BASTIAN: Meus pais morreram de câncer, relativamente cedo. Não sei de mais nada.

HELLINGER: Para onde estão olhando as pessoas na constelação?

BASTIAN: Não sei.



HELLINGER: Aconteceu algo especial na família da mãe?

BASTIAN: Não, que eu saiba. Eram três irmãos. A irmã de minha mãe se divorciou nos anos 30, o

que, na época, deve ter sido um desastre na família.

HELLINGER: Não, isso não conta aqui.

(Para o representante de Bastian): Como está você?

SEGUNDO FILHO: Sou um espectador. Aqui, na direção da mãe, é muito estreito. Os outros estão

passeando em algum lugar. Estão muito longe. Não é bom, está muito apertado. Sou mais um

observador.

HELLINGER: Como está a mãe?

MÃE: Gostaria de não olhar. Meu olhar está fixo à frente e para baixo. Em relação a meu filho, tenho

a sensação de que é meu irmão. Preciso me lembrar de que ele é meu filho. Está perto demais. E

quase não percebo meu marido.

Hellinger a leva alguns passos para a frente.

Figura 2

MÃE: Agora é mais fácil, mas vem tristeza. Já posso olhar para a frente. Mas fico triste.

HELLINGER (***para Bastian***): Para onde ela olha?

BASTIAN: Não faço a menor ideia.

HELLINGER: Quando ela disse que ficava olhando para o chão, minha imagem foi de que ela olhava

para um túmulo.

BASTIAN: Eu soube, por ouvir contar, e apenas na fala do enterro, que minha avó materna teve

primeiro dois filhos que morreram no parto ou pouco depois, e só depois nasceram os três que

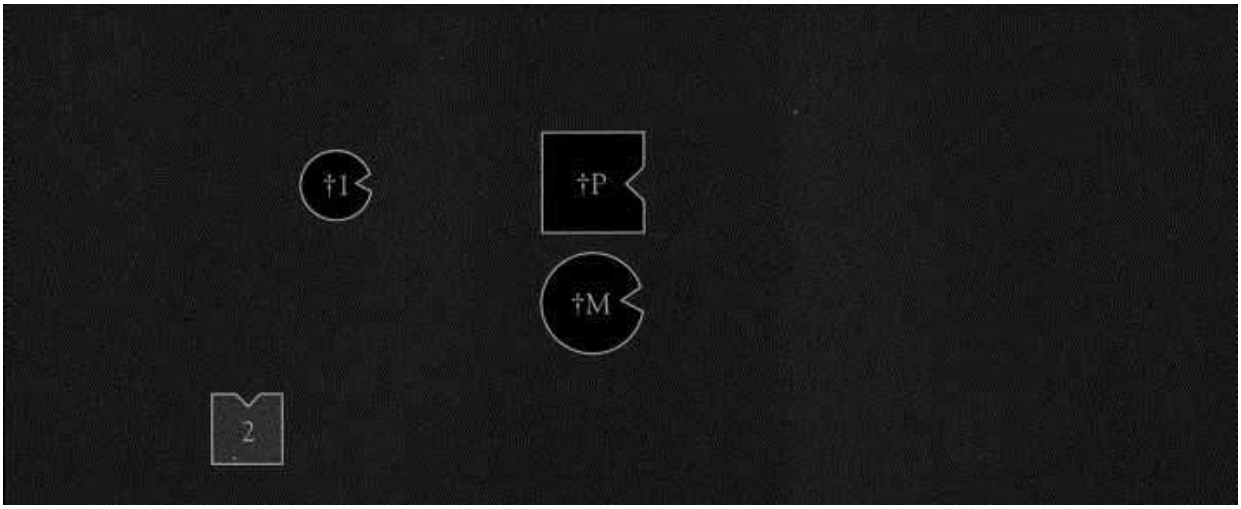
sobreviveram. Minha mãe foi a caçula.

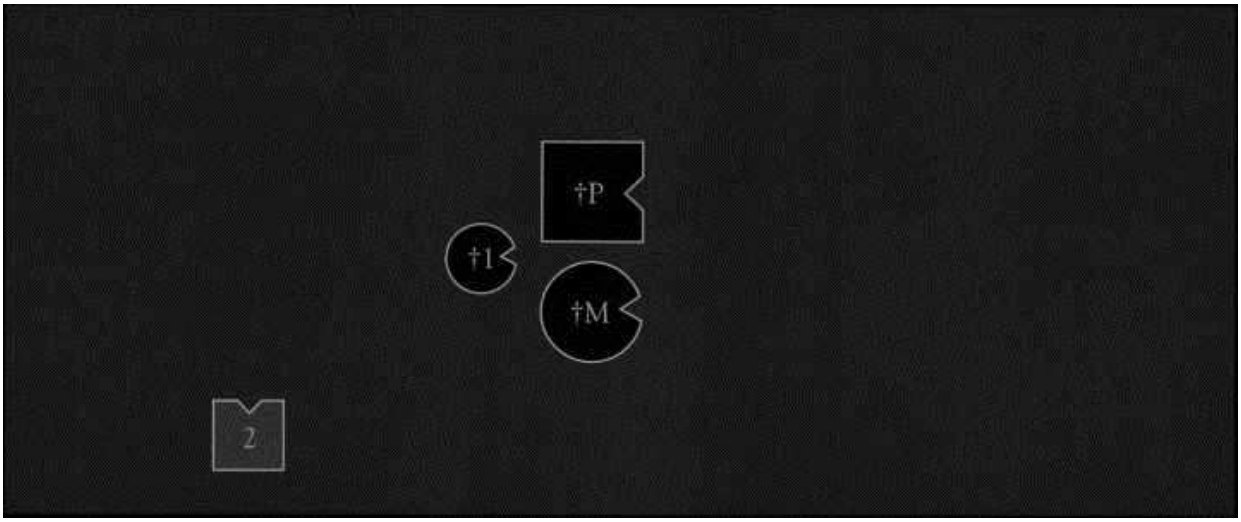
HELLINGER: Pode ser que seja isso.

Como se sente o pai?

PAI: Sinto-me só, olho para o vazio, meu lado esquerdo está frio e não tenho contato com a família.

HELLINGER: Ele é outro que quer ir embora. A mãe quer ir, e o pai também.





Hellinger o leva também para a frente, ao lado da mãe.

Figura 3

HELLINGER: Como está agora?

PAI: Está melhor. Tenho contato com ela.

HELLINGER *(para a mãe):* Como é isso para você?

MÃE: É bom.

PAI: Para mim também.

HELLINGER: Como está a irmã?

PRIMEIRA FILHA: Antes, quando estava aqui sozinha, eu tinha sempre a sensação de que ia cair para

a frente e bater com o nariz no chão. Não tinha nenhum contato com a família. Quando a mãe foi

para a frente, tive a sensação de que agora tenho para onde olhar. Sinto necessidade de ficar com

ela.

Hellinger leva-a para trás dos pais. Ela os enlaça com os braços.

Figura 4

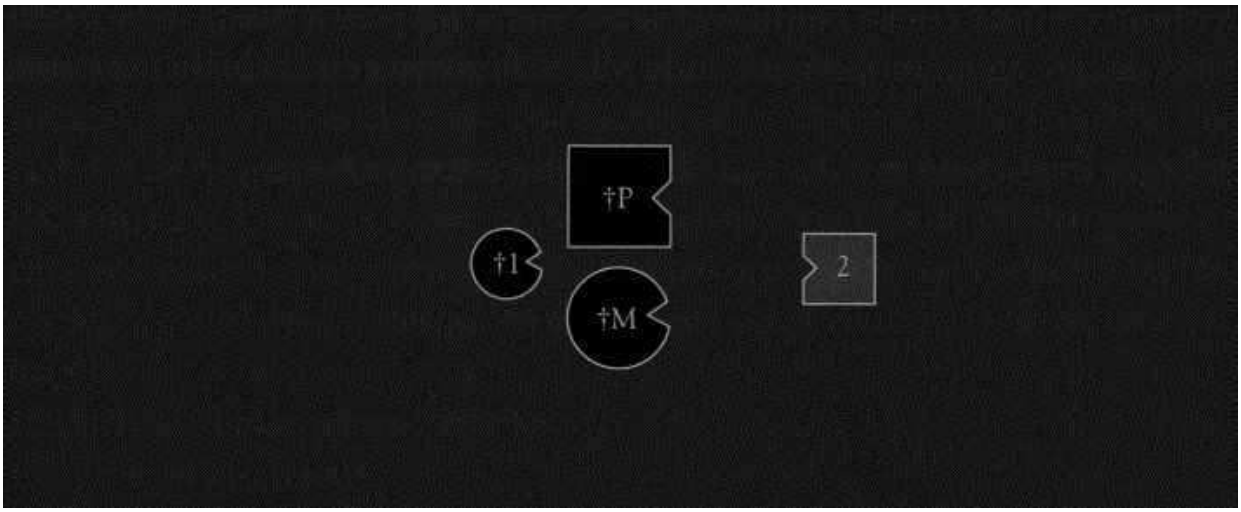
HELLINGER (*para o representante de Bastian*): Como se sente agora?

SEGUNDO FILHO: Sem relações, sozinho. Até há pouco a irmã estava no meu caminho, eu podia vê-

la. Agora está totalmente vazio, solitário, nenhuma relação. Que ela tenha ido, também não

importa muito.

HELLINGER (*para Bastian):* Tome você mesmo o seu lugar e venha comigo.



Hellinger o leva para diante dos pais.

Figura 5

HELLINGER (*para Bastian):* Incline-se levemente diante de sua mãe. — Como você a chamava?

BASTIAN: Mãezinha.

HELLINGER: “Mãezinha, eu deixo você ir embora”.

BASTIAN: Mãezinha, eu deixo você ir embora.

HELLINGER: “Mas eu fico, em sua memória”.

BASTIAN: Mas eu fico, em sua memória.

HELLINGER: “Tudo vai continuar bem”.

BASTIAN: Tudo vai continuar bem.

HELLINGER: Faça o mesmo com seu pai.

Incline-se. Diga a ele.

BASTIAN: Papai.

HELLINGER: “Eu lhe presto homenagem”.

BASTIAN: Eu lhe presto homenagem.

HELLINGER: “E deixo você ir embora”.

BASTIAN: E deixo você ir embora.

HELLINGER: “Eu fico, em sua memória”.

BASTIAN: Eu fico, em sua memória.

HELLINGER: “Tudo vai continuar bem”.

BASTIAN: Tudo vai continuar bem.

HELLINGER: “Você pode ficar em paz”.

BASTIAN: Você pode ficar em paz.

HELLINGER: Como se sente o pai?

PAI: Bem, obrigado.

HELLINGER: Olhe para a irmã. Como ela se chama?

BASTIAN: Christa.

HELLINGER: Diga: “Querida Christa”.

BASTIAN: Querida Christa.

HELLINGER: “Eu me inclino diante de sua decisão e de seu destino”.

BASTIAN: Eu me inclino diante de sua decisão e de seu destino.

HELLINGER: “Você sempre será minha irmã”.

BASTIAN: Você sempre será minha irmã.

HELLINGER: “E eu sempre serei seu irmão”.

BASTIAN: E eu sempre serei seu irmão.

HELLINGER: Diga isso num tom mais amável.

BASTIAN: E eu serei sempre seu irmão.

HELLINGER: Ainda foi meio teimoso. Assim não tem força. Diga-o com amor.

BASTIAN: Você será sempre minha irmã e eu continuarei sendo seu irmão.

HELLINGER: Você não deixou o tom teimoso.

BASTIAN: Você continua sendo minha irmã, e eu continuo sendo seu irmão.

HELLINGER: Que efeito isso causa na irmã?

PRIMEIRA FILHA: Ele se esforça muito.

HELLINGER: Veja como ela é carinhosa.

BASTIAN (ri): Sim.

HELLINGER: Está bem. Diga a ela: “Por favor, olhe-me com carinho, se eu fico”.

BASTIAN: Por favor, olhe-me com carinho, se eu fico.

HELLINGER: Certo, é isso aí. Vou deixar assim.

Resumo

O laço do destino: *Ambos os pais morreram de câncer. A irmã se suicidou. A mãe e o pai querem ir embora,*

mas o motivo não ficou claro. Dois outros irmãos da mãe morreram na época do nascimento, uma irmã do pai

se *suicidou.*

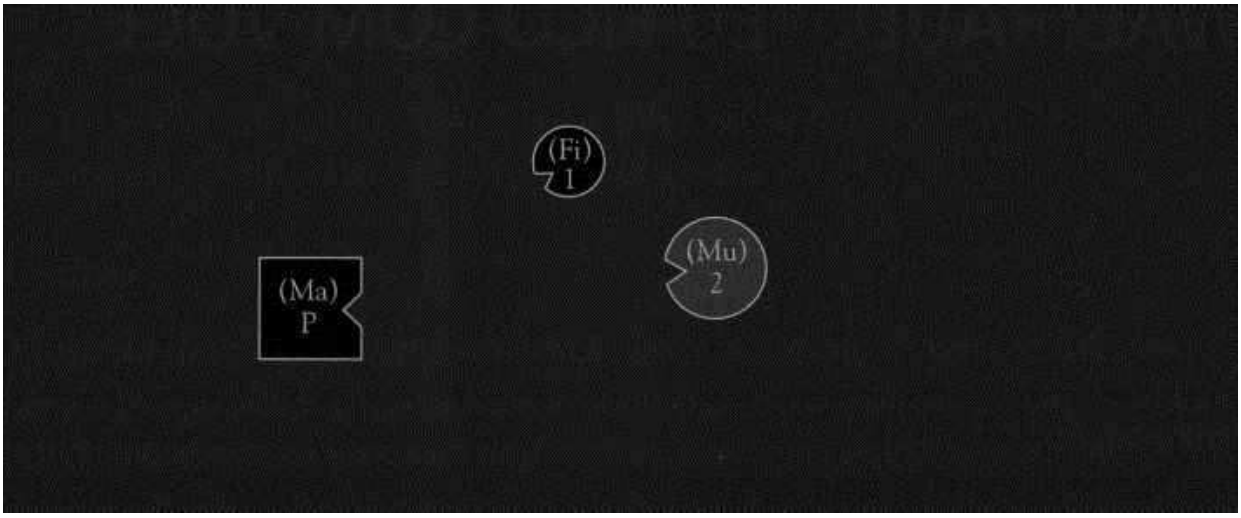
A ***ordem:*** *Bastian diz à mãe:* "M *ãezinha, eu deixo você ir embora".* M *as eu fico, em sua memória. Tudo vai*

continuar bem". Em *seguida, diz ao pai: "Papai, eu lhe presto homenagem. E deixo você ir embora. Eu fico,*

em sua memória. Tudo vai continuar bem. Você pode ficar em paz". Então diz à sua irmã: "Querida Christa,

eu me inclino diante de sua decisão e de seu destino. Você será sempre minha irmã e eu serei sempre seu

irmão. Por favor, olhe-me com carinho, se eu fico".



WALTRAUD: "EU FICO COM VOCÊ"

Introdução

Este é um exemplo de como a desordem na família de origem se espelha na própria família. A solução começa

pela ordem na família de origem.

HELLINGER (*para Waltraud):* O que há?

WALTRAUD: Há dois anos e meio, tive câncer no colo do útero. Eu bem que gostaria de abandonar a

responsabilidade em minha família. De não ter de carregá-la mais. Meu pai é alcoólatra, tenho uma

mãe muito dominante, mas que eu protejo, apesar disso.

HELLINGER: Você tem irmãos?

WALTRAUD: Sim, uma irmã.

HELLINGER: Que lugar você ocupa?

WALTRAUD: Sou a primeira. Não, não totalmente a primeira. Antes de mim há uma filha

extraconjugal de meu pai. Ele ignora que eu sei disso. Foi minha mãe quem me disse, em alguma

ocasião.

WALTRAUD: Onde vive a irmã?

WALTRAUD: Ela foi dada, por algum tempo. Minha mãe me contou que queria adotá-la. E depois

ela voltou para a mãe verdadeira.

HELLINGER: Você é casada?

WALTRAUD: Não, divorciada.

HELLINGER: Tem filhos?

WALTRAUD: Sim, uma filha.

HELLINGER: Onde está ela?

WALTRAUD: Comigo.

HELLINGER: Vamos começar pela família atual.

Figura 1

(Ma) P

(Marido) Pai

(Mu) 2

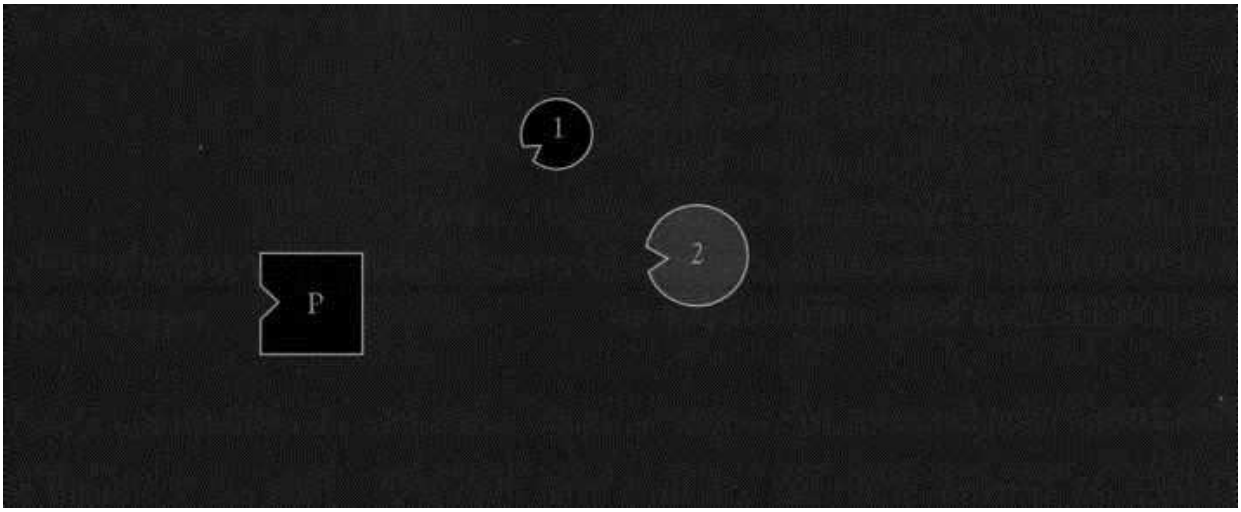
(Mulher) Segunda filha (=Waltraud)

(Fi) 1

(Filha) Primeira filha, que foi dada

HELLINGER (*para o grupo, quando vê que a família atual espelha a família de origem):* Vou dar agora às

pessoas um outro significado: O marido fica sendo o pai dela, a filha se torna a irmã mais velha,



que foi dada, e a mulher é a segunda filha do pai.

(Para a representante de Waltraud): Diga ao pai: “Eu também vou embora”.

SEGUNDA FILHA: Eu também vou embora.

HELLINGER: Como é isso?

SEGUNDA FILHA *(depois de longa espera):* Está bom assim.

HELLINGER: Como você se sente com isso?

SEGUNDA FILHA: Sinto muito calor e tenho medo.

HELLINGER: Como se sente a irmã mais velha?

PRIMEIRA FILHA: Tenho um buraco no estômago, e a sensação de que o pai me barra o caminho.

Gostaria de ir embora. Sinto-me muito estranha. E também muito quente.

HELLINGER *(para o pai):* Como está você?

PAI: A mulher me fixa com um olhar terrivelmente angustiado. Ela tem um medo, pânico de mim.

E a filha...

HELLINGER: Você tem aqui duas filhas.

PAI: Senti-me melhor quando a criança dada apareceu.

(Para a mulher, ou segunda filha): No início você estava sozinha aí. E é terrível como você me olha.

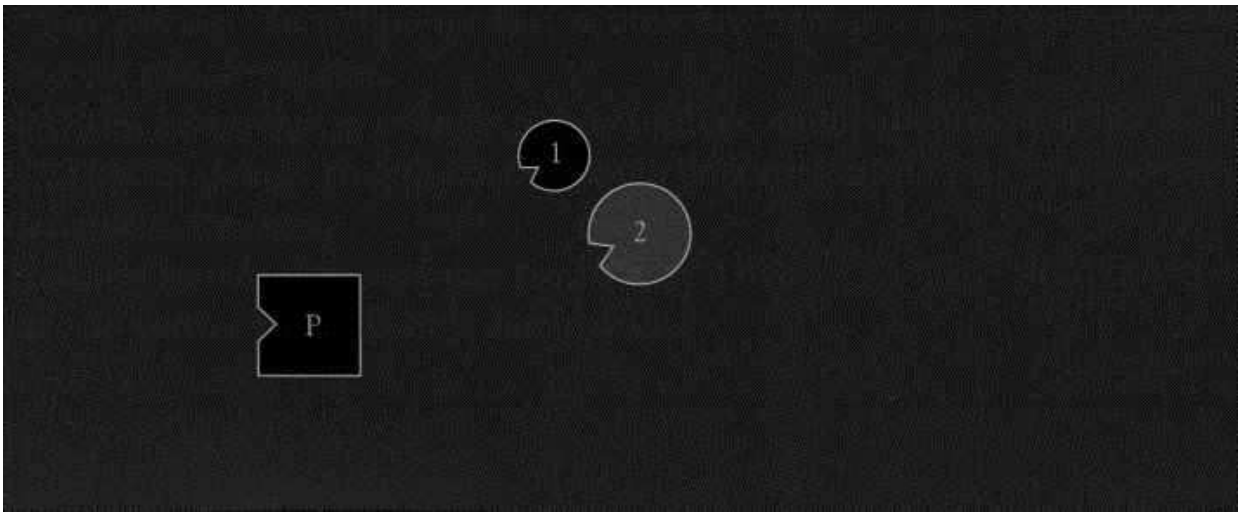
HELLINGER (*para o pai):* Vire-se.

Figura 2

PAI: Estou bem melhor.

HELLINGER (*para a representante de Waltraud):* Como está você?

SEGUNDA FILHA: Melhor, mas ainda sinto angústia.



Hellinger a coloca ao lado da irmã.

Figura 3

HELLINGER: Que tal agora?

SEGUNDA FILHA: Fica mais livre.

HELLINGER *(para a irmã):* E para você?

PRIMEIRA FILHA: Também é muito melhor.

HELLINGER *(para a representante de Waltraud):* Olhe para sua irmã.

As *duas irmãs se dirigem uma à outra e trocam sorrisos.*

Diga a ela “Eu sou sua irmã”.

SEGUNDA FILHA: Eu sou sua irmã.

HELLINGER: “Eu fico com você”.

SEGUNDA FILHA: Eu fico com você.

HELLINGER (*para a irmã):* Como é isso?

PRIMEIRA FILHA: É bom, muito bom.

HELLINGER (*para Waltraud):* O que você diz a isso?

WALTRAUD: Foi para mim agora uma libertação total, poder reconhecê-la.

HELLINGER: Está bem, paramos por aí.

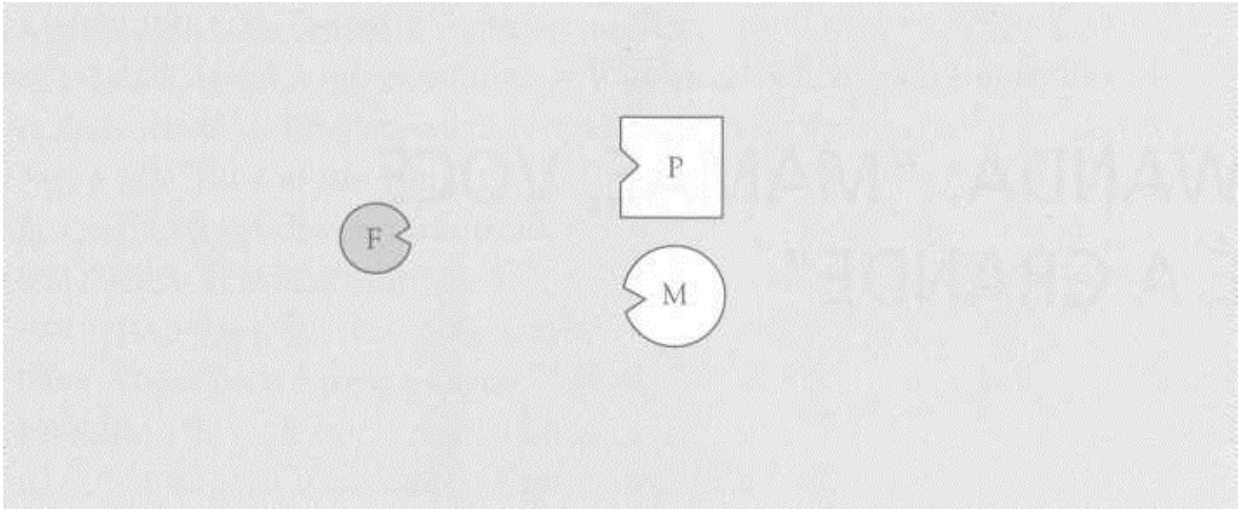
Resumo

O ***laço do destino:*** *Waltraud tem uma irmã mais velha, filha extraconjugal de seu pai, que foi dada por*

algum tempo. Ao *colocar sua família atual, esta aparece como um espelho do relacionamento entre seu pai,*

ela e a irmã que foi dada.

A ***ordem:*** O *pai é virado para fora. Waltraud diz à sua irmã: “Eu sou sua irmã. Eu fico com você”.*



WANDA: "MAMAE, VOCÊ É A GRANDE"

Introdução

Este é um exemplo de como uma filha que se sente responsável pela cura da mãe cancerosa deve deixar essa

responsabilidade no lugar onde deve estar. Então ela se sente de novo como filha e livre.

HELLINGER *(para Wanda):* Você me disse que quer fazer a constelação de sua mãe? Não estou certo

se uma filha tem esse direito. Eu refleti mais uma vez a respeito.

(Para o grupo): A mãe dela soube há uma semana que tem leucemia.

(Para Wanda): Se a filha faz isso, é uma interferência no destino da mãe. Isso ela não deve fazer.

WANDA: Penso que se trata de nossa família comum, de nossa família atual.

HELLINGER *(para o grupo):* Ela fala como uma pessoa adulta, e isso está condenado ao fracasso.

Hellinger escolhe representantes para o pai e a mãe de Wanda, coloca-os um ao lado do outro e coloca Wanda

diante deles.

Figura 1

P Pai

M Mãe

F Filha

HELLINGER *(para Wanda):* Diga ao seu pai... Como você o chama?

WANDA: Papai.

HELLINGER: “Papai, você é o grande”.

WANDA: Papai, você é o grande.

HELLINGER: “E eu sou a pequena”.

WANDA: E eu sou a pequena.

HELLINGER: Diga-o também para a mãe. Como você a chama?

WANDA: Mamãe. Mamãe, você é a grande, e eu sou a pequena.

HELLINGER: “Vocês resolvem isso sozinhos”.

WANDA: Vocês resolvem isso sozinhos. *(Ri).*

HELLINGER: Como se sente com isso?

WANDA: Bem melhor.

HELLINGER: Está bem, então ficamos nisso.

(Para o grupo): Se eu fizesse como ela queria, teria sido uma distorção da ordem.

Despedida

HELLINGER: Chegamos ao final deste curso. Fizemos o essencial. Foi muito intensivo, e vocês

estiveram muito atentos e presentes de coração. Por isso, também conseguimos muita coisa boa.

Gostaria ainda de agradecer cordialmente, mais uma vez, aos organizadores, à Sociedade

Austríaca de Psicooncologia, e de modo muito especial a Günther Linemayr que, junto com seus

colaboradores, carregou o peso principal da organização. Também Johannes Neuhauser ajudou

muito na preparação, quando surgiram dificuldades. E gostaria de agradecer muito cordialmente à

equipe de filmagem.

Palavra final

DR. LINEMAYR: Senhoras e senhores, serei bastante breve. Foram três dias de esforço intensivo. A

primeira coisa, e a mais importante, que tenho a dizer é expressar a você, Bert, nosso mais cordial

agradecimento.

Em segundo lugar, gostaria de esclarecer uma coisa, por razões de segurança. Bert Hellinger disse

esta manhã, numa observação, que este trabalho não tem a pretensão de ser uma cura médica. E é

muito importante para mim ressaltar isso mais uma vez.

A Psicooncologia tem dificuldades com duas correntes. Uma delas vem da medicina científica, a

medicina das ciências naturais, ou a chamada medicina de escola, que quer confinar-nos no setor

alternativo. A outra vem de muitos clientes que acham que podem curar-se pela psicoterapia,

dispensando a medicina. Eles dizem: Faço agora uma psicoterapia, resolvo o meu problema e

então não preciso de cirurgia nem de quimioterapia.

Trata-se de níveis diferentes. Penso estar muito em sintonia com você, Bert, quando digo: É um

assunto sério, e seria uma compreensão errônea querer poupar algo na esfera do corpo na medida

em que se resolve um problema. Isso diz o Sr. Hamer. E nesse impasse certamente não queremos

ficar.

Para concluir, quero expressar um profundo agradecimento aos clientes que se dispuseram ao

trabalho. Sem eles este seminário não teria sido possível. E agradeço a todos vocês pelo interesse e

pela atenção. Até à vista e tenham um bom retorno para casa.

Conclusão

HELLINGER: Numa retrospectiva deste curso, fica claro que cada destino é único. Portanto, aquele

que quisesse aplicar indiscriminadamente à própria situação aquilo que foi aqui vivenciado, talvez

deixasse de ver o que há de único em si. Mas aquele que apenas reflete sobre essas vivências e

depois se entrega à condução da própria Alma, encontra o caminho que corresponde a seu destino,

e que cura ou completa. Neste sentido, ainda contarei uma história.

O CÍRCULO

Uma pessoa confusa perguntou a alguém

que a acompanhava por um trecho do caminho:

“Diga-me: O que conta para nós?”

O outro lhe respondeu: .

“O que conta é, em primeiro lugar

que temos vida por algum tempo.

Assim, quando ela começa, já havia muitas coisas

e quando cessa, ela cai

na multiplicidade que havia antes.

Quando um círculo se fecha,

o fim e o princípio se tornam uma só e a mesma coisa.

Assim, o *que vem depois de nossa vida*

se liga, sem costura, ao que havia antes,

como se, entre ambos,

nenhum tempo tivesse transcorrido.

Assim, só temos tempo agora.

O que conta é, em seguida,

que, junto com o tempo, escapa de nós

o que nele produzimos,

como se pertencesse a um outro tempo

e como se, enquanto pensamos estar agindo,

fôssemos mantidos como simples instrumentos,

utilizados para algo além de nós,

e postos de lado outra vez.

Quando somos dispensados, nos consumamos”.

A pessoa confusa perguntou:

“Se nós e o que produzimos

duramos um tempo e acabamos,

o que conta quando nosso tempo se encerra?

O outro respondeu:

“O que conta é o antes e o depois,

como uma coisa só”.

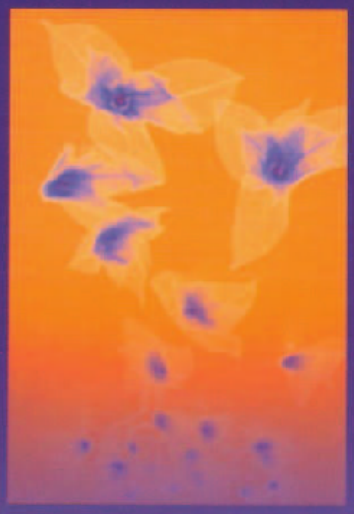
Então se apartaram seus caminhos

e seus tempos,

e ambos se detiveram

e refletiram.

PSICOLOGIA / TERAPIA FAMILIAR



Bert Hellinger leva doentes de câncer a configurar suas famílias, no intuito de descobrir as dinâmicas ocultas, que condicionam o desejo inconsciente de doença e de morte, por meio da identificação com destinos de outros familiares.

A conscientização desse amor cego, que se manifesta na constelação familiar, permite sua reorientação, de maneira a preservar o vínculo familiar, mas libertando o cliente do destino funesto a que se ligou. Trata-se basicamente de um processo de cura da alma que afeta também o corpo e pode favorecer a cura física.

No decurso do trabalho são esclarecidos pontos importantes sobre saúde e doença, expiação e libertação, psicoterapia e religião. Além disso, Hellinger enriqueceu esta obra com um enquadramento didático, apresentando brevemente cada caso e finalizando com um resumo sobre o procedimento adotado para a sua solução.

EDITORA CULTRIX

ISBN 85-316-0936-4

9 788531 609367